

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**AÇÃO E (DES) MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A
PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

ÁDRIA MESSIAS PEREIRA

GOIÂNIA

2008

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Ádria Messias Pereira

Título do trabalho: Ação e (des) motivação do professor de geografia: a prática docente do professor de geografia no ensino fundamental

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Ádria Messias Pereira
Assinatura do (a) autor (a)

Data: 03 / 09 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

ÁDRIA MESSIAS PEREIRA

**AÇÃO E (DES) MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A
PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-ambientais da Universidade Federal de Goiás, como requisito à obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Natureza e Produção do Espaço

Orientador: Prof^o. Dr^o. Antonio Carlos Pinheiro

GOIÂNIA
2008

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira, Ádria Messias

Ação e (des) motivação do professor de geografia: [manuscrito] : a prática docente do professor de geografia no ensino fundamental / Ádria Messias Pereira. - 2008.

207 f.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2008.

Bibliografia. Anexos.

Inclui lista de figuras.

1. motivação\motivo. 2. prática docente. 3. mediação. 4. formação continuada. 5. identidade. I. Pinheiro, Antônio Carlos, orient. II. Título.

CDU 911



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Ádria Messias Pereira

Aos vinte e três dias do mês de outubro ano de dois mil e oito (2008), a partir das quinze horas, no mini-auditório do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/UFG, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado do(a) mestrando(a) **Ádria Messias Pereira** que apresentou o Tema: "Ação e (Des) Motivação do Professor de Geografia: a Prática Docente do Professor de Geografia no Ensino Fundamental". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 048/08 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores: Presidente: Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro, Membros: Profa. Dra. Lana de Souza Cavalcanti, Prof. Dr. Sérgio Luiz Miranda. Os examinadores argüíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 18 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro - Ass. 

Aprovado ☒ Reprovado ()

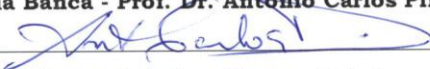
Profa. Dra. Lana de Souza Cavalcanti - Ass. 

Aprovado ☒ Reprovado ()

Prof. Dr. Sérgio Luiz Miranda - Ass. 

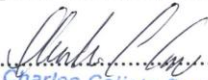
Aprovado ☒ Reprovado ()

Presidente da Banca - Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro

Ass. 

Resultado final: Aprovado ☒ Reprovado ()

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, secretário, e pelos membros da Banca Examinadora.

Secretário..... 

Charles Calisto Souza
Assist. em Administração - UFG
MAT. 1516387

*A meus pais e irmãos, por terem me apoiado e
por terem compreendido todos os momentos
de ausência.*

*A meu esposo, que compartilhou comigo essa
difícil etapa da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a orientação e amizade do professor Antonio Carlos, que com sua postura de confiança e autonomia muito contribuiu com meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Agradeço as contribuições dadas pelos professores Libâneo e Raquel, e pelo acolhimento tido no Programa de Mestrado da Universidade Católica de Goiás.

Agradeço o interesse demonstrado pelos professores Eguimar e Lana, e suas palavras motivadoras.

Agradeço também a todos os demais professores do Instituto de Estudos Sócio-ambientais da Universidade Federal de Goiás, pessoas fundamentais na minha formação.

Agradeço em especial ao amigo Vanilton por sua contribuição.

Agradeço à minha amiga Iraciara, que esteve presente em todos os momentos.

Agradeço a parceria durante o trabalho da amiga Anna Maria.

Agradeço às muitas contribuições dadas pela amiga Sílvia.

Agradeço aos meus pais, que me deram possibilidades financeiras e emocionais para realizar este trabalho.

Agradeço o apoio dado por meus irmãos Wesley e Thalyta.

Agradeço o companheirismo e a dedicação do meu esposo Luciano.

Agradeço a Deus a possibilidade de desenvolver esta dissertação e também a capacidade de superar as dificuldades.

Agradeço às Escolas Municipais da Região Sul de Goiânia e especialmente as cinco professoras de Geografia que participaram da pesquisa, colaboradoras sem as quais este trabalho não poderia acontecer.

*“Todas as grandes coisas do mundo
começam nas pequenas (...) Uma
jornada de mil milhas começa com o
pedaço de chão debaixo do pé”.*

Lao-Tsé

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a concepção dos professores de Geografia das escolas municipais da região sul de Goiânia da motivação, bem como a compreensão de suas motivações durante a prática docente. Portanto trata-se de uma investigação das concepções e motivações dos Professores de Geografia. Participaram do estudo na primeira etapa 14 (quatorze) professores Geografia, com formação em Geografia, de Escolas Municipais da Região Sul de Goiânia, os quais responderam a um questionário que buscou investigar as suas concepções acerca de motivação, e dentre esses, foram selecionados 5 (cinco) professores que se consideram motivados para participar da segunda etapa da pesquisa, uma entrevista semi-estruturada, cujo objetivo é investigar suas motivações na prática docente. Num primeiro momento fez-se uma revisão bibliográfica da motivação como uma problemática no cotidiano dos professores de Geografia, o que buscou como base para análise as contribuições de Vigotski e de seus sucessores. Num segundo momento realizou-se uma breve revisão bibliográfica das principais temáticas levantadas pelos professores que responderam o questionário e a entrevista semi-estruturada, como a Educação Geográfica, as contribuições atuais da Didática para a prática do professor, o processo identitário dos professores, sua formação continuada e as contribuições da motivação para a prática docente. Num terceiro momento fez-se uma breve apresentação da Região Sul de Goiânia, com o intuito de uma melhor compreensão da realidade onde atuam os professores participantes da pesquisa, e em seguida são discutidas as respostas contidas nos questionários em relação às suas concepções sobre motivação. E num quarto momento, com o intuito de abordar a problemática da (des) motivação do professor de Geografia, analisaram-se as motivações que estão presentes na prática destes docentes. Esse trabalho destaca a necessidade da valorização da motivação do professor de Geografia durante sua prática docente, por parte do poder público, da Universidade e pelos próprios componentes do ambiente escolar. Portanto, para que ocorra um melhor entendimento da realidade atual da educação formal goianiense é fundamental que as motivações dos professores sejam consideradas e valorizadas. Quanto maior o entendimento das emoções dos sujeitos formadores, maior o descortinar de um leque de possibilidades humanas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Motivação/Motivo; Prática docente; Mediação; Formação Continuada e Identidade.

ABSTRACT

PEREIRA, Ádria Messias. **Ação e (des) motivação do professor de geografia: a prática docente do professor de geografia no ensino fundamental**. Orientador: Prof^o. Dr^o. Antonio Carlos Pinheiro. Goiânia, UFG/IESA, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia)

The aim of this work is to understand the conception of Geography teachers of the municipal schools of the south region of Goiânia on motivation, as well as understand their motivations during their lectures. Therefore it is a research on the conceptions and motivations of Geography teachers. 14 (Fourteen) teachers, graduated in Geography, from the municipal schools of the south region of Goiânia, participated on this study on the first stage, answering a questionnaire in order to understand their conception of motivation, and then five among these teachers were selected to participate on the second stage, which is a semi-structured interview that aims to investigate their motivations during their classes. At a first moment, a bibliographic review was done on motivation as a current issue among Geography teachers, being the basis to the research Vigotsky and his followers. At second, a bibliographic review was taken from the main issues of the teachers who responded the questionnaire and were interviewed, such as The Geography Education, the current contributions of the Practice of Teaching, the identity of teachers, as well as their continued education and the motivation contributions for the teaching practice. At third, a brief presentation of the South Region of Goiânia was done with the intent to better comprehend the reality where the participant teachers act, and then the answers to the questionnaire are discussed in relation to their conceptions of motivation. And at forth, in order to approach the theory of motivation or non motivation of the Geography teacher, their motivations were analyzed. This work highlights the need for the increase of the value of the Geography teacher motivation during their practice as the public institution's concern, the University's and all its own components of the school context. Therefore to reach a better comprehension of Goiania's formal education current context it is essential that the teachers' motivations be considered. The better the understanding of the emotions of the educators, the bigger is the unveiling of the fan of human possibilities during the teaching-learning process.

Key words: Motivation / motive; Teaching Practice; Mediation; Continued Education and Identity.

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 01	Esquema da pirâmide de Maslow, extraída de (PILETTI, 1985).....	37
Figura 02	Goiânia-Go - Zonas Urbanas e Microrregiões: Localização das escolas pesquisadas.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
 I A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA A PARTIR DE CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA ATIVIDADE.....	 25
1.1 A teoria de Vigotski como base para a reflexão da prática docente.....	26
1.2 A teoria da Atividade como referencial para a análise da prática docente.	30
1.3 Motivação: distintas visões.....	34
1.3.1 A teoria comportamental.....	34
1.3.2 A teoria humanística.....	35
1.3.3 A teoria cognitiva.....	39
1.3.4 A teoria psicanalítica.....	40
1.4 Motivação e prática docente.....	41
 II PERSPECTIVAS DIDÁTICAS DA MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NAS SUAS PRÁTICAS.....	 44
2.1 Educação Geográfica: algumas perspectivas teóricas.....	45
2.2 Contribuições atuais da Didática para a prática docente.....	48
2.3 A identidade do professor de Geografia.....	53
2.4 Formação continuada: uma alternativa para o professor de Geografia na busca de sua motivação.....	55
2.5 A relevância da motivação do professor de Geografia na sua prática docente.....	58
 III AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA SOBRE SUA MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE.....	 61
3.1 Caracterização geográfica do lugar da pesquisa.....	62
3.2 Blocos de análise.....	64
3.2.1 Professor que se considera um profissional motivado.....	65
3.2.2 Professor que considera importante a motivação do aluno.....	68
3.2.3 Professor que tem interesse em participar da pesquisa.....	71

3.2.4	As concepções dos professores no que se refere a aliar ensino e pesquisa...	73
3.2.5	As concepções dos professores sobre a existência de conteúdos geográficos mais motivadores.....	76
3.2.6	A análise do conceito de motivação dos professores.....	78
IV	OS MOTIVOS QUE PERMEIAM A MOTIVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	83
4.1	A experiência inicial do professor de Geografia com a educação.....	85
4.1.1	Relação com a educação na infância.....	85
4.1.2	Experiência inicial como aluno da disciplina Geografia.....	87
4.1.3	Escolha da profissão de professor de Geografia e Experiência no ensino superior.....	89
4.1.4	Experiência no primeiro ano de docência.....	91
4.1.5	Tipo de relações estabelecidas inicialmente, com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos.....	95
4.2	A experiência atual do professor de Geografia e as influências na sua prática docente.....	101
4.2.1	Descrição da prática pedagógica do professor na atualidade.....	102
4.2.2	Tipo de relação estabelecida atualmente com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos.....	105
4.2.3	Concepções dos professores sobre o planejamento das aulas.....	106
4.2.4	Avaliação do professor quanto a suas aulas e ao seu trabalho com os alunos.....	108
4.2.5	Concepções dos professores sobre o que consideram importante ensinar para os alunos.....	109
4.2.6	Concepções dos professores com relação aos conteúdos geográficos.....	110
4.2.7	Inclusão dos saberes locais e da realidade do entorno da escola nas aulas....	111
4.2.8	Metodologias utilizadas cotidianamente pelos professores.....	113
4.2.9	Concepções dos professores sobre a utilização do livro didático.....	115
4.2.10	Concepções dos professores sobre o trabalho em grupo.....	117
4.2.11	Relação do professor com os pais dos alunos.....	118
4.3	As emoções do professor de Geografia diante de sua prática docente.....	119
4.3.1	Questões gerais relativas à prática dos professores.....	120

4.3.1.1	As concepções dos professores de Geografia sobre os atributos de um bom professor de Geografia.....	120
4.3.1.2	As concepções dos professores de Geografia em relação ao ambiente da escola.....	121
4.3.1.3	As concepções dos professores de Geografia com relação à formação continuada.....	122
4.3.1.4	As concepções dos professores de Geografia em relação ao que sua família pensa da sua profissão.....	124
4.3.1.5	As concepções dos professores de Geografia em relação ao salário dos professores.....	125
4.3.1.6	As concepções dos professores de Geografia com relação ao papel do professor.....	126
4.3.2	As emoções dos alunos.....	126
4.3.3	As emoções dos professores.....	130
4.3.3.1	As concepções dos professores de Geografia sobre a criatividade	131
4.3.3.2	As concepções dos professores de Geografia sobre suas emoções dentro do ambiente de trabalho.....	132
4.3.3.3	As concepções dos professores de Geografia sobre sua própria felicidade profissional.....	133
4.3.3.4	Motivação versus Desmotivação.....	134
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141
	ANEXOS.....	145
	Anexo I - Roteiro Questionário.....	146
	Anexo II - Roteiro Entrevista Semi-estruturada.....	147
	Anexo III - Respostas Questionário.....	148
	Anexo IV - Respostas das Entrevistas.....	154

INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se ao estudo da Geografia Escolar, especificamente na Linha - Espaço e Práticas Culturais. Trata-se de um estudo sobre as concepções e as motivações dos Professores de Geografia, buscando compreender como os professores de Geografia das escolas municipais da Região Sul de Goiânia concebem a motivação e quais são as motivações que perpassam sua prática docente.

O interesse por essa temática surge de uma forma geral da necessidade de compreensão da realidade do sistema educacional goianiense, e de forma específica do interesse em relação às concepções e motivações dos professores de Geografia. Tais interesses derivam inicialmente do fato da experiência obtida com uma formação na escola pública goianiense e, posteriormente, de indagações surgidas a partir de trabalhos desenvolvidos durante a graduação.

A experiência enquanto aluna estagiária durante a Licenciatura em 2004, associada à pesquisa realizada como requisito para o título de Bacharel no ano de 2005, ambas realizadas no curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás/IESA, foram as atividades desencadeadoras do interesse em realizar essa dissertação.

O trabalho de conclusão de curso, citado acima, intitulava-se *A concepção de professores de geografia sobre o papel da motivação na aprendizagem dos estudantes*. Esse trabalho teve a orientação inicial da Profa. Dra. Lana de Souza Cavalcanti e posteriormente da Profa. Msc. Eliana Marta Barbosa de Moraes, teve-se como objetivo principal compreender a concepção que os professores de Geografia de escolas municipais de Goiânia têm sobre a motivação e sua relação com o processo de aprendizagem dos estudantes.

Essa pesquisa permitiu um entendimento de que a maioria dos professores de Geografia, apesar de considerarem a Geografia Escolar uma disciplina essencial e profundamente interessante e de se sentirem preocupados e favoráveis à motivação durante o processo de ensino-aprendizagem, comumente não se sentem motivados na sua prática docente, o que atribuíram às dificuldades enfrentadas por eles cotidianamente, aos baixos salários, à precária infra-estrutura das escolas, à falta de material, à falta de laboratórios, à

falta de verbas para realização de atividades extraclasse, à excessiva carga horária de trabalho, dentre outros.

Esse resultado foi o problematizador, pois através dele suscitou a necessidade de um maior entendimento destas questões, daí a vontade de investigar as concepções dos professores de Geografia sobre a sua própria motivação e também compreender as questões que estão na base dessa possível desmotivação. Assim, buscou-se realizar um trabalho que possa colaborar na reflexão acerca dos motivos dessa problemática e também levantar propostas e possibilidades para a motivação da prática docente do professor de Geografia.

Nesse sentido, surgem diversas indagações que perpassam os pontos levantados anteriormente, e que possibilitam reflexões quanto à temática motivação do professor de Geografia, são elas: Quais são as concepções dos Professores de Geografia sobre a motivação? Em qual perspectiva está ligada a motivação do professor? O que motiva um professor durante a prática docente? E o que o leva a manter seu nível motivacional? Apesar de todos os problemas existentes no cotidiano escolar, a motivação do professor o leva a fazer um trabalho diferenciado durante a sua prática docente? Um professor motivado motiva os alunos? E se isso é verdade ele o faz durante sua prática docente? O professor tem motivado os alunos na aprendizagem da Geografia durante sua prática? Como o professor analisa a sua própria motivação durante sua prática docente?

Essa pesquisa buscou compreender um assunto considerado essencial para a profissão de Professor, sua própria motivação. Por ter a formação em Geografia, conseqüentemente, a “preocupação maior” é com a prática docente do professor de Geografia, nesse sentido, o objetivo principal dessa pesquisa foi compreender a concepção dos professores de Geografia sobre motivação e as motivações dos professores de Geografia de escolas municipais da Região Sul de Goiânia na sua prática docente.

Foram objetivos específicos dessa pesquisa, investigar as concepções dos professores de Geografia sobre o conceito de motivação; identificar quais experiências de ensino os professores de Geografia consideram motivadoras durante sua prática docente; identificar quais são os recursos didáticos considerados motivadores pelos professores de Geografia na sua prática docente e identificar as motivações dos professores de Geografia durante sua prática docente.

Essa é uma pesquisa de natureza qualitativa, pois buscou compreender os “significados das ações e relações humanas”, o que significa, ainda nas palavras de Minayo

(1998, p.21-22), trabalhar “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”. Nesse sentido cabe a pesquisa qualitativa uma análise que considere as subjetividades humanas, o que a torna resultado das “expressões humanas” e, portanto, passível de ser “incompleta, imperfeita e insatisfatória”, assim como são, “a estrutura, os processos, os sujeitos”.

É uma pesquisa qualitativa, com observação direta, do tipo estudo de caso. Nesta vertente ocorre a delimitação do caso, que são os professores de Geografia das escolas municipais da região sul de Goiânia. Tal delimitação pode suscitar críticas quanto aos resultados de um estudo de caso, no entanto, como defendido por Laville e Dionne (1999, p.155-156) “... não há ganho inútil, concernente aos conhecimentos sobre as pessoas ou os fenômenos humanos, estes como aquelas conservam sempre características muito pessoais ou particulares cujo destaque aumenta a compreensão”.

No estudo de caso o pesquisador precisa utilizar técnicas que lhe permita uma melhor investigação. As técnicas utilizadas nessa pesquisa foram à observação direta, a aplicação de questionários e a realização de entrevista semi-estruturada.

No que se refere à observação direta, inicialmente procurou-se a unidade que jurisdiciona as escolas municipais localizadas na Região Sul de Goiânia, a Unidade Regional Maria Thomé Neto.¹ Essa unidade é responsável pelo apoio pedagógico de 26 (vinte e seis) escolas, divididas pelos setores que compõem o sul geográfico de Goiânia,² que são: Setor Oeste, Jardim América, Parque Flamboyant, Setor Pedro Ludovico, Jardim Atlântico, Setor Bueno, Parque Atheneu, Jardim da Luz, Parque das Laranjeiras, Parque Amazonas, Setor Bela Vista, Alto da Glória, Jardim Bela Vista, Vila Redenção, Parque Acalanto e Conjunto Fabiana. A escolha dessa área foi motivada por ser a região onde morei por um longo período.

¹ A Secretaria Municipal de Educação de Goiânia organizou a gestão das escolas municipais de Goiânia em Unidades de Ensino, são ao todo cinco unidades que dividem as escolas por suas distintas regiões, são elas: Unidade Regional de Ensino Central, Unidade Regional Maria Thomé Neto, Unidade Regional Jarbas Jayme, Unidade Regional Maria Helena Bretãs e Unidade Regional Brasil de Ramos. Assim, as escolas municipais da região sul de Goiânia estão jurisdicionadas à Unidade Regional Maria Thomé Neto.

² O uso do termo **Região Sul de Goiânia** durante toda a dissertação, referir-se-á ao Sul geográfico, tendo em vista que os setores da cidade de Goiânia, onde estão situadas as escolas referentes à Unidade Regional Maria Thomé Neto, fazem parte da Região Sul e Região Sudeste de Goiânia. Entretanto, a Secretaria Municipal de Educação organizou a gestão das Escolas Municipais de Goiânia em apenas 5 (cinco) unidades regionais de ensino, considerando uma Regionalização Geográfica, ou seja, uma unidade para a área Norte, uma pra Sul, uma pra Leste, uma pra Oeste e uma unidade para a área central.

As escolas municipais de Goiânia trabalham nos turnos matutino e vespertino com os Ciclos I, II e III,³ e no período noturno com Ensino de Jovens e Adultos-EAJA. De uma forma geral, percebe-se que essas escolas apresentam uma estrutura “antiga”, vista que na sua maioria foram fundadas na década de 1970.

Observa-se então que dentre as 26 (vinte e seis) escolas que compõem o grupo da Unidade Regional Maria Thomé Neto, somente 14 (quatorze)⁴ delas possui professores de Geografia com formação em Geografia, nas demais escolas, ou seja, 12 (doze) escolas, os professores de Geografia têm outras formações, dentre elas Pedagogia, História e Ciências Sociais, cabe salientar que esses são profissionais que atuam, exclusivamente, no ciclo I e II.

Ainda quanto à observação direta, num segundo momento foram visitadas todas as 26 (vinte e seis) escolas jurisdicionadas à Unidade Regional Maria Thomé Neto, com o intuito de confirmação das informações fornecidas pela unidade e aplicação dos questionários referentes à etapa inicial da pesquisa.

A aplicação dos questionários se deu somente nas 14 (quatorze) escolas com 16 (dezesesseis) professores de Geografia com formação em Geografia, tendo em vista que o critério primordial para se participar da pesquisa foi exatamente esse, ter formação em Geografia. Esse questionário teve como intuito coletar as concepções dos professores sobre motivação e também ser o caminho para a seleção dos 5 (cinco) professores participantes da entrevista.

Procurando compreender os comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos investigados, resolveu-se aprofundar a pesquisa com 5 (cinco) desses professores, entendendo que esse número de sujeitos seria representativo diante do fato de serem apenas 16 (dezesesseis) professores com formação em Geografia e também porque a entrevista foi bastante ampla e possibilitou captar com profundidade as motivações dos professores investigados.

³ Em 1998 teve início na rede municipal de ensino de Goiânia a organização do ensino por ciclos de formação no ensino fundamental. Em Goiânia os educandos/as são agrupados/as por fases de desenvolvimento, da seguinte forma: ciclo da infância, educando/as de 6 a 8 anos de idade; ciclo da pré-adolescência, educandos/as de 9 a 11 anos; e o ciclo da adolescência educandos/as de 12 a 14 anos de idade.

⁴ Ana das Neves Freitas – Pq. das Laranjeiras, Antônio Fidélis – Pq. Amazonas, Benedita Luiza Miranda – Pedro Ludovico, Itamar Martins Ferreira – Setor Bela Vista, Izabel Esperidião Jorge – Alto da Glória, Jalles Machado Siqueira – Jd. Bela Vista, Jesuína de Abreu – Pq. Amazonas, José Alves Vila Nova – Pq. Atheneu, Marechal Ribas Junior – Vila Redenção, Maria Araújo Freitas – Pq. Atheneu, Profª Amélia Fernandes – Pq. Acalanto, Profº Trajano de Sá – Pq. Amazonas, Rotary Goiânia Oeste – Jd. América, Zevera Andréa Vecchi – Conj. Fabiana.

O próximo passo foi entrar em contato com os professores e apresentar a proposta da pesquisa. Todos os 5 (cinco) professores aceitaram participar da pesquisa sem apresentar resistência e se mostraram bastante favoráveis a esse tipo de atividade, a única dificuldade apresentada foi a falta de tempo, alguns dos professores trabalham nos 3 (três) turnos. Dentre os professores alguns realizam uma participação ativa na área de ensino e pesquisa dentro da Universidade.

Assim, a entrevista semi-estrutura foi realizada com 5 (cinco) professores de Geografia de escolas municipais da Região Sul de Goiânia, professores que trabalham em 3 (três) escolas municipais dessa região, tendo em vista que, foram selecionados em 2 (duas) das unidades escolares os professores do ciclo II e do ciclo III.

No ciclo II o professor da disciplina ciências sócio-históricas e geográficas pode ter outra formação, pode ser professor de história, professor de Geografia ou mesmo cientista social. Já no ciclo III a disciplina é específica, e nesse caso o professor precisa ter formação em Geografia, o que explica o fato de algumas escolas municipais da Região Sul de Goiânia não terem professores com formação específica, pois nessas escolas só existem turmas do ciclo I, atuação dos pedagogos, e do ciclo II, atuação de profissionais com outras formações.

Portanto, a pesquisa empírica constitui-se de duas etapas. A primeira etapa referiu-se à escolha dos professores de Geografia que seriam os participantes da pesquisa. Estes professores foram selecionados a partir de questionários aplicados aos professores de Geografia das 14 (quatorze) escolas municipais da Região Sul de Goiânia. A realização desse questionário possibilita argumentos importantes para a elaboração do roteiro para a entrevista semi-estruturada, daí a importância do questionário ser o primeiro instrumento aplicado, tendo em vista que suas respostas precisam ser conhecidas e interpretadas primordialmente. (TRIVIÑOS, 1987)

Dentre os critérios para a seleção dos professores, o principal foi a referência explícita feita por eles nas respostas apresentadas para as questões que compõem o questionário, a importância da sua própria motivação, ou seja, o professor que se considera um profissional motivado. Outros critérios para a escolha se referem ao professor que considera importante a motivação do aluno, que tem interesse em participar da pesquisa, a opinião assertiva do professor no que se refere a aliar ensino e pesquisa, a opinião dele sobre a existência de conteúdos geográficos mais motivadores e a análise do conceito de motivação dado pelo professor.

A segunda etapa da pesquisa referiu-se à realização de entrevistas semi-estruturadas, com os professores de Geografia das escolas municipais da Região Sul de Goiânia, com o intuito de investigar as concepções dos professores de Geografia sobre a motivação e suas motivações durante a prática docente. Em se tratando de entrevista semi-estruturada Ludke & André (1986 p. 34) conceitua como “aquela que parte de certos questionamentos básicos e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”.

As categorias de análise são fundamentais na realização de um trabalho científico (SILVA, 1986). A expectativa quanto à escolha das categorias surge, “espontaneamente”, no decorrer do trabalho. Segundo Triviños (1987), as categorias surgem inicialmente da estrutura teórica que sustenta a pesquisa, mas podem se modificar, ao longo da pesquisa, devido às diversas possibilidades que vão surgindo.

Inicialmente, a categoria motivação se colocou como a categoria norteadora do trabalho, isso devido, como dito anteriormente, aos trabalhos desenvolvidos na graduação. No entanto, com o desencadear da pesquisa, no momento de realização das disciplinas a concepção do trabalho mudou e houve a percepção de estar “sem rumo”, e que não sabia realmente se essa era uma categoria que iria ser trabalhada, isso devido ao fato de não possuir formação em Psicologia.

Passei por um momento de total “confusão mental”, não sabia mais se conseguiria fazer minha pesquisa, afinal esse tema se mostrou tão profundamente complexo para uma geógrafa, que me vi diante da possibilidade de mudar de trabalho, tentei juntamente com o orientador me aproximar mais da Geografia Escolar e falar sobre as preferências dos professores quanto aos conteúdos geográficos. Tentativa inútil, não conseguia me “acomodar”, não conseguia achar o caminho para iniciar esse novo trabalho, enfim, desisti de mudar drasticamente.

Nesse sentido, comecei a entender melhor o motivo da angústia, por um lado estava o medo de fazer um trabalho “psicologizante”, baseado em teorias complexas que nem eu mesma tinha formação adequada para compreender, e por outro lado estava angustiada em não conseguir desistir da temática da motivação do professor de Geografia.

Em conversas com o orientador, percebemos que o que sempre me motivou e me preocupou foi a atual realidade da prática docente do professor de Geografia, ou seja, a

crecente desmotivação e a problemática que está por trás dessa realidade. Diante disso, começamos a procurar caminhos para o desenvolvimento da pesquisa.

Resolvi então, junto com uma colega de mestrado, buscar uma disciplina específica da Educação, fui fazer como aluna especial a disciplina *Tópicos especiais de Didática: Didática e aprendizagem do pensar e do aprender*, com os professores Dr. José Carlos Libâneo e Dra. Raquel Aparecida M. da Madeira Freitas, na Universidade Católica de Goiás. A disciplina teve como objetivo identificar as contribuições mais recentes da teoria histórico-cultural em relação à educação e ao ensino, especialmente as contribuições de Davydov a partir das bases formuladas por Vigotski.

Inicialmente, minha “confusão mental” aumentou substancialmente, a teoria era muito ampla e complexa, não conseguia entender como aquele poderia ser um caminho. Os professores da disciplina eram ótimos, e sempre que tinha oportunidade colocava minhas angústias diante deles, lembro-me das palavras do professor Libâneo, “essa teoria fala da motivação!”, mas eu não conseguia ver aonde e nem como. Então, com o decorrer da disciplina meu desespero só aumentava, agora sabia que tinha que utilizar a teoria da atividade, mas não tinha a menor idéia de como iria fazer isso.

Com o decorrer da disciplina comecei a compreender melhor a teoria geral de Vigotski, já tinha em mente anteriormente que o conceito de mediação era importante para o meu trabalho, já havia visto sua utilização nos trabalhos de Lana de Souza Cavalcanti, sabia também que os conceitos de Zona de Desenvolvimento Proximal e de internalização eram essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, mas, com a disciplina consegui entender a inter-relação desses conceitos.

No entanto, o mais importante ainda não havia conseguido, sabia qual era a teoria da atividade, suas bases em Vigotski, as alterações feitas por Leontiev e a sua operacionalização a partir de Davydov, mas não havia conseguido ainda internalizar esse conceito e compreender como poderia utilizá-lo como categoria essencial no meu trabalho. A partir daí, na tentativa de dar respostas as minhas indagações, fiz mais uma disciplina, na UCG, chamada, *Teorias da Educação e Processos Pedagógicos* com os mesmos professores da disciplina cursada anteriormente.

Fui então pra qualificação, tentei colocar nos capítulos o que havia aprendido até então pra ver qual seriam as contribuições, o resultado foi uma chuva de indagações e de contribuições, as professoras me fizeram pensar e me deram alguns caminhos a seguir.

A partir daí eu e meu orientador começamos a ter nossas indagações resolvidas. As idéias começaram a surgir e percebemos que compreender as concepções dos professores sobre motivação e compreender as motivações dos professores em sua prática docente era o nosso foco central. E que a teoria da atividade dava subsídios para a análise das motivações dos professores na sua prática docente. O que não significa dizer que foi internalizado totalmente a teoria da atividade e as contribuições de Davydov para a obra de Vigotski e para o trabalho de Leontiev sobre a teoria da atividade, no entanto, considero que a compreensão alcançada seja suficiente diante do proposto nesse trabalho.

Inicialmente, compreende-se que o conceito de motivação possui várias perspectivas, o que diferencia, assim, sua abordagem nos diversos campos profissionais. Na educação, por sua vez, as teorias psicológicas que explicam a motivação dos indivíduos são realizadas pela Psicologia da Educação, a qual possui estudos próprios e adequados aos componentes do ambiente escolar. A Psicologia da Educação ajuda a compreender como se dão as relações no processo de ensino-aprendizagem, e como a motivação influencia nessas relações, ou seja, os motivos que permeiam as atividades dos profissionais da área do ensino, dentre eles os professores. Ela enfatiza a importância da valorização da criatividade e da satisfação em relação ao conhecimento, durante o processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, como foi dito anteriormente, minha formação é em Geografia, por isso, não tenho aqui a intenção de realizar um trabalho de Psicologia, muito pelo contrário, tenho consciência da profundidade das teorias tratadas por essa ciência,⁵ e da necessidade de ter uma formação em Psicologia para realizar a análise de temas tão complexos como a motivação. Nesse sentido, não se fez uma análise psicológica, mas sim uma análise das concepções dos Professores de Geografia sobre o conceito de motivação e o levantamento das motivações que perpassam sua prática docente, portanto, todas as análises realizadas são fruto das falas e experiências dos professores.

Assim, esclarecendo que motivo e motivação são palavras modernas que têm a mesma origem⁶ e estão associadas à mesma idéia, qual seja, a palavra latina *motivus*, que significa

⁵ Consciência adquirida com a realização da disciplina, Tópicos Especiais de Didática: Didática e Aprendizagem do Pensar e do Aprender, ministrada pelos professores: Dr. José Carlos Libâneo e Dra. Raquel Aparecida M. da Madeira Freitas, na Universidade Católica de Goiás-UCG. A qual abordava a Psicologia Histórico-Cultural, baseada nos estudos de Vigotski e a Didática baseada na perspectiva do Ensino Desenvolvimental de Davídov (autor que faz parte da terceira geração dos sucessores de Vigotski).

⁶ A palavra motivação vem do latim “*motivus*” relativo a movimento, coisa móvel, a partir do verbo “*movére*” “*motivus*” chegou-se a motivação, trocando-se a terminação “*us*” por “*ação*” (motivação). Segundo o Dicionário Michaelis, o termo motivação significa “1. Ato de motivar. 2. Exposição de motivos. 3. Psicol. Espécie de

aquilo que movimenta, que faz andar. As palavras motivo e motivação representam, então, uma causa que movimenta a natureza humana na busca de algo, estando diretamente ligada com o comportamento das pessoas por oferecer a energia necessária para a ação praticada. Como base nessa definição passar-se-á a utilizar os termos com o mesmo significado.

A dissertação apresenta 4 (quatro) capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *A construção da prática docente do professor de geografia a partir de contribuições da teoria da atividade*, refere-se a uma revisão bibliográfica sobre a motivação como uma problemática presente no cotidiano dos professores de Geografia. Nesse sentido, ele tem início com uma breve revisão sobre a vida de Vigotski e abordagem de alguns conceitos centrais de sua obra, como: mediação, internalização, Zona de Desenvolvimento Proximal e atividade de desenvolvimento. Essa etapa da revisão bibliográfica tem como intuito central o entendimento da inter-relação que existe entre seus conceitos e a compreensão de sua obra como base para a teoria da atividade. Posteriormente, é feita a abordagem da teoria da atividade como referencial para a análise da prática docente. Nesse modo, são abordadas as contribuições iniciais de Leontiev e as contribuições recentes de Davydov para a teoria da atividade, além disso sua tentativa de demonstrar a relevância da obra de Vigotski na teoria da atividade. Assim, a teoria da atividade explica o processo pelo qual os indivíduos partem de desejos, necessidades e motivos para realizar ações complexas. Portanto, buscou-se compreender como os motivos dos professores de Geografia influenciam na sua prática docente. Neste capítulo também são abordadas 4 (quatro) teorias da Psicologia da Educação, que são, a teoria comportamental, a teoria humanística, a teoria cognitiva e a teoria psicanalítica, com o intuito de uma melhor compreensão dos conceitos de motivação, e também com a responsabilidade de tentar assumir uma postura vigotskiana.

No segundo capítulo, *Perspectivas didáticas da motivação do professor de geografia nas suas práticas*, tentou-se compreender as perspectivas do professor de Geografia nas suas práticas. São abordados nesse momento da pesquisa temas como a Educação Geográfica, as contribuições atuais da Didática para a prática do professor, o processo identitário dos professores, sua formação continuada e as contribuições da motivação para a prática docente; com o intuito de contribuir para um melhor entendimento da realidade da atual educação formal goianiense.

energia psicológica ou tensão que põe em movimento o organismo humano.” (MICHAELIS, 1996). Segundo o dicionário *Globo*, MOTIVAÇÃO é o ato de motivar. Motivar é dar motivos; causar; ocasionar; expor os motivos, as razões de. Motivo (*do latim motivu*) é o que determina ou causa alguma coisa; o que pode fazer mover.

No terceiro capítulo, *As concepções dos professores de geografia sobre sua motivação na prática docente*, são levantados elementos que perpassam a compreensão das concepções dos professores sobre a motivação, são analisadas as concepções dos professores de Geografia sobre sua motivação na prática docente. Inicialmente, apresentou-se o lugar de realização da pesquisa, com o intuito de melhor situar o leitor em relação ao lugar onde se localizam as escolas nas quais foram aplicados os questionários da pesquisa, ou seja, a Região Sul de Goiânia, e em seguida discutiram-se as respostas contidas nos questionários em relação às concepções dos professores de Geografia sobre motivação. Vista que, a identificação das concepções dos professores sobre sua motivação é fundamental para a compreensão das motivações dos professores goianienses durante sua prática docente, objetivo do quarto capítulo.

E no quarto capítulo, intitulado *Os motivos que permeiam a motivação da prática docente do professor de geografia*, tratou-se dos motivos que estão presentes na prática docente do professor de Geografia, ou seja, descobrir quais são as motivações dos professores de Geografia, com o intuito de abordar a problemática da (des) motivação do professor. Portanto, buscou-se as concepções dos professores de Geografia sobre sua motivação, o que se deu a partir da análise das entrevistas realizadas com 5 (cinco) professoras de escolas municipais da Região Sul de Goiânia. As entrevistas foram analisadas a partir de 3 (três) blocos de questões descritivas, como: 1 – A experiência inicial do professor de Geografia com a educação; 2 – A experiência atual do professor de Geografia e as influências na sua prática docente; 3 - As emoções do professor de Geografia diante de sua prática docente.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA A PARTIR DE CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA ATIVIDADE

Apesar da obra de Vigotski ser do início do século passado, sua atualidade é inegável. Ainda hoje ela é tida como complexa e desafiadora, além de ser objeto de diferenciadas interpretações. Não temos aqui a intenção de levantar nenhuma nova interpretação da obra desse autor, sua utilização nesse trabalho tem como intuito a compreensão de alguns dos conceitos formulados por ele, e a reafirmação da importância de sua obra na construção e desenvolvimento da teoria da atividade.

A abordagem da teoria da atividade ocorre como tentativa de compreensão do complexo processo psicológico que leva o indivíduo, a partir de desejos e necessidades básicas, para a realização de ações complexas. Nesse sentido, busca-se compreender como o processo motivacional é abordado na teoria da atividade, ou seja, como os motivos dos professores de Geografia influenciam na sua prática docente.

Posteriormente, foram elencadas teorias motivacionais abordadas pela Psicologia da Educação, são elas: a teoria comportamental, a teoria humanística, a teoria cognitiva e a teoria psicanalítica. Ao discorrer por essas teorias gerais, que tratam do conceito de motivação, tem-se como intuito possibilitar uma inter-relação entre a forma como essas teorias conceituam motivação e a forma como a teoria da atividade aborda o processo que parte de desejos, necessidades e motivos para a realização de ações, ou seja, uma atividade complexa, que engloba diversos fatores.

1.1 A teoria de Vigotski como base para a reflexão da prática docente

Lev Semenovich Vigotski nasceu em 1896, na cidade de Orsha, uma pequena cidade na Bielo-Rússia, e viveu por um longo período na cidade de Gomel, também na Bielo-Rússia, seus pais eram considerados pessoas cultas e possuíam uma situação econômica estável. Vigotski tinha uma formação profissional bastante eclética, transitando por diversos campos do conhecimento, arte, literatura, lingüística, antropologia, cultura, ciências sociais, psicologia, filosofia e medicina. Faleceu em 1934, precocemente, aos 37 anos, com tuberculose. E apesar de ter tido uma vida tão breve, sua produção intelectual foi extremamente intensa e relevante (Rego, 1995).

Vigotski formulou conceitos importantes dos processos psicológicos, como processos históricos e culturais. Há uma relação determinante entre cultura e cognição, ou seja, há uma idéia de origem social do desenvolvimento humano. A partir dessa concepção foram desenvolvidos conceitos como os de interiorização, mediação, zona de desenvolvimento proximal, atividade e outros.

Esse autor apontou, através de conceitos, a relevância da escolarização para a apropriação dos conhecimentos científicos e para o desenvolvimento das capacidades do pensamento. Entretanto, Vigotski não formulou uma proposta didática, o que explica, em boa parte, as dificuldades e confusões que se faz dos seus conceitos, entretanto, é possível extrair, a partir de suas premissas, modos de agir na sala de aula.

Para Vigotski, o processo de interiorização do conhecimento pelos indivíduos ocorre no curso das interações educativas formais e informais, na escola e nos demais momentos de aprendizagem com indivíduos culturalmente “superiores”, ou seja, a partir da participação em atividades e situações organizadas, graças à colaboração e a mediação de indivíduos mais capacitados. São nas interações, e através da participação, que vão sendo interiorizados os instrumentos e as funções externas, tendo o aumento da competência, de maneira que o indivíduo começa em uma posição estreita e acaba sendo conduzido para uma participação auto-regulada e a um desenvolvimento autônomo (SILVA, 2004).

O intuito então é propiciar ao aluno ferramentas que o leve a construir seu próprio conhecimento. O indivíduo, inicialmente, está mais dependente do outro, depende dos pais, dos irmãos, primos ou colegas maiores; da mesma forma quando inicia o processo educativo

formal sua atuação é mais dependente do professor. Posteriormente, diante de uma mediação adequada do professor, que visa o desenvolvimento da autonomia no pensar e no agir, é que o indivíduo terá a possibilidade de um desenvolvimento pleno. De acordo com Cavalcanti (2000, p. 139), “... no processo de ensino/aprendizagem há uma relação de interação entre sujeito (aluno em atividade) e objetos de conhecimento (saber elaborado) sob a direção do professor, que conduz a atividade do sujeito ante o objeto, para que este possa construir seu conhecimento”.

Portanto, o papel do professor é considerado indispensável para que haja uma formação plena do aluno. A aprendizagem do aluno é beneficiada a partir do momento que há a participação do professor como mediador, ou seja, como elo entre o aluno e o objeto de conhecimento. Assim, torna-se significativo abordar o processo de mediação docente e suas contribuições para o desenvolvimento humano.

Observa-se que a fonte da aprendizagem é a ação do próprio sujeito, ou seja, para que um indivíduo aprenda determinado conteúdo faz-se necessário que ele esteja interessado em aprender. No entanto, esse interesse pressupõe a existência de consciência, pois a aprendizagem é uma modalidade ativa na qual a consciência supera a inconsciência, tornando-se fundamental o papel mediador do professor na busca dessa consciência por parte dos alunos. Para que ocorra uma aprendizagem autônoma há a necessidade da atenção do professor aos instrumentos teórico-metodológicos que ajudam a pensar o real, torna-se indispensável ao professor assumir plenamente a direção da aula e dos procedimentos de ensino, com competência teórica e sensibilidade quanto às questões emocionais (CAVALCANTI, 2003).

Essas características do professor mediador são imprescindíveis para que a aprendizagem ocorra de forma plena, embora o “sucesso” do processo de ensino-aprendizagem não se resuma à responsabilidade do professor. Sabe-se que cabe ao professor um papel essencial no desenvolvimento e na apreensão da cultura pelo aluno, no entanto, seu trabalho depende dos demais componentes do ambiente escolar. Como afirma Santos (1997),⁷ o trabalho do intelectual deve estar voltado para o progresso, esse autor entende o progresso numa compreensão abrangente e não excludente e fragmentária, para ele o verdadeiro intelectual precisa estar comprometido com a realidade, o que significa incluir atenção aos pobres e as minorias. Nesse sentido, o professor da escola pública deve exercer, através do

⁷ Trecho da conferência do professor Milton Santos na cerimônia de Outorga do Título de professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-28 de agosto de 1997.

seu trabalho, meios para desenvolver a consciência dos alunos, mesmo que para isso tenha que desempenhar um “[...] papel de criador e de propagador do desassossego”. Daí a importância fundamental da sua ação no desenvolvimento da consciência crítica do aluno.

É através da mediação docente que o professor dispõe possibilidades e condições, aos alunos, para a aquisição de conhecimentos científicos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, elementos conexos e indissociáveis da aprendizagem escolar. Assim, o papel do professor é ajudar os alunos a desenvolver competências e habilidades mentais e estimular suas capacidades investigadoras, ou seja, conduzir os alunos a transformarem conhecimentos externos em conhecimentos internos.⁸

Um ensino que tenha como objetivo principal alcançar o desenvolvimento das competências cognitivas precisa ter, como suporte, o desenvolvimento do pensamento teórico, a partir da formação de conceitos e da transformação de processos externos (interpessoais) em processos internos (intrapessoais), o que leva o aluno a realizar o processo de internalização ou conversão do conhecimento. Um outro conceito desenvolvido por Vigotski, o de Zona de Desenvolvimento Proximal, engloba o processo explicado anteriormente, como argumenta Daniels (2003):

Ele viu (Schneuwly) o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) como tentativa teórica de compreender a operação de contradições entre possibilidades internas e necessidades externas, que constitui a força motriz do desenvolvimento. O conceito de ZDP foi criado por Vygotsky como uma metáfora para ajudar a explicar como ocorre a aprendizagem social e participativa (...). Procurei salientar que Vygotsky estava interessado em desenvolver uma explanação que via os humanos ‘fazendo a si mesmos a partir do exterior’ (p. 24).

A transformação do conhecimento externo em conhecimento interno pressupõe o desenvolvimento do indivíduo por meio das interações que se situam na *zona de desenvolvimento proximal*. Assim, a ZDP define as funções e capacidades que estão em processo de maturação e que se transformam em realidade num futuro próximo (SILVA, 2004).

⁸ Para Vigotski a transformação gradual da atividade externa em interna não é o resultado da simples passagem de um nível interpessoal para um nível intrapessoal, mas a passagem do exterior ao interior, o que transforma a estrutura e as funções dos indivíduos. Os processos interpessoais são transformados em intrapessoais, toda função no desenvolvimento cultural surge primeiro, no nível social, e depois, no nível individual, ou seja, primeiro, entre as pessoas - interpsicológico - e posteriormente dentro do indivíduo - intrapsicológico (KOZULIN, 2002).

Nas palavras de Vigotski (1998), a ZDP:

[...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (p. 112).

O conceito de zona de desenvolvimento proximal, de Vigotski, tem grande importância na compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem, porque considera a atividade de mediação e o trabalho coletivo na transformação das funções mentais superiores.

Na tentativa de uma explicação mais prática da atuação do professor como mediador incidindo na ZDP, a partir da realidade geográfica, cabe ao professor, inicialmente, investigar o conhecimento real dos alunos sobre o tema. A atuação do professor deve partir da realidade específica com vistas a englobar um procedimento metodológico que contenha a coletividade, levando em conta as diferenças individuais. Posteriormente, o professor estrutura definições que permitem compreender o conteúdo na sua totalidade. Para que os alunos façam a conversão do inter para o intrapsicológico, de tal conteúdo, o conhecimento cotidiano dos alunos deve ser considerado.

Assim, desenvolver o conhecimento teórico abre caminhos para internalizar conceitos elaborados socialmente, ao mesmo tempo em que cria novas estruturas que estimulam as competências e habilidades mentais, portanto, o conhecimento teórico é a ferramenta que potencializa a aprendizagem.

Tendo como base as premissas formuladas por Vigotski, será abordado no próximo tópico o conceito de atividade. Esse conceito foi elaborado, inicialmente, por Leontiev e reestruturado por Davydov, autor que se baseia na obra de Vigotski.

1.2 A teoria da Atividade como referencial para a análise da prática docente

A concepção que expressa o entendimento inicial de Vigotski e dos autores que compartilhavam de suas idéias, Leontiev, Lúria, dentre outros, é designada Teoria Histórico-Cultural. Tal perspectiva enfatiza a relevância da cultura historicamente acumulada, da linguagem e da mediação simbólica.

Já a Teoria da Atividade foi desenvolvida por Luria e Leontiev, a partir de divergências teóricas com Vigotski, o que levou a um distanciamento do grupo liderado por Leontiev com as bases assentadas por Vigotski. Leontiev acentuou, nas suas pesquisas, a importância da atividade concreta dos indivíduos com o objeto, para ele a atividade prática era o mais importante.

Para Leontiev, as operações mentais seriam determinadas pelas relações concretas entre a criança e a realidade, vale dizer, a familiarização prática com os objetos é que leva a criança ao seu desenvolvimento cognitivo. A relação prática com os objetos, isto é, a atividade prática, teria muito mais importância do que o modelo histórico-cultural desenvolvido por Vigotsky. Vale dizer, Leontiev acentuaria a atividade prática, Vigotsky acentuaria a cultura, a linguagem, a mediação simbólica (LIBANEO, 2004, p. 4 apud KOZULIN)

Nos últimos anos, no entanto, a terceira geração de Vigotski, tendo como principal expoente Davydov, tem feito esforços no sentido de reunir as bases teóricas de Vigotski e os estudos de Leontiev, desenvolvendo assim uma teoria Histórico-Cultural da Atividade.

O termo atividade, tal como é colocado pela teoria histórico-cultural, tem origem no materialismo histórico dialético. A atividade é relacionada à práxis, ou seja, a noção de atividade social prática (DANIELS, 2003). Portanto, o conceito de consciência é, para Vigotski, um elemento essencial da Psicologia, seu surgimento está diretamente relacionado a atividade prática humana, a consciência é um dos aspectos do trabalho. Vigotski afirma que o fenômeno da consciência não pode ser explicado pelo conceito de consciência, assim como o comportamento também não pode ser explicado pelo conceito de comportamento, deve existir uma teoria unificada do comportamento e da mente.

Vigotski tem como tese central a idéia de que “a aprendizagem e o ensino são formas universais de desenvolvimento mental” mostrando, assim, “a relevância da escolarização para a apropriação dos conceitos científicos e para o desenvolvimento das capacidades de pensamento” (LIBANEO, 2003, p.6-7). Portanto, o ensino propicia a apropriação da cultura, o desenvolvimento do pensamento a partir da assimilação da produção cultural da humanidade.

Leontiev, por sua vez, ressalta a questão da ação humana, ele avança no conceito de atividade, de ação coletiva e de ação individual e estabelece a estrutura da atividade. Destaca que “toda ação humana está orientada para um objeto”, nesse sentido, quando o indivíduo tenta se apropriar⁹ de um objeto através de ações, ele se aproxima das características do objeto e vai ocorrendo o “processo de internalização da atividade externa” (DAVÍDOV, 2000, p. 55). O desenvolvimento do conhecimento teórico na atividade da aprendizagem, entre outras atividades, é o caminho para se alcançar o desenvolvimento do pensamento, o que ocorre através da apropriação de conteúdo. Com isso, a atividade humana apresenta uma estrutura psicológica cujos componentes são: necessidades, motivos, finalidades, condições de realização da finalidade.

[...] a atividade surge de necessidades que impulsionam motivos orientados para um objeto. O ciclo que vai de necessidades a objetos se consuma quando a necessidade é satisfeita, sendo que o objeto da necessidade ou o motivo é tanto material quanto ideal. Para que esses objetivos sejam atingidos, são requeridas ações. O objetivo precisa sempre estar de acordo com o motivo geral da atividade, mas são as condições concretas da atividade que determinarão as operações vinculadas a cada ação (LIBÂNIO, 2004, p.12).

Leontiev assinala que a atividade humana constitui-se por uma estrutura complexa, que engloba diversos componentes, os quais partem das necessidades do indivíduo originadas em suas relações sociais, impulsionando motivos que conduzem a objetivos que levam a satisfação das necessidades iniciais. O motivo aciona o sujeito para o objetivo, mas o motivo não existe sem a necessidade. Assim, toda atividade decorre de uma necessidade, o que o ser humano faz são ações que explicam a relação humana entre os objetos.

⁹Para Leontiev, a apropriação “é o processo que tem por resultado a reprodução, pelo indivíduo, das capacidades e procedimentos de conduta humanas, historicamente formados” (DAVÍDOV, 2000, p. 55).

Nesse sentido, o motivo assume uma posição importante, pois coloca o objetivo como seu dependente, a atividade se condiciona à existência de um sentido, ou seja, de um motivo. Portanto, as atividades humanas são dependentes das subjetividades humanas.

A partir das bases conduzidas por Vigotski e Leontiev, Davydov avança no entendimento do desenvolvimento da mente humana, contribuindo no aprimoramento da teoria da atividade. No entanto, sua principal contribuição foi a tradução, de forma didática, das teorias formuladas pela escola de Vigotski, ou seja, a sua operacionalização (LIBÂNEO 2004).

Davydov contribui na fundamentação da estrutura da atividade ao acrescentar o desejo como componente básico de uma necessidade. Para ele é fundamental que o componente afetivo esteja integrado ao cognitivo, “Necessidades e desejos compõem a base sobre a qual as emoções funcionam [...] as emoções são inseparáveis de uma necessidade” (DAVYDOV, 1999, p.41).

A função geral das emoções é capacitar uma pessoa a pôr-se certas tarefas vitais, mas este é somente meio caminho andado. A coisa mais importante é que as emoções capacitam a pessoa a decidir, desde o início, se, de fato, existem meios físicos, espirituais e morais necessários para que ela consiga atingir seu objetivo (DAVYDOV, 1999, p.7)

Portanto, para Davydov (1999), as necessidades e emoções são fundamentais, elas são a base das atividades realizadas pelos seres humanos. As necessidades e emoções antecedem as ações discordando, assim, da posição de Leontiev de que as ações são ligadas às necessidades e aos motivos, Davydov (1999) afirma que as ações são ligadas somente com necessidades baseadas em desejos e os motivos são os impulsionadores das ações. Portanto, os motivos estão diretamente relacionados às necessidades.

Considerando a prática docente do professor de Geografia, cabe aqui algumas questões: As necessidades e emoções dos professores estão antecedendo a sua ação profissional? Suas necessidades e emoções estão sendo consideradas pelo poder público? Suas necessidades e emoções estão sendo consideradas no cotidiano escolar? Suas necessidades e emoções estão sendo consideradas pelos alunos? E pelos pais dos alunos? A resposta a estas questões pode significar um dos caminhos para a melhoria do ensino público goianiense.

O que está, comumente, posto como essencial na prática docente dos professores são suas ações, suas necessidades e emoções vêm sempre em segundo plano. É comum ouvirmos frases do tipo “o professor ganha pouco, mas cumpre seu papel social”, “a profissão de professor é antes de tudo um dom”, “ser professor é uma dádiva de Deus”, esse tipo de opinião demonstra que na profissão docente ocorre uma desvalorização dos desejos do indivíduo, o que o professor deseja fica em segundo plano. Tal realidade evidencia uma consequência grave, ao desconsiderar as necessidades e emoções do indivíduo, conseqüentemente, suas ações estarão prejudicadas.

O pensamento de Davydov valoriza o caráter ativo da aprendizagem e da educação escolar no desenvolvimento da habilidade do indivíduo de aprender a pensar, ou seja, a partir da atividade de ensino, realizada pelo professor, possibilitar ao aluno as condições de aprender a investigar.

Davydov enfatiza a importância da Didática como mediadora da prática docente na mediação do desenvolvimento cognitivo do aluno. A apropriação dos conhecimentos produzidos pela Didática possibilita ao professor ferramentas adequadas para realizar a mediação entre o aluno e o patrimônio cultural produzido pela humanidade.

O papel do professor, nesse sentido, é ensinar o aluno a pensar e, a partir da abstração de um conceito geral, ter a capacidade de realizar inter-relações com conhecimentos cotidianos e vice-versa. Davydov (1999) acrescenta que é por meio da mediação realizada pelo professor, tendo em vista ser sua concepção sempre influenciada por sua cultura, que ocorre uma práxis incorporadora do método cognitivo na formação dos alunos para que se tornem sujeitos pensantes e críticos.

A Geografia Escolar avançou na compreensão do conceito de mediação de Vigotski, no que diz respeito à relação professor/aluno/conteúdo. O entendimento de mediação, alcançado pelas propostas dos autores que tratam do ensino de Geografia, como Cavalcanti, se traduz em uma relação de unidade entre os componentes do ensino, que são o objetivo, o conteúdo e o método. Daí o entendimento de que o papel do professor é de mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Portanto, é através de uma direção competente, mediada por uma proposta pedagógica, que se criam as condições necessárias para estruturar melhor o conteúdo e a partir dele os métodos de ensino e de formação, possibilitando a apropriação da cultura e o conseqüente desenvolvimento cognitivo. Assim, para que a mediação do professor alcance esses objetivos

é preciso considerar o desejo, a necessidade e os motivos, pois é a afetividade o ponto de partida que disponibiliza o aluno para o aprender. Isso significa dizer que o professor medeia a relação entre o ensino e o desenvolvimento das potencialidades intelectuais desde a dimensão afetiva do aluno, no intuito de alcançar as várias dimensões humanas.

1.3 Motivação: distintas visões

Tendo em vista que a questão da motivação das pessoas é algo tido como uma das características mais fascinantes da atividade humana, seja na área educacional, seja nas demais áreas do conhecimento, faz-se premente abordar algumas teorias que perpassam o conceito de motivação, com o intuito de obter um maior entendimento da teoria da atividade.

As descobertas científicas sobre os processos motivacionais humanos são diversas e por isso não possibilitam a existência de uma única teoria geral da motivação. Dessa forma, será apresentada uma breve descrição das principais teorias da motivação, são elas: a teoria comportamental, a teoria humanística, a teoria cognitiva e a teoria psicanalítica.

1.3.1 A teoria comportamental

Um dos principais representantes da abordagem comportamental foi Skinner, que em 1932 elaborou a teoria do condicionamento e reforço operante. Essa teoria significa, de forma básica, que o comportamento humano é determinado e mantido pelo ambiente. De acordo com a teoria do condicionamento, para que uma pessoa aprenda um novo comportamento, ela deve ser condicionada a essa aprendizagem, ou seja, devem ser apresentados a ela estímulos positivos, os chamados reforços positivos. Assim, para que a aprendizagem possa acontecer deve ocorrer a associação de determinada resposta a um reforço. “Nessa visão teórica, para que alguém seja motivado a emitir determinado comportamento, é preciso que esse

comportamento seja reforçado seguidamente, até que a pessoa fique condicionada” (PILETTI, 1985, p.65).

Nessa teoria, para que exista a motivação, o interesse em aprender, faz-se necessário que os conteúdos estejam associados aos reforços que satisfaçam as necessidades dos estudantes. A aprendizagem se dá a partir de um reforço positivo (prêmio) em oposição ao negativo (castigo) e o prêmio seria a fonte da motivação; assim o aluno se acostumaria, se condicionaria, a estudar para tirar dez e não pelo prazer de adquirir novos conhecimentos. Segundo Piletti (1985), a motivação através do reforço é mais adequada aos animais, pois a aprendizagem que visa o recebimento de prêmios funciona muito bem com os animais, mas no caso do ser humano encontra dificuldades por não propiciar realização pessoal.

Bergamini (1993) adverte que o fato de passar a se chamar de motivação o que a Psicologia já havia consagrado como condicionamento se deve as descobertas sobre o reflexo condicionado de Pavlov,¹⁰ e que as principais conseqüências derivadas desse enfoque, conhecido como comportamentalista, “foi o entendimento de que é sempre possível conseguir que as pessoas se comportem de acordo com padrões de conduta previamente estabelecidos”. Portanto, o comportamento atingiu um patamar de adequado ou de inadequado, sendo recomendado “gratificar os comportamentos supostamente adequados (reforço positivo) e punir os inadequados (reforço negativo)”.

Sendo assim, podemos dizer que a teoria comportamental levou a um “modelar do comportamento”, ou seja, o que é considerado apropriado deve ser valorizado, gratificado, reforçado positivamente, em contrapartida o que é considerado impróprio deve ser desvalorizado, punido, reforçado negativamente para que o indivíduo desista da posição tomada.

Tal modelo possibilitou, por exemplo, a existência da palmatória nas escolas, utilizada como reforço negativo, como punição diante da atitude inadequada do aluno; e das estrelinhas e corações nos cadernos dos alunos como prêmio, como reforço positivo diante de atitudes adequadas. Portanto, esses dois tipos de reforços são considerados motivadores, o negativo porque faz o aluno pensar sobre sua atitude e se motivar para mudar de atitude, e o positivo porque leva o aluno a gostar do prêmio e ter motivação para continuar tendo atitudes corretas.

¹⁰ Prêmio Nobel de Medicina em 1904.

1.3.2 A teoria humanística

A teoria humanista tem Maslow como um de seus principais formuladores. Segundo Piletti (1985, p.67), Maslow “aceitou a idéia de que o comportamento humano pode ser motivado pela satisfação de necessidades biológicas, mas rejeitou a teoria de que toda motivação humana pode ser explicada em termos de privação, necessidade e reforçamento”. Maslow (1968) esquematiza sua teoria em sete conjuntos de motivos-necessidades.

Para Maslow a primeira necessidade humana é a fisiológica que inclui o oxigênio, a água, o alimento e o descanso, e para que o indivíduo sinta outras necessidades é necessário que esta necessidade básica esteja satisfeita.

A segunda necessidade é a de segurança, se refere à necessidade de abrigo e companhia, e o comportamento manifestado é o de se evitar o perigo.

A terceira necessidade é de amor e participação, ou seja, o desejo das pessoas de se relacionarem afetivamente.

A quarta necessidade é a de estima, a procura da valorização e do reconhecimento de outras pessoas.

A quinta necessidade é a de realização, esta necessidade sempre será incompleta, pois o ser humano sempre sentirá necessidade de realizar sonhos e alcançar objetivos. Piletti (1985, p.69) afirma que “A busca da realização é uma das motivações básicas do ser humano; pode atuar fortemente em sala de aula, em benefício da aprendizagem”.

Maslow elenca em sexto lugar a necessidade de conhecimento e compreensão, ou seja, a curiosidade, o desejo de conhecer novas coisas. Para Piletti (1985, p.69) “Essa talvez devesse ser a necessidade específica a ser atendida pela atividade escolar. Essa necessidade é mais forte em uns do que em outros e sua satisfação provém de análises, sistematizações de informações, pesquisas...”.

Uma das preocupações deste autor é com relação à importância da satisfação das necessidades anteriores a esta, afinal, se o professor está inseguro, cansado, preocupado ou triste, com certeza a sua prática docente estará dificultada. Nesse sentido, as dificuldades do aluno no que se refere à aprendizagem de conteúdos podem ter origem na não satisfação de necessidades que antecedem a necessidade de conhecimento.

E a última necessidade postulada pelo autor é a de estética, ou seja, a busca da beleza, a preocupação com a aparência. É sabido que essa é uma preocupação dos alunos, principalmente daqueles que estão no período da adolescência, o que levanta a importância do professor e da escola estarem atentos a essa questão.

Uma observação importante na teoria de Maslow é o fato da satisfação das necessidades que estão acima na pirâmide (figura 1), só pode ser alcançada quando são satisfeitas as necessidades situadas abaixo da pirâmide, ou seja, para que as necessidades dos níveis superiores sejam satisfeitas faz-se necessário que as necessidades dos níveis inferiores já tenham sido satisfeitas. Nesse sentido, essa teoria pressupõe que para um indivíduo sentir necessidade de aprender, por exemplo, ele precisa antes ter tido as necessidades básicas satisfeitas, ele precisa estar respirando, ele precisa ter saciado a fome, a sede, o sono, enfim, seu corpo deve estar bem.



Figura 1: Esquema da pirâmide de Maslow, extraída de (PILETTI, 1985).

Sobre a teoria de Maslow, Bowditch & Buono (2002, p.42) fazem uma crítica à sua concepção, afirmando que ela “tinha a intenção de ser mais uma perspectiva humanística da motivação humana, de um modo geral, do que a criação de um modelo empiricamente testável”.

Nesse sentido, a principal contribuição dessa teoria é a consideração e a assimilação das necessidades individuais, com a finalidade de motivar o comportamento humano.

Posteriormente Alderfer modifica a teoria de Maslow, levando a 3 (três) níveis básicos de necessidades, chamados ERC,¹¹ que são as necessidades de existência ou sobrevivência, as necessidades de relacionamento e as necessidades de crescimento, podendo haver a passagem de um nível a outro sem ter havido satisfação plena quanto ao anterior. Segundo essa teoria, cada um dos seres humanos será em algum momento da vida influenciado pela necessidade de realização, de poder ou de afiliação, podendo haver o desenvolvimento de uma tendência dominante em relação às demais. Para Bowditch & Buono (2002, p.43):

Esta tese apresenta dois pontos interessantes: (1) a teoria sugere que a motivação é mutável, mesmo na idade adulta, e (2) ao invés de se tratar a motivação como uma variável independente..., a motivação se torna uma variável dependente à medida que os pesquisadores se concentram nas condições antecedentes ao desenvolvimento de uma necessidade particular.

Herzberg,¹² por sua vez, sugere que a motivação é composta por duas dimensões e não possuem relação entre si, sejam elas, “(1) os aspectos e atividades do trabalho que podem impedir a insatisfação, mas que não influenciam os empregados a crescerem e se desenvolverem (fatores de higiene), e (2) os aspectos e atividades relacionados ao trabalho que efetivamente encorajam esse desenvolvimento (motivadores)”. Ainda segundo Bowditch & Buono (2002, p.45):

Embora a teoria da higiene-motivação tenha sido criticada [...] Herzberg recebe o crédito por ter oferecido uma nova forma de se pensar sobre a motivação dos trabalhadores. Antes de sua iniciativa, a satisfação no trabalho era geralmente vista como um conceito adimensional: a satisfação no extremo de um contínuo, e a insatisfação no outro.

Assim, Herzberg abriu novas perspectivas a partir de suas pesquisas. Para ele, os dois tipos de objetivos motivacionais citados acima possuem diferenças qualitativas. Os fatores

¹¹ A Teoria ERG, denominada ERC em português, tem sua origem nos estudos de Clayton Alderfer segundo o qual existem três grupos de necessidades: existence (E) ou existência, equivalente às necessidades básicas, fisiológicas e de segurança de Maslow; relatedness (R) ou relacionamento, correspondente às necessidades de relações pessoais e as de estima de Maslow; e o growth (G) ou crescimento (C).

¹² Frederick Herzberg pertence ao grupo de psicólogos e sociólogos que, nos anos 50 e 60, abriram, enormemente, o leque dos estudos sobre o comportamento humano. Herzberg era professor de Psicologia na Western Reserve University, de Cleveland, ele escreveu três livros sobre as atitudes no trabalho: Job Attitudes, Motivation to Work e Work and Nature of Man.

denominados de “higiene” estão relacionados à situação extrínseca do indivíduo. Já os fatores que estão ligados ao próprio indivíduo são os responsáveis pela motivação intrínseca. Fazem parte dos fatores de higiene a amizade com os demais professores e com a direção da escola, adequadas condições físicas do ambiente de trabalho (a escola), uma digna recompensa salarial e estabilidade empregatícia. Já os fatores de motivação incluem os fatores emocionais, como por exemplo, a realização pessoal, a responsabilidade no ambiente de trabalho, o trabalho em si e o reconhecimento do esforço pessoal.

Portanto, os fatores de higiene não são suficientes para que os indivíduos se sintam motivados, pois esses fatores extrínsecos à pessoa garantem apenas sua satisfação física, enquanto que os fatores intrínsecos podem possibilitar a satisfação interna do indivíduo. Isso significa que os fatores extrínsecos, sem dúvida, são motivadores, no entanto, o que realmente atinge o mais alto nível de prioridade do indivíduo são os fatores intrínsecos.

1.3.3 A teoria cognitiva

A teoria cognitiva tem como um de seus maiores representantes Jerome Bruner, para ele o que leva a pessoa a aprender são os aspectos internos, racionais. Conforme os teóricos cognitivistas o desejo de aprender é intrínseco, o aluno somente estaria motivado quando se interessasse pelo assunto.

Recentemente, em reação às visões comportamentais, desenvolveram-se as abordagens cognitivas da motivação, tendo como pressuposto central que o comportamento de uma pessoa é iniciado e regulado pelo seu pensamento, por suas expectativas, atribuições e não por eventos ou condições físicas externas (GENARI, 2006, p. 12).

Portanto, os indivíduos são vistos como curiosos e ativos, pessoas que tentam resolver seus problemas. Os autores cognitivistas enfatizam os motivos intrínsecos, que não dependem de recompensas exteriores. Assim, a motivação é influenciada por processos internos, tais como “crenças, pensamentos, expectativas e sentimentos” (GENARI, 2006, p. 12).

A teoria cognitiva “dá maior importância a aspectos internos, racionais, como objetivos, intenções, expectativas e planos do indivíduo”. Nesse caso, o ser humano, como ser racional que é, tem a capacidade de decidir sobre o que fazer. “O exercício de aprender produz, por si mesmo e simultaneamente, motivação e recompensa” (PILETTI, 1985, p.65-66).

Nessa perspectiva, sugere-se que o estudante se sente mais motivado e recompensado quando se interessa pelo conteúdo, mas o conteúdo pelo conteúdo, e não pelo recebimento de prêmios, como ocorre na teoria do condicionamento.

1.3.4 A teoria psicanalítica

Ao se falar em teoria psicanalítica, faz-se necessário salientar que seus principais representantes são os psicólogos William James, Sigmund Freud e William McDougal, e que a psicanálise tem como princípio básico:

[...] a idéia de que todo o comportamento é determinado, surgindo daí uma crença nos conceitos de energia e entropia para explicar o prazer e a dor. Juntamente com este esquema, há outra crença no enfoque genético ou histórico capaz de explicar o comportamento. São as forças propulsoras instintuais que fornecem as bases para a psicanálise, representadas mentalmente por desejos, nos quais estas forças lutam por sua expressão (KINPARA, 2000 p.33).

Assim, o instinto seria o propulsor do comportamento humano. A pesquisa psicanalítica, no que se refere à teoria motivacional, se preocupou com as “funções do ego”, com os “mecanismos de defesa” e com as diferenças individuais manifestadas através das atitudes cognitivas, como por exemplo, a repressão (KINPARA, 2000 p.33).

Dentre os pesquisadores, citados anteriormente, os estudos de Freud levam a crer que a maior parte dos motivos que induzem uma pessoa a agir de uma forma ou de outra seriam inconscientes. Piletti (1985) explica a motivação inconsciente da seguinte forma:

Quando criança, todo indivíduo tem uma série de impulsos e de desejos que procura satisfazer. Entretanto, muitos desses impulsos e desejos não podem ser satisfeitos, em virtude das proibições sociais. O que acontece, então? Eles são reprimidos para o inconsciente e lá se reorganizam a fim de se manifestarem de outra forma, de uma maneira que não contrarie as normas sociais (p.70).

Nesse sentido, a teoria freudiana pressupõe que o desejo do indivíduo se mantém “escondido” até que este desejo seja alcançado, podendo ocorrer de forma direta ou de alguma outra forma encontrada pela mente, para que o desejado não vá de encontro com o que está posto como norma pela sociedade.

Assim, uma das formas da motivação inconsciente ocorrer, no caso do ensino, é quando, por exemplo, um estudante tem aversão à Geografia, isso pode advir devido às suas primeiras experiências, por ter tido um professor de Geografia autoritário ou mesmo pela rejeição dos colegas.

1.4 Motivação e prática docente

Ao levantar todas essas teorias da Psicologia da Educação, não teve-se a pretensão de esgotar seu arcabouço teórico, muito pelo contrário, a intenção é dar ao leitor uma breve noção de como o conceito de motivação foi visto até então, pelos pesquisadores, no âmbito educacional. Gostaríamos de salientar também que no período em que os professores estão realizando sua formação inicial eles têm, ou pelo menos deveriam ter, a disciplina Psicologia da Educação, pois é a disciplina que aborda essas teorias em seu âmbito geral e não apenas no que concerne ao conceito de motivação.

A afetividade e a emotividade são, sabidamente, pontos essenciais para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Nesse sentido, pode-se afirmar que existe um consenso na Psicologia quanto à importância de se considerar os aspectos emocionais na predisposição cognitiva dos indivíduos. Para Ornellas (2005), é possível dizer que o conhecimento tem uma base cognitiva e afetiva e que, portanto, não constitui-se em categoria

bipolar. Nesse sentido, o conhecimento não está articulado apenas ao cognitivo, mas envolve tanto a racionalidade quanto a afetividade e a emotividade.

Diante disso, se observa que é comum ocorrerem enganos quando se trata do termo motivação, ou seja, cada pessoa tem suas próprias teorias sobre a melhor forma de motivar seus subordinados. Segundo Bowditch & Buono (2002, p.40):

Alguns gerentes [...] tendem a ser bastante coercivos, e supõe que a motivação consiste em nada mais que controlar o comportamento das pessoas. Esses indivíduos freqüentemente vêem as punições e ameaças como as chaves para a motivação. Outros gerentes podem achar que o dinheiro é o principal motivador [...]. Mais alguns acham que as pessoas são motivadas pelas considerações sociais e tentam se assegurar de que os trabalhadores estejam felizes, que os grupos de trabalho se apoiem mutuamente, e que seja agradável estar neles.

Talvez esses “enganos” sejam o grande problema da utilização do conceito de motivação da área mercadológica na área educacional. Já imaginou o “desastre” que seria, ou melhor dizendo que é, caso isso aconteça, um professor considerar que precisa coagir os alunos para que estes aprendam? Ironizando a questão, talvez passe a se considerar necessário voltar aos tempos da palmatória ou mesmo dos joelhos no milho para que o aluno, através do medo, sintasse motivado a estudar. Contudo, a intenção com essa fala não é afirmar que o conceito de motivação utilizado na área mercadológica é incorreto, mas sim alertar para o “perigo” de se utilizar conceitos desenvolvidos para o mercado de trabalho, a partir de uma visão de mercado, ou seja, uma posição capitalista na área educacional.

Tendo como base a síntese das teorias motivacionais realizada acima, e também as observações feitas, cotidianamente, sobre a utilização do conceito de motivação pela área mercadológica, pode-se afirmar que, sem dúvida, essa área possui uma base teórica consistente do conceito e estudos que o legitimam, no entanto, seus conceitos não são os mais adequados para a utilização na área educacional. Essa afirmativa refere-se ao fato de acreditar que estão ocorrendo alguns enganos no ambiente escolar, no que se refere à utilização do conceito de motivação. Como se sabe, a disseminação da concepção mercadológica ocorre com maior ênfase, e atinge grande parte dos ambientes de trabalho.

É importante que nos atentemos a essa realidade, pois cabe aos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem se apropriar dos conhecimentos da Psicologia da Educação e a partir deles buscar novas possibilidades dentro do ambiente escolar. Não se trata de tarefa fácil, no

entanto, imprescindível diante da realidade atual, na qual, por exemplo, o computador se torna, a cada dia, mais interessante que a aula do professor. No caso da aula de Geografia, então, nem se fala, “a internet possibilita a busca de todas as informações”, “a internet possui diversos tipos de mapas”, “a internet possui maquetes”, “a internet possui imagens de todo o mundo”... E o professor de Geografia? O que vai fazer para tornar a sua aula motivadora? E o que ele vai fazer para continuar sendo um professor motivado? O Professor de Geografia está preocupado com isso? Na tentativa de encontrar respostas para questões complexas como essas que houve o desejo para fazer essa pesquisa.

* * *

Com o intuito de uma melhor compreensão das atividades que perpassam a prática docente do Professor de Geografia, é abordando no capítulo seguinte, intitulado de *Perspectivas didáticas da motivação do professor de geografia nas suas práticas*, assuntos que possibilitam algumas reflexões importantes ao Professor de Geografia diante de sua realidade no ambiente escolar e, portanto, permitem a ele possibilidades de respostas às suas indagações diante da realidade escolar e caminhos diante do atual cenário da escola, da direção da escola, das aulas, dos alunos, dos pais dos alunos, dos colegas de trabalho, enfim, caminhos que ajudem os Professores de Geografia a se motivarem, a continuarem motivados, a ajudar os alunos a se motivarem, ou seja, tornar o processo de ensino-aprendizagem mais interessante, mais criativo, portanto, mais motivador.

CAPÍTULO II

PERSPECTIVAS DIDÁTICAS DA MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NAS SUAS PRÁTICAS

O papel do professor é essencial na busca de uma educação plena. Compreender como se dá sua atuação e os motivos que estão presentes na sua prática docente, nas escolas municipais da região sul de Goiânia, possibilita caminhos para a construção de um ensino municipal goianiense mais significativo.

O levantamento e compreensão das concepções dos professores sobre a motivação e também das suas próprias motivações diante de sua prática docente, encaminham para a consideração de assuntos relevantes da realidade educacional. Assim, são abordados, nesse capítulo, a Educação Geográfica, as contribuições atuais da Didática para a prática do professor, o processo identitário dos professores, sua formação continuada e as contribuições da motivação para a prática docente.

Portanto, é necessário para que haja uma melhor compreensão das subjetividades dos professores ao tratar de assuntos que estão presentes no seu cotidiano, na sua prática. Essa abordagem tem como intuito levantar possibilidades e caminhos para que os professores de Geografia desenvolvam atividades mais significativas e motivadoras tanto para os alunos quanto para si próprios.

2.1 Educação Geográfica: algumas perspectivas teóricas

Tendo em vista que a Geografia escolar tem como um de seus principais objetivos direcionar, para que os estudantes desenvolvam um pensamento crítico e autônomo capaz de discernir sobre o sentido dos fatos, compreende-se que uma das fontes da aprendizagem é a ação do próprio sujeito, ou seja, para que um indivíduo aprenda determinado conteúdo faz-se necessário que ele esteja interessado em aprender. Quando se fala em interesse está implícito uma série de fatores, dentre eles a questão da motivação.

Um sujeito muito importante que está inserido no processo de ensino-aprendizagem é o professor, atuando como mediador entre o aluno e o conhecimento, compreensão obtida a partir de uma perspectiva vigotskiana, na qual o professor assume um papel essencial no processo educacional. Nesse sentido, as emoções do professor são um objeto a ser considerado e analisado, visto que elas interferem na sua prática docente.

Castrogiovanni (2000), afirma que o objetivo geral da Geografia escolar é alcançar a constituição, por parte dos alunos, da noção de espaço geográfico. Torna-se fundamental a valorização das referências dos alunos, referências estas que surgem das experiências cotidianas, o que deve ocorrer conjuntamente com os conhecimentos científicos. Esse autor considera imprescindível a construção da noção de espaço nas suas multidimensões.

Ainda sobre o papel mediador do professor, Cavalcanti (2005) salienta que para o cidadão compreender a complexidade do espaço geográfico, cabe ao ensino de Geografia articular as referências cotidianas dos alunos com as referências genéricas e sistematizadas da ciência geográfica. Para ela o objetivo geral do ensino de Geografia é desenvolver uma consciência espacial. Cavalcanti (2005, p.12-13) acredita que a educação geográfica consiste em levar as pessoas a uma “consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam como parte da história social”.

Nesse sentido, para que se constitua um pensamento espacial, faz-se necessário que sejam formados conceitos geográficos abrangentes. Para Cavalcanti (2006, p.35), “Alguns conceitos são mais gerais e elementares ao raciocínio geográfico, [...] são estruturadores do espaço geográfico, tornando-se importantes categorias de análise: natureza, lugar, paisagem, região, território e ambiente”. Assim, a premissa inicial do trabalho docente é propiciar a aprendizagem geográfica do aluno, sujeito central desse processo.

Ainda tratando da relação conhecimento científico e conhecimento cotidiano, Cavalcanti acrescenta a importância do professor de Geografia encaminhar um olhar atento para a geografia cotidiana dos alunos. Segundo a autora:

O encontro/confronto desse conhecimento, da dimensão do espaço vivido com a dimensão da Geografia científica, do espaço concebido por essa ciência, possibilita a reelaboração de conceitos e uma maior compreensão da experiência (CAVALCANTI, 2006, p.35).

Diante dessa fala de Cavalcanti podemos observar que sua proposta de ensino converge com os pressupostos de Vigotski quanto ao desenvolvimento mental dos alunos. Assim, Cavalcanti conceitua o tipo de mediação que deve ser realizada pelo professor:

Para haver um ensino de Geografia [bem como de outras áreas do conhecimento] com bases críticas, é necessário que haja um professor que exerça o papel de mediador desse processo, com um determinado tipo de mediação – que requer domínio de conteúdos, pensamento autônomo para formular sua proposta de trabalho, sensibilidade para dirigir o processo em todas as etapas e nos diferentes momentos para o aluno (CAVALCANTI, 2003, p.195).

A autora argumenta ainda que o trabalho de mediação didática precisa “propiciar a atividade cognitiva do discente, a partir de um encaminhamento metodológico, para que ele construa conhecimento e desenvolva capacidades e habilidades cognitivas” (CAVALCANTI, 2006, p. 45).

Nesse sentido, é importante que ocorra a contribuição do professor em relação ao aluno, que o professor se veja como um sujeito encaminhador do processo de desenvolvimento do aluno, no entanto, também deve ocorrer o desenvolvimento do professor, seu papel não deve ser de repassador de conhecimento, mas sim de sujeito do processo.

Compartilhando da mesma opinião de Cavalcanti sobre o ato de ensinar, argumenta Callai (1995, p.131):

Ensinar é conduzir um trabalho que coloque aos alunos as informações, as diversas possibilidades de encontrá-las e oportunizar-lhes os instrumentais metodológicos para que possam organizar/construir o seu próprio conhecimento. É no fundo fazer a mediação do trabalho do aluno com o saber.

Para Callai (1995), o grande desafio do ensino de Geografia é:

[...] fazer da Geografia uma disciplina interessante que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade e na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da interligação entre o espaço natural, com todas as suas regras e leis, com o espaço transformado constantemente pelo homem (CALLAI, 1998, p.56).

As duas perspectivas explicitadas anteriormente reafirmam a importância do Professor de Geografia como um mediador no processo de ensino-aprendizagem. Como colocado por Cavalcanti, o Professor de Geografia precisa ter o domínio dos conteúdos geográficos, precisa ser autônomo e também precisa ter sensibilidade diante dos variados momentos de sua prática docente.

Tais características somadas à fala de Callai demonstram que o papel do professor vai muito além de um simples transmissor de conteúdos, seu papel é antes de tudo social, cabe a ele ser interessado, criativo e principalmente ter o desejo de realizar um ensino mais intenso, que consiga realmente cativar os alunos.

Kaercher (2002), como os demais autores citados, também considera importante a formação de uma consciência espacial para a prática da cidadania. Ele acrescenta ainda a necessidade de uma postura investigativa renovadora do conhecimento geográfico. Esse autor atribui a existência de certo descrédito do ensino de Geografia ao fato da ciência geográfica ainda não ter conseguido romper com sua postura descritiva e descompartmentada das informações. Para ele é importante que se perceba a relevância do espaço, na constituição da individualidade e na constituição da sociedade, da qual se faz parte.

Portanto, a educação formal é uma das principais maneiras para promover-se o desenvolvimento mental dos indivíduos da sociedade. As pessoas se tornam mais humanas à medida que internalizam as mediações culturais que foram acumuladas pela sociedade ao longo dos anos. Vygotsky (apud LIBÂNEO, 2004) afirma que a aprendizagem acompanha o desenvolvimento mental dos indivíduos e pode, inclusive, antecipar-se a ele. Nesse sentido, é essencial que o ensino de Geografia ocorra a partir da participação ativa do professor.

Portanto, o domínio dos processos mentais pelos quais se chega ao conhecimento científico representa a capacidade de se pensar cientificamente, o que demonstra a

necessidade de serem realizadas pesquisas que levem a um melhor entendimento das formas como o ensino da Geografia ocorre.

No entanto, não se pode colocar a “culpa” dos problemas atuais do ensino de Geografia sobre o professor, mas sim analisar sua realidade, e as emoções que interferem na sua prática docente, para assim contribuir com mudanças positivas para o atual cenário educacional público goianiense.

Partindo das premissas citadas anteriormente, esse trabalho tem como intuito colaborar com a educação geográfica goianiense a partir da compreensão da problemática que envolve a prática docente do professor de Geografia, especificamente no que concerne a um melhor entendimento de suas motivações dentro do ambiente escolar.

2.2 Contribuições atuais da Didática para a prática docente

A atualidade passa por profundas transformações sociais, existe um grande impacto dos meios e padrões de comunicação, das tecnologias, a intensidade do processo de diversificação cultural, o que cria novas demandas e oferece novas possibilidades para o ensino de Geografia. Para Daniels (2003, p. 11) “Numa época assim, a sabedoria recebida ou o ‘senso comum’ da educação tal como praticada em nossos tempos de escola talvez não sejam mais apropriados”.

Essa é uma das principais questões que o trabalhador da educação precisa enfrentar na atualidade. Vista que, a tentativa de um trabalho diferenciado, que se desvie de um ensino tradicional, é algo amplamente discutido, no entanto, na prática, observamos que é o ensino tradicional que ainda predomina. Não que ele precise ser totalmente negado, mas é essencial que novas atitudes sejam tomadas para que ocorram mudanças positivas no ensino de Geografia.

[...] muito investimento de pesquisa já foi feito com a expectativa de modificar as práticas de ensino, de compreender o ensino como uma prática social dinâmica, que não comporta práticas cristalizadas, mecanizadas, formalizadas. Apesar disso, constatam-se ainda muitas dificuldades em transformar efetivamente as práticas cotidianas (CAVALCANTI, 2005, p.22).

Diante dessa realidade, é importante que o professor esteja atento à educação como uma atividade humana, que é necessária à essência e ao funcionamento da sociedade. É a partir da valorização do processo educacional e da inclusão do conhecimento que provém de outras áreas do conhecimento, como da Didática, que o professor terá novas ferramentas para enfrentar a realidade escolar e construir uma prática docente diferenciada.

Libâneo conceitua a educação a partir de suas modalidades, a educação formal e a educação informal. Para esse autor a educação é um processo amplo, que está presente nos diversos momentos da atividade humana.

[...] a educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem *socialmente*; neste sentido, a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana. [...] a educação ocorre em instituições específicas, escolares ou não, com finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada, embora sem separar-se daqueles processos formativos gerais (LIBÂNEO, 1994, p. 17).

A educação formal é aquela que ocorre nas escolas ou em outras instituições educadoras, onde se realizam atividades de ensino sistematizadas que estejam em consonância com os objetivos pedagógicos e com os procedimentos didáticos. É nessa modalidade de educação que ocorre a prática docente do professor, e é a partir dela que o professor pode interferir positivamente na vida dos indivíduos da sociedade, e, portanto, oferecer novas possibilidades para o ensino de Geografia.

No entanto, a Educação não se refere apenas àquela que ocorre nas instituições formadoras, a prática educativa acontece nos diversos momentos da vida do indivíduo. A chamada educação informal, que são as influências do meio externo sobre os indivíduos, também exerce grande influência no processo de aquisição de conhecimento. Portanto, é fundamental que o professor também esteja atento à educação informal que o aluno traz como bagagem.

É sabido que a educação possibilita a inserção social dos seres humanos, que é um processo que se constrói historicamente e que está em permanente processo de reconstrução. Deste modo, a educação é algo inerente à sociedade, algo que atua em todos os seus setores. Saviani define a educação como:

[...] um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social global. Tem-se, pois como premissa básica que a educação está sempre referida a uma sociedade concreta, historicamente situada. [...] Como atividade mediadora, a educação se situa em face das demais manifestações sociais em termos de ação recíproca (SAVIANI, 1985, p. 120).

Assim, o professor de Geografia, em sua prática docente, precisa compreender que o processo educativo relaciona-se intimamente com a dinâmica da sociedade e que, portanto, produz e reproduz essa dinâmica. Com isso, além de ter uma formação que lhe dê condições de analisar o real e ter ciência do que irá “reproduzir”, o professor precisa assumir uma postura reflexiva diante da sua própria realidade escolar.

Nesse sentido, as práticas cotidianas que ocorrem no ambiente escolar podem e devem ser objeto de análise por parte dos professores, com o intuito de buscar alternativas para as necessidades educativas que estão presentes tanto na Geografia como nas demais disciplinas escolares.

[...] as teorias, as propostas elaboradas, precisam ser reelaboradas na prática da escola. É na prática da escola, nas relações do professor com seus alunos, na sala de aula, nas relações entre os professores e destes com a escola, com a cultura da escola e de seus agentes que as propostas podem tornar-se realidade (CAVALCANTI, 2005, p.22).

Diante da problemática do ensino, a autora coloca como um caminho de mudança as relações que ocorrem na prática da escola, ou seja, a partir das propostas que surgem nesses diálogos entre os diversos componentes do ambiente escolar, o professor tem a possibilidade real de construir instrumentos modificadores de sua prática de ensino.

Tendo em vista que a Geografia é uma das ciências responsáveis por educar e por ensinar, impõe-se a necessidade de buscar-se o auxílio da Didática, enquanto instrumento potencializador da prática do professor de Geografia. Libâneo conceitua a Didática como uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, portanto ela:

[...] trata dos objetivos, condições e meios de realização do processo de ensino, ligando meios pedagógico-didáticos a objetivos sociopolíticos. Não há técnica pedagógica sem uma concepção de homem e de sociedade, como não há concepção de homem e sociedade sem uma competência técnica para realizá-la educacionalmente (LIBÂNEO, 2001, p.2).

Assim, cabe à Didática a função de cuidar dos objetivos, condições e modos de realização do processo de ensino-aprendizagem. Processo esse que, para Libâneo (2001, p.3), “é o núcleo da atividade docente é a relação ativa do aluno com a matéria de estudo, sob a direção do professor”. Ao falar em relação ativa, o autor se refere a “atividade independente, autônoma e criativa do aluno” combinada com o papel mediador do professor.

Portanto, para que a educação se dê de forma plena, é preciso aliar os conhecimentos provenientes das especificidades de cada área do conhecimento aos conhecimentos acumulados pela Didática. Deste modo, na educação formal é imprescindível que o professor tenha consciência dessa necessidade e busque novas possibilidades diante das demandas que vivencia cotidianamente no seu ambiente de ensino.

Em razão dessas demandas, a Didática “precisa incorporar as investigações mais recentes sobre os modos de aprender e ensinar e sobre o papel mediador do professor na preparação dos alunos para o pensar” (LIBÂNEO, 2004, p. 6). São esses conhecimentos da Didática que irão contribuir com a prática docente. Mesmo que o professor não tenha tido na sua formação a possibilidade desse tipo de conhecimento é fundamental que ele busque incorporá-los ao seu arcabouço teórico.

Outra questão essencial que o autor levanta, e que a Didática se ocupa, é a importância do papel mediador do professor no processo de ensino-aprendizagem. Vista que é através da mediação docente que o professor dispõe possibilidades e condições, aos alunos, para a aquisição de conhecimentos científicos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas.

Não queremos aqui colocar toda a responsabilidade da aprendizagem dos alunos sobre o professor, e muito menos a desmotivação dos sujeitos que estão presentes no ambiente escolar. Sabe-se que existem muitos fatores que influenciam na realidade do ensino público goianiense, e que desvirtuam o verdadeiro sentido da educação. Como explanado por Nóvoa (2003, p.33) “[...] não queremos cair na desmedida de pensar que tudo passa pelo professor, mas não podemos pôr entre parênteses a importância da sua acção como pessoa e como profissional”.

Porém, o que realmente instiga são os fatores presentes cotidianamente na prática de ensino e que interferem no trabalho do professor e nas suas emoções. No entanto, acredita-se que o professor de Geografia tem a grande responsabilidade de formar sujeitos críticos, os quais compreendam a sociedade em que vivem, ou seja, contribuir na formação de cidadãos, e

para que isso ocorra de forma plena o professor precisa estar se sentindo bem emocionalmente, e precisa ter uma boa formação tanto na sua área de conhecimento quanto no que se refere aos conhecimentos pedagógico-didáticos.

Portanto, a aprendizagem do aluno está condicionada a todo um entrelaçamento de processos, inclusive aos seus próprios fatores emocionais, e o professor não pode ser o único responsabilizado por seu “fracasso”. Entretanto, um professor de Geografia que assuma seu papel mediador dentro do processo de ensino-aprendizagem e que busque uma formação continuada, que lhe dê subsídios para desempenhar uma prática de ensino embasada teoricamente, com certeza será um profissional mais motivado.

Libâneo (2004) destaca a escola como sendo o lugar da mediação cultural, é a instância necessária para a democratização intelectual e política. Ele afirma também que a política educacional deve ser inclusiva, e que para isso se concretizar é necessário uma atividade que considere a aprendizagem como elemento fundamental da escola, tendo como base o desenvolvimento do pensamento teórico, e que leve em conta as motivações dos alunos.

Um professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida. Sem essa disposição, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas, relacionados com os conteúdos, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa (LIBÂNEO, 2001, p. 3).

Mais precisamente, “será fundamental entender que o conhecimento supõe o desenvolvimento do pensamento e que desenvolver o pensamento supõe metodologias e procedimentos sistemáticos do pensar” (LIBÂNEO, 2001, p.4). O que significa, em outros termos, que o professor precisa estimular as capacidades investigadoras dos alunos de modo a auxiliá-los a desenvolver competência e habilidades mentais.

Para que o professor de Geografia consiga exercer seu papel de mediador na sua prática docente é preciso que ele tenha uma boa formação. Portanto, é necessário que o professor esteja atento aos conhecimentos que ele já possui e que busque complementar sua formação para adquirir os instrumentos imprescindíveis e assim desempenhar sua atividade docente com segurança, construindo assim, sua identidade enquanto professor de Geografia.

2.3 A identidade do professor de Geografia

A opção pela abordagem da temática identidade do professor de Geografia se deve aos próprios professores participantes da pesquisa que, em momentos diversos da entrevista, que poderão ser encontradas nos próximos capítulos, fizeram referências explícitas à questão da identidade do professor enquanto um profissional docente, ou seja, a importância de se considerar a docência como uma profissão. Nesse sentido, os docentes participantes da pesquisa compreendem que o professor precisa ver a docência como sua única atividade profissional e não como um “bico”.

Sabe-se que a Geografia Escolar tem como um de seus principais objetivos direcionar para que os estudantes desenvolvam um pensamento teórico que propicie a crítica e a autonomia, (CAVALCANTI, 2005), o que enfatiza a importância do papel do professor na condução desses objetivos e a importância da compreensão das questões que estão presentes na sua prática docente. Portanto, a partir da prática do professor podemos compreender seu universo pessoal.

Nesse contexto, precisamos assumir que a docência é uma atividade complexa, que exige tanto uma preparação cuidadosa, como singulares condições de exercício, o que pode distingui-la de algumas outras profissões. Ou seja, ser professor não é tarefa que qualquer um faz, pois a multiplicidade de saberes e conhecimentos que estão em jogo na sua formação, exige uma dimensão de totalidade, que se distancia da lógica das especialidades [...] (CUNHA, 2006, p.59).

Ao discorrer sobre o profissional docente é fundamental que se compreenda que não é possível separar suas dimensões pessoais e profissionais. O profissional docente antes de qualquer coisa possui uma vida, na qual estão presentes projetos, crenças, atitudes, valores e ideais, características que vão sendo criadas e recriadas a partir não só de sua formação, mas também através de suas práticas. Portanto, é imprescindível a valorização da dimensão pessoal do profissional docente, não só nas pesquisas sobre o ensino, mas também dentro do ambiente escolar, vista que a forma como o professor vive sua profissão é que possibilitará a construção da sua identidade profissional.

A identidade do professor deve ser vista como um processo, o professor não tem uma identidade profissional, ele vive um processo de construção da sua identidade. Esse processo perpassa toda sua atividade profissional e é composto por lutas e conflitos que vão construindo as formas de “ser e de estar na profissão” (NÓVOA, 2003, p.34). Para Nóvoa não existem professores iguais, pois a identidade que cada pessoa constrói como educador baseia-se no equilíbrio entre as características pessoais e os percursos profissionais.

Nesse sentido, a identidade do profissional docente é um processo contínuo que perpassa toda sua trajetória profissional, sua construção tem início na graduação e tem continuidade durante toda atividade do professor.

Uma identidade profissional constrói-se [...] pelo significado que cada professor, como ator ou autor, confere à atividade docente no seu cotidiano com base em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, sua história de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor, bem como em sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (PIMENTA, 1997, p.42).

De acordo com Pimenta, os diversos momentos e acontecimentos da vida do professor são responsáveis pela construção dessa identidade docente. Portanto, a constituição da identidade docente também é influenciada pelos desejos, pelas necessidades e pelos motivos dos indivíduos. O que reafirma que cada professor é responsável pela construção de sua identidade, tornando-a totalmente subjetiva.

A prática docente do professor aliada à sua vivência cotidiana dentro e fora do ambiente escolar constituem as condições para a construção da identidade do professor. O professor inicia a construção da sua identidade profissional antes mesmo de entrar na Universidade, sua história de vida, as escolhas feitas durante toda sua vida, também influenciam na sua constituição enquanto docente, posteriormente, quando já atua o professor é influenciado pelos alunos, pelos colegas de trabalho, pela realidade que presencia, enfim, por inúmeros fatores que possibilitarão suas escolhas docentes.

A qualidade da formação dos professores é algo que afeta diretamente no processo identitário. Cabe então, ao profissional docente atuante, concientizar-se de seu papel na sua própria aprendizagem e com isso direcionar sua formação buscando valorizar os pontos

positivos que a Universidade lhe possibilitou, e complementar sua formação a partir de seu próprio esforço.

2.4 Formação continuada: uma alternativa para o professor de Geografia na busca de sua motivação

Decidiu-se por discutir aqui a temática da formação continuada devido sua grande incidência nas entrevistas, as quais poderão ser observadas nos próximos capítulos.

O exercício profissional deve ser visto como parte inerente e necessária ao processo de formação docente. Nesse caso, a escola deve ser o local da prática dos professores, compreendida como um lugar de produzir conhecimentos e de aproveitamento das experiências de vida dos professores no processo de ensino-aprendizagem. O professor precisa ter autonomia para que possa construir sua ação profissional, o que depende, também, da atuação da escola como parceira do professor. Castellar (1999, p. 50) expõe a necessidade “[...] de o professor ter uma formação que lhe permita autonomia e reflexão para definir o que será dado e como ocorrerá o processo de aprendizagem do aluno”.

Portanto, o professor precisa comprometer-se com a construção coletiva da conscientização do trabalho realizado na escola, bem como com o aprimoramento de seus conhecimentos gerais e específicos. O que coloca a formação continuada dos professores como um caminho possível para o processo de revalorização da educação formal.

A formação do profissional docente não se dá de forma linear, ela é resultado de muitas e diferentes influências que se dão na infância, na formação escolar e na formação profissional. Assim, a linearidade do processo não significa um modelo de formação.

Trata-se, primeiramente, de perceber o processo de formação dos professores de uma forma muito mais ampla, entendendo-o como o que autores, nacionais e estrangeiros, vêm chamando de *processo de desenvolvimento profissional docente*, que incorpora a idéia de percurso profissional, não como uma trajetória marcada por fases e momentos nos quais diferentes fatores (sociais, políticos, pessoais, familiares) atuam, não como influências absolutas, mas como facilitadores ou dificultadores do processo de aprendizagem da profissão (GIOVANNI, 2003, p.209).

A formação contínua refere-se ao compromisso do professor com seu desenvolvimento pessoal e profissional. Esse compromisso do professor com sua formação é que irá lhe possibilitar uma atuação docente efetiva. Portanto, a formação do professor de Geografia é um ponto essencial para a compreensão dos motivos que permeiam sua ação docente.

Outro fator a ser considerado na formação contínua do profissional docente é a qualidade. Uma boa formação não é determinada pela quantidade, mas sim pela qualidade, ou seja, não basta para ser um bom profissional que se façam muitos cursos, faz-se necessário que o conhecimento seja adquirido de forma reflexiva, de forma crítica, sempre aliando teoria e prática.

O professor precisa então assumir uma postura investigativa, seu papel deve ser de professor pesquisador. Pensar o professor enquanto pesquisador não significa necessariamente perceber esse sujeito como um cientista ou acadêmico, mas sim enquanto um sujeito que produz conhecimento sobre a sua própria prática, ou seja, sobre a prática escolar goianiense.

Uma adequada formação continuada não deve ocorrer de forma fragmentada, ela deve dar-se de forma contínua, de forma articulada e num processo permanente. A realização de cursos de maneira solta não se constitui em uma real formação continuada do profissional docente.

A formação continuada do professor ou a também chamada formação do professor “em serviço”, rompendo com a visão anterior de “cursos de reciclagem”, reforça a idéia de legitimidade de um saber, o “saber docente”, que se constrói a partir do ingresso dos sujeitos no mercado de trabalho, ou seja, reafirmando-se a autenticidade de uma formação que se processa em um contexto prático (DINIZ, 2000, p.50).

Diniz defende uma formação continuada que supere os cursos de reciclagem, modelos de formação simplificadores, que não se constituem em momentos de formação significativos. Para esse autor, a verdadeira formação continuada do professor deve ser construída durante sua atuação docente, a partir da sua prática.

Portanto, torna-se fundamental, para o estudo da formação continuada dos professores, considerar sua prática docente cotidiana, refletindo sobre ela e procurando superá-la sempre que necessário. O que encaminha para o seguinte questionamento, o professor de Geografia

pode ser entendido como um pesquisador crítico-reflexivo de sua prática pedagógica? (PIMENTA, 1997)

Para construir seus conhecimentos o professor precisa analisar e refletir sobre sua própria prática, isto é, o pensamento do professor é responsável pela obtenção de conhecimentos sobre o ensino e sobre a profissão docente. Essa concepção do professor reflexivo, ou seja, aquele que reflete constantemente sobre sua prática, é explicitada pela teoria crítico-reflexiva.

Em tal perspectiva, o professor, ao se tornar agente reflexivo de sua prática pedagógica, passa a buscar autonomamente subsídios teóricos e práticos para iluminar questões decorrentes de sua reflexão, retornando a novas ações, que serão submetidas a outras reflexões, e assim sucessivamente. Trata-se de um processo não-linear, de idas e vindas, avanços e retrocessos, cada vez mais amplos e complexos, de reflexão constante para e sobre a ação educativa (AMARAL, 2003 p.153).

Como sugere Amaral, é a partir do que ocorre na prática docente que o professor tem subsídios para refletir e encontrar caminhos e direções para sua atuação. Portanto, ao refletir sobre sua própria prática o professor se depara com situações que consegue resolver e situações que naquele momento não tem como superar.

Essa postura do professor como um sujeito reflexivo é algo profundamente complexo e difícil de ser realizado devido à realidade do ensino público goianiense, qual seja, salas muito cheias, falta de material, excessiva quantidade de turmas na responsabilidade do professor, necessidade de se trabalhar em 2 (dois) turnos, e em alguns casos até mesmo nos 3 (três) turnos, entre outros fatores que dificultam a atitude enquanto professor reflexivo.

Embora não seja objetivo desse trabalho discutir a questão do professor reflexivo, serão citadas 3 (três) atitudes reflexivas relativas ao ensino, deste modo, defendendo a necessidade de estarem contidas na formação dos professores. García (1992) é quem levanta os 3 (três) tipos de atitudes reflexivas relativas ao ensino, são elas: mentalidade aberta, responsabilidade e entusiasmo.

Diante do que García aponta como atitudes essenciais para a prática docente do professor de Geografia, acredito que é papel tanto da universidade quanto da escola possibilitar ao professor condições para realização das atitudes reflexivas, o que a meu ver pode contribuir com mudanças positivas para o processo educacional. Nessa perspectiva,

portanto, o professor precisa refletir sobre a sua prática, pensar nos motivos que perpassam sua atividade docente.

Surge então a seguinte questão, reflexões acerca de experiências observadas no cotidiano do professor contribuirão para a construção de uma prática docente mais significativa? Percebe-se que o professor para ser reflexivo precisa estar em processo contínuo de formação, o que lhe possibilitará construir um pensamento autônomo, capaz de discernir sobre o verdadeiro sentido de seu pensamento e de sua prática.

Como vimos, a formação de um profissional da educação tem início antes mesmo de sua entrada na Universidade e tem continuidade por toda a sua atividade profissional. Assim, o professor deve ser um “eterno aprendiz”, o que lhe possibilitará estar atento as suas necessidades imediatas e futuras, tornando-o capaz de construir-se como um profissional que está sempre em busca de uma formação significativa pra sua prática docente.

2.5 A relevância da motivação do professor de Geografia na sua prática docente

A pesquisa geográfica contemporânea¹³ vive um intrincado movimento de tendências, o que leva a um alargamento de seus estudos e a inclusão dentro de seu saber de novos paradigmas (GONÇALVES, 2002). O que se observa é que esse cenário é uma resposta ao movimento do mundo, são reflexões que o geógrafo faz do mundo. O objeto ao se apresentar conflituoso instiga a pesquisa geográfica.

Uma questão central da pesquisa geográfica contemporânea é a crescente importância que está sendo dada à subjetividade. A subjetividade tornou-se algo essencial, existe a necessidade de se considerar o indivíduo, suas opiniões, sua vivência, suas emoções, sua história de vida, os lugares com os quais estabelece relações. Ideários que entram na Geografia e vão se constituindo como novas possibilidades dentro da pesquisa geográfica.

¹³ PINHEIRO, Antonio Carlos. **O ensino de Geografia no Brasil**: catálogo de dissertações e teses (1967 – 2003). Goiânia: Vieira, 2005. Esse livro é uma versão revisada e atualizada de parte de sua tese de doutorado, apresenta levantamento sistemático, análise e interpretação da produção acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil.

Uma pesquisa sobre os motivos que permeiam a prática docente do Professor de Geografia visa, primordialmente, buscar possibilidades e entendimentos que contribuam para a transformação da realidade. Nesse sentido, a valorização do subjetivo torna-se indispensável. Ao tratar da teoria histórico-cultural da atividade desenvolvimental de Davydov, Libâneo (2004) salienta que:

[...] por detrás das ações humanas estão as necessidades e emoções humanas, antecedendo a ação, as relações com os outros, as linguagens. Isso significa que as ações humanas estão impregnadas de sentidos subjetivos, projetando-se em várias esferas da vida dos sujeitos, obviamente também na atividade dos alunos, na compreensão das disciplinas escolares, no envolvimento com o assunto estudado (LIBÂNEO, 2004, p.27).

A subjetividade tem a ver com nossas necessidades, desejos e motivos, que vêm da nossa cultura intersubjetiva. Visto que o objetivo da escola é a aprendizagem escolar como fator promovedor do desenvolvimento mental, a interação entre os pares, a conscientização social, a possibilidade de transformação da realidade, entre outros, o que está em questão é compreender como o Professor de Geografia concebe que estão se dando essas relações dentro do ambiente escolar, ou seja, entender quais são suas perspectivas e vontades diante do que está posto. Gonzáles Rey, afirma que:

Ao outorgar à emoção um status similar ao da cognição, na constituição dos diferentes processos e formas de organização da psique, Vygotsky está sugerindo a independência das emoções, em sua origem, dos processos cognitivos, e integrando as emoções dentro de uma visão complexa da psique que representa um importante antecedente para a construção teórica do tema da subjetividade (GONZÁLEZ REY, apud LIBÂNEO 2004, p.14).

Tal afirmativa demonstra a relevância do trabalho de Vigotski diante da temática aqui tratada. Vigotski alça a emoção a uma posição que até então lhe era negada, ele a “igualar” a capacidade cognitiva dos indivíduos. Assim, as possibilidades oferecidas pela valorização das emoções conduzem a um leque de probabilidades diante da prática docente do professor de Geografia, não só no que refere as emoções dos alunos, mas principalmente no que se refere as suas próprias emoções.

Deste modo, a proposta deste trabalho gira em torno da compreensão da subjetividade dos Professores de Geografia. Analisar as suas emoções a partir da sua própria concepção. São os próprios professores que irão dizer como concebem a motivação e como se dá a motivação durante sua prática pedagógica, possibilitando, portanto, analisar em que medida suas escolhas e atitudes interferem no processo de ensino-aprendizagem.

* * *

Buscar-se-á, no próximo capítulo intitulado *As concepções dos professores de geografia sobre sua motivação na prática docente*, realizar uma caracterização da área da pesquisa, ou seja, das escolas municipais presentes na Região Sul de Goiânia e num segundo momento serão abordadas as concepções dos professores de Geografia sobre o conceito de motivação.

CAPÍTULO III

AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA SOBRE SUA MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE

Tendo em vista que o objetivo principal deste trabalho é compreender a concepção que os professores de Geografia das Escolas Municipais da Região Sul de Goiânia têm sobre motivação e suas motivações na prática docente, será feito nesse capítulo a análise das concepções dos professores sobre a motivação.

Como já tratado no primeiro capítulo, intitulado de *A construção da prática docente do professor de geografia a partir de contribuições da teoria da atividade*, a partir de concepções sobre motivação; e no segundo capítulo, *Perspectivas didáticas da motivação do professor de geografia nas suas práticas*, a partir de perspectivas didáticas da motivação na prática docente, o bom desempenho do professor no processo de ensino-aprendizagem é um dos objetivos a ser alcançado pela educação formal. Nesse sentido, o passo inicial para a compreensão dos motivos dos professores goianienses em sua prática docente é o levantamento de suas próprias concepções sobre o conceito de motivação.

Na tentativa de alcançar respostas para as indagações quanto ao que os professores de Geografia pensam sobre a motivação, foram aplicados questionários exploratórios em todas as escolas municipais da região sul de Goiânia que possuíam professores com formação em Geografia, ou seja, 16 (dezesseis) professores, como já explicitado anteriormente, na introdução.

Inicialmente, faremos apresentação do lugar de realização da pesquisa, com o intuito de melhor situar o leitor em relação ao lugar onde se localizam as escolas nas quais foram aplicados os questionários da pesquisa, para em seguida discutir as respostas contidas nos questionários em relação às concepções dos professores de Geografia sobre motivação.

3.1 Caracterização geográfica do lugar da pesquisa

Goiânia, fundada em 1933, foi uma cidade planejada para abrigar uma população de aproximadamente 50.000 (cinquenta mil) habitantes, hoje abriga cerca de 1.240.000 (um milhão e duzentos e quarenta mil) habitantes.¹⁴ Situada em uma região de topografia quase plana, Goiânia é uma cidade de localização geográfica central dentro do território brasileiro, fica próxima a Capital Federal e praticamente equidistante de todos os outros Estados brasileiros.

Como defendido por Marinho (2006) Goiânia, atualmente, apresenta uma complexa estrutura urbana, com características de uma metrópole como, por exemplo, o intenso tráfego de pessoas e de veículos, mendicância, violência, poluição, segregação das atividades econômicas e das classes sociais. Consequência de seu acelerado crescimento, estimulado pelas intensas migrações para Goiás na década de 1960, o que para essa mesma autora se deve, principalmente, a construção de Brasília (DF) e a implantação do projeto de expansão da fronteira agrícola para o Centro-Oeste.

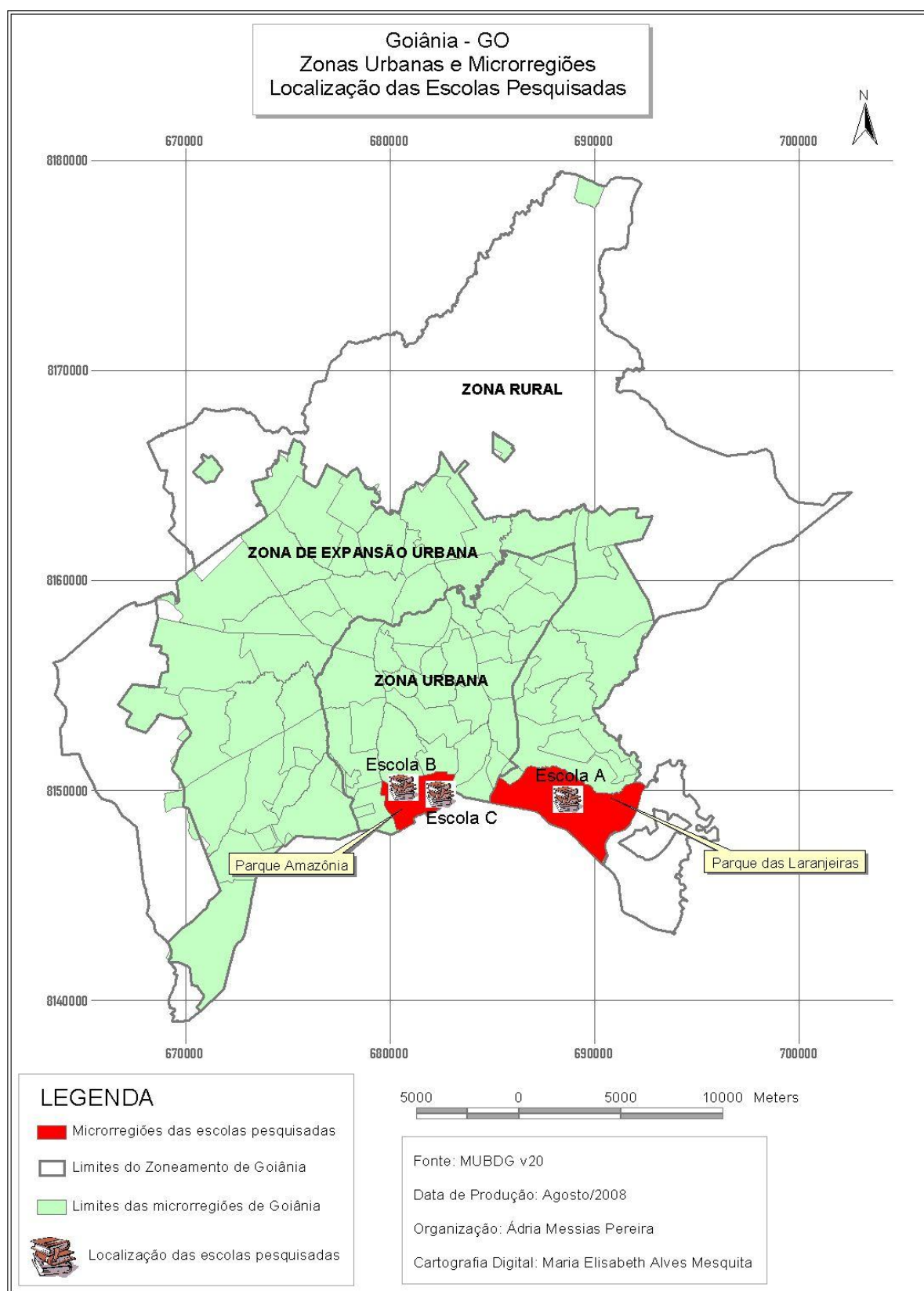
Desde sua fundação, Goiânia apresentou um crescimento direcionado à Região Sul, resultado de processos que envolvem tanto os interesses do Estado quanto os interesses das camadas de alta renda da cidade. No entanto, nem todos os setores que compõem a Região Sul de Goiânia apresentaram o mesmo desenvolvimento, o setor Parque Amazônia,¹⁵ por exemplo, ainda é considerado um bairro periférico (MARINHO, 2002).

As escolas nas quais trabalham os professores de Geografia participantes dessa pesquisa apresentam características que se aproximam e características bastante distintas. Um dos pontos que elas têm em comum é o fato de estarem em áreas periféricas da cidade, ou seja, na microrregião Parque Amazônia e na microrregião Parque das Laranjeiras (figura 2).

A escola A está localizada no Conjunto Fabiana, microrregião parque das Laranjeiras e as escolas B e C se localizam na microrregião Parque Amazônia. As três escolas foram fundadas na década de 1970 e, apesar disso, apresentam uma estrutura razoavelmente conservada. Estão edificadas em áreas que variam entre 3.632 m² à 4.327m².

¹⁴ Estimativas / Contagem de 2007 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁵ Microrregião onde se localizam duas escolas nas quais atuam três dos professores participantes da pesquisa.



Quanto à caracterização física das escolas, faltam-lhe diversos requisitos que poderiam contribuir de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem. Um exemplo de estrutura que falta às escolas são laboratórios, seja de informática, de artes, dentre outros, tendo em vista que os laboratórios poderiam contribuir para que houvesse um embasamento prático após as aulas teóricas. As escolas A, B e C possuem salas de aula, sala para os professores, banheiros, quadra esportiva com cobertura, cozinha, sala para secretaria, depósito para material didático, biblioteca, dentre outros.

No que se refere aos recursos didáticos e tecnológicos, as escolas possuem copiadora, filmadora, máquina fotográfica digital, computadores (sem internet), vídeo cassete, televisores, amplificador de som, mesa de som, microsystem, mini system, retroprojeto, aparelho de DVD, aparelho de Karaokê, microfone, mimeógrafos máquina de escrever elétrica, máquina de xérox e coleções didático/pedagógicas.

A escola A possui cerca de 539 (quinhentos e trinta e nove) alunos matriculados, a escola B cerca de 881 (oitocentos e oitenta e um) e a escola C cerca de 586 (quinhentos e oitenta e seis). O perfil socioeconômico desses alunos revela que são crianças e pré-adolescentes de baixa renda, sendo que a maioria reside no próprio bairro ou em bairros vizinhos à escola. Devido a este fato, problemas como a baixa renda dos estudantes, dificuldades familiares, e outras realidades são comuns nos três ambientes onde trabalham as 5 (cinco) professoras entrevistadas.

3.2 Blocos de análise

Nesse capítulo serão analisados os questionários aplicados aos professores das escolas municipal da Região Sul de Goiânia. As questões que compõem esse questionário foram divididas em 6 (seis) blocos de análise para que se compreendessem com maior profundidade as concepções dos professores e também para que fosse possível eleger, a partir de uma ordem de importância dos questionamentos, os professores que iriam participar da etapa seguinte da pesquisa, ou seja, as entrevistas.

Nesse sentido, os blocos de análise do questionário terão a seguinte ordem: Primeiro bloco - professor que se considera um profissional motivado; Segundo bloco - professor que considera importante a motivação do aluno; Terceiro bloco - professor que tem interesse em participar da pesquisa; Quarto bloco - concepções dos professores no que se refere a aliar ensino e pesquisa; Quinto bloco- concepções dos professores sobre a existência de conteúdos geográficos mais motivadores; Sexto bloco- análise do conceito de motivação dado pelo professor.

3.2.1 Professor que se considera um profissional motivado

Você se considera um professor (a) motivado? Essa foi a pergunta feita aos professores de Geografia, com formação em Geografia, das escolas municipais da Região Sul de Goiânia. Tal questionamento foi feito com o intuito inicial de descobrir realmente se aquele profissional, apesar de todos os problemas que estão postos na realidade escolar, ainda se considerava motivado para o processo de ensino aprendizagem. E posteriormente, como primeiro critério para escolha dos 5 (cinco) indivíduos participantes da etapa seguinte da pesquisa, tendo em vista que é imprescindível que o sujeito se veja como participante e como possibilitador de mudanças.

Quantitativamente podemos dizer que a grande maioria dos professores questionados se consideram motivados ou passam por momentos de motivação e por momentos de desmotivação. Dos 16 (dezesseis) professores participantes da pesquisa 9 (nove) se consideram profissionais motivados, 6 (seis) professores relacionam sua motivação com momentos específicos da prática docente e apenas 1 (um) professor não se considera motivado, diz já ter sido, mas que atualmente não se considera.

Esse resultado demonstra que o professor, de uma forma geral, vai para o mercado de trabalho motivado, e com a expectativa de contribuir com mudanças positivas no cenário educacional. Podemos concluir com essas respostas que mesmo o professor que não se considera mais motivado já se considerou um dia, provavelmente, no período inicial de sua carreira, e podemos compreender também que mesmo com a existência de empecilhos há

motivação desses professores de Geografia, os que não se consideram profissionais totalmente motivados possuem momentos importantes, nos quais a motivação possibilita atitudes reais de mudanças.

Tal afirmativa se torna visível ao examinarmos respostas como estas:

“Ora sim, ora não. Faço um bom trabalho na escola, mas quando sai o pagamento: fico em baixo astral, desmorono por alguns dias e levanto a cabeça, começo tudo de novo...”

“Às vezes. Carga horária de trabalho grande, a turma não se mostra interessada em ouvir, escrever, falar sobre o conteúdo, na maioria das vezes, não existe acompanhamento em casa, por parte dos pais”.”

As respostas explicitadas acima demonstram algumas problemáticas essenciais para a educação formal, primeiramente a questão salarial que é sabidamente uma questão política, que envolve uma série de questões, mas principalmente a desvalorização dessa categoria profissional por parte do poder público, existe um discurso de importância da escolarização, no entanto, as condições de trabalho do professorado não são realmente objeto de atenção. Essa problemática talvez seja a desencadeadora das demais, visto que a satisfação das necessidades básicas do indivíduo são imprescindíveis para seu bom desempenho (MASLOW, 1968). Um profissional que não ganha o suficiente para possibilitar a sua família boas condições de vida, provavelmente, vai ter mais dificuldade em se manter motivado.

Outra problemática considerada desmotivadora pelos professores é a pouca participação dos pais dos alunos nas suas vidas acadêmicas. Esse é um ponto muito levantado pelos professores nos diversos momentos da pesquisa, existe um consenso em relação a essa questão, para os professores ela desencadeia diversos problemas, dentre eles o desinteresse do aluno e a dificuldade em aprender. Na maioria dos casos os pais deixam exclusivamente por conta da escola a educação dos filhos, o que para os professores se torna impossível de acontecer, segundo eles, sem a colaboração dos pais o processo de ensino-aprendizagem fica profundamente dificultado.

Os professores também consideram como fator desmotivador a excessiva carga horária de trabalho. Para eles, esse fator coíbe uma característica essencial do bom professor que é a preparação das aulas. São tantas aulas, tantas turmas, tantos alunos, que o professor não tem tempo para planejar suas atividades pensando nos sujeitos do processo, mas sim no todo, o

que o leva a realizar uma prática docente “mecânica”, ou seja, que desconsidera as subjetividades e emoções dos indivíduos.

As afirmativas anteriores não podem ser generalizadas para todos os professores de Geografia, muito pelo contrário, existem posições que discordam que as problemáticas levantadas sejam fatores que levam à desmotivação. Para muitos professores são problemas reais que interferem no seu desempenho docente, mas que não afetam os motivos do professor, por isso se consideram atores ativos e motivados do processo de ensino-aprendizagem, como podemos confirmar com as respostas a seguir.

“Sim, escolhi a profissão dos meus ideais, tanto é que estou com anos acumulados sem pedir aposentadoria”.

“Sim. A cada dia que entro em uma sala de aula me sinto motivado a estimular meus alunos a aprender mais”.

“Sim, pois sinto prazer no que faço, apesar das agruras da profissão”.

“Sim. Se o professor não estiver motivado, também não pode buscar ou exigir motivação no aluno”.

“Sim, isto é, procuro fazer o possível para ser, mesmo diante de tantas situações que contrariam a motivação”.

A posição diante desta reflexão não consiste em desconsiderar os problemas existentes na educação formal e, especificamente, na educação que ocorre nas escolas municipais da cidade de Goiânia. Muito pelo contrário, concorda-se com os professores quanto a suas reclamações, e acredita-se que a classe de professores precisa se organizar ainda mais e lutar por seus direitos junto ao poder público, e que cabe à Universidade colaborar e munir esses professores de instrumentos potencializadores para esse debate. No entanto, o que propõe-se através desse trabalho não é tentar resolver as problemáticas que desmotivam os professores, mas sim detectá-las e demonstrar caminhos e possibilidades metodológicas diante desse cenário, ou seja, o que os professores de Geografia dizem fazer para que o processo de ensino-aprendizagem seja mais significativo hoje, diante do que está posto para a educação formal goianiense.

Pretende-se, assim, mostrar a realidade da prática docente do professor de Geografia das escolas municipais da Região Sul de Goiânia, os problemas existentes, e demonstrar que existem professores que conseguem, de alguma forma, suplantam essa realidade e

desempenhar seu papel de mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento, ou seja, possibilitar um processo significativo para o aluno e para si mesmo.

3.2.2 Professor que considera importante a motivação do aluno

Você considera que o interesse do aluno em aprender deve ser fator de preocupação do professor? Diante desta questão as respostas dos professores foram unânimes, todos concordam que o interesse do aluno é importante, no entanto, apenas alguns fizeram referência à importância do professor estar atento ao interesse do aluno. Quantitativamente dos 16 (dezesseis) professores de Geografia questionados, a metade, ou seja, 8 (oito) se referiram apenas à importância do aluno ser interessado, e a outra metade se referiu à importância do professor estar preocupado com o interesse do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Dentre as respostas que se referem apenas à importância do interesse do aluno, consideramos que suscitam 3 (três) pontos relevantes. Um grupo de respostas levanta a relação entre o interesse do aluno e a motivação do professor.

“Muito importante o interesse do aluno em aprender, pois isso pode motivar ou não o professor”.

“Sim, o interesse do aluno é fundamental para que o professor faça um bom trabalho”.

Assim, a motivação do professor está diretamente relacionada à atitude do aluno, portanto se o aluno não está atento à aula, se ele não é participativo, se suas atitudes são “negativas”, na concepção do professor a motivação na prática docente fica prejudicada.

Outro ponto levantado é que o interesse deve ser intrínseco ao aluno, ele deve estar nele, deste modo não é papel do professor torná-lo interessado, mas sim incentivá-lo a manter o interesse.

“Se o aluno tem interesse, o prof^o deve incentivá-lo a ir sempre mais além no conhecimento cultural e científico”.

Essa perspectiva também demonstra a concepção de professores de Geografia sobre a motivação, pois ela é contraditória ao mesmo tempo em que a motivação é considerada algo individual e que não é papel do professor motivar os alunos, a segunda parte da resposta nos leva a indagar tal perspectiva, tendo em vista que é colocado como responsabilidade do professor incentivar os alunos a *“irem mais além”*, nesse sentido, acreditamos que mesmo considerando a motivação um fator intrínseco o professor considera importante que o professor reforce positivamente a motivação do aluno.

O terceiro ponto levantado refere-se exclusivamente a está resposta:

“Sim em parte, pois ajuda no objetivo final”.

Qual seria o intuito da resposta *“sim em parte”*? Compreendemos que nessa perspectiva se considera que o interesse do aluno não é importante em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem. Tal compreensão nos levaria a outra concepção sobre a motivação, que ela é importante, mas que é possível ocorrer o processo de ensino-aprendizagem sem ela. Surge então um questionamento de nossa parte, como se daria esse processo sem a motivação? E principalmente, quais seriam os resultados obtidos pelo professor?

Não temos respostas a esses questionamentos, e tão pouco estamos afirmando que não seja possível que o processo de ensino-aprendizagem ocorra sem a motivação. Estamos apenas tentando levantar pontos para a discussão dessa questão, pois é a partir de indagações sobre a forma como se dá esse processo que poderemos chegar a avanços.

Quanto às respostas que fizeram referência à importância do professor estar atento ao interesse do aluno temos aquelas que relacionam o interesse do aluno à possibilidade de aprendizagem.

“Sim, até porque esse é o verdadeiro papel do professor, se o aluno não vê significado na aprendizagem, ela não se efetiva”.

Ao contrário do que observamos na perspectiva citada anteriormente, esses professores consideram que é papel do professor motivar seus alunos, e que é a partir dessa motivação que o aluno conseguirá ver a importância da aprendizagem, ou seja, dar significado ao processo de ensino-aprendizagem.

Outra questão levantada pelos professores é a questão da formação acadêmica.

“Sim, e acho que os cursos de formação para professores deveriam ser reformulados, dando mais subsídios aos futuros professores nesta área”.

Essa concepção levanta outro ponto relevante que é a deficiência na formação dos professores quanto à questão emocional. Na universidade aprende-se muitas coisas, mas não se aprende como lidar com as emoções no ambiente escolar, será que seria importante aprender como motivar os alunos? Sabemos que essas questões são levantadas, mesmo que implicitamente, no entanto, segundo a concepção dos próprios professores, essa abordagem não é suficiente, então o que fazer para mudar essa realidade?

Os professores também nos dão concepções totalmente favoráveis à motivação, como podemos perceber com essa resposta:

“Sim, na escola, a motivação deve estar na avaliação como um determinante na aprendizagem do educando. Um aluno motivado torna-se ativo no processo de aprendizagem, persistindo em atividades desafiadoras, usando ou criando novas estratégias, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de análise crítico-reflexiva. Os sujeitos envolvidos no processo educacional podem apresentar ou trabalhar com estratégias promotoras de motivação intrínseca e extrínseca em situações de aprendizagem escolar, oferecendo uma riqueza de possibilidades para o processo didático-pedagógico”.

A fala acima coloca várias possibilidades de compreensão, inicialmente leva o leitor novamente à concepção de que a motivação está relacionada à aprendizagem do aluno. Por conseguinte, levanta as diversas possibilidades dadas ao aluno no processo de ensino-aprendizagem, a partir da motivação, dentre elas se tornar um sujeito ativo do processo, ser corajoso, ser criativo, desenvolver a criticidade e a reflexão e, além disso, sucinta a relevância da motivação interna (própria do indivíduo) e da motivação externa (beneficiada pela

participação de indivíduos mais capacitados), e a importância do professor de Geografia considerar os processos didático-pedagógicos na sua prática docente.

No entanto, o ponto mais relevante dessa resposta é essa concepção de motivação dada.

“Os sujeitos envolvidos no processo educacional podem apresentar ou trabalhar com estratégias promotoras de motivação intrínseca e extrínseca em situações de aprendizagem escolar, oferecendo uma riqueza de possibilidades para o processo didático-pedagógico”.

Na concepção dessa professora, a motivação pode ocorrer tanto pelo próprio indivíduo quanto pela colaboração do professor, ou seja, o aluno pode se sentir motivado por conta própria, seja por um grande interesse em aprender, seja pela contribuição familiar, independentemente do motivo o aluno já chega ao ambiente escolar se sentindo motivado. E também pode ocorrer o contrário, o aluno pode chegar desmotivado, e as atitudes do professor, ou mesmo dos demais componentes do ambiente escolar, ser um fator motivador e, nesse sentido, o professor poderia ser um desencadeador do interesse do aluno, e estaria contribuindo também com sua própria motivação.

Portanto, nessa concepção a motivação é beneficiada tanto pelos fatores internos quanto pelos fatores externos, são os variados momentos do processo de ensino-aprendizagem que determinam quando o professor deve considerar um ou outro.

3.2.3 Professor que tem interesse em participar da pesquisa

Você tem interesse em participar de uma pesquisa acadêmica? As respostas a essa questão variaram em 4 (quatro) tipos, aqueles que disseram se interessar em participar da pesquisa, aqueles que responderam não se interessar, os que disseram se interessar mas com ressalvas e aqueles que não entenderam a pergunta e encararam o termo pesquisa acadêmica de outras formas.

Na tabulação das respostas a essa pergunta, percebemos que dos 16 (dezesesseis) professores, 7 (sete) se disseram interessados em participar da pesquisa que foi explicitada a eles no momento do esclarecimento do questionário proposto, ou seja, essa pesquisa. Desses professores 2 (dois) disseram não ter interesse em participar da pesquisa, apenas com um não, sem se preocupar em darem justificativas. E 4 (quatro) dos professores disseram ter interesse em participar, mas apresentaram a questão do tempo como empecilho.

E 3 (três) professores não entenderam a pergunta, apesar de ter sido explicado no momento da entrega do questionário de qual pesquisa se tratava, e consideraram como se fosse uma pesquisa que eles próprios fossem realizar.

“Sim, estou afastada e sinto que preciso”.

“Sim, pois estou interessada em reciclar e aprimorar meus conhecimentos em minha área de atuação”.

Tais respostas demonstram que alguns professores estão preocupados com sua formação continuada, que se sentem motivados para aprimorar seus conhecimentos, o que demonstra seu interesse por sua profissão e principalmente seu interesse pelo ensino.

Um dos professores, no entanto deu a seguinte resposta:

“Sim, Turismo em pequenas cidades principalmente Turismo religioso”.

O que coloca uma indagação importante, o professor realmente entendeu o que estava sendo perguntado no questionário? Ou seu desinteresse foi tão grande que nem mesmo procurou compreender a pergunta? Afinal, o que ganharia respondendo o questionário? Isso não faz parte do seu trabalho, ocupou um período no qual ele poderia estar descansando. Os trabalhos desenvolvidos pela universidade estão tão distantes do professor que ele não consegue se colocar como sujeito da pesquisa e muito menos compreender em que medida as pesquisas acadêmicas podem contribuir com sua prática docente. Na maioria dos casos acreditam que não existe contribuição, afinal o pesquisador vai à escola, faz a pesquisa e pronto, os resultados ficam na Universidade, e o professor? O retorno não é imediato, acredita-se ser este um fator profundamente desmotivador para o professor, talvez este seja o principal motivo que faz com que alguns professores não tenham o mínimo interesse em

contribuir com um trabalho acadêmico, isso porque o retorno esperado por eles, na maioria das vezes, não chega.

3.2.4 As concepções dos professores no que se refere a aliar ensino e pesquisa

Você considera importante aliar ensino e pesquisa? As respostas a essa questão foram unânimes, todos os professores disseram achar importante aliar ensino e pesquisa. Quantitativamente podemos dizer que dos 16 (dezesesseis) professores que responderam o questionário, apenas 3 (três) não deram explicação da resposta positiva. 5 (cinco) dos professores relacionaram sua resposta com a importância de se aliar ensino com pesquisa acadêmica e 8 (oito) dos professores relacionaram a pesquisa com a realizada no âmbito escolar.

Assim, como pode-se perceber, as respostas se diferenciaram na explicação dada ao termo pesquisa, alguns professores consideraram a pesquisa como aquela realizada na universidade, como uma possibilidade de retorno ao âmbito universitário, principalmente no que concerne a pesquisas de pós-graduação, e outros professores viram como aquela realizada na escola, pelos professores, pelos alunos ou realizada conjuntamente entre professores e alunos, ou seja, a partir de uma perspectiva cotidiana.

Dentre as respostas que relacionam o termo pesquisa com a acadêmica considero profundamente relevante com o tema tratado, as seguintes respostas:

“Sem dúvida, a pesquisa possibilita ao professor uma maior motivação para a prática cotidiana”.

“Sim, pois só assim o professor fica atualizado e poderá motivar seu aluno, porque terá condições de trabalhar com a realidade do aluno”.

Compreende-se, com essas respostas, que o professor, de uma forma geral, sente a necessidade de se atualizar e encara a pesquisa acadêmica como a melhor forma para que isso ocorra. Observa-se também que esses professores consideram a pesquisa como uma condição

motivadora, ou seja, como um caminho para que o professor tenha mais motivos positivos para sua prática docente.

As respostas também encaminham para outro ponto interessante que são as metodologias de ensino, ao que parece na concepção desses professores é a partir da pesquisa e da atualização que os professores serão munidos de instrumentos potencializadores de sua prática. Portanto, seriam levados através da realização de uma pesquisa e da proximidade com o ambiente acadêmico a terem condições de realizar um ensino diferenciado, como podemos perceber com essa frase:

“Considero e acredito que é através da pesquisa que encontramos novos rumos ou novos caminhos”.

Ainda tendo em vista a primeira perspectiva, essa é outra resposta interessante e profícua.

“Sim. É importante e ainda existem poucas pesquisas no âmbito educacional realizadas por professores que atuam no ensino fundamental e ensino médio. No meu caso, considero vital para que o processo de ensino e aprendizagem desperte a motivação e proponha novos desafios aos alunos e professores”.

Temos aqui outro ponto de vista interessante, a importância do professor que atua na rede básica de ensino ser um pesquisador, afinal sua vivência lhe possibilita uma grande capacidade de análise da realidade e principalmente a competência de levantar propostas reais de mudança. E como a própria professora salienta, essa atuação leva ao despertar do interesse do professor e coloca diversas possibilidades para a educação formal e para a realidade individual do professorado.

Entretanto, como foi levantado anteriormente, a maior parte dos professores compreendeu o termo pesquisa como aquela realizada pelo professor e pelo aluno para as atividades em sala de aula, dando respostas do tipo:

“Sim, pesquisa é um complemento importante para o conhecimento”.

“Sim, a pesquisa motiva o aluno a descobrir algo que não está incluso no livro didático ou outros”.

“É sempre importante aliar ensino e pesquisa, pois é através da pesquisa que o aluno aprimora seus conhecimentos”.

“Sem dúvida nenhuma, visto que o aprendizado ocorre com mais facilidade em razão de um contato maior com o objeto de estudo”.

“Muito, pois a pesquisa estimula a busca do conhecimento”.

Pode-se perceber que o professor ao ter essa compreensão de pesquisa está pensando principalmente no processo de ensino-aprendizagem. Poderia se dizer, na análise dessa resposta, apenas que esses professores não entenderam a pergunta, tendo em vista que ao construí-la pensamos no termo pesquisa como as realizadas no âmbito acadêmico, sobre a educação, de forma geral, e especificamente, sobre o ensino de Geografia, e nesse sentido a importância do professor do ensino básico utilizar desse arcabouço teórico na sua prática docente. No entanto, percebe-se a partir dessa perspectiva dos professores o quanto o conhecimento obtido através da experiência é importante, afinal, como os próprios professores levantaram: a pesquisa realizada nas atividades de ensino é um importante fator motivador.

Essa é outra resposta que apresenta bastante relevância.

“Sim muito, porém as escolas, de modo geral, não contam com bibliotecas nem acervo de livros necessários à pesquisa, sem falar que falta até mesmo espaço físico para sala de leitura”.

Além de colocar a importância da pesquisa escolar para o processo de ensino-aprendizagem, essa resposta levanta a problemática da infra-estrutura. Entende-se essa realidade ao visitarmos todas as escolas municipais da região sul de Goiânia, realmente o ambiente da maioria das escolas não é o mais adequado, salas de aula insuficientes e pequenas para a quantidade de alunos, bibliotecas muito pequenas e com pouco acervo, além de não possuírem ambiente adequado para leitura, devido ao barulho, enfim, um ambiente físico deficitário.

Como pode-se perceber com as respostas a essa pergunta, a motivação do professor na sua prática-docente pode ser beneficiado quando se alia ensino e pesquisa, independente se isso ocorre a partir das contribuições das pesquisas acadêmicas para o ensino e vice-versa, ou se isso ocorre a partir das contribuições do que estamos chamando aqui de pesquisas escolares para o processo de ensino-aprendizagem e dessa forma para o desenvolvimento do aluno e do

professor. Portanto, conclui-se que aliar ensino e pesquisa é importante fator motivador para a prática docente do professor de Geografia.

3.2.5 A concepção dos professores sobre a existência de conteúdos geográficos mais motivadores

Você considera que existem conteúdos geográficos mais motivadores? Essa questão foi feita com o intuito de compreender como os professores vêem a questão do conteúdo geográfico a partir de uma perspectiva motivacional, ou seja, perceber a partir de suas respostas se eles vêem os conteúdos a partir de seu ponto de vista ou a partir do ponto de vistas dos alunos, se estão preocupados com seus interesses pessoais ou com o interesse dos alunos. Nesse sentido, percebe-se, a partir das respostas dos professores, que existem quatro tipos de posicionamentos.

Num primeiro posicionamento verifica-se que 10 (dez) dos 16 (dezesesseis) professores responderam que sim, consideravam que existem conteúdos geográficos mais motivadores, no entanto, 3 (três) entre esses professores deram suas respostas a partir da perspectiva do que eles pessoalmente tinham mais interesse e consideravam como conteúdos mais motivadores.

“Sim, a Geografia Crítica por possuir inúmeras correntes mostrando as transformações do mundo atual, preocupada com a justiça social”.

“Sim, principalmente em Geografia humana. A Geografia física, apesar de importante não está tão próxima dos alunos”.

“Sem sombra de dúvida, até mesmo o profissional se envolve mais com alguns conteúdos do que outros”.

Tais respostas demonstram que os professores possuem preferências pessoais e gostam mais quando tratam de determinados assuntos, o que pode estar relacionado com suas preferências no período de sua formação inicial, no entanto, isso não significa dizer que não abordam todos os conteúdos em suas aulas, entretanto quando trata de um conteúdo que considera mais interessante o faz com maior desenvoltura e motivação.

O segundo posicionamento refere-se aos demais professores que responderam considerar que existem conteúdos mais motivadores, ou seja, 7 (sete) professores. Eles deram suas respostas a partir da perspectiva dos alunos, relacionando os conteúdos mais motivadores àqueles que possuem uma maior relação com a realidade, com o cotidiano dos alunos, dando respostas do tipo:

“Sim. Os alunos gostam de conteúdos relacionados de forma bem direta com aquilo que conhecem ou vivenciam. Participam, comentam e contribui com informações na sala de aula!”

“Sim. Os conteúdos mais próximos da realidade dos alunos se tornam mais motivadores tanto para os alunos quanto para os professores”.

“Sem dúvida, porque alguns conteúdos são melhores assimilados, os alunos mostram-se mais interessados e envolvidos”.

“Acredito principalmente conteúdos que fazem parte do cotidiano deles”.

As respostas desses professores abrem uma reflexão sobre esse assunto, ou seja, a importância de se relacionar os conteúdos geográficos com os conhecimentos cotidianos, com a vivência dos alunos. Segundo a resposta desses professores, o conteúdo, e consequentemente a aula, se tornam mais interessantes quando o professor está atento a essa questão, relacionar os conhecimentos científicos com os conhecimentos cotidianos leva o aluno a uma compreensão mais ampla do processo, e o leva a ter o desejo de saber mais sobre o assunto, o aluno se sente participante do conteúdo e consegue perceber que o conteúdo interfere diretamente na sua vida.

Um terceiro grupo de professores, 4 (quatro), consideram que não existem conteúdos geográficos mais motivadores, apresentam o argumento de que todos os conteúdos geográficos são motivadores e que a diferença está na faixa etária dos alunos e na forma como eles são abordados pelos professores.

“Creio que todos os conteúdos de uma forma ou de outra são motivadores. É claro que existem uns que em determinadas faixas etárias parecem mais atrativos. Talvez seja pela maneira como são repassados”.

“Sim, a geografia de um modo geral é interessante”.

“Não, todos são conforme o enfoque que se dá”.

“Não, pois o que motiva não são necessariamente os conteúdos, mas como os mesmos são abordados”.

Essas respostas levantam 2 (dois) pontos importantes, primeiramente a perspectiva de que a motivação está relacionada com a faixa etária do indivíduo, ou seja, o interesse por determinados conteúdos depende da idade do aluno, então para que ele se sinta motivado em aprender ele precisa sentir a necessidade daquele conteúdo para sua vida.

Outro ponto levantado refere-se à forma como o professor aborda os conteúdos, nessa perspectiva a motivação do aluno em relação aos conteúdos fica na dependência do professor, cabe ao professor o papel de motivador. Na fala citada anteriormente, “*mas como os mesmos são abordados*”, podemos perceber que a questão metodológica entra em cena, percebemos então que um fator motivador da aula na concepção dos próprios professores são as metodologias de ensino.

O quarto ponto levantado refere-se a uma única resposta, na qual a professora diz:

“Sim e não. As pessoas se diferem, existe uma diversidade de contextos e interações sociais que marcam ou modificam a atividade escolar, além das escolhas, objetivos, esforços e perseverança que vão interferir na motivação em aprender os conteúdos geográficos. O professor pode estimular a motivação dos alunos, mas não pode obrigar o aluno a se tornar motivado. Um conteúdo geográfico pode agradar alguns e ser desinteressante para outros, por exemplo.”

A partir dessa resposta podemos perceber todas as questões levantadas anteriormente e compreender que a motivação, em relação aos conteúdos geográficos, pode ser profundamente pessoal, mas também pode ser influenciada pelo coletivo, e que quando falamos em emoções humanas devemos levar em consideração tudo e todos.

3.2.6 A análise do conceito de motivação dos professor

Para você, o que é Motivação? O leitor deve estar pensando que essa é a questão que responderá quais as concepções dos professores de Geografia sobre a motivação. Realmente, quando elaboramos o questionário esse era o intuito, no entanto, com o desenrolar da pesquisa percebemos algo interessante, quando a pergunta é muito direta sobre essa temática não conseguimos tantos argumentos como quando ela é feita de forma indireta. Percebemos então

que as demais perguntas do questionário, às vezes, até de uma forma surpreendente, levantaram diversas concepções.

Não se tem a intenção de dizer com isso que as respostas a esta pergunta não são significativas, muito pelo contrário, elas levam a uma possibilidade diferenciada das demais, aqui existe a possibilidade de fazer-se uma relação com os conceitos de motivação abordados no primeiro capítulo e a partir deles analisar qual é a concepção mais comumente compreendida pelos professores de Geografia, e se ela condiz com as demais respostas explicitadas.

As respostas dadas pelos professores a esta pergunta se referem basicamente a 3 (três) posicionamentos. Um primeiro posicionamento relaciona o conceito de motivação com a vida, retira do espaço específico da escola e leva para um âmbito mais geral como podemos perceber a partir dessa resposta.

“É despertar no aluno o interesse pela transformação do espaço que ele está inserido”.

O segundo posicionamento dos professores relaciona o conceito de motivação ao processo de ensino-aprendizagem do aluno.

“Motivação é expectativa que criamos durante o processo de ensino-aprendizagem”.

“Motivação é tudo o que leva o aluno a querer apreender um conteúdo. Ex.: um mapa, uma reportagem, tudo o que se refere à vida do aluno, o seu dia-a-dia”.

As respostas apresentadas demonstram que, na concepção desses professores, motivação está relacionada com a aprendizagem do aluno.

E como último posicionamento temos aqueles professores que consideram a motivação a partir deles próprios, ou seja, seu conceito de motivação leva em consideração seus sentimentos e ações.

“É o fato de uma pessoa se sentir estimulada a realizar uma tarefa, uma ação”.

“Seria dentro da rede que trabalho, independente de ser pública ou privada, perceber que sou valorizada, sou reconhecida, que tenho apoio para desenvolver da melhor maneira possível o meu trabalho”.

Esses pontos de vista demonstram que os professores concebem como motivação tudo aquilo que interfere positivamente na sua prática docente e que, de uma forma geral, serve como estímulo para sua atuação profissional.

Quantitativamente percebe-se que dos 16 (dezesseis) professores questionados 3 (três) deram respostas condizentes com o primeiro posicionamento, 4 (quatro) assumiram o segundo posicionamento e a maioria, 9 (nove) professores, deram suas concepções a partir do terceiro posicionamento.

Compreende-se também, com as respostas dadas, que algumas apresentam relação com os conceitos de motivação abordados no primeiro capítulo. A teoria de Maslow, ou seja, a teoria humanística, por exemplo.

“É despertar no educando a necessidade da aprendizagem, de forma que esse sinta gosto pelo assunto”.

Essa resposta faria parte da sexta necessidade de Maslow, a necessidade de conhecimento e compreensão, valorizando, assim, a curiosidade e o desejo de conhecer novas coisas.

Outra resposta que aponta relação com os conceitos de motivação levantados anteriormente é a seguinte.

“É incentivo ou estímulo na forma de elogio, de presente, lembrancinha, amizade, enfim. Somos motivados por vários motivos; vontade de aprender”.

Acredita-se que ela faz referência à teoria comportamental na qual, para que exista a motivação, faz-se necessário que os conteúdos estejam associados a reforços positivos, com prêmios como a fonte da motivação.

A teoria cognitiva também foi percebida a partir das respostas dos professores, como por exemplo.

“Motivação é principalmente identificação. É o gostar de fazer; é o interesse próprio”.

“É uma animação ou motivo para se expor ou realizar um trabalho”.

“É algo que fascina mexe com o coração com a alma do educador que realmente ama o que faz”.

Portanto, para esses professores a motivação é influenciada por processos internos, tais como: crenças, pensamentos importância aos objetivos, intenções, expectativas e planos do indivíduo, expectativas e sentimentos, dando maior importância aos motivos internos do indivíduo, portanto a motivação depende de como o sujeito percebe o mundo.

Foi apresentada, também, uma resposta mais ampla que, como é observado, vai além do que foi perguntado para o professor.

“Se diminui o interesse, a curiosidade e os desafios não há motivação para aprender, logo as dificuldades no ensino e na aprendizagem aumentam. A motivação é um dos elementos-chave no processo educacional. Com motivação, há ação e participação nas atividades escolares. Motivação também perpassa pelo aspecto afetivo entre professor e aluno, através da postura do professor em implementar práticas que estimulem o desafio, a curiosidade na escola”.

Demonstrando acima de tudo uma defesa da importância de se preocupar com a temática da motivação dentro do ambiente escolar, tanto no que se refere à motivação do aluno, quanto à motivação do professor, e nesse sentido a valorização de uma prática docente na qual a motivação esteja presente.

* * *

Como se pôde perceber, a partir da análise das respostas dadas pelos professores em relação ao conceito de motivação, apesar da maioria dos professores não ter um conceito formado sobre motivação, mesmo porque esse não é um objeto de estudo do professor de

Geografia, as questões do primeiro ao quinto bloco tratam, mesmo que indiretamente, dessa concepção, buscando nas entrelinhas as definições dos professores.

Portanto, a partir das respostas dadas pelos 16 (dezesesseis) professores com formação em Geografia da rede municipal de ensino de Goiânia, e tendo como pressuposto principal os professores que se consideram profissionais motivados, foram selecionados 5 (cinco) professores para participar da segunda etapa da pesquisa, a qual comporá o capítulo seguinte dessa dissertação.

Nesse sentido, o capítulo IV, intitulado de *Os motivos que permeiam a motivação da prática docente do professor de geografia*, trata das motivações dos professores de Geografia de escolas municipais da região sul de Goiânia durante suas práticas docentes, ou seja, a concepção dos professores de Geografia sobre os motivos que permeiam a motivação da sua prática docente.

CAPÍTULO IV

OS MOTIVOS QUE PERMEIAM A MOTIVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Queremos dar início a este capítulo esclarecendo que essa pesquisa não teve como intuito encontrar soluções para os problemas existentes no ambiente escolar goianiense, nossa proposta é levantar os motivos que levam à desmotivação dos professores de Geografia, portanto, descobrir quais são as motivações dos professores de Geografia. Por isso foi realizado, a partir do que os próprios professores disseram, um apanhado das problemáticas da educação geográfica em Goiânia, o que a nosso ver possibilitará importantes subsídios para a realização de trabalhos posteriores que visem elaborar propostas reais de mudança dessa realidade.

Quando nos referimos a uma problemática estamos falando de questões que estão presentes dentro do ambiente escolar e que interferem na prática docente dos professores de Geografia. As questões levantadas se referem basicamente a dois âmbitos: aqueles que extrapolam o ambiente escolar, como por exemplo, fatores que tem relação com o poder público; e aqueles que dizem respeito ao cotidiano escolar, como é o caso da relação entre os professores.

Ao argumentarmos que nossa proposta é levantar as motivações dos professores de Geografia, não estamos nos referindo apenas aos pontos positivos desses motivos, tendo em vista que a prática do professor envolve uma diversidade de questões, inclusive aquelas que levam à desmotivação do professor. Portanto, nosso intuito é abordar essa problemática da (des) motivação, o que faremos a partir da perspectiva dos professores de Geografia. Assim, estamos analisando aqui as concepções de um dos sujeitos do processo de ensino aprendizagem, o professor.

Utilizamos como procedimento para apanhar as concepções dos professores uma entrevista semi-estrutura, ou seja, preparamos perguntas que serviram de base para a entrevista, mas quando necessário abordamos outros pontos levantados pelo professor. Foi a partir desse instrumento de pesquisa que conseguimos levantar as motivações dos professores de Geografia das escolas municipais da Região Sul de Goiânia.

Com o intuito de não serem identificados os professores que participaram da pesquisa iremos utilizar termos fictícios que substituirão seus nomes, chamaremos os 5 (cinco) professores que responderam a entrevista de professor P1, professor P2, professor P3, professor P4 e professor P5. Quero salientar também que todos os 5 (cinco) professores são do sexo feminino, o que se deve exclusivamente ao fato de não haver professor do sexo masculino nas escolas municipais da Região Sul de Goiânia, no ano letivo de 2007.

Também é importante salientar que a escolha desses professores não se deu de forma aleatória, como se verificou no capítulo III deste trabalho, o que reafirma a importância de suas respostas, tendo em vista que o principal critério adotado foi o fato dos professores se considerarem profissionais motivados, o que a nosso ver dá maior credibilidade as respostas dadas por eles.

Construímos a base da entrevista pensando em 3 (três) pontos essenciais na prática docente dos professores de Geografia, os quais são: sua experiência inicial com a educação, sua experiência atual na prática docente e a questão emocional do professor diante de sua prática docente. Essa subdivisão foi feita com o intuito inicial de captar os motivos que os levaram não só a “escolha” da carreira docente, mas também os motivos que contribuíram na construção de sua identidade profissional. Com relação às perguntas referentes à experiência atual, o intuito foi captar quais são os motivos que perpassam a prática docente dos professores de Geografia. E no que se refere à terceira parte da entrevista, captar as concepções dos professores sobre os vários fatores que interferem na sua prática docente, ou seja, captar o pensamento do professor sobre as problemáticas que ocorrem no ambiente escolar.

Portanto, analisaremos as concepções dos professores a partir de 3 (três) blocos de questões descritivas das entrevistas, que são: 1 – A experiência inicial do professor de Geografia com a educação; 2 – A experiência atual do professor de Geografia e as influências na sua prática docente; 3 - As emoções do professor de Geografia diante de sua prática docente.

4.1 A experiência inicial do professor de Geografia com a educação

Esse momento da pesquisa terá como início o discorrer sobre a decisão de incluir questões relacionadas à história de vida do professor no roteiro da entrevista. A intenção, ao iniciar a entrevista com essas questões, foi buscar os motivos advindos do passado do professor, ou seja, perceber em que medida os acontecimentos que ocorreram na infância, no período de formação ou mesmo no período inicial da carreira docente, influenciaram ou ainda influenciam nas suas motivações durante a prática docente.

Na primeira etapa da entrevista foram levantadas as seguintes categorias de análise: relação com a educação na infância; experiência inicial como aluno da disciplina de Geografia; escolha da profissão de professor de Geografia e a experiência no ensino superior; experiência no primeiro ano de docência; tipo de relações estabelecidas inicialmente, com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos.

4.1.1 Relação com a educação na infância

A entrevista foi iniciada com as 5 (cinco) professoras a partir da mesma pergunta, que se refere a questionar o professor sobre sua infância, mas, no que se refere especificamente à educação. Esse questionamento tinha como intuito a compreensão de como era a realidade desse professor no período inicial de sua formação e captar possíveis motivações que o levou a escolher a carreira docente.

Ao analisar as respostas das 5 (cinco) professoras para esta pergunta, podemos perceber que apenas uma das professoras tem origem rural e as demais sempre viveram na cidade, mas, de uma forma geral, todas tiveram muito estímulo por parte dos pais. Mesmo a professora P1, que relata que a mãe era analfabeta, demonstra o quanto sua mãe valorizava à educação:

“Eu morava numa região periférica mesmo, muito pobre, com muita dificuldade, minha mãe cuidava sozinha da gente e nós éramos ao todo 9 filhos, então bastante complicado né, mas a minha mãe sempre deu muita importância para a educação, ela falava assim que o que ela não teve ela queria dar para os filhos, ela valorizava demais a educação” (P 1).

O que nos coloca uma questão, ao nosso ver, essencial: a valorização da educação não tem a ver com classe social, mas com sensibilidade e visão de mundo.

Portanto, todas as 5 (cinco) professoras iniciaram o seu processo de formação com o apoio dos pais; a professora P1 relata ter iniciado na escola formal em idade superior à indicada, por motivos financeiros; as professoras P2, P3 e P4 relataram ter tido bastante ajuda dos pais e quando entraram na escola já estavam alfabetizadas, sendo que a professora P2 relata a questão de ser canhota e a problemática enfrentada por algumas pessoas que eram forçadas a se tornarem destros pela discriminação que existia, mas, que esse não foi o caso dela:

“Na minha família eu tenho prima que a mãe forçava muito escrever com a mão direita, e ela teve sérios problemas, porque canhoto era discriminado, mas eu não tive problemas” (P2).

Já a professora P4 levanta outra questão, sua dificuldade em entrar na escola:

“E aí eu demorei um pouco a entrar na escola porque eu gostava muito de ficar em casa” (P4).

O que coloca a importância do ambiente escolar, da convivência com colegas e professores para o desenvolvimento do indivíduo, é importante e bom que os pais ajudem na educação dos filhos, mas é fundamental que ocorra a convivência no ambiente escolar. Por outro lado, a professora P3 apesar de ter sido alfabetizada pela mãe, não teve dificuldade em estar no ambiente escolar, muito pelo contrário, relata que essa era uma vontade que tinha:

“Eu sempre quis ir mesmo, pra escola, não dei trabalho nem pra entrar na escola” (P3).

A professora P5 nos remete a uma outra perspectiva, o gosto pela profissão, ela conta o quanto gostava de brincar de ser professora:

“Então tinha um quadro de bar, que me deram, e um giz, e eu ficava brincando de dar aula, isso era constante, era minha brincadeira predileta, brincar de dar aula com os vizinhos, com os filhos de adultos que iam na minha casa, então, eu sempre gostei dessa brincadeira de dar aula” (P5).

A fala da professora P5 nos leva à questão do “talento”, a profissão docente foi vista por um longo período como uma questão de talento, ou seja, para ser um bom professor era preciso ter o “dom”, no entanto, acreditamos que o talento não seja algo suficiente e uma exigência para a profissão docente. No caso da professora P5, sua vontade de ser professora com certeza foi uma importante motivação que colaborou para a sua decisão, mas foi sua formação e dedicação que a tornaram uma profissional docente. Portanto, consideramos que um bom profissional docente possa ter como motivação inicial o gosto pela profissão, no entanto é fundamental que ele tenha uma formação adequada.

4.1.2 Experiência inicial como aluno da disciplina Geografia

O segundo assunto da entrevista com as professoras foi em relação à experiência inicial com a Geografia. A experiência inicial com a Geografia de 4 (quatro) das professoras está relacionada com os professores que atuavam na disciplina, e a professora P3 relacionou com o método de ensino utilizado. No entanto, todas as professoras relataram um ensino de Geografia que ocorria de forma descritiva e decorativa e relacionaram como sendo uma forma tradicional de ensino.

Podemos confirmar a afirmação anterior a partir de algumas falas das professoras:

“[...] ela era muito voltada pra Geografia Física e mandava a gente, eu lembro direitinho, que ela mandou decorar todos os rios brasileiros, nome, onde ficava, mas

sem mapa, sem nada, tinha que decorar só estudando o livro, e aí eu não me identifiquei com a Geografia” (P1).

“[...] gente como ela consegue gravar tanta coisa” (P2).

“[...] não foi muito bom, porque o método, na época, era Geografia Tradicional mesmo, tinha que decorar, tinha que responder de acordo com o livro, igualzinho tava no livro, o questionário, as perguntas, seguia a ordem do texto, então era só ler cada parágrafo, juntar um com o outro. Então não tinha reflexão, criticidade, não era cobrado isso, era mais decorar os conceitos” (P3).

“[...] na minha época de estudo quem dava aula no ensino fundamental, eram pedagogos, não vão a fundo né” (P4).

“[...] uma professora de Geografia muito tradicional, um livro em que tudo era descritivo e agente tinha que decorar, era bem voltado pra decorar mesmo, tudo que lembro da Geografia naquela 5ª série e nos outros anos era de decorar” (P5).

Ao analisar a fala das 5 (cinco) professoras podemos perceber que, ao mesmo tempo que a forma como se dava o ensino de Geografia era considerada “difícil” e distante do aluno, havia um certo fascínio dos alunos em relação a quantidade de informações e conhecimento que os professores dispunham. Nesse sentido, o exemplo dos professores de Geografia das professoras participantes da pesquisa foram sim fatores motivacionais para algumas delas, e isso contribuiu para sua escolha profissional. Entretanto, outro fator motivacional perceptível foi a vontade de mudar o tipo de ensino de Geografia que tiveram; principalmente a professora P3 que demonstra grande descontentamento com o método de ensino de Geografia que teve, o que revela que isto foi motivo para se tornar professora: o desejo de realizar um ensino de Geografia contrário ao que recebeu.

Outra questão bastante levantada foi a diferença que há entre a Geografia no ensino fundamental e a Geografia no ensino médio.

“E aí eu fui me identificar com a Geografia quando eu já fazia colegial, naquela época 2º grau técnico, que eu tive uma professora de Geografia no 1º ano que me fez gostar da Geografia” (P1).

“Olha eu fui me interessar por Geografia no 2º grau, no curso técnico em estatística [...] Eu tive uma professora de Geografia muito esperta” (P2).

“Então eu só fui ver Geografia, de maneira mais ampla, no último ano do ensino médio” (P3).

A compreensão tida com as falas acima é que as 3 (três) professoras, que citaram o ensino médio, consideraram o ensino de Geografia que tiveram nesse período mais próximo do que acreditam ser um ensino de Geografia de qualidade.

4.1.3 Escolha da profissão de professor de Geografia e Experiência no ensino superior

Ao abordar na entrevista a questão da escolha do curso de Geografia, pode-se perceber que das 5 (cinco) professoras participantes da entrevista a única que não fez faculdade logo após terminar o ensino médio foi a professora P1.

“Porque depois eu terminei o 2º grau, parei de estudar, fui casar, fui ter filho, fui trabalhar, e o vestibular era uma coisa muito longe da minha realidade, eu tinha que estudar a noite né. Aí eu fiquei, na verdade eu fiquei 9 anos sem estudar” (P1).

Como ela mesma revela, sua vida seguiu outros caminhos, ela ficou um longo período sem estudar, não porque queria, mas porque sua realidade não lhe permitia.

Como foi relatado anteriormente, a professora P1 iniciou tardiamente no ensino formal, pois sua família possuía uma situação financeira difícil, ela teve a mãe como única responsável, como podemos confirmar pela própria fala da professora.

“Minha mãe cuidava sozinha da gente e nós éramos ao todo 9 filhos” (P1).

Os motivos levantados pela professora P1 demonstram que as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo podem ser um grande empecilho para a realização de seus desejos, ou seja, apesar de desejar fazer um curso superior a sua situação financeira, que inicialmente a levou a iniciar tardiamente no ensino básico, agora lhe impedia de continuar estudando. Nesse sentido, a profissão docente para a professora P1 significava uma possibilidade de mudança.

Outro ponto observado é que das 5 (cinco) professoras apenas a professora P1 não fez seu curso na Universidade Federal de Goiás, como ela mesma coloca.

“Aí foi quando eu voltei, porque eu morava aqui em Goiânia, fui morar no interior de novo, foi quando surgiu as faculdades estaduais, criou-se a faculdade na minha cidade e eu fui da primeira turma, e os cursos que tinham era tudo na área de licenciatura, Letras, Matemática, Biologia, História e Geografia, aí eu lembrei da minha professora e fiz Geografia primeira opção e História segunda opção, porque matemática eu era péssima” (P1).

Novamente pode-se observar a influência do professor de Geografia como um importante motivador na escolha dos alunos. Essa professora demonstra, através de sua fala, o quanto o ensino pode ser transformador, a partir do momento que ela tem a possibilidade de fazer um curso superior sua vida passa por transformações positivas, como ela mesma afirma no decorrer da entrevista.

As outras 4 (quatro) professoras, apesar de terem feito seu curso logo após concluírem o ensino médio, também apresentam realidades distintas, a professora P4, por exemplo, fez magistério e atuou inicialmente no ensino básico e só depois quando já estava atuando como docente é que resolveu fazer o curso superior de Geografia.

“[...] resolvi fazer Geografia, uma amiga de magistério já fazia Geografia, e aí conversando com ela, dei uma olhada no programa e resolvi, é isso que eu quero, e aí prestei e fiz” (P4).

A professora P5 também iniciou como professora antes de fazer graduação, no entanto, sempre trabalhou com a disciplina de Geografia.

“[...] resolvi fazer Geografia, foi quando eu passei. Nesse momento eu fui convidada pra dar aula de Geografia à noite de 5ª a 8ª série, eu só tinha ensino médio, mas, me chamaram, eram 14 aulas, e aí eu gostei mesmo de Geografia” (P5).

No caso dessa professora a sua escolha profissional foi confirmada a partir da sua atuação enquanto professora de Geografia.

Entretanto, existe também o caso de pessoas que resolvem fazer o curso de Geografia, mas sem nenhuma intenção de ser professor, como foi o caso da professora P2 que diz:

“Comecei a fazer o curso sem intenção nenhuma de ser professora, na época não tinha Bacharelado na Federal, mas, eu pensava depois quando eu terminar eu vejo o que vou fazer” (P2).

Nesse caso, quais seriam os motivos que a levou a se tornar professora? Essa questão foi respondida pela própria professora.

“Mas, me decidi mesmo a abraçar o magistério foi no estágio” (P2).

Como ela mesma coloca, o estágio é um momento muito importante da formação e pode ser um importante motivador na decisão dos estudantes de graduação. Um pouco mais a frente P2 revela o quanto as palavras da sua professora de estágio foram motivadoras na sua escolha profissional.

“Olha você vai dar uma ótima professora” (P2).

Mais uma vez podemos perceber o quanto o professor influencia na escolha dos alunos.

4.1.4 Experiência no primeiro ano de docência

O próximo tópico abordado na entrevista foi a experiência na docência após a realização da graduação. Das 5 (cinco) professoras apenas a professora P1 atuou como professora de Geografia durante todo o período da graduação, as demais professoras só foram atuar após terminar a graduação, sendo que no período da graduação ou não trabalharam como docentes ou possuíam bolsa de pesquisa na Universidade.

Como podemos perceber, a professora P1 é quem atua a mais tempo na profissão docente, ela afirma ter trabalhado tanto com ensino fundamental quanto com ensino médio e declara sua preferência pelo ensino médio por motivos não explicitados claramente. A professora P1 demonstra o quanto o curso superior foi importante para sua vida e reafirma a sua motivação com a profissão docente ao afirmar que logo após terminar a graduação resolveu fazer uma especialização.

“Aí eu já tinha todo um objetivo de ser professora, tão logo eu terminei a graduação já fui pra especialização” (P1).

Essa professora é um exemplo do quanto a educação pode ser transformadora na vida das pessoas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas por ela, a partir da educação sua vida toma um caminho novo e transformador.

A professora P2 relata sua experiência inicial como professora de Geografia na cidade de Campinas, interior de São Paulo, onde atuou na rede estadual e municipal e coloca o quanto essa experiência influenciou na construção da sua identidade docente.

“Lá realmente foi meu aprendizado, trabalhei com supletivo, tive muito contato com o pessoal da UNICAMP, mas não fiz nenhuma Pós” (P2).

Pode-se perceber, durante a fala da professora, que a decisão de voltar foi motivada pelos laços familiares e sua experiência anterior é um fator de constante comparação por parte da professora, ou seja, um fator desmotivador na sua prática docente. Quando a professora diz: *“mas não fiz nenhuma Pós”*, parece que ela está afirmando que ficou algo inacabado na sua vida, uma necessidade que não foi satisfeita, portanto algo desmotivador.

A professora P3, por sua vez, levanta as dificuldades encontradas no ambiente escolar nesse período inicial da carreira docente.

“Primeiro, foi difícil três coisas, que era falta de material pra trabalhar [...] Falta de livro didático para discutir o que é cobrado no currículo [...] E minha dificuldade, minha de diálogo com crianças, porque eu tinha que traduzir conceitos pra que eles entendessem, criança, pré-adolescentes e adolescentes, eu trabalho com as três faixas do ciclo II” (P3).

Para P3 a falta de material, a falta de livro didático e o dialogar com os alunos, foram as maiores dificuldades que ela encontrou nesse período inicial da carreira docente, e como ela mesma ressalta logo em seguida:

“Superei a de dar aula pra criança, porque eu me propus esse desafio, mas as outras duas ainda continuam pendentes” (P3).

Essa fala da professora P3 nos coloca algo interessante sobre a atuação do professor, de que nem todas as soluções para os problemas estão nas mãos dos professores, muito pelo contrário, grande parte dos problemas existentes no ambiente escolar são por falta de verba pública, o que com certeza é um importante fator de desmotivação tanto para os professores, quanto para os alunos.

A professora P4 relata sua experiência enquanto capacitadora de professores e afirma o quanto esse momento foi positivo para sua futura atuação docente. Posteriormente, ela relata seu descontentamento ao perceber como a disciplina Geografia é vista pelos alunos do ensino médio, principalmente no ensino privado.

“Mas, é o que ficou mais forte na minha experiência com a docência, dos alunos já virem com aquela carga negativa: ‘há é coisa decorativa, há é uma matéria que não precisa se esforçar’, e eu fiquei o ano inteiro tentando mostrar que não, que aquilo não era bem daquela forma, como eles tinham passado pelo ensino fundamental” (P4).

O que se percebe no momento da entrevista com a professora P4 é que essa realidade foi profundamente desgastante e desmotivadora para ela, como já foi relatado anteriormente, P4 sempre foi muito influenciada pelos pais a valorizar a educação e os conhecimentos provenientes da Geografia. Portanto, ao se defrontar com uma realidade que não havia vivenciado enquanto estudante, sua atitude foi tentar mostrar o valor do conhecimento geográfico, ou seja, tentar motivar os alunos para obterem um conhecimento real ao invés de um “*decoreba*” para passar no vestibular.

Já a professora P5 levanta uma outra problemática, a deficiência na formação e as consequências no período inicial da profissão docente.

“A experiência com a Universidade não ajudou muito na sala de aula, ficava muito distante o que eu tinha visto até mesmo no estágio” (P5).

Portanto, a formação inicial da professora P5 não lhe deu os subsídios necessários para sua atuação docente, provavelmente essa professora teve uma formação 3 (três) mais 1 (um), ou seja, três anos de conteúdos gerais da ciência geográfica e um ano de conteúdos pedagógicos. A literatura sobre a educação formal possui diversos trabalhos com críticas a esse tipo de ensino, principalmente no que concerne à falta de articulação entre a formação acadêmica e a prática docente, como podemos confirmar a partir das palavras de Pinheiro com base em sua análise de pesquisas realizadas por pós-graduandos em nível de mestrado e doutorado.

Os entraves existentes na licenciatura são vários, mas no caso da Geografia, considerando o que revelam as pesquisas, estão relacionados à desarticulação entre a formação acadêmica e a prática docente. Os problemas residem na organização dos cursos, em sua desvalorização por alguns institutos e professores das disciplinas específicas e pedagógicas, além de sua pouca inserção na realidade (PINHEIRO, 2006, p. 94).

Ainda sobre as disciplinas pedagógicas e a sua forma de inserção na formação inicial, Pinheiro levanta a problemática dessas disciplinas serem ministradas de maneira aleatória pelos professores do ensino superior e de não atenderem as necessidades e demandas dos professores que se pretende formar, o que para esse autor faz com que ocorra uma desvalorização das disciplinas pedagógicas por parte dos professores das disciplinas específicas, o que prejudica sua atuação como professor formador do professor da rede básica de ensino.

Dessa forma, os professores das disciplinas específicas da Geografia demonstram pouco interesse pelas questões pedagógicas, muitas vezes desconhecendo-as totalmente e, em outros casos, negando-as como conhecimento básico para si e como base para seus alunos, futuros professores (PINHEIRO, 2006, p. 94).

Essa realidade pode ser uma boa explicação para a desmotivação da professora P5 em relação à sua formação na licenciatura.

“O que pode ter ajudado, o que eu tenho certeza que ajudou foi o conhecimento teórico, mas na prática mesmo, o período de estágio não colaborou, eu achei que foi insuficiente sabe, o tempo, não foi legal, não conduziu pra prática, sabe, não foi bom” (P5).

Como a própria professora coloca, seu maior descontentamento diz respeito justamente aos conhecimentos pedagógicos, tendo em vista que ela levanta como ponto positivo os conhecimentos chamados por ela de teóricos que a meu ver são os conhecimentos das disciplinas específicas à ciência geográfica, e como ponto negativo, a prática, vistos aqui como os conhecimentos pedagógicos.

4.1.5 Tipo de relações estabelecidas inicialmente, com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos

Ainda sobre as experiências iniciais dos professores de Geografia, a última questão levantada refere-se às relações estabelecidas com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos. As 5 (cinco) professoras entrevistadas iniciaram suas respostas falando sobre sua experiência inicial na carreira docente, elas levantaram suas dificuldades, angústias e também os pontos considerados positivos.

A professora P2, por exemplo, levanta a problemática da falta de experiência, ela diz:

“Olha, muito difícil, todo começo é complicado, principalmente quando você não tem experiência nenhuma” (P2).

A fala de P2 levanta a importância da discussão sobre a formação dos profissionais da educação e principalmente a discussão sobre a importância de teoria e prática serem processos conexos e indissociáveis.

O papel da universidade nessa dinâmica é pensar junto com os professores de primeiro e segundo graus, no sentido de que tenham os elementos necessários para teorizar a sua prática, de se atualizar tanto em conteúdos específicos como nos aspectos pedagógicos. A dinâmica pedagógica que se estabelece, então, é a da discussão e, muitas vezes, discussões teóricas, sim, mas a partir de atividades práticas realizadas pelo professor. É a discussão das diversas realidades e o encaminhamento dos problemas que o professor enfrenta no seu dia-a-dia, na sala de aula. É a busca de um planejamento conjunto e coerente com a realidade da escola e dos alunos. Não há soluções prontas, mágicas, que darão certo a priori. É a participação efetiva do professor questionando a sua prática, as suas dúvidas e as suas certezas, também, que vai levar às soluções (CALLAI, 2003, p.35-36).

É sabido que o processo de formação dos professores vem passando por transformações, e que é algo amplamente discutido, no entanto, sabe-se também que ainda existem conquistas a serem alcançadas no que se refere à formação dos professores. Concordando com Callai, acreditamos que um dos caminhos para se chegar a essas conquistas é a aproximação efetiva do professor do ensino básico com a Universidade. É importante que o professor do ensino básico tenha a oportunidade de contribuir com a Universidade, ou seja, que a universidade tenha a possibilidade de compreender melhor a prática dos professores atuantes no atual ensino básico e a partir dela produzir novas propostas para a graduação.

A professora P4 levantou mais duas problemáticas, a primeira é a experiência na rede privada de ensino e a segunda a situação de assumir a disciplina no segundo semestre. Ela resume essas duas problemáticas na seguinte frase:

“Eu fui trabalhar numa escola de ensino médio particular, eu fui trabalhar com 1º, 2º e 3º ano. Por eu já ter entrado no segundo semestre, tem toda uma questão de: ‘não era professor referência da turma, troca no meio do ano é problemático, tanto pra direção quanto pro aluno’”.

Quanto à primeira problemática, 2 (duas) das professoras participantes da entrevista expõem claramente as dificuldades encontradas ao trabalharem em escolas particulares. As principais queixas são referentes à perda da autonomia como professor e a excessiva preocupação com o vestibular. O que é considerado, pelas professoras, fatores profundamente desmotivadores na prática docente.

A segunda problemática levantada se refere à troca de professores durante o ano letivo. A professora P2 também levanta essa questão.

“Então foi o maior teste pra minha vida, foi isso, e isso eu assumi em Setembro, Você sabe o que é assumir, pegar aula de uma professora que tá (...), foi complicado”.

Como se pode perceber tanto com a fala de P4 como com a fala de P2, a troca de professores durante um mesmo ano letivo não é algo positivo nem para os alunos nem para o professor.

Outro tema abordado foi a forma como se deram as relações iniciais dos professores com a direção das escolas nas quais trabalharam, com os colegas de trabalho e com os alunos.

No que se refere à relação com a direção das escolas, somente 3 (três) das professoras fizeram referência direta.

“Principalmente as duas primeiras diretoras que eu tive, foi uma relação muito conflituosa até elas conhecerem o meu trabalho né, respeitar o meu trabalho” (P1).

“Quando você tem um respaldo da direção, apoio é isso que faz o professor ter disposição e vontade, porque senão ele desiste, e a diretora me deu muito apoio” (P2).

“Fui muito bem recebida pela direção” (P4).

Diante das respostas das professoras podemos entender que de uma forma geral a direção da escola não é o maior problema enfrentado nesse momento inicial da carreira, somente a professora P1 relata ter tido uma relação conflituosa, no entanto, ela afirma que foi por um motivo específico, seu engajamento no sindicato dos professores, e afirma também que nas demais escolas que trabalhou não teve mais esse problema.

Portanto, na concepção das professoras entrevistadas o apoio da direção da escola é essencial para que o professor tenha motivação para realizar bem seu trabalho e que relações conflituosas entre professor e direção podem interferir na prática docente, e como isso é um importante fator de desmotivação do professor. Deste modo, é imprescindível que a direção da escola seja uma parceira do professor, discutindo os problemas e as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar para que juntos construam uma proposta de mudança, ou seja, que ocorra um trabalho conjunto entre docente e direção.

Quanto à relação inicial com os colegas de trabalho, todas as 5 (cinco) professoras responderam diretamente a questão. P1 ao se referir à sua experiência inicial numa cidade do interior, onde a maioria dos professores não possuía curso superior, relata:

“A maioria dos professores ainda estavam sem entrar na faculdade então já criou um certo ciúme, há vem uma professora que já está na faculdade, mas por outro lado eu encontrei colegas com bastante experiência que me ajudou muito” (P1).

A fala de P1 demonstra o conflito que havia no período de profissionalização da docência, ou seja, no momento em que os cursos de formação docente começaram a se tornar mais acessíveis, a dificuldade de ter que voltar a estudar e também certa desvalorização da formação acadêmica, apesar de que, como a própria professora coloca, a experiência é muito importante.

Já a professora P2 relata sua experiência de iniciar como substituta com o ano letivo em andamento.

“[...] a professora me passou todos os dados assim, de como trabalhar com os alunos, e aos poucos eu fui [...]. Às vezes dava vontade de fugir, ir embora, eu pensava ‘meu Deus a educação [...]!’ Mas, valeu a pena!” (P2).

A fala dessa professora demonstra a insegurança vivida por uma professora recém formada que ainda tem dúvidas quanto à sua escolha e que está buscando motivos e motivações para se decidir realmente pela carreira docente.

P3 afirma que:

“Teve poucos colegas de trabalho no início que colocaram empecilho, de não fazer trabalho em grupo, nem querer trabalhar de forma interdisciplinar, mas com alguns colegas eu consegui. Hoje já está mais fácil trabalhar com os colegas” (P3).

Essa professora possui 7 (sete) anos de experiência na profissão docente e encara a relação com os colegas de trabalho como fator fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Em vários momentos de sua entrevista ela levanta a importância da realização de um trabalho conjunto e interdisciplinar entre os professores, para P3 quando os professores colocam suas experiências e formulam juntos propostas para serem implementadas com os alunos, viabiliza-se que haja um maior desenvolvimento dos alunos e também dos professores.

A professora P4, ao se referir à experiência tida em Minas Gerais afirma:

“Mas, fui muito bem recebida pelos colegas [...] tinha muita ajuda dos professores, muitos, com muitos anos de experiência, então eu pude aprender, não tive resistência, às vezes eu sentia alguma coisinha: ‘ah! Geografia!’” (P4).

O que podemos observar em relação a essa professora é que a partir desse primeiro momento ela se decidiu realmente pela carreira docente e, apesar de ter passado por uma experiência muito negativa numa escola privada de Goiânia, se manteve firme e consciente da sua escolha. No entanto, P4 ainda não possui uma situação profissional estável, apesar de já ter passado por algumas escolas, sua situação atual de professora substituta a deixa insatisfeita e profundamente angustiada.

Portanto, o que se percebe a partir das palavras de P4 é que a instabilidade profissional é um fator profundamente desmotivador, e que essa situação pode ser uma importante causadora da mudança de profissão de indivíduos que possuem licenciatura em Geografia. Na rede municipal de ensino de Goiânia, por exemplo, após 8 (oito) anos sem concurso, foi realizado um no ano de 2007 oferecendo 42 (quarenta e duas) vagas para professor de Geografia, sendo 3 (três) destinadas à portadores de deficiência, acredito que esses números falam por si. Logo, essa realidade reveste-se de profundas indagações por parte dos professores recém formados.

Por último temos a concepção de P5 que, ao relatar como foi sua experiência inicial ao se relacionar com colegas de trabalho, coloca muito bem como se dá essa realidade, levanta uma importante problemática que ocorre e, posteriormente, levanta os motivos e as consequências dessa realidade.

“Pelo menos nessa escola que eu fui, os professores tinham muitos anos que davam aula e quando você chega, você quer mudar um pouco daquela rotina, trazer idéias novas, propostas diferenciadas de trabalho, e eu não consegui, isso no primeiro momento, pois há um choque né, entre uma pessoa que está entrando, recém formada, e as pessoas que já estão a muitos anos na profissão. E aí foi difícil, no início foi muito difícil, mas depois as pessoas vão te aceitando, você passa também a aceitar as pessoas e a entender como elas trabalham, alguma coisa agente consegue, misto né, das relações, do trabalho pedagógico também, e outras não” (P5).

Diante da fala de P5, percebe-se que a relação inicial com os demais professores prescinde de duas atitudes: a do professor recém formado que chega cheio de motivação, com a vontade de mudar o mundo a partir da sua prática docente; e a atitude de alguns professores

que já atuam a muitos anos, cansados e desmotivados. O embate entre essas duas realidades, como afirma P5, sempre leva a conflitos. Entretanto, isso poderia ocorrer de forma diferenciada caso os professores mais “antigos” tivessem uma adequada formação continuada.

Quando se levanta a formação continuada desses professores, estamos nos referindo a uma concepção que converge com as propostas de Callai (2003), para essa autora é fundamental que a formação seja vista como um processo permanente decorrente da discussão, avaliação, análise crítica da própria prática da sala de aula, o que só poderá ser alcançado através de uma integração entre universidade e ensino básico. Considerando-se, assim, a “confluência de grandes campos do saber”, quais sejam, “a Geografia, com claro domínio do seu objeto e dos conteúdos decorrentes”; “a Educação, no que se refere às ciências que nela estão envolvidas e os avanços teóricos e também metodológicos referentes ao processo de educação” e “as teorias do conhecimento, que tangem a clareza ou, pelo menos, a busca de compreensão de como ocorre o processo de aprendizagem pela criança e pelo adolescente”.

Nesse sentido, para Callai (2003), cursos de treinamento e reciclagem são pouco eficazes, pois dificilmente darão conta dos problemas enfrentados pelos professores e muito menos dos problemas dos alunos. Portanto, “O professor deve ele próprio construir, o seu (um novo) conhecimento no cotidiano do seu trabalho, a partir dos pressupostos e do objeto da ciência, quer dizer, do conhecimento que ele tem (ou a que tem acesso) e da análise crítica que realiza na prática docente” (CALLAI, 2003, p.38).

Acreditamos, então, que o professor deve estar sempre atento à sua prática docente, e a partir desse conhecimento próprio perceber suas deficiências e dificuldades; o que lhe permitirá o controle sobre sua própria atividade docente e com isso a possibilidade constante de construir e reconstruir seu conhecimento sobre a Geografia, sobre a educação e sobre as teorias do conhecimento. E é esse conhecimento que lhe possibilitará uma prática docente mais consciente e motivada.

O terceiro tipo de relação abordada na entrevista foi a relação inicial entre professor e alunos. Somente a professora P4 se referiu diretamente a essa questão dizendo:

“E minha relação com os alunos era muito boa, tinha muitas turmas, e as turmas muito cheias, mas, devido o colégio ser referência os alunos gostam da escola, eles tem uma participação muito boa com a escola, então, eles me receberam muito bem, apesar de eu ser inexperiente” (P4).

Essa experiência da professora P4 se deu em Minas Gerais e, como ela mesma coloca, numa escola tida como de referência, essa realidade segundo P4 leva os alunos a se sentirem motivados diante do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é importante que os alunos gostem de estar na escola, é importante que eles gostem da escola, pois a motivação do aluno influencia nas atitudes dos professores.

4.2 A experiência atual do professor de Geografia e as influências na sua prática docente

A decisão de incluir perguntas relacionadas à experiência atual do professor de Geografia teve como intuito captar as motivações dos professores tendo em vista sua prática docente na rede municipal de ensino de Goiânia. Como já pôde ser percebido, a partir das falas das professoras abordadas no tópico anterior, diversos são os motivos que interferiram e ainda interferem na suas atividades. Portanto, o que queremos perceber ao realizar perguntas relacionadas à atividade atual, enquanto professor de Geografia, são as motivações e as desmotivações que interferem diretamente na atuação desses profissionais, e a partir das suas próprias concepções levantar propostas de superação da desmotivação dos professores.

Os pontos levantados nesta etapa da entrevista foram: descrição da prática pedagógica do professor na atualidade; tipo de relação estabelecida atualmente com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos; concepção do professor sobre o planejamento das aulas; avaliação do professor quanto a suas aulas e ao seu trabalho com os alunos; opinião do professor sobre o que considera importante ensinar para os alunos; concepção do professor com relação aos conteúdos geográficos; inclusão dos saberes locais e da realidade do entorno da escola nas aulas; metodologias utilizadas cotidianamente, pelo professor; concepção do professor sobre a utilização do livro didático; concepção do professor sobre o trabalho em grupo; relação do professor com os pais dos alunos.

4.2.1 Descrição da prática pedagógica do professor na atualidade

Como você descreveria sua prática pedagógica hoje? Essa pergunta foi feita às 5 (cinco) professoras para iniciar a segunda etapa da entrevista. A professora P1 deu essa resposta:

“Hoje, eu vejo assim que eu sou o tipo de professora que no primeiro momento eu não agrado, não agrado porque os alunos estão querendo só moleza né, então eu chego, eu falo da minha maneira de trabalha, estabeleço regras com eles [...] sou muito exigente quanto a isso” (P1).

Como pode-se perceber, a partir de sua fala, P1 relaciona sua prática pedagógica à relação estabelecida com os alunos, ou seja, à forma como se relaciona dentro da sala de aula com os alunos, ela afirma também que inicialmente se trata de uma situação bastante conflituosa, mas que vai se transformando em respeito mútuo a partir do momento que os alunos compreendem e aceitam sua forma de atuar.

Portanto, para P1 é importante que o professor estabeleça regras em sala de aula e que conquiste o afeto dos alunos sem deixar de lado seu papel de gestor da turma. Para ela não se pode confundir a relação entre professor e aluno, que deve ser antes de tudo uma relação profissional, pois o maior intuito a ser alcançado é a aprendizagem dos alunos.

Ao responder essa questão P2 levanta 2 (dois) pontos essenciais, primeiro a problemática de professores que não possuem formação em Geografia dar aula de Geografia e segundo os concorrentes que os alunos terão que enfrentar no vestibular.

“Aqui em Goiás nos últimos anos, principalmente na prefeitura, não tem esse problema de professores de outras áreas trabalhar a Geografia, a não ser no ciclo II que tem pedagogo, que tem muita complicação isso, e os alunos tem, pelo menos, tinham uma resistência muito grande em relação a Geografia, não gostam da Geografia” (P2).

Na concepção dessa professora a formação é essencial para que o professor desempenhe bem seu papel, pode-se afirmar que essa é uma concepção compartilhada por

todas as professoras que participaram da entrevista, que em algum momento fizeram referência explícita a esta questão. Além disso, todas também compartilham da opinião de que o aluno sai do ciclo II desmotivado em relação à Geografia, o que segundo elas se deve ao despreparo do professor que assume a disciplina, o qual não precisa ter formação em Geografia e que na maioria são pedagogos, transformando a Geografia em uma disciplina chata, onde se tem que decorar tudo.

A segunda problemática levantada por P2 pode ser percebida através dessa fala:

“Eu sei que eu sou conteudista, eu sou conteudista, tem uma linha aí na educação, principalmente na prefeitura que é contrária a essa linha, mas eu acredito que o aluno da escola pública tem que ter um conhecimento não só da vivência, é lógico que parte do que ele conhece para depois você abrir a novos horizontes, mas ele precisa porque ele vai competir com o outro que tá vendo tudo, que tem muito mais condições financeira, material” (P2).

Essa questão tem implícita a competição em relação ao vestibular, compreendemos que P2 estava fazendo essa pergunta, será que nossos alunos da rede pública têm condições de competir no vestibular com os alunos da rede privada?

Diante disso, a pergunta que levantamos é: Como fazer para realizar um ensino que seja interessante, motivador e que ao mesmo tempo acompanhe a dinâmica do vestibular e do mercado de trabalho? Não temos aqui uma resposta direta a essa questão, acreditamos que de alguma forma as falas das 5 (cinco) professoras possam dar subsídios para buscar novos caminhos.

P2 termina sua resposta com esta frase:

“Então a prática eu penso que dá o domínio de conteúdo, de despertar no aluno o interesse maior, motivação para ele gostar de, por exemplo, pegar um mapa e viajar sem sair do lugar. Isso é difícil, mas isso depende do professor” (P2).

Com essa frase a professora levanta a importância da experiência na atividade docente, vista que ela atua a mais de 15 (quinze) anos, colocando a importância do professor ter domínio de conteúdo e a responsabilidade do professor em relação à motivação do aluno no que se refere ao conhecimento geográfico.

P5, por sua vez, levanta outra problemática enfrentada pelos professores de Geografia, ela diz:

“Eu sinto muita dificuldade de fazer um trabalho diferenciado, interdisciplinar [...] eu tento mais ainda tem muita resistência dos colegas, da coordenação da escola [...] e aí a minha prática fica um pouco perdida nessa história, dessa fragmentação das disciplinas nas escolas, [...] a gente não consegue fazer um trabalho melhor para os alunos, e aí eu fico frustrada com isso” (P5).

Essa professora levanta uma questão muito abordada pelos autores que escrevem sobre o ensino de Geografia, dentre eles Callai e Cavalcanti, que é a fragmentação do ensino, ou seja, cada disciplina atua independente das demais, não existe diálogo entre os professores. Na rede municipal de Goiânia isso se intensificou quando o momento destinado ao planejamento conjunto que existia nas escolas foi extinto.

A professora P3 responde sobre sua prática pedagógica atual levantando os pontos que considera imprescindível que estejam presentes.

“Eu acho essencial na prática pedagógica ter criatividade, criticidade, reflexão, afetividade com os alunos, trabalho interdisciplinar, pesquisas, procurar os temas e discussões que surgem na atualidade, usar vários métodos didático-pedagógicos, inclusive o computador” (P3).

Então, para P3 esses são fatores que possibilitam que a atividade docente ocorra plenamente, para ela é essencial que o professor esteja atento a fatores como a criatividade, a criticidade, a afetividade, ao trabalho interdisciplinar, as metodologias diferenciadas de trabalho e que, portanto, tenha uma prática reflexiva.

A professora P4, por ser a que tem menos experiência das 5 (cinco) professoras entrevistadas, pode estar ainda em processo inicial de construção da sua identidade docente, como ela mesma coloca.

“Mas, eu me avalio assim, que tô em busca, minha auto-avaliação hoje é que eu tenho que buscar, mais ainda acredito no que eu faço, gosto do que eu faço, né, e quero tá buscando sempre” (P4).

Essa professora, como explanado anteriormente, acreditamos já ter se decidido pela carreira docente, mas sua instabilidade profissional ainda não lhe permite se ver como uma profissional docente. Esse fator pode ser bastante desmotivador para P4, pois, apesar da

aparente segurança, demonstra nas entrelinhas de sua fala que essa situação de instabilidade é um dos motivos interferidores na sua prática docente.

4.2.2 Tipo de relação estabelecida atualmente com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos

E sua relação com a direção da escola, com os alunos, com os colegas hoje? Essa pergunta foi feita aos professores numa relação com o período inicial da atividade docente e feita, também, nesse momento da entrevista com o intuito de comparação entre esses dois momentos da carreira docente. Das 5 (cinco) professoras apenas 3 (três) deram respostas diretas a essa pergunta, as outras 2 (duas), talvez pelo pouco tempo de experiência, não deram margem para esse questionamento.

Sobre esse assunto a professora P1 diz:

“Eu acho que hoje tá bem mais tranquilo, a gente vai amadurecendo também né, a gente vai vendo aquilo que precisa ser mudado, que precisa ser melhorado, é claro que também a gente vai deixando de reivindicar um monte de coisa” (P1).

A resposta de P1 demonstra sua desmotivação em relação as suas lutas iniciais, como a própria professora havia salientado ao responder essa pergunta se referindo ao período inicial de sua carreira, momento em que seus maiores conflitos no ambiente escolar eram devido à sua atuação enquanto professora sindicalizada.

Atualmente, como podemos perceber em sua fala, ela parece ter se “resignado” e aceitado que o causador do embate são as reivindicações, então ter uma boa relação na escola prescinde abrir mão de ser a professora “chata” que luta por seus direitos. Nesse sentido, pode-se dizer que a desvalorização por parte da direção das lutas dos professores pode ser algo profundamente desmotivador para o professor, o que poderá influenciar de forma negativa na sua prática docente.

Já a professora P2, ao iniciar sua resposta a esta questão, faz duas indagações e em seguida dá uma resposta sucinta.

“Se a minha relação é boa? Se eu sou uma professora agradável? Depende, sabe!” (P2).

Ela própria explica sua resposta salientando que o papel do professor não pode ser autoritário, mas o professor também não pode se deixar controlar pelos alunos; então, para essa professora, na relação professor-aluno cabe ao professor o controle da turma porque senão a aprendizagem fica prejudicada.

A professora P5, por sua vez, dá uma resposta mais geral:

“É um embate muito forte que você tem com as pessoas, as pessoas pensam muito diferente, e é muito difícil o trabalho pedagógico nas escolas do Município que eu já trabalhei, em três escolas, eu achei a mesma coisa” (P5).

Essa professora faz uma comparação entre as duas realidades de ensino que vivencia, seu trabalho na rede estadual em Goiânia e seu trabalho na rede municipal de Goiânia, e afirma que as relações na rede municipal de ensino de Goiânia são mais difíceis que na rede estadual, ela reporta essas dificuldades às diversificadas formas de pensamento existentes dentro do ambiente escolar das escolas municipais. Portanto, para P5 a forma como as relações estão ocorrendo no ensino municipal de Goiânia são motivos negativos dentro do ambiente escolar.

4.2.3 Concepções dos professores sobre o planejamento das aulas

Essa questão levou, de uma forma geral, à confirmação da importância do planejamento das aulas. Entretanto, o planejamento foi visto a partir de dois pontos de vista: o planejamento individual e o planejamento coletivo.

As respostas das professoras P1 e P2 se referem ao planejamento individual do professor.

“A primeira coisa que eu considero para que tenha uma boa aula é que tem que preparar a aula, [...] eu li um livro da Essa de Queiroz, que ela falava assim, isso me marcou muito, ‘que todo professor tem um dever a cumprir, antes de ensinar ele tem que saber’” (P1).

“Fundamental né!” (P2).

Essas duas respostas afirmam a importância do planejamento da aula para que ela ocorra de forma profícua, ou seja, para que o professor tenha o domínio do conhecimento e a capacidade de mediar esse conhecimento.

Já as professoras P3, P4 e P5 comentaram sobre o planejamento a partir de uma perspectiva coletiva. A professor P3 levanta a necessidade do planejamento ser feito a partir dos interesses dos alunos.

“É necessário sim, mas, sempre pensando em conjunto com os alunos”.

No entanto, as professoras P4 e P5 relacionam com o planejamento coletivo que era realizado nas escolas da rede municipal de Goiânia, elas dizem:

“Quando eu trabalhei na rede municipal, quando eu terminei o magistério, uma vez por semana a gente tinha horário para planejar, isso não tem mais, eu acho que foi uma perda, porque planejamento é uma coisa que tem que ser dado mais atenção, sabe, porque é o momento de você estar esquematizando com os outros professores” (P4).

“Na prefeitura o trabalho coletivo está horrível porque não há mais as 6ª feiras que a gente fazia um trabalho, a parte da manhã toda, pra planejar o coletivo com todos os professores, não existe mais” (P5).

Novamente o planejamento extinto na rede municipal é citado. Diante da fala dessas 2 (duas) professoras percebe-se que o planejamento coletivo, que existia na rede municipal de Goiânia, era visto pelos professores como um momento motivador da sua prática, o momento em que ele tinha a oportunidade de discutir com os colegas a realidade do ambiente escolar e, juntos, buscar alternativas.

4.2.4 Avaliação do professor quanto a suas aulas e ao seu trabalho com os alunos

Como você avalia as suas aulas e o seu trabalho com os alunos? As respostas a esta questão levantam dois assuntos essenciais para a prática docente: a satisfação profissional durante a atividade docente e a concepção crítica do professor em relação à sua própria atuação.

A professora P1 aborda a primeira questão com a seguinte afirmação:

“[...] quando eu tô na sala de aula, eu e os alunos, eu sou completamente feliz, eu gosto de dar aula, gosto!” (P1).

Para essa professora um importante motivo da atividade docente é o gosto pela profissão e, como pode-se perceber através de sua fala, esse gostar está diretamente relacionado ao papel do professor com os alunos.

Em se tratando da segunda questão, ou seja, as concepções dos professores sobre sua atuação docente, a fala da professora P5 demonstra claramente a influência da formação para o trabalho do professor.

“Eu penso que elas têm que melhorar muito (aulas), eu tenho que conseguir trabalhar mais dinâmicas, motivar mais os alunos [...] porque eu não consigo fazer um bom trabalho pedagógico, porque eu não tenho na minha formação algo que tivesse sustentado isso” (P5).

Essa professora demonstra certo desanimo em relação a sua atuação na rede municipal de ensino de Goiânia, para ela, além da sua formação inicial não ter sido suficiente para que desenvolva sua atividade docente de forma plena, as condições atuais da rede também não lhe permite mudanças reais. Consideramos importante salientar que essa professora é mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás.

4.2.5 Concepções dos professores sobre o que consideram importante ensinar para os alunos

O que você considera importante ensinar para os seus alunos? Diante dessa questão as professoras deram respostas como:

“Olha, primeiro o que é a Geografia, qual é o objeto da Geografia, porque a gente estuda Geografia e que nós vivemos a Geografia no dia-a-dia” (P2).

“Estimular a ter consciência dos atos que interferem não só no local, mas tudo que a gente faz [...] eu acho importante que ele correlacione a aula com sua vida, porque nós não estamos fora da realidade” (P3).

“Olha, além do que é geográfico, o olhar geográfico, a leitura geográfica [...] A gente tem que estar indo para a questão dos valores, da questão dos temas transversais [...] Tem muita coisa gritante, violência, a questão da sexualidade, o professor tem que trabalhar um pouco a questão humana também, que é o que muito está se precisando” (P4).

“Noções básicas de uma forma geral, sem falar em conteúdos, eu acho que ele tem que conhecer a realidade em que ele vive, o espaço dele, a realidade vivida por ele, sabe!” (P5).

As respostas para esta questão englobam, como percebeu-se, a mesma essência, a importância do professor ensinar os conteúdos geográficos aliados à vivência dos alunos, ou seja, é necessário que o professor esteja atento a vida que os alunos levam fora da escola, e as influências de suas experiências no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o professor precisa ser:

Um sujeito com sentido de pertencimento a um mundo, à sociedade, com uma identidade que lhe seja dada como ser social e com a competência profissional, que saiba operar com o tradicional e o novo, com o conhecimento e o a descobrir-se, que consiga interligar o conhecimento produzido pela ciência à capacidade criativa de produzir o seu próprio saber (CALLAI, 2003, p.17)

No entanto, é essencial que o professor de Geografia consiga aliar à sua atuação docente com os conhecimentos sociais. Esse é um fator considerado pelas 5 (cinco) professoras como algo profundamente motivador para o aluno, mas também o é para os professores.

4.2.6 Concepções dos professores com relação aos conteúdos geográficos

Você tem preferências com relação aos conteúdos geográficos? Das professoras entrevistadas somente P2 responde diretamente que tem preferência com relação aos conteúdos geográficos, as demais professoras afirmam que apesar de possuírem maior afinidade com alguns conteúdos geográficos, não o valorizam em detrimento de outros para não prejudicar os alunos.

A professora P2 expõe, em sua resposta, sua preferência em relação aos conteúdos Geográficos referentes à Geografia Humana.

“Tenho! Eu tenho dificuldades, acho que grande parte, eu conheço pouquíssimos professores que gostam de trabalhar com a Geografia Física [...] eu gosto de trabalhar, se fosse para eu escolher, com a Geografia Econômica e Política” (P2).

Para ela essa é uma preferência da maioria dos professores de Geografia, o que suscita a discussão sobre uma formação inicial deficitária e a conseqüente dificuldade dos professores em trabalhar esses conteúdos no ensino básico, o que leva a uma abordagem insuficiente ou mesmo inexistente desses conteúdos.

As professoras P3, P4 e P5 deram as seguintes respostas:

“eu acho que o aluno vai perder se eu pular, ou porque tenho dificuldade ou porque eu não gosto do conteúdo [...] eu gosto de trabalhar em conjunto né, leitura, interpretação e Geografia” (P3).

“Eu acho que a gente tem afinidade, mas, a gente não pode ter preferência para não prejudicar o aluno” (P4).

“Não, não tenho preferências, mas eu percebo nos alunos que eles têm, assuntos tipo efeito estufa, aquecimento global, algo que tá mais vinculado à mídia, conteúdos que são mais popularmente falados, que atingem esses alunos, eles ficam mais motivados [...] e também acabam me motivando mais, porque quando eu percebo que a turma tá motivada pelo assunto, eu também me dou mais, e me envolvo mais com o trabalho” (P5).

Portanto, para as 3 (três) professoras, mesmo que existam preferências por parte dos professores em relação aos conteúdos geográficos, essas preferências não podem ser colocadas acima do interesse maior que é a aprendizagem dos alunos, ou seja, acima da

educação geográfica. No entanto, como salienta P5, é impossível não perceber que os alunos também possuem suas preferências, geralmente com temas tratados pela mídia, o que com certeza é um importante fator motivador da aula, e deve não só ser abordado pelo professor, como também servir de base para trabalhar conteúdos que complementam seu entendimento, ou mesmo conteúdos que serão seu resultado.

No exemplo citado por P5, o professor pode trabalhar diversos conteúdos geográficos para explicar os problemas ambientais do planeta Terra, explicando os fenômenos naturais, suas causas e consequências, além, é claro, de ter a possibilidade de, a partir de um “conteúdo físico”, tratar questões referentes às influências humanas nessa questão.

Já P1 remete sua resposta à forma como os conteúdos devem ser trabalhados.

“Eu não diria mais importante, eu diria mais necessários para a prática deles, por exemplo, eu tenho aluno de ensino médio que tá indo para o mercado de trabalho, então eu não vou trabalhar com esse aluno o mesmo conteúdo que eu trabalho com o aluno do EJA, que já estão, na maioria, quase saindo do mercado de trabalho” (P1).

Para ela deve-se levar em conta as diferentes faixas de idade, e também a realidade dos alunos na forma como o professor irá conduzir o conteúdo.

4.2.7 Inclusão dos saberes locais e da realidade do entorno da escola nas aulas

E com relação aos saberes locais e a realidade do entorno da escola, você considera importante incluir nas suas aulas? As respostas das professoras entrevistadas foram unânimes em relação a essa questão, todas acreditam ser imprescindível incluir a realidade do entorno da escola nas aulas, no entanto, somente a professora P3 se ateu à questão dos saberes locais.

Apesar das professoras P1, P2, P4 e P5, concordarem que a realidade do entorno da escola deve estar presente em suas aulas, suas respostas abordaram pontos distintos sobre essa realidade.

A professora P1 afirma que é importante que o aluno tenha consciência da sua realidade e que aprenda com o auxílio da escola a lutar por seus direitos, além disso, ela também defende a importância do indivíduo lutar pelo direito de uma educação pública de qualidade, o que na sua concepção depende em grande parte da participação familiar dentro do ambiente escolar.

“Até porque o gostoso da Geografia é isso, é mostrar o espaço geográfico que o aluno vive, as deficiências, mostrar o que tá bom, o que tá ruim, ensiná-los a cobrar melhoria [...] mostro pra eles que o que falta para complementar (ensino público) é nada mais nada menos que participação da família” (P1).

Já P2 e P4 remetem suas respostas à importância da valorização da realidade local para que o aluno possa compreender a realidade global.

“Não adianta o aluno ter conhecimento da África, do Iraque, se ele não conhece o seu... Então para ele poder relacionar que existe violência, existe conflito, mas que esses conflitos também estão próximos deles” (P2).

“Tem que ser trabalhado o local pro aluno começar a buscar as referências e a despertar o olhar geográfico [...] não adianta falar de um assunto que ele não entende e não reconhece no que está próximo dele” (P4).

Como pode-se perceber, através dessas respostas, as professoras P2 e P4 compartilham da mesma concepção na qual se deve iniciar o trabalho com o estudo do local, ou seja, primeiro o aluno precisa compreender a realidade na qual ele está inserido e com isso terá subsídios teórico-práticos para compreender os acontecimentos globais, como aborda a teoria da atividade. E a partir daí terá condições de colocar seu lugar dentro do mundo, relacionando em que medida o local influencia o global e o contrário, também, como o global influencia o local.

E P5 levanta os problemas e empecilhos existentes dentro do ambiente escolar para que o professor investigue essa realidade.

“Eu queria frizar que esse tipo de trabalho (expedições pelo setor) não é possível, fazer atualmente no Município, com turmas tão numerosas, turmas de 35 a 40 alunos [...] a gente não tem muito respaldo também, falta tudo de estrutura, de apoio, falta tempo para poder fazer isso [...] depois ele não vai conseguir tempo para fazer o tanto de burocracia que a gente é submetido, fichas, relatórios, correções” (P5).

Para essa professora não é possível realizar trabalhos que envolvam expedições de alunos e professores para investigar a realidade vivida no entorno da escola, ou seja, a realidade vivida pelos alunos. Como colocado pela própria P5, falta o apoio da escola para a realização desse tipo de atividade, falta condições de estrutura devido à excessiva quantidade de alunos por sala e falta principalmente tempo, sendo que a professora relaciona a falta de tempo à necessidade de se realizar excessiva quantidade de serviços burocráticos na rede municipal de ensino de Goiânia.

Com relação aos saberes locais, a professora P3 dá a seguinte resposta:

“É necessário ouvir o aluno, as experiências de vida deles no bairro que ele mora, nos setores do entorno, isso eu acho que é saber ouvir o aluno, participar, ser sujeito ativo na relação didático-pedagógica, e no ensino-aprendizagem, porque não é só o professor que ensina e só o aluno que aprende” (P3).

A professora P3 enfatiza a importância da valorização dos conhecimentos e experiências trazidos pelos alunos. Para ela, o professor precisa considerá-los para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma plena. Nesse sentido, como muito bem colocado pela professora, o aluno é, assim como o professor, um sujeito ativo do processo educativo.

4.2.8 Metodologias utilizadas cotidianamente pelos professores

As respostas das professoras em relação à metodologia de aula utilizadas revelaram, de uma forma geral, a adoção de aulas ditas expositivas, somente a professora P3 apresenta uma metodologia diferenciada, o que pôde ser percebido através dessa resposta e pelo conjunto das respostas dadas por P3.

As professoras P1, P2, P4 e P5 apresentam basicamente as mesmas metodologias:

“Bom, o tipo de aula que eu gosto muito de trabalhar é a aula expositiva, mas não aquela aula expositiva de quadro e giz, mas eu coloco o assunto na lousa e a gente vai

discutir aquele assunto dentro da nossa realidade, dentro do dia-a-dia, porque eu acho que Geografia é o dia-a-dia, não tem como você trabalhar Geografia hoje com realidade distante, com exemplos distantes, aí fica complicado [...] Então, eu trabalho muito com mapa, com texto de jornal, reportagens de televisão, eu tento aproveitar tudo que eu tenho” (P1).

“[...] eu explano alguma coisa referente ao assunto, sempre localizando né, pegando mapas, [...] a questão econômica também [...] aí a avaliação é feita através das atividades, ou são questões ligadas ao conteúdo, ou uma reportagem de uma revista, jornal, ou mesmo uma pesquisa da internet pra eles complementar, ou depois expor em um painel, dessa forma, e a medida do interesse da turma, eu percebo se eles pegaram mesmo o conteúdo, se eles fazem a relação” (P2).

“Trabalho com o ciclo como a rede me pede, mas, [...] eu busco no meu planejamento, retomar a aula anterior, mesclar conteúdos, utilizando a experiência que o aluno já tem, e eu vou mesclando isso, misturando isso para ter um maior rendimento dentro da sala de aula” (P4).

“Nossa, infelizmente eu tenho usado muito, por causa dessa falta de estrutura, aula expositiva, tenho utilizado muito, e aí às vezes eu utilizo recursos áudio visuais, um vídeo, às vezes uma transparência, quando a escola tem um retroprojeto, e filmes, mas, o mais usado mesmo enquanto recurso acaba sendo o quadro e o giz. [...] na prefeitura até o ciclo III os alunos não sabem ler nem escrever, na maioria, então a gente trabalha com produção de texto” (P5).

Considera-se que a resposta da professora P5 expressa claramente o que as outras 3 (três) professoras tentaram colocar. Como diz P5, a aula expositiva é importante, mas não é suficiente, e muito menos motivadora para os alunos. Como se pode perceber através das falas das professoras, a realidade da escola pública municipal de Goiânia nem sempre permite que o professor realize um trabalho diferenciado. No entanto, como as próprias professoras deixam claro, a criatividade do professor em relação às metodologias de aula pode ser um caminho para mudanças positivas dessa realidade.

Já a professora P3 relata durante toda a entrevista a forma como comumente ocorrem suas aulas.

“Diferentes tipos de avaliações, seja oral, escrita, prática, teórica, eu gosto de criar coisas [...] você tem que pensar em todos (tipos de alunos) na mesma turma” (P3).

Apesar dela não expor de forma totalmente direta sua metodologia, o que pode-se perceber é que ela aborda o conteúdo de uma forma que os alunos tenham a capacidade de compreender. No entanto, como a turma é composta por diversos tipos de alunos, com realidades distintas em relação ao que sabem, a professora constrói momentos, sejam atividades escritas, orais, pesquisas, jogos, entre outros, nos quais considera o indivíduo,

como ela mesma afirma, ela pensa em cada aluno no momento do planejamento e construção de sua aula.

4.2.9 Concepções dos professores sobre a utilização do livro didático

No que se refere à utilização do livro didático, as professoras entrevistadas afirmam que ele é um importante instrumento do professor e, no entanto, levantam algumas questões que interferem na sua plena utilização.

A primeira questão levantada foi o fato do livro didático adotar tendências teóricas, ou seja, o posicionamento do autor sempre está presente.

“[...] você não pode utilizar só o livro didático, mas ele é o apoio, você precisa de um livro para poder ter uma orientação, é a base [...] a moderna agora tá com o projeto Araribá, vários professores montaram e isso é legal” (P2).

“[...] esses livros, adotam também sempre uma tendência [...] não mesclam esses posicionamentos teóricos” (P5).

Isso na visão de pelo menos 2 (duas) das professoras é algo que afeta o trabalho do professor e impossibilita sua utilização como única base nas aulas. A professora P2 como se percebe através de sua resposta, acredita que essa realidade pode mudar a partir de trabalhos coletivos na elaboração dos livros didáticos.

Outra questão colocada por algumas das professoras é o fato dos livros didáticos estarem muito distantes da realidade dos alunos.

“Não ficar restrito ao livro didático, o livro didático nunca vai abordar o que você perguntou anteriormente sobre a inclusão dos saberes locais e a realidade do entorno da escola nas aulas [...] é importante pro aluno pesquisar, ler em casa, porque ele pode pegar, ler, ter contato com figuras, com mapa, ele não está naquela realidade mas, ele pode visualizar através do livro didático, mas o professor ficar preso ao livro didático não” (P3).

“Eu não gosto de alguns livros didáticos, a forma como eles são estruturados [...] então eu sinto falta dos livros de Geografia e História serem mais regionalizados [...] a Geografia ser mais voltada para o que nós temos aqui” (P4).

“Eles não colaboram com o que a gente falou da realidade do aluno, geralmente trazem realidades que o aluno desconhece, de São Paulo, do Rio de Janeiro, exemplos, o texto numa linguagem muito difícil para os alunos” (P5).

As respostas de P3, P4 e P5 revelam claramente a insatisfação das professoras em relação aos livros didáticos devido ao distanciamento com a realidade da região Centro-Oeste. As três respostas demonstram o quanto essa questão influencia o trabalho do professor, vista que impossibilita o que havia sido defendido anteriormente, ao tratar-se da relação entre o local e o global.

Além disso, a professora P5 também levanta a questão da insuficiência do livro didático na rede municipal de Goiânia, segundo ela, a maioria das escolas não possui número de livros suficientes para todos os alunos, tornando o livro didático apenas um apoio em sala de aula, pois o aluno não pode levá-lo para casa.

A professora P1 levanta ainda a importância da utilização do livro didático frente à enorme quantidade de informações postas pela mídia.

“Eu acho que ele é de fundamental importância para o nosso aluno da escola pública, porque ele é o único referencial de leitura que ele tem, infelizmente. [...] ele (o aluno) tem informação, mas ele ainda não sabe pegar a informação e transformar em conhecimento, que é muito diferente, e o livro didático dá essa possibilidade para ele” (P1).

A professora P1 aborda uma questão vista como essencial, a confusão que se faz entre atualidades e os conhecimentos da Geografia Escolar. No mundo de hoje, é fundamental que o aluno tenha acesso aos meios de comunicação de uma forma geral, especialmente à internet, entretanto, essas informações não são suficientes para se formar um indivíduo crítico-reflexivo; a educação formal oferecida pela Geografia Escolar através da mediação de docentes preparados é que possibilita transformar indivíduos em sujeito de sua própria história, em cidadãos conscientes e ativos.

4.2.10 Concepções dos professores sobre o trabalho em grupo

Em se tratando da realização de atividades por parte dos alunos em grupo, ou seja, o trabalho em grupo, as professoras deram respostas favoráveis à formação dos grupos e realização de atividades em sala de aula, das 5 (cinco) professoras entrevistadas 4 (quatro) consideram que o trabalho dos alunos em grupo é importante e que pode auxiliar positivamente no processo de ensino aprendizagem.

“Eu valorizo muito o trabalho em grupo, dentro da sala de aula. [...] pra dar significado [...] eu procuro sempre por níveis diferentes no mesmo grupo” (P1).

“Necessário, porque o aluno tem que dividir, tem que saber dividir para ele socializar. O aluno, às vezes, tem certos bloqueios em relação a produzir algumas coisa, e quando ele está só entre os colegas, um ajudando o outro, isso facilita muito o desenvolvimento” (P2).

“Fundamental, sem ele a escola não tem um trabalho de qualidade não, se cada um quiser fazer individualmente como que vai sair um trabalho pro aluno aprender, se o aluno também não aprende individualmente, é só em grupo” (P3).

“[...] o trabalho em grupo é muito importante, e o professor tem que ter a sensibilidade de estar mesclando e variando esses grupos, e tá envolvendo atividades diversificadas, com níveis diferenciados, fazendo o rodízio, também, dessas atividades. Então, no planejamento o professor tem que se ater, também, a isso” (P4).

Como pode-se perceber pela fala dessas professoras, o trabalho em grupo é considerado como uma metodologia de aula que auxilia o professor de forma positiva. Possibilita que os alunos realizem um processo de troca de experiências, permitindo também sua inter-relação, ou seja, os alunos têm a chance de se relacionar com seus pares e, assim, ver suas diferenças e as possibilidades de contribuírem com o desenvolvimento do outro. Portanto, considero que as falas das professoras em relação a essa metodologia de aula conduzem a uma concepção de que o trabalho em grupo é uma atividade que motiva os alunos e os professores.

No entanto, para a professora P5 esse tipo de metodologia de aula não funciona da forma como se propõe. Para essa professora, o trabalho em grupo fica dificultado pela questão do espaço físico insuficiente pois inviabiliza que os grupos sejam formados rapidamente e que tenham o espaço necessário para as discussões.

P5 explica:

“É complicado, eu já tentei várias vezes fazer dupla, que é o que mais funciona porque acima de 3 alunos, 2 alunos é difícil, 3 alunos, quase impossível, porque tem que fazer um rearranjo na sala, e quando vai fazer o espaço físico da sala é pequeno, eles não conseguem se organizar e você tem uma aula de 60 minutos e você pega 30 minutos para organizar a sala, e uma sala lotada com espaço físico ruim, eu particularmente, prefiro fazer um trabalho em dupla”.

Portanto, para P5 nas escolas municipais de Goiânia só é possível realizar atividades que não demandam espaço físico, pois o tamanho das salas de aula é insuficiente.

4.2.11 Relação do professor com os pais dos alunos

No momento da entrevista com as professoras, ao questionar sobre a relação dos professores com os pais dos alunos, percebeu-se um grande desanimo por parte das professoras, compreende-se que essa é uma questão central dentro do ambiente escolar hoje. As professoras são unânimes em afirmar que os pais estão distantes do ambiente escolar e até mesmo, em grande parte dos casos, da vida dos filhos.

“[...] o grande problema da escola pública não está nem no ensino, mas na questão da família desestruturada, a maior parte dos nossos alunos, praticamente, vem de famílias totalmente desestruturadas. Como um aluno pode ter um rendimento escolar razoável se ele não tem estrutura nenhuma em casa, se ele não tem nenhum apoio, é complicado. E geralmente os alunos que nós temos maiores problemas de atenção, de produção, quando você vai pegar a ficha, o livro do pai, da mãe, do responsável, ele não tem esse responsável, e quando vem esse responsável a gente pensa assim: ‘nossa esse aluno até que é bom demais’, pela família ou pelas pessoas que cuidam dele” (P2).

“A dificuldade que não só eu, mas todos os professores têm é que não temos muito apoio da família, então o aluno acaba só ele mesmo [...] Isso é muito difícil e influi muito em sala de aula, porque você vê o reflexo nítido nos alunos, pode parecer jogar a culpa, mas, não é culpa, é que tá faltando, e é preciso ser falado que tá faltando. Então, isso interfere muito no meu trabalho, porque se o aluno tá desinteressado e não tem motivação, e muitos casos de violência familiar, então ele já chega fechado, não se abre com os colegas, não se abre com o professor, então a aprendizagem pra ele fica prejudicada” (P3).

“[...] meu relacionamento com os pais é bom, eu peço para chamar os pais, mas primeiro eu converso com o aluno em sala, segundo peço ajuda para a coordenação, terceiro eu peço para chamar os pais [...] Tenho sido bem aceita, minha postura eu

acredito ser boa, responsável, porque eu não chamo o pai à toa, e nem fico só denegrindo a imagem do filho dele [...] Tem alunos aqui que eu tenho muito problema, então, eu fui procurar saber, o pai tá nos Estados Unidos, a mãe tá cheia de filho, cuida da avó, a mãe trabalha fora. Então, a violência desse aluno é porque ele quer chamar a atenção, ele tá sem limite, porque ele tá se sentindo assim: o pai foi tirado dele, a mãe não tem tempo pra ele, como que esse menino tá vivendo? Então, a gente tem que saber o contexto desse aluno pra poder entender melhor as suas atitudes, e poder agir de forma adequada” (P4).

“[...] não aparecem, não participam, então, é complicado essa relação. E quando aparecem, geralmente, não ouve o professor, ouve o aluno, isso é muito difícil! Então os pais já chegam se queixando do professor, sem conhecer o trabalho que a gente tem feito, isso é difícil, é complicado” (P5).

É consenso entre as professoras que existem exceções, pais que são participativos e preocupados com os filhos num âmbito geral e também no que se refere à sua vida escolar. No entanto, o que as professoras dizem perceber, a partir de sua vivência cotidiana com os alunos dentro do ambiente escolar, é que a participação dos pais ou responsáveis é cada vez mais rara. Essa realidade é para as professoras a razão de grande parte dos problemas apresentados pelos alunos, o que inclui o desinteresse, a violência, ou mesmo sua apatia.

Portanto, como as próprias professoras dizem, essa é uma questão profundamente desmotivadora para o professor diante de sua prática docente. Vista que, essa situação está acima das possibilidades do professor, ou seja, é algo que influencia profundamente a prática do professor, mas que ele não tem condição de resolver, o que leva o professor a um sentimento de impotência.

4.3 As emoções do professor de Geografia diante de sua prática docente

A terceira e última etapa da entrevista com os professores de Geografia da rede municipal de ensino da região Sul de Goiânia, foi composta por questões referentes às emoções do professor de Geografia no que se refere especificamente à sua atividade docente. Nesse momento da entrevista já haviam discorrido sobre sua relação inicial com a educação, na infância, o primeiro contato com a Geografia, sobre o curso de Graduação, sobre o momento inicial de docência; também já haviam abordado por um longo período sobre sua prática docente atual e as nuances que estão presentes nessa atividade, portanto, as relações

estabelecidas com o professor já permitiam aproximar de assuntos relativos à subjetividade de cada professor entrevistado e com isso, diretamente, nas suas emoções e motivações.

O roteiro dessa terceira parte da entrevista inclui diversas questões, que serão divididas em três blocos de análise, o primeiro bloco compõe-se de questões gerais relativas à prática dos professores, o segundo bloco questões que se referem às emoções dos alunos e o terceiro bloco questões que fazem referência direta às emoções dos professores.

4.3.1 Questões gerais relativas à prática dos professores

Fazem parte desse bloco as seguintes questões a respeito da concepção do professor de Geografia: sobre os atributos de um bom professor de Geografia; sobre o trabalho na rede municipal de ensino de Goiânia; com relação ao ambiente da escola; com relação ao salário dos professores; com relação à formação continuada; em relação ao que sua família pensa da sua profissão; com relação à sua profissão; com relação ao papel do professor.

4.3.1.1 As concepções dos professores de Geografia sobre os atributos de um bom professor de Geografia

Ao serem indagadas sobre os atributos de um bom professor de Geografia, as professoras deram respostas que se aproximaram, conduzindo à concordância de que, para ser um bom professor de Geografia, o docente precisa estar se sentindo motivado, ou seja, ele precisa ter motivos que o leve a desenvolver um bom trabalho na sua prática docente.

As 5 (cinco) professoras entrevistadas consideraram como questões motivadoras, a necessidade da leitura, a importância do tempo para que o professor desenvolva bem suas atividades docentes, ter criatividade, ter criticidade, a necessidade da reflexão, ter interação com alunos e demais professores, a afetividade entre os componentes do ambiente escolar,

valorizar a interdisciplinaridade, valorizar a atualização docente, o professor precisa ter conhecimento da ciência geográfica, da educação e da psicologia infantil.

“Um bom professor de Geografia hoje ele precisa ler muito, ter tempo pra ler, ter condição de comprar livros, ter tempo para preparar aulas interessantes, porque a gente ainda trás aquele ranço da Geografia tradicional, dos questionários, que você precisa quebrar isso” (P1).

“Primeiro ele tem que gostar da disciplina Geografia, segundo ele tem que [...] saber que ele é um profissional da área (dar aula não é sacerdócio)” (P2).

“[...] ter criatividade, criticidade, reflexão, interação com o aluno, dialógico com os alunos e professores, afetividade não só com os alunos, mas no trabalho em grupo, em equipe, interdisciplinaridade pra trabalhar a Geografia e ver as outras visões sobre o mesmo tema [...] Continuar se atualizando, pós-graduação” (P3).

“[...] eu acho que é fundamental essas três coisas, o conhecimento da ciência geográfica, um conhecimento do sistema educacional brasileiro, de como está, e depois, um conhecimento da psicologia infantil” (P5).

A professora P4 aborda ainda as dificuldades enfrentadas a partir do momento que o professor chega ao mercado de trabalho, ela acredita que para que o professor consiga superar essas dificuldades é fundamental que ele tenha motivos para realizar uma prática docente mais significativa. Portanto, para P4 são motivações na prática do professor, sua identificação com a educação e com a Geografia, desenvolver sua identidade enquanto profissional docente, considerar a Didática e o potencial humano, e diante de tudo isso ter uma atuação mediadora, ou seja, o professor precisa ser um mediador do processo de ensino-aprendizagem, assim como defendido por Vigotski.

“[...] ele tem que identificar com a educação, identificar também com a Geografia, e não fazer da educação uma coisa passageira, é fazer da educação o seu espaço profissão, criar a sua identidade profissional [...] eu tenho a didática, eu acredito no potencial do ser humano, eu acredito que eu posso estar mudando essa realidade, através do meu instrumento que é a mediação do saber. Então, é isso, tem que acreditar na educação” (P4).

4.3.1.2 As concepções de professores de Geografia em relação ao ambiente da escola

Ainda sobre questões que motivam o professor na sua prática docente, a professora P2, ao comentar sobre o ambiente da escola onde atua, levanta como ponto positivo a sintonia entre os componentes do processo de ensino-aprendizagem. Para P2 o bom relacionamento

dentro do ambiente escolar, entre os professores, com os alunos e com a direção, possibilita a realização de uma prática mais motivadora.

“Eu gosto, porque a gente tem uma equipe bem sintonizada, tem confiança entre os colegas [...] A equipe para funcionar tem que ter essa afinidade [...] a gente tem que ter um ambiente agradável. Agradável no sentido de questão de organização, é lógico que tem as falhas, mas aqui o ambiente é muito legal, a direção tá sempre apoiando a gente, isso acende o trabalho da gente” (P2).

No entanto, algumas das professoras ao serem indagadas sobre o ambiente da escola discorreram sobre questões que levam à desmotivação dos professores na sua prática. A professora P3, por exemplo, expõe as dificuldades enfrentadas pelos professores de Geografia na escola municipal onde trabalha, para ela o sistema de ciclo de formação e desenvolvimento humano não é realizado de acordo com o que está proposto, o que prejudica o ensino. P3 também expõe como motivos negativos para a prática docente do professor:

“ [...] falta estrutura física, falta salas, falta laboratórios, falta mais verbas pras escolas, [...] materiais didático-pedagógicos, jogos, filmes, documentários, mapas, o globo só tem esse sobre o relevo [...] televisores, porque fica restrito a algumas salas, às vezes prejudica o andamento da aula, porque tem que ficar trocando de sala com outra turma. [...] Falta verba também até pra fazer aula prática, porque como aqui a comunidade é carente então eles não têm dinheiro para que os alunos possam participar de atividades práticas em museus, parque” (P3).

4.3.1.3 As concepções de professores de Geografia com relação à formação continuada

Ao serem questionadas em relação à formação continuada as professoras são unânimes, consideram que ela é essencial, no entanto, discordam sobre a forma como deve se dar essa formação. A professora P4, por exemplo, defende uma formação continuada que ocorra a partir de capacitações, para P4 esses momentos de formação tornam a prática do professor mais motivadora.

“É fundamental, tem que ter capacitação sim, para o professor se sentir melhor, se sentir mais seguro, se sentir valorizado e consequentemente poder buscar até pra reivindicar melhores condições de salário, porque ele tá dando o seu melhor, ele tá buscando, ele tá participando, então, pra ele não ficar estagnado também é fundamental, tinha que ter sempre formação continuada” (P4.)

A professora P2, por sua vez, discorda de P4 e considera que nem sempre esses cursos de formação são momentos significativos para o professor. Segundo P2, existem 2 (dois) pontos que considera profundamente negativos, primeiramente a questão do professor ficar sobrecarregado de atividades, e depois a dificuldade de relacionar os conhecimentos teóricos com sua prática cotidiana.

“Excelente né, desde que não sobrecarregue o professor, e ele fique só na formação continuada e esqueça da prática, porque o que eu vejo aí é que muitos professores vivem só em função de cursos, mas quando chega na prática das aulas parece que não sabe relacionar o teórico com a prática, muito conhecimento mas, só no teórico. Ela é fundamental, desde que isso não sobrecarregue e não leve o professor a distanciar da prática” (P2).

Portanto, para P2 esses cursos não conseguem cumprir seu papel diante da prática docente.

Também compartilha dessa concepção a professora P5, sua postura é ainda mais contundente em relação aos cursos de formação continuada oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação. Para P5 além desses momentos não acrescentarem para a prática do professor ainda são atividades que desmotivam os mesmos.

“Depende da formação continuada, porque essa que nós temos na prefeitura desmotiva qualquer pessoa, porque não esclarece as coisas, são as jornadas pedagógicas que nós fazemos, é o que nós entendemos como formação continuada na prefeitura, geralmente trazem pessoas de fora para falar de uma realidade que você não está vivendo, pessoas às vezes mal preparadas, e umas jornadas pedagógicas que não focalizam para o ensino de Geografia, e mais para os problemas que a gente vive, que é a indisciplina..., não focalizam para os problemas que a gente vive. Então, a formação continuada na prefeitura é péssima! A maior parte dos professores, eu te garanto, só fazem porque tem um acréscimo no salário. Então, a formação continuada é ruim do jeito que está sendo colocada, ela seria boa se fosse reestruturada, repensada, e até a universidade pudesse colaborar com essa Formação continuada” (P5).

A professora P5 defende uma formação continuada que realmente traga significados e melhorias para o professor diante de sua prática, P5 defende ainda que a Universidade deve estar presente nesse processo de reestruturação da formação continuada que ocorre nas escolas municipais de Goiânia. Para ela é importante que sejam tratadas as questões referentes à realidade vivida pelos alunos e professores, o que na sua concepção realmente contribui para a prática do professor.

4.3.1.4 As concepções de professores de Geografia em relação ao que sua família pensa da sua profissão

Ao serem questionadas sobre o posicionamento da família em relação à profissão docente, as professoras levantaram motivos positivos e motivos negativos. Os motivos que consideraram positivos são: as influências de familiares na escolha dessa profissão, a escolha dessa profissão, o fato de ser considerado uma pessoa batalhadora que luta por um futuro melhor e o reconhecimento em relação ao trabalho realizado.

“[...] reconhecem meu trabalho, me estimulam sempre, assim, eu sou feliz pelas pessoas da minha família, assim, eles reconhecem, apóiam sabe, isso eu não tenho problema não” (P4).

Dentre os motivos considerados negativos pelos familiares, foi levantado o problema da falta de tempo para a família, principalmente para os filhos, e também a questão salarial, para os familiares a questão financeira vem em primeiro lugar.

“Acha que eu ganho muito pouco, que eu poderia ter outra profissão, que sofro muito, porque eles acompanham né, você não tem tempo pra sua família” (P5).

4.3.1.5 As concepções de professores de Geografia em relação ao salário dos professores

No que se refere à concepção dos próprios professores em relação aos salários, as respostas são unânimes, o salário dos professores é considerado pelas 5 (cinco) professoras entrevistadas como uma questão que desmotiva o docente. As professoras consideram que o salário é muito baixo, o que coíbe a atividade docente, pois causa problemas familiares, a necessidade de uma excessiva carga horária de trabalho, o desanimo em relação a atualização profissional, dentre outros.

“Pesa demais, porque você tem satisfações para dar para sua família, por exemplo, nas férias ele (o filho) ‘aí se você tivesse dinheiro a gente poderia ir para o litoral, a gente podia fazer isso, podia fazer aquilo’” (P1).

“Tá faltando (risos), se for pensar só nisso, nossa! E eu vejo que você não vê estímulo se você faz qualquer tipo de pós-graduação, latu sensu, strictu sensu, no seu salário. Você não faz só por isso, é claro, mas também não faz muita diferença não. Então, você não vê estímulo para continuar se atualizando” (P3).

“Risos. Uma vergonha, né, é uma vergonha! A questão salarial, pra não falar ridícula, mais vergonhosa, porque desvaloriza, desestimula” (P4).

“O salário do professor é bom nem perguntar, porque senão você desiste de trabalhar [...] a maior parte dos professores, colegas que eu tenho, pensam assim, que o ensino não compensa mais, que a educação tá muito ruim como está, e a maior parte desses professores estão mesmo desmotivados” (P5).

Portanto, a questão salarial é uma questão que causa a desmotivação dos professores, isso segundo a concepção das próprias professoras investigadas. Para a professora P2, por exemplo, a questão salarial representa 50% da motivação do professor.

“[...] o salário é negócio sério né, porque se você for analisar 50% da nossa motivação tá ligada ao salário, se você é bem remunerada você trabalha também com maior disposição, e aí você não precisaria ficar em 3, 4 escolas, ia poder fazer um trabalho mais legal, e ficar exclusivamente em 1 escola, mas ganhando o que eu ganho em 3, 4 escolas” (P2).

Entretanto, a remuneração é apenas um dos fatores presentes na prática docente do professor de Geografia, assim, apesar dos professores estarem profundamente insatisfeitos com essa questão percebe-se que existem motivos que conseguem suplantar essa

desmotivação salarial e possibilitar, ao professor, diversos outros motivos que o levam a se manter na profissão docente.

4.3.1.6 As concepções de professores de Geografia com relação ao papel do professor

Ao serem questionadas sobre o papel do professor de Geografia, a fala da professora P3, de uma forma geral, engloba as respostas das demais professoras.

“[...] de estimular o aluno a ser crítico, o que não é só na Geografia, mas, a Geografia tem uma grande contribuição que ele não vai pensar só localmente, ele vai ampliar a visão e pensar no todo, global, a partir da realidade dele, ver a realidade do mundo, discutir os conceitos geográficos que vão ser importantes não só na aprendizagem dele na escola durante a vida estudantil, mas pra vida também, é importante entender, compreender o mundo que se vive as relações sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas em geral” (P3).

As professoras compreendem que o papel do professor é possibilitar aos alunos condições de se tornarem sujeitos pensantes, indivíduos que compreendem a realidade que os circunda e as relações que são estabelecidas tanto localmente quanto globalmente. Portanto, o papel do professor deve ser de mediador entre o conhecimento produzido pela humanidade e os alunos, tendo em vista suas histórias de vida e a realidade na qual então inseridos.

4.3.2 As emoções dos alunos

No decorrer da entrevista as professoras também foram questionadas sobre as emoções dos alunos no que se refere especificamente à sua afetividade no ambiente escolar e ao seu interesse durante o processo de ensino-aprendizagem.

Quanto à afetividade dos alunos foi feita a seguinte questão às professoras: O que você percebe dos seus alunos com relação à afetividade? As 5 (cinco) professoras foram unânimes quanto à afetividade dos alunos das escolas municipais da região sul de Goiânia, para essas professoras os alunos são carentes de afetividade.

“[...] eles gritam por afetividade, eles gritam por carinho, por atenção” (P4).

São alunos que apresentam diversos problemas afetivos que influenciam diretamente no trabalho do professor. Portanto, a carência afetiva dos alunos é um dos motivos que interfere na prática docente do professor de Geografia.

Dentre as respostas dadas pelas 5 (cinco) professoras a esta questão, foram explanados alguns pontos de vista comuns com possibilidades diferenciadas. A professora P1 relata que essa carência afetiva dos alunos pode levá-los a caminhos errados.

“[...] uma grande parte decidem resolver essa carência por formas não tão corretas, digamos assim, alguns ou até vários buscam pela questão da droga, eles são objeto de manobra na mão do tráfico” (P1).

Para P1 seria uma forma do aluno fugir dos seus problemas, principalmente, dos problemas familiares, uma alternativa para a sua vida. Para essa professora, a falta de estrutura familiar leva os alunos para caminhos onde o professor não tem mais a possibilidade de alcançá-los, o professor muitas vezes tenta mudar essa realidade, mas poucas vezes consegue.

“[...] o perfil do nosso aluno é um perfil de desestruturação, e ele quer se encontrar, ele não se conforma com a realidade dele não, ele quer buscar outro caminho. Talvez ele opte pelo caminho não tão normal, correto, como a gente chama, mas, que na concepção dele é uma alternativa” (P1).

Portanto, a questão da afetividade dos alunos é relacionada na concepção das professoras para questões familiares, como claramente levantado pela professora P2.

“Determinados alunos você percebe pela forma agressiva que ele tem algum problema ligado a questões familiares, porque a escola é o reflexo, às vezes o que ele não pode ser em casa ele transfere para a escola” (P2).

A relação familiar, como já abordado no tópico 4.2.4, se torna cada dia mais complexa. O que leva a existência de confusões do papel do professor e da escola, pois se tornam os únicos agentes da educação dos alunos, como afirma P5.

“Percebo muita carência nesses meninos da escola pública, muita carência, até uma troca de papéis, às vezes eu não sei se sou educadora ou se sou a mãe do menino, se eu sou a irmã, se eu sou a coleguinha deles, porque às vezes você tem que fazer esses papéis, de mãe” (P5).

Essa questão da afetividade dos alunos, como se pode perceber diante da fala das professoras, é um dos principais motivos da desmotivação do professor de Geografia, pois interfere na sua atuação docente.

“Porque sem ela a aprendizagem em si fica difícil, se você não conviver, se você não saber compreender. É uma troca entre os alunos e o professor. [...] Mas, é importante e fundamental isso interfere, às vezes o aluno chega muito fechado, não fala né, não pergunta, e quando ele começa a questionar levanta curiosidades, você consegue ver a mudança na fisionomia, nas atitudes, nas avaliações, em tudo, há um conhecimento muito grande” (P3).

Para que o professor consiga estabelecer uma relação mediadora entre o aluno e o conhecimento, é imprescindível que o aluno sinta-se bem, que sua situação emocional lhe permita estar presente não só fisicamente, mas plenamente enquanto um sujeito que busca seu desenvolvimento pessoal.

Entretanto, essa carência dos alunos não pode ser encarada como um processo contínuo, existem momentos de superação das atitudes negativas dos alunos, como afirma P5.

“É muita carência, e assim, são muito afetuosos, muito carinhosos, pelo menos comigo, tratam bem, são educados, acontece de um ou outro, por problemas que a gente consegue entender, ser desagradável, mas na maioria são educados” (P5).

Assim, é inegável que os professores se sintam impotentes diante da realidade familiar dos alunos, no entanto, o que ocorre na prática é que apesar das dificuldades familiares a maioria dos alunos consegue manter uma boa relação com os professores, o que na concepção da professora P5 é um importante fator motivador do trabalho do professor.

Ao serem questionadas sobre a importância que atribuem ao interesse do aluno em aprender, as professoras concebem como um processo que depende da história de vida dos alunos, e principalmente da realidade na qual esse aluno vive, como muito bem resumido pela professora P3.

“Eu vejo que o interesse do aluno em aprender vai depender do que aconteceu na vida pessoal dele, ou o que tá acontecendo. [...] depende do tema, do jeito de você trabalhar os assuntos, das atividades, das avaliações em geral, das aulas práticas, tudo isso motiva o aluno a ter interesse. Ah! E o apoio familiar, além da vontade dele de querer aprender né” (P3).

A professora relaciona o interesse do aluno a uma série de fatores, incluindo a sua vida fora da escola e os acontecimentos dentro da sala de aula, e daí a participação do professor. Para P3 o professor também pode influenciar no interesse do aluno, principalmente a partir de aulas com metodologias diferenciadas.

A professora P3 acredita que o professor não é o único responsável pelo interesse do aluno em aprender, ele próprio precisa querer aprender, ele também precisa ter o apoio da família além, é claro, de ter tido um ensino inicial que propicie esse interesse.

“Mas, isso tinha que ser estimulado bem antes, eu acho que o fundamental são as primeiras turmas que ele participa, desde a educação infantil, porque se o aluno desde essa etapa não tem priorização, nem por parte dos professores, nem por parte da família, nem por parte dos colegas, é mais difícil mudar” (P3).

Portanto, para P3 o interesse do aluno em aprender está diretamente relacionado à sua motivação. Visto que ninguém motiva o outro, é fundamental que o aluno encontre seus próprios motivos para ter interesse no processo de ensino-aprendizagem, e cabe ao professor estar atento a ZDP desse aluno, ou seja, estar atento aos conhecimentos que o aluno já possui, e a partir daí dar subsídios para que o aluno alcance conhecimentos superiores.

A motivação no âmbito da educação é vista por diversos autores como uma série de motivos que se iniciam e dirigem o comportamento para a satisfação das necessidades, gerando tensão até que sejam satisfeitas total ou parcialmente. Sobre esse assunto argumenta DORIN (1980, p.68-69):

[...] os motivos das pessoas variam de cultura para cultura; variam de pessoa para pessoa; variam num mesmo indivíduo em diferentes fases de sua vida e situações; podem, vários deles, muitas vezes, serem expressos através de um mesmo tipo de comportamento; e um comportamento pode expressar vários motivos.

Faz-se necessário, então, que o professor atente-se ao comportamento de seus alunos, na tentativa de construção e manutenção de um vínculo afetivo que possibilite a compreensão dos possíveis motivos que estão determinando sua postura enquanto aluno.

Vale ressaltar, no entanto, que nem todas as necessidades dos indivíduos são satisfeitas, o que levará inevitavelmente à frustração. Cabe ao educador, então, se esforçar para não ser o causador de frustração, e para isso ele deve estar atento aos desejos e aspirações dos estudantes na tentativa de ajudá-los o quanto for possível a concretizar suas expectativas.

4.3.3 As emoções dos professores

Esse bloco é composto pelas seguintes questões sobre a concepção do professor de Geografia: com relação a aulas motivadoras; com relação à criatividade do professor; com relação às suas próprias emoções no ambiente escolar; sobre o conceito de Motivação; sobre a sua própria motivação; sobre a motivação dos demais professores de Geografia.

4.3.3.1 As concepções dos professores de Geografia sobre a criatividade

Ao serem questionadas em relação à criatividade do professor de Geografia, as professoras foram unânimes em assumir uma postura totalmente favorável à importância da criatividade para o bom desenvolvimento de suas aulas.

“Eu acho que é fundamental, agora é difícil ter criatividade? É. Você esbarra numa série de questões que te impedem de ser criativo” (P1).

“[...] eu falo que o professor é o camarada ou a camarada né, mais criativo, é a área mais criativa. Porque ensinar para quem quer aprender é muito fácil, mas ensinar para quem não quer aprender é complicado” (P2).

“Ah! Eu acho que sem ela a aula fica muito chata, fica repetitiva, você guarda os materiais e dá os mesmos no próximo ano” (P3).

Como se pode perceber diante de suas falas, as professoras colocam um grande peso do sucesso de sua prática docente sobre a sua própria criatividade, entretanto, deixam claro que esse não é um processo simples. Para as professoras é importante que o professor esteja sempre atento à necessidade de haver criatividade na sua prática docente, o que não garante que ela está sempre presente. A professora P5, por exemplo, atribui a falta de criatividade do professor à sua questão emocional.

“Um! Fundamental, se você não for criativo, muito, mas você precisa ser artista, sabe! [...] porque num espaço físico ruim, com crianças com realidades diferentes, muitas crianças, se você não for muito criativo você sucumbi, você não consegue desenvolver seu trabalho [...] Agora, a criatividade também não é todo dia [...] depende do seu emocional também” (P5).

Apesar da professora P5 defender a importância da criatividade do professor na difícil tarefa de superar questões complexas - como a deficiência do espaço físico, a excessiva quantidade de alunos, alunos com realidades distintas, dentre outras - ela também assume a impotência do professor diante de questões maiores com as quais se esbarra tanto no profissional quanto no pessoal, interferindo na sua capacidade criativa e, portanto, na sua prática docente.

4.3.3.2 As concepções dos professores de Geografia sobre suas emoções dentro do ambiente de trabalho

Ao serem questionadas sobre suas próprias emoções dentro do ambiente de trabalho, as professoras P1 e P4 separam as emoções na sua prática em positivas/boas e negativas/ruins.

“Eu me emociono muito, eu me envolvo muito com os alunos, principalmente aqueles alunos mais problemáticos [...] Então as minhas emoções são (...), tem boas emoções, tem emoções ruins, tem de tudo” (P1).

“As emoções? Olha aí tem uma oscilação [...] resposta positiva do aluno [...] o pai vem [...] você é reconhecida, pelos alunos, pelos colegas [...] quando você dá uma idéia e você congrega com os professores, são emoções positivas. Agora, oscila quando você fica meio de baixo astral, fica triste, desestimulado, quando você luta e não tem respostas, quando você luta e às vezes é podado, quando você planeja alguma coisa e não consegue, quando um aluno não responde positivamente [...] aí você tem que ter criatividade, resistência, buscar ajuda da coordenação, de outros professores, dos pais, pra estar tentando mudar aquela realidade, aquela situação” (P4).

Dentre as emoções consideradas positivas/boas estão a boa relação com os alunos considerados mais problemáticos, a resposta positiva dos alunos, quando os pais comparecem à escola, o reconhecimento tanto por parte dos alunos quanto dos colegas de trabalho, uma boa relação com os demais professores, dentre outros.

Já em relação às emoções consideradas negativas/ruins, estão o baixo astral, a tristeza, o desestímulo do professor, quando o professor não consegue realizar o que havia planejado e quando o aluno não corresponde aos esforços do professor. No entanto, a própria professora P4 coloca as alternativas para as emoções negativas do professor, segundo ela, o professor precisa assumir uma postura criativa, resistente e precisa também buscar ajuda com a coordenação, com os demais professores, com os pais, enfim, precisa tentar superar as emoções negativas/ruins.

Outra questão tratada pelas professoras em relação às emoções dos professores é a questão de sua exposição durante a prática. A professora P3 defende que é totalmente aceitável que o professor demonstre suas emoções.

“Eu posso expor as minhas emoções porque o aluno precisa compreender [...] que o professor também é ser humano, compreender que são reações naturais. Mas, é lógico que nós não vamos descontar nossos problemas nos alunos” (P3).

Assim, para P3 o professor pode deixar transparecer suas emoções durante sua prática, até mesmo porque na sua concepção é impossível ocultar isso dos alunos, entretanto, o que o professor não tem o direito de fazer é deixar que seus problemas alcancem os alunos. A professora P5 também defende essa postura do professor.

“Assim, não deixar os seus problemas pessoais interferir na sua relação com seus alunos, eu percebo alguns colegas que chegam já de casa com problemas e levam isso para a sala de aula, confronta com aluno sem necessidade, por exemplo” (P5).

Para a professora P5, as emoções negativas não podem interferir na relação dentro da sala de aula, segundo ela é impossível que os alunos não percebam como o professor se sente, no entanto, isso não é motivo para que o professor deixe seus problemas interferir nas suas atitudes com os alunos. O que se percebe é que as emoções negativas/ruins dos professores são questões que desmotivam os professores.

4.3.3.3 As concepções dos professores de Geografia sobre sua própria felicidade profissional

Quanto a ser um profissional feliz, as respostas das professoras remetem a 3 (três) caminhos. Primeiro as professoras que se dizem profissionais felizes, ou seja, uma pessoa que está satisfeita com sua profissão.

“Acho que sim [...] eu acho que eu não sou uma pessoa infeliz porque senão eu já teria mudado de profissão” (P2).

Tem também a resposta mediana, ou seja, a professora é feliz por algumas questões que estão presentes na sua prática e por outras não.

“Olha, se for pelo lado da formação continuada, da produção de materiais didático-pedagógicos, inventar novas metodologias de avaliar, sim, eu gosto” (P3).

A professora P3 revela as situações que possibilitam sua felicidade diante de sua profissão, para P3 a compreensão de que a formação continuada se desenvolve durante a prática docente, ou seja, a produção de material didático-pedagógico, a criação de

metodologias diferenciadas, dentre outros, é um caminho que possibilita a felicidade em relação à profissão docente.

Em contrapartida, existe também o caminho no qual o professor não se sente feliz com sua profissão.

“Não! Não! De jeito nenhum! Eu acho que eu já fui feliz porque eu tinha muitos sonhos em transformar, muitos projetos de transformar a educação como um todo [...] e aí eu percebi que eu não consigo sozinha, e aí eu falei “não tô feliz!” Agora eu não estou feliz, é lógico que eu me sinto bem quando eu percebo que meus alunos aprenderam, que eles despertaram para algum assunto, quando eu percebo isso eu fico feliz, mas, no geral, eu não me sinto feliz hoje com a educação, não” (P5).

Essa professora demonstra o quanto a realidade pode ser cruel. Segundo P5, sua postura inicial na profissão docente foi sendo desestimulada, seus sonhos de transformar a educação foram se perdendo. Nesse sentido, a professora se diz uma profissional infeliz, assume ter momentos de felicidade, principalmente no que se refere à aprendizagem dos alunos, no entanto, de uma forma geral não se sente uma profissional feliz.

É importante ressaltar que estar motivado não é o mesmo que experimentar momentos de alegria, entusiasmo, bem estar ou euforia. Esses estados podem, até certo ponto, ser considerados efeitos posteriores do processo motivacional, mas nada explicam sobre sua origem nem sobre o caminho percorrido até que sejam alcançados. Sabe-se que a motivação é muito mais ampla do que os comportamentos ou estados que porventura tenha a capacidade de provocar. A simples e imediata observação do comportamento motivado não responde à pergunta de como conhecer o verdadeiro porquê de sua existência.

4.3.3.4 Motivação versus Desmotivação

Foram feitas para as professoras diversas perguntas relativas à motivação do professor durante sua prática, quais são, que tipo de aula você considera motivadora? Para você, o que é motivação? Mas, você se considera uma professora motivada? E os demais professores de Geografia que você conhece, você considera, que de uma forma geral, eles são profissionais

motivados? Você gostaria de acrescentar alguma informação sobre a questão da motivação do professor de Geografia? Diante dessas questões buscaram-se quais são as motivações e também quais são as desmotivações desses professores.

Inicialmente serão levantadas as questões que as próprias professoras elegeram como motivadoras.

“Eu considero que a aula motivadora é aquela que você trabalha de forma lúdica, mas que o conhecimento está embutido, você tem que trabalhar uma atividade da prática dele, do dia-a-dia, mas que no fundo você tenta trazer o conhecimento” (P1).

“Olha a aula motivadora é aquela diferente e para ser diferente ela tem que ter o que: material diferente” (P2).

“Falando da minha parte, aquela que ele está mais participante. Agora que eles gostam muito, quando você traz uma música [...] quando tem áudio-visual, quando eles estão vendo, né, tem imagens, quando aquilo tá, ilustrando né, ou até com outra linguagem, né, eles gostam muito de dramatização, eles gostam de estar dramatizando o que foi pedido, o conteúdo, ou aquela parte específica do conteúdo” (P4).

“Uma aula com recursos é motivadora, uma aula com dinâmicas, preparadas lógico, uma aula que eles possam usar, por exemplo, um quebra-cabeça, que eles possam utilizar a internet” (P5).

“Olha a melhor motivação para o professor de Geografia seria o seguinte: o professor de Geografia tinha que ter condições de conhecer mais um pouquinho do mundo não só na teoria, mas viajar” (P2).

“[...] a motivação se tiver só na rentabilidade, na remuneração, ou tiver aliada só pela praticidade [...] é uma falsa motivação, eu tenho que estar motivada por estar acreditando, por gostar de estar aplicando a Geografia, por estar mediando esse saber geográfico pra quem ainda não tem esse saber geográfico [...] pra mim a motivação tem que estar em gostar da educação, tem que acreditar” (P4).

“[...] que a universidade pudesse colaborar mais com essa questão da motivação no ensino de Geografia, que a universidade pudesse ficar mais próxima do professor de Geografia” (P5).

“É difícil falar pelos outros, mas, eu considero que eu tenho amigos e colegas que estão na docência, que eu posso dizer que na maioria são motivados” (P4).

“Motivada por acreditar, né, por ter respostas dos meus alunos, da coordenação de estar me motivando também, de estar trazendo alguma coisa sem eu pedir, mas estão me trazendo material ‘vamos planejar isso’, sou motivada sim, estou motivada, sou e estou sendo motivada” (P4).

“Para mim motivação é (...), como na origem da palavra, é dar motivos para o sucesso, é motivar para a pessoa ter oportunidade, é motivar para a busca, é dar condição para o meu aluno sair bem lá fora” (P1).

“Motivação é quando você encontra um ex-aluno, depois de 10 anos, e ele te reconhece na rua ou em qualquer lugar e te abraça e te beija e fala ‘professora sabe o que eu sou hoje? Hoje eu sou um profissional bem sucedido’, isso é motivador” (P2).

“Interesse, ir atrás, ser instigado, desafiado, sentir vontade e ir fazer, não só ficar na vontade. Acho que o que mais me motiva é ser crítica, mesmo, porque se você amplia seus horizontes e cria novas formas de ver, de debater, de fazer as coisas” (P3).

“[...] é algo assim que te deixa impulsionado para o trabalho, motivação pra mim é isso, é algo que me deixa motivada pra continuar nessa profissão” (P5).

Entretanto, as professoras também incluem, em suas respostas, questões relativas à desmotivação do professor diante de sua prática docente.

“[...] não há em todas as escolas do município laboratórios de internet para os alunos poderem utilizar” (P5).

“Olha a aula motivadora é aquela diferente [...] não só o livro, o quadro negro, o professor, a fala do professor e o giz” (P2).

“Então, eu acho que se todos caminhassem numa mesma direção, se não houvesse essa separação dentro do meio escolar mesmo, essa certa picuinha, essa certa rivalidade, professor é professor, coordenador é coordenador, diretor é diretor (...), entendeu? Que houvesse uma situação na escola em que todo mundo conseguisse ser educador” (P1).

“Esses professores de Geografia da rede, quando eu encontro pra conversar, eles também pensam dessa forma, que nós estamos perdidos, às vezes com o ciclo, estamos perdidos com a falta de estrutura, e dentro da Geografia a gente está precisando de apontamentos para as aulas serem melhores” (P5).

“[...] aquele professor que já perdeu essa vontade, esse gosto pela descoberta, aí ele não vê incentivo, infelizmente” (P1).

“Você não consegue fazer um bom trabalho por falta de estrutura, coisas básicas, você não consegue, você não tem espaço para se colocar, pra mudar algumas coisas [...] porque a indisciplina é muito grande, a sala com muitos alunos e não tem recurso nenhum, não tem nada, falta até papel!” (P5).

* * *

Como se pode perceber pelas respostas dadas, a motivação e a desmotivação são processos que se interpolam durante o ensino-aprendizagem. As questões que levam os professores a sentirem-se motivados podem também, quando não ocorrem de forma adequada, serem causadoras da desmotivação. Portanto, ao se compreender quais são os motivos que atuam de forma positiva durante a prática docente, têm-se informações importantes para a atuação do poder público, da universidade, da Secretaria Municipal de Educação, da direção das escolas e inclusive dos próprios professores, afinal eles são os mais interessados em se sentirem profissionais motivados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos em motivação, nos perguntamos como vem se dando seu tratamento no campo da educação? Essa é uma questão relevante, pois acreditamos que a motivação dentro do ambiente escolar não pode ser tratada como no meio empresarial. Nesse sentido, o que buscamos realizar nesse trabalho foi uma contraposição entre as teorias motivacionais gerais, que dão subsídios a comumente utilização do termo motivação, e a teoria da atividade, como teoria que também se ocupa da motivação, no entanto, a nosso ver sua utilização é mais adequada aos componentes do meio educacional.

Deste modo, partiu-se das bases assentadas por Vigotski, para que houvesse um melhor entendimento da teoria da atividade, a qual acredita-se ser a mais adequada para o âmbito do entendimento da motivação do professor de Geografia, vista que valoriza as ações do indivíduo partindo de seus próprios desejos e necessidades.

Ao realizar esse tratamento dos conceitos formulados por Vigotski e o desenvolvimento da teoria da atividade por Leontiev e principalmente por Davydov, pudemos compreender que essa teoria é profundamente complexa para uma geógrafa, no entanto, tivemos a certeza de que o entendimento das motivações dos professores deve partir dessa perspectiva, o que serviu para afirmar nossa postura vigotskiana e reafirmar a necessidade dos estudos sobre a educação geográfica incluírem ainda mais os estudos de Vigotski e de seus seguidores.

Portanto, numa perspectiva vigotskiana, para que o professor sinta-se motivado é preciso que ele esteja engajado em uma atividade que julgue significativa, é preciso também que ele tenha o reconhecimento dos demais componentes do ambiente escolar e que ele tenha autonomia diante de sua prática docente, considerando, assim, a motivação como um processo. Nesse sentido, acreditamos que não é possível motivar o outro, vista que o desejo de trabalhar passa a representar uma necessidade de ordem afetiva continuamente alimentada pelo imperativo daqueles valores representados pelo objetivo almejado. Portanto, o comportamento motivacional possui uma grande complexidade, o que nos leva a crer que não existe uma fórmula ideal para motivar pessoas.

Buscou-se mostrar, também, a relevância da valorização da subjetividade do indivíduo, no caso os professores de Geografia, defendendo uma postura crítica e autônoma do professor de Geografia, bem com uma atuação mediadora condizente com a proposta

vigotskiana e abordando, nesse processo, a importância da Didática enquanto instrumento do professor diante de sua prática, ou seja, como “mediadora da mediação docente”, como defendido por Libâneo (2004).

Reafirmou-se a importância da valorização da educação tanto no âmbito formal como no âmbito informal, vista que o professor não pode desconsiderar em sua prática a bagagem trazida pelos alunos, defendendo a importância de uma parceria com os pais ou responsáveis pelos alunos. É defendida, também, a importância do desenvolvimento de uma consciência espacial na qual os conhecimentos cotidianos dos alunos devem ser valorizados conjuntamente com os conhecimentos da ciência geográfica.

Atendendo a demanda dos professores participantes da pesquisa, foi abordado o processo de construção da identidade profissional docente defendendo uma postura na qual a identidade do professor deve ser vista como um processo, o professor não tem uma identidade profissional, ele vive um processo de construção da sua identidade. E, posteriormente, a importância de uma formação contínua, que extrapole os cursos de formação oferecidos como forma de reciclagem do professor, ou seja, momentos esporádicos na maioria das vezes pouco significativos, valorizando, dessa forma, uma formação contínua referente ao compromisso do professor com seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Portanto, são os diálogos entre os diversos componentes do ambiente escolar que possibilitam, ao professor de Geografia, propostas reais de construir instrumentos modificadores da sua prática docente, permitindo possibilidades e caminhos no desenvolvimento de atividades mais significativas e motivadoras, tanto para os alunos quanto para si próprios.

As respostas dos professores ao questionário exploratório foram analisadas com o intuito de alcançar soluções para as indagações quanto ao que os professores de Geografia das escolas municipais da Região Sul de Goiânia pensam sobre a motivação, ou seja, suas concepções sobre o conceito de motivação. Concluiu-se que suas concepções demonstraram algumas questões essenciais para a conceituação da motivação. De uma forma geral, os professores conceituam a motivação de duas formas, a partir da perspectiva do aluno ou a partir de sua própria.

Segundo alguns dos professores questionados a motivação é intrínseca ao indivíduo, assim, na concepção desses professores a motivação está relacionada com a aprendizagem do aluno. Eles também defendem que a motivação pode ocorrer tanto pelo próprio indivíduo

quanto pela colaboração do professor, ou seja, o aluno pode se sentir motivado por conta própria, seja por um grande interesse em aprender, seja pela contribuição familiar ou pode chegar desmotivado, e as atitudes do professor ser um fator motivador. Portanto, nessa concepção a motivação é beneficiada tanto pelos fatores internos quanto pelos fatores externos, são os variados momentos do processo de ensino-aprendizagem que determinam quando o professor deve considerar um ou outro.

No que se refere à perspectiva da motivação do professor, as concepções são de que a motivação é vista como a atenção do professor em relação a sua formação continuada, levando-o a se interessar em aprimorar seus conhecimentos demonstrando, assim, seu interesse por sua profissão e principalmente seu interesse pelo ensino. Alguns professores consideram a pesquisa como uma condição motivadora, ou seja, como um caminho para que o professor tenha mais motivos positivos para sua prática docente. Existem concepções que relacionam o conceito de motivação com a vida, retira do espaço específico da escola e leva para um âmbito mais geral. E também aqueles que consideram a motivação a partir deles próprios, ou seja, seu conceito de motivação leva em consideração seus sentimentos e ações. Esses pontos de vista demonstram que os professores concebem como motivação tudo aquilo que interfere positivamente na sua prática docente e que, de uma forma geral, serve como estímulo para sua atuação profissional.

No entanto, a concepção dos professores sobre a motivação do professor de Geografia demonstra a relevância da temática da motivação, tanto no que se refere à motivação do aluno, quanto à motivação do professor, e nesse sentido a valorização de uma prática docente na qual a motivação esteja presente.

Posteriormente, buscou-se compreender os motivos que permeiam a motivação da prática docente do professor de Geografia, para isso foram suscitadas questões que dizem respeito tanto à motivação, quanto à desmotivação dos professores de Geografia de escolas municipais da Região Sul de Goiânia.

Dentre os motivos considerados positivos foram levantados pelos professores, no período inicial de experiência do professor de Geografia com a educação, as influências positivas dos pais em relação à educação; as influências dos professores de Geografia tidos na infância; o momento do estágio docente; e as boas relações estabelecidas com os colegas de trabalho, com os alunos e com a direção das escolas. Em se tratando da experiência atual do professor de Geografia, foram abordadas como atividades motivadoras: o planejamento das aulas; o gostar da profissão docente; aliar a vivência dos alunos às aulas; os conteúdos

geográficos que tem relação direta com os acontecimentos atuais do mundo; metodologias de aulas diferenciadas; a participação dos pais na vida escolar dos filhos. No que se refere às emoções do professor de Geografia diante de sua prática docente, foram considerados fatores que motivam o professor: a leitura; o tempo para que o professor desenvolva bem suas atividades docentes; a criatividade; a criticidade; a necessidade da reflexão; a interação com alunos e demais professores; a afetividade entre os componentes do ambiente escolar; a interdisciplinaridade, a atualização docente; o conhecimento da ciência geográfica, da educação e da psicologia infantil; a formação continuada; o apoio familiar; o afeto dos alunos; o interesse dos alunos em relação ao conhecimento; e o reconhecimento tanto por parte dos alunos como dos demais componentes do ambiente escolar.

Já em relação à desmotivação do professor de Geografia foram detectadas diversas questões, mas as principais são: o descontentamento em relação à questão salarial do professor vista por eles como desencadeadora de grande parte das demais; a pouca participação dos pais dos alunos nas suas vidas acadêmicas; a excessiva carga horária de trabalho, fator que interfere no planejamento das aulas e na atuação do professor; o distanciamento em relação aos trabalhos desenvolvidos na universidade e as poucas contribuições da Universidade para o ensino básico; e a falta de material de trabalho, o que inclui desde os livros didáticos até a internet.

Esperamos que o conhecimento produzido por este trabalho possa ajudar os professores de Geografia a se conhecerem melhor e a compreender as reais motivações que estão presentes em sua prática docente e, assim, construir sua atividade de forma mais eficaz, próximo das reais necessidades dos alunos e também de suas próprias. Sabemos que o nosso trabalho de pesquisa não esgotou o tema, muito pelo contrário, fez-nos ver que ele requer estudos mais aprofundados. Assim, esperamos ter contribuído de alguma forma com os resultados de nossa pesquisa para o debate sobre o assunto. Queremos, ainda, com ele, oferecer elementos que venham a subsidiar a realização de outras pesquisas.

Ressaltamos ainda que o nosso tema, por ser muito amplo, abre caminho para outras pesquisas abordando vários outros aspectos na área do ensino de Geografia. Nesse sentido, esperamos que os resultados aqui obtidos sirvam de subsídios para posteriores pesquisas sobre uma temática tão presente na prática docente, bem como contribuir para a busca de propostas e alternativas que venham a superar os momentos de desmotivação por que passam os professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ivan Amorosino do. Oficinas de produção em ensino de ciências: uma proposta metodológica de formação continuada de professores. In: TIBALLI, Elianda F. Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (Org.). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. XI ENDIPE. Goiânia: Alternativa, 2003. p.147-164.
- BOWDITCH, James L; BUONO, Anthony F. **Elementos de Comportamento Organizacional**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- BERGAMINI, Cecília W. **Motivação**. 3. ed. São Paulo. Atlas. 1993.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia**. 2. ed. Ijuí RS: Editora Unijuí, 2003.
- CALLAI, Helena Copetti. 1998. O ensino da geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Orgs.) **Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre. Associação de Geógrafos Brasileiros, Seção Porto Alegre, 1998, p. 55-60.
- CALLAI, Helena Copetti. **Geografia: um certo Espaço, uma certa Aprendizagem**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) FFLCH, USP, São Paulo, 1995.
- CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. A formação de professores e o ensino de Geografia. In: **Terra Livre (Org.). As transformações no mundo da Educação**. v. 14. São Paulo: AGB, jul.1999. p.48-57.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases Teórico-Metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (Org). **Formação de Professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: Vieira, 2006.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos**: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, mai./ago. 2005.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A formação de professores de Geografia: o lugar da prática de ensino. In: TIBALLI, Elianda F. Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (Orgs.). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. XI ENDIPE. Goiânia: Alternativa, 2003. p.189-206.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CUNHA, Maria Isabel da. A docência como ação complexa: o papel da Didática na formação de professores. In: HENRIQUES, Margarida Marques. et al (Orgs.) **Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Didática**. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2006.

DANIES, Harry. **Vygotsky e a Pedagogia**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2003.

DAVYDOV, Vasili V. El aporte de A . N. Leontiev al desarrollo de la psicología. In: GOLDER, Mário. **Angustia por la utopia**. Buenos Aires, Ateneo vigotskiano de la Argentina, 2000.

DAVYDOV, V.V. Uma nova abordagem para a investigação da estrutura e do conteúdo da atividade. In: Hedegard, Mariane e Jensen Uffe Jull. **Activity theory and social practice: cultural-historical approaches**. Aarhus (Dinamarca), Aarhus University Press, 1999.

DINIZ, Júlio Emílio. **Formação de professores: pesquisa representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DORIN, Lannoy. **Psicologia Geral: Enciclopédia de Psicologia Contemporânea**. São Paulo: Livraria Editora Iracema Ltda., 1980, vol. 1.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote Instituto de Inovação Educacional, 1992.

GENARI, Carla Helena Manzini. **Motivação no contexto escolar e desempenho acadêmico**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

GIOVANNI, Luciana Maria. O ambiente escolar e ações de formação continuada. In: TIBALLI, Elianda F. Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (Org.). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. XI ENDIPE. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 207-224.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A invenção de novas geografias. **Território Territórios/AGB**. Niterói: 2002.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

KINPARA, Minoru Martins **Motivação humana: motivos envolvidos no processo educacional na UFAC**. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2000. 142 p.

KOZULIN, Alex. O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, Harry (Org.). **Uma introdução de Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, p.41-43, 1999.

LIBÂNEO, José C. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de V. Davydov. **Revista Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, Set./Dez. 2004, no.27, p.5-24. ISSN 1413-2478.

LIBÂNEO, José Carlos. A Didática e a Aprendizagem do Pensar e do Aprender: Davydov e a teoria histórico-cultural da atividade. **Reunião Anual da ANPED**, 2003.

LIBÂNEO, José C. **O essencial da didática é o trabalho do professor**: em busca de novos caminhos. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor.

LUDKE, M & ANDRÉ, M.E.D. **A Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARINHO, Clorisnete Borges. Região Sul de Goiânia: um lugar valorizado na Metrópole. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 19, pp. 113 - 129, 2006.

MARINHO, Clorisnete Borges. *O Parque Amazônia de Goiânia e o seu processo de valorização*. Monografia de conclusão de bacharelado. **XIII Encontro Nacional de Geógrafos**. João Pessoa, 2002.

MASLOW, Abraham H. **Introdução à psicologia do ser**. 2.ed. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

NÓVOA, António. Diz-me com ensinas, dir-te-ei quem és e vice versa. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: Annablume, 2005.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1985.

PIMENTA, Selma Garrido. **Alternativas no Ensino de Didática**. São Paulo: Papirus, 1997.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Dilemas da Formação do Professor de Geografia no Ensino Superior. Goiânia: Vieira, 2005. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). **Formação de Professores**: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Vieira, 2006.

PINHEIRO, Antonio Carlos. **O ensino de Geografia no Brasil**: catálogo de dissertações e teses (1967 – 2003). Goiânia: Vieira, 2005.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotski**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

SANTOS, Milton. **Ser Intelectual na Era da Globalização**. Trecho da Conferência do Professor Milton Santos na Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – 28 de agosto de 1997.

SILVA, Alicia Muñoz. **Vygotsky y la sociogénesis del desarrollo humano**: principales aportaciones. Espanha: Universidad de Huelva. Revista Estudos Universitários: Sorocaba (SP), v. 30, n.2, jun. 2004.

SILVA, Armando Corrêa da Silva. **As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico**. São Paulo: Nobel, 1986.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores COLE Michael et al, Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO QUESTIONÁRIO**Identificação:**

Nome: _____

Escola: _____

Nível de Ensino que leciona: _____

Formação: Graduação em: _____ Ano: _____

Instituição: _____ Pós-Graduação: _____

Tempo de experiência profissional: _____

1- Para você, o que é Motivação?

2- Você considera que o interesse do aluno em aprender deve ser fator de preocupação do professor?

3- Você considera que existem conteúdos geográficos mais motivadores?

4- Você se considera um professor (a) motivado?

5- Você considera importante aliar ensino e pesquisa?

6- Você tem interesse em participar de uma pesquisa acadêmica?

ANEXO II:

ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**Experiência inicial na Educação:**

1. Gostaria que falasse um pouco sobre sua infância.
2. Fale sobre sua experiência como aluno (a).
3. Como e por que resolveu ser professor de Geografia.
4. Fale um pouco sobre sua experiência no ensino superior.
5. Descreva como foi o seu primeiro ano de docência.
6. Como foi sua relação com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos.
7. Que tipo de relações você estabeleceu nas demais escolas que trabalhou.

Experiência atual:

8. Como você descreveria sua prática pedagógica hoje.
9. O que você acha da sua relação com a direção da escola, com os colegas de trabalho, com os alunos.
10. O que você pensa sobre o planejamento das aulas.
11. Como você avalia suas aulas e seu trabalho com os alunos.
12. O que você acha que é importante ensinar para os seus alunos.
13. Você tem preferências com relação aos conteúdos geográficos.
14. Você inclui os saberes locais e as realidades do entorno da escola nas suas aulas.
15. Que tipo de metodologias você utiliza cotidianamente.
16. O que você pensa sobre a utilização do livro didático.
17. O que você acha do trabalho em grupo.
18. Como você se relaciona com os pais dos alunos?

Questão emocional:

19. Em sua opinião, quais são os atributos de um bom professor de Geografia.
20. Você gosta de trabalhar na rede municipal de ensino de Goiânia. Fale um pouco sobre essa experiência.
21. O que você percebe dos seus alunos com relação à afetividade.
22. Qual importância você atribui ao interesse do aluno em aprender.
23. Que tipo de aula você considera mais motivadora.
24. O que você acha do ambiente da escola.
25. O que você pensa sobre o salário dos professores.
26. O que você pensa sobre a criatividade do professor.
27. O que você pensa sobre o papel do professor.
28. O que você pensa sobre suas próprias emoções no ambiente escolar.
29. Como você encara a questão da formação continuada.
30. O que sua família acha da sua profissão.
31. Você se considera um profissional feliz.
32. Para você, o que é Motivação.
33. Você se considera um professor motivado.
34. Você gostaria de acrescentar alguma informação.

ANEXO III

RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS**1- Para você, o que é Motivação?**

1. É o despertar do interesse (da vontade) de compreender o mundo que está inserido.
2. Motivação é expectativa que criamos durante o processo de ensino-aprendizagem.
- 3A. Seria dentro da rede que trabalho, independente de ser pública ou privada perceber que sou valorizada, sou reconhecida, que tenho apoio para desenvolver da melhor maneira possível o meu trabalho.
- 3B. É incentivo ou estímulo na forma de elogio, de presente, lembrancinha, amizade, enfim. Somos motivados por vários motivos; vontade de aprender.
4. Motivação é tudo o que leva o aluno a querer apreender um conteúdo. Ex.: um mapa, uma reportagem, tudo o que se refere à vida do aluno, o seu dia-a-dia.
5. Incentivo, ter gosto pelo que se faz, é ter retorno de aprendizagem do que se ensinou: quando objetivos almejados são alcançados.
6. Levar alguém a se interessa e envolver com determinado tema.
7. É despertar no aluno o interesse pela transformação do espaço que ele está inserido.
8. É algo que fascina mexe com o coração com a alma do educador que realmente ama o que faz.
9. É o fato de uma pessoa se sentir estimulada a realizar uma tarefa, uma ação.
10. É fazer o que gosta.
11. Motivação é principalmente identificação. É o gostar de fazer; é o interesse próprio.
12. É sentir prazer em desenvolver o trabalho.
13. É uma animação ou motivo para se expor ou realizar um trabalho.
- 14A. Se diminui o interesse, a curiosidade e os desafios não há motivação para aprender, logo as dificuldades no ensino e na aprendizagem aumentam. A motivação é um dos elementos-chave no processo educacional. Com motivação, há ação e participação nas atividades escolares. Motivação também perpassa pelo aspecto afetivo entre professor e aluno, através da postura do professor em implementar práticas que estimulem o desafio, a curiosidade na escola.
- 14B. É despertar no educando a necessidade da aprendizagem, de forma que esse sinta gosto pelo assunto.

2- Você considera que o interesse do aluno em aprender deve ser fator de preocupação do professor?

1. Sim (também).
2. Muito importante o interesse do aluno em aprender, pois isso pode motivar ou não o professor.
- 3A. Claro que se o aluno vier sem interesse o professor pode usar de toda técnica e recurso possível que não vai haver aprendizagem, e isso preocupa muito o professor. Ensinar exige querer bem aos educandos.
- 3B. Certamente. O aluno passa um período na escola e são 200 dias letivos. Uma vez identificado o (problema) fator(es) da não aprendizagem (estratégias, família, defasagem de conteúdo, formação do professor) providências são tomadas.
4. Sim, pois se o aluno não estiver interessado em aprender não há motivo para ensinar, dar aula.
5. Se o aluno tem interesse, o profº deve incentivá-lo a ir sempre mais além no conhecimento cultural e científica. O aluno e sua aprendizagem sempre foi o foco de preocupação de professores e meu, é óbvio.
6. Sim em parte, pois ajuda no objetivo final.
7. Sim, o interesse do aluno é fundamental para que o professor faça um bom trabalho.
8. Claro; entre o professor e aluno deve existir um elo de transmissão do saber do conhecer, do ensinar e do aprender.
9. Sim, o professor deve sempre estar variando a situação estímulo para aumentar o interesse do aluno em aprender.
10. Sim.
11. Sim, e acho que os cursos de formação para professores deveriam ser reformulados, dando mais subsídios aos futuros professores nesta área.
12. Sim, pois a empatia professor-aluno-conhecimento deve andar em consonância.
13. Ele é uma preocupação do professor, pois sem interesse não há aprendizagem.
- 14A. Sim, na escola, a motivação deve estar na avaliação como um determinante na aprendizagem do educando. Um aluno motivado torna-se ativo no processo de aprendizagem, persistindo em atividades desafiadoras, usando ou criando novas estratégias, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de análise crítico-reflexiva. Os sujeitos envolvidos no processo educacional podem apresentar ou trabalhar com estratégias promotoras de motivação intrínseca e extrínseca em situações de aprendizagem escolar, oferecendo uma riqueza de possibilidades par o processo didático-pedagógico.
- 14B. Sim, até porque esse é o verdadeiro papel do professor, se o aluno não vê significado na aprendizagem, ela não se efetiva.

3- Você considera que existem conteúdos geográficos mais motivadores?

1. Sim. Principalmente aqueles mais ligados à realidade do aluno, como por exemplo questão ambiental e temas atuais.
2. Sim. Os conteúdos mais próximos da realidade dos alunos se tornam mais motivadores tanto para os alunos quanto para os professores.
- 3A. Creio que todos os conteúdos de uma forma ou de outra são motivadores. É claro que existem uns que em determinadas faixas etárias parecem mais atrativos. Talvez seja pela maneira como são repassados.
- 3B. Sim. Os alunos gostam de conteúdos relacionados de forma bem direta com aquilo que conhecem ou vivenciam. Participam, comentam e contribui com informações na sala de aula!
4. Não, todos são conforme o enfoque que se dá.
5. Sem dúvida, porque alguns conteúdos são melhores assimilados, alunos mostram-se mais interessados e envolvidos.
6. Sim, a geografia de um modo geral é interessante.
7. Acredito, principalmente conteúdos que fazem parte do cotidiano deles.
8. Sim, principalmente os conteúdos que os alunos identificam mais.
9. Sim, a Geografia Crítica por possuir inúmeras correntes mostrando as transformações do mundo atual, preocupada com a justiça social.
10. Sim.
11. Sim, principalmente em Geografia humana. A Geografia física, apesar de importante não está tão próxima dos alunos.
12. Não, pois o que motiva não são necessariamente os conteúdos, mas como os mesmos são abordados.
13. Para mim todos são motivadores, o que não é motivador algumas vezes é a maneira como eles são trabalhados.
- 14A. Sim e não. As pessoas se diferem, existe uma diversidade de contextos e interações sociais que marcam ou modificam a atividade escolar, além das escolhas, objetivos, esforços e perseverança que vão interferir na motivação em aprender os conteúdos geográficos. O professor pode estimular a motivação dos alunos, mas não pode obrigar o aluno a se tornar motivado. Um conteúdo geográfico pode agradar alguns e ser desinteressante para outros, por exemplo.
- 14B. Sem sombra de dúvida, até mesmo o profissional se envolve mais com alguns conteúdo do que outros.

4- Você se considera um professor (a) motivado?

1. Já fui mais motivada (hoje nem tanto).
2. Um pouco, gostaria de ser mais.
- 3A. Deixando de lado a questão financeira, que nem se discute acho que o profissional de qualquer área que seja deve ser muito dedicado ao que faz. Dos mínimos detalhes deve vir a motivação, assim sendo, me considero motivada.
- 3B. Sim. Às vezes determinadas situações é que deixam a gente meio cabisbaixo, sem saber o que fazer ou com vontade de mudar de profissão.
4. Às vezes. Carga horária de trabalho grande, a turma não se mostra interessada em ouvir escrever, falar sobre o conteúdo na maioria das vezes; não existe acompanhamento em casa, por parte dos pais.
5. Ora sim, ora não. Faço um bom trabalho na escola mas quando sai o pagamento: fico em baixo astral, desmorono por alguns dias e levanto a cabeça, começo tudo de novo...
6. Mais ou menos. Tenho muita disposição para o trabalho.
7. Sim, muito motivada.
8. Sim, escolhi a profissão dos meus ideais, tanto é que estou com anos acumulado sem pedir aposentadoria.
9. Sim. A cada dia que entro em uma sala de aula me sinto motivado a estimular meus alunos a aprender mais a cada dia.
10. Sim.
11. Às vezes sim. Depende do conteúdo estudado.
12. Sim, pois sinto prazer no que faço, apesar das agruras da profissão.
13. Algumas vezes.
- 14A. Sim. Se o professor não estiver motivado, também não pode buscar ou exigir motivação no aluno.
- 14B. Sim, isto é, procuro fazer o possível para ser, mesmo diante de tantas situações que contraria a motivação.

5- Você considera importante aliar ensino e pesquisa?

1. Naturalmente (um completa o outro).
2. Sem dúvida, a pesquisa possibilita ao professor uma maior motivação para a prática cotidiana.

3A. É de fundamental importância. Aliás ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito, criticidade e ética.

3B. Claro. Não há ensino de qualidade sem pesquisa.

4. Sim, pois só assim o professor fica atualizado e poderá motivar seu aluno, porque terá condições de trabalhar com a realidade do aluno.

5. Sim muito porém as escolas, de modo geral não contam com bibliotecas, nem acervo de livros necessários à pesquisa, sem falar que falta até mesmo espaço físico para sala-de-leitura.

6. Sim, pesquisa é um complemento importante para o conhecimento.

7. Considero e acredito que é através da pesquisa que encontramos novos rumos ou novos caminhos.

8. Sim, a pesquisa motiva o aluno a descobrir algo que não está incluso no livro didático ou outros.

9. É sempre importante aliar ensino e pesquisa pois é através da pesquisa que aluno aprimora seus conhecimentos.

10. Sim.

11. Sim, uma não vem sem a outra. Para me atualizar, estudo, estudando, pesquiso.

12. Sem dúvida nenhuma, visto que o aprendizado ocorre com mais facilidade em razão de um contato maior com o objeto de estudo.

13. Muito, pois a pesquisa estimula a busca do conhecimento.

14A. Sim. É importante e ainda existem poucas pesquisas no âmbito educacional realizada por professores que atuam no ensino fundamental e ensino médio. No meu caso, considero vital para que o processo de ensino e aprendizagem desperte a motivação e proponha novos desafios aos alunos e professores. Tenho um projeto que se tornou um livro de atividades escolares na área de Geografia para o Ciclo II, no ensino fundamental.

14B. O ensino sem a pesquisa, não há aprendizagem permanente e a curiosidade cultural é necessária.

6- Você tem interesse em participar de uma pesquisa acadêmica?

1. Sim. Dependendo do tema e dos horários a ser realizada.

2. Sim.

3A. Interesse tenho muito, o que me falta é tempo, pois trabalho em três turnos.

3B. Com certeza. Disposição não falta. É só avisar!

4. Sim mas faltam oportunidades, devido à carga horária.

5. Não.
6. Sim, estou afastada e sinto que preciso.
7. Sim.
8. Sim, Turismo em pequenas cidades principalmente Turismo religioso.
9. Sim, pois estou interessada em reciclar e aprimorar meus conhecimentos em minha área de atuação.
10. Sim.
11. Sim.
12. Sim, se eu puder contribuir, poderia com maior prazer.
13. Eu gostaria, mas não nesse momento.
- 14A. Sim ou não. Depende da pesquisa e do tempo que será preciso para realizá-la. Já participo de uma pesquisa e grupo de estudo sobre o ensino de Geografia na rede municipal com a Prof^a Dr^a Lana Cavalcanti e desenvolvo uma pesquisa na especialização que estou cursando.
- 14B. Sim.

ANEXO IV:

RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS**Entrevista Professor: P1**

Gostaria que você começasse me contando como foi sua infância relacionada à educação?

Bom, a minha infância foi bastante diferente do que é hoje. Porque eu morava no interior e não era nem Zona Urbana, propriamente dito, e nem era Zona Rural, eu morava numa região periférica, mesmo, muito pobre, com muita dificuldade, minha mãe cuidava sozinha da gente e nós éramos ao todo 9 filhos, então bastante complicado né, mas a minha mãe sempre deu muita importância para a educação, ela falava assim que o que ela não teve ela queria dar para os filhos, ela valorizava demais a educação. Então, apesar de muito tarde, todos nós estudamos, ela conseguiu por todos nós na escola, mas a escola daquela época era muito distante da realidade dos alunos, você não tinha vontade de ir para a escola, você ia porque tinha que ir, todo mundo ia, então você tinha que ir também, você não fazia parte do processo educacional, porque hoje você analisa a história de vida do aluno, você procura conhecer, e naquela época não, o professor tava lá pra ensinar e se você fosse capaz você aprendia, se não, passava ou reprovava, tanto faz né.

E como foi sua experiência inicial com a Geografia?

Nessa fase, eu tive duas professoras que foram referenciais pra mim, um referencial negativo e a outro que foi positivo. A primeira foi na 5ª série, ela era muito voltada pra Geografia Física e mandava agente, eu lembro direitinho, que ela mandou decorar todos os rios brasileiros, nome, onde ficava, mas sem mapa, sem nada, tinha que decorar só estudando o livro, e aí eu não me identifiquei com a Geografia. E aí eu fui me identificar com a Geografia quando eu já fazia colegial, naquela época 2º grau técnico, que eu tive uma professora de Geografia no 1º ano que me fez gostar da Geografia, então eu gostei e comecei a ter uma outra impressão da Geografia, mas mesmo assim também não era o meu objeto de estudo, tanto é que eu tava fazendo um curso técnico na área de saúde.

E porque você resolveu ir para a Geografia?

Porque depois eu terminei o 2º grau, parei de estudar, fui casar, fui ter filho, fui trabalhar, e o vestibular era uma coisa muito longe da minha realidade, eu tinha que estudar a noite né. Aí eu fiquei, na verdade eu fiquei 9 anos sem estudar. Aí foi quando eu voltei, porque eu morava aqui em Goiânia, fui morar no interior de novo, foi quando surgiu as faculdades estaduais, criou-se a faculdade na minha cidade e eu fui da primeira turma, e os cursos que tinham era tudo na área de licenciatura, Letras, Matemática, Biologia, História e Geografia, aí eu lembrei da minha professora e fiz Geografia primeira opção e História segunda opção, porque matemática eu era péssima. E aí eu fui fazer Geografia, tive muita dificuldade no primeiro ano porque eu tinha filho pequeno, meu filho tinha 6 meses. Mas, eu tive um referencial teórico muito bom, por ser da primeira turma, a faculdade precisava ser autorizada, tive bons professores, o diretor da faculdade era muito envolvido com o processo educacional. Então, nesse sentido, foi bom pra mim. E a cidade era muito carente de professores qualificados, tanto é que eu tava no segundo ano do curso de Geografia e já fui dar aula. Aí eu que trabalhava no setor de comércio, eu entrei na faculdade, já fui pra educação num estalar de dedos, porque era interessante para as escolas contratar aqueles que estavam na faculdade, porque até então todos os professores eram só a nível de 2º grau, então como eu era da primeira turma foi fácil entrar na educação.

E aí quando você terminou a graduação você continuou como professora?

Continuei, aí eu já tinha todo um objetivo de ser professora, tão logo eu terminei a graduação já fui pra especialização, eu já tinha definido a área que eu queria, eu já tinha tido a experiência de passar pelo ensino fundamental e médio, aí foi quando eu pude escolher ficar mais com o ensino médio, porque toda vida eu trabalhei mais com o ensino médio, desde que eu comecei.

E como eram suas relações com os colegas de trabalho, com seus alunos, com a direção da escola nesse período inicial?

Bom, no período inicial a minha relação de trabalho foi muito positiva em um aspecto, porque cidade do interior, e eu comecei na rede particular, a maioria dos professores ainda estavam sem entrar na faculdade então já criou um certo ciúme, há vem uma professora que já está na faculdade, mas por outro lado eu encontrei colegas com bastante experiência que me ajudou muito. Então teve o lado positivo e como tudo teve o lado negativo, mas que eu soube lidar. Eu acho que no decorrer do tempo eu fui conquistando e até mostrando a importância de ir

para a faculdade, foi mais nesse sentido. E aí elas começaram a ter interesse em prestar vestibular, porque como eu fui da primeira turma a faculdade não tinha muita credibilidade, “há isso não vai dar certo”, então, quando os primeiros professores começaram a entrar na escola os professores que já estavam lá só com o ensino médio começaram a se sentir incomodados e também a necessidade de voltar a estudar, então eu acho que foi positivo nesse aspecto.

E depois disso, nas outras escolas como foram as relações?

Ainda no interior eu tive uma relação muito boa com meus colegas de trabalho e principalmente com os diretores, minha relação foi bastante produtiva, mas, quando eu cheguei aqui em Goiânia já foi meio complicada, porque quando eu mudei para Goiânia eu já tinha concluído a graduação e a especialização e já vim concursada, da rede estadual, já tinha toda uma experiência, já era sindicalizada, e um dos problemas que eu tive logo que eu cheguei em Goiânia foi o fato de ser professora concursada e sindicalizada, enquanto eu tava no interior isso era tranquilo, e aqui em Goiânia, de certa forma, teve um entrave, porque aí, como você conhece um pouquinho dos seus direitos, você se acha no direito de reclamar, e aí os diretores, principalmente as duas primeiras diretoras que eu tive, foi uma relação muito conflituosa até elas conhecerem o meu trabalho né, respeitar o meu trabalho, separar a parte política da escola com a parte funcional, se é que isso é possível, mas era bem claro assim que cheguei em Goiânia.

Como você descreveria sua prática pedagógica hoje?

Hoje, eu vejo assim que eu sou o tipo de professora que no primeiro momento eu não agrado, não agrado porque os alunos estão querendo só moleza né, então eu chego, eu falo da minha maneira de trabalhar, estabeleço regras com eles, as minhas próprias regras, a questão de licença, a questão de tarefas, sou muito exigente quanto a isso, cobro muito então no primeiro momento eles me vêem como a professora chata, mas que agente, no decorrer do tempo, vai conquistando, vai estabelecendo uma relação de amizade, mas no primeiro momento eu não sou uma professora muito boazinha não, eu vou conquistando depois, e eles também vão me conquistando, assim, os alunos que são meus alunos há mais tempo, todos eles eu tenho uma relação boa, mas os primeiros meses, as primeiras turmas que eu pego sempre são conflituosas.

Que tipo de metodologia você considera que leva a uma boa aula?

A primeira coisa que eu considero para que tenha uma boa aula é que tem que preparar a aula, você tem que saber o que você vai falar, eu me baseio muito, eu li um livro da Essa de Queiroz, que ela falava assim, isso me marcou muito, “que todo professor tem um dever a cumprir, antes de ensinar ele tem que saber”. Então eu sou muito assim, eu preparo minhas aulas, eu leio muito, eu procuro ler o máximo que eu posso, e eu preparo minhas aulas para os alunos mais exigentes. Então, por isso eu levo muito a sério, porque quando eu vou para a sala de aula eu já “perdi” muito tempo, teoricamente, preparando aula, atividade, exercícios, como eu vou trabalhar, quando eu entro na sala de aula eu já sei que metodologia eu vou usar, por exemplo, normalmente agente tem 4 turmas, as vezes você tem que mudar né, então é trabalhoso, e aí quando eu chego na sala de aula eu quero que meus alunos tenham respeito pelo meu trabalho, no primeiro momento fica aquela coisa chata, mas depois não, eles começam a se engrenar e aí fica uma relação boa. Eu me relaciono muito bem com os meus alunos mas, depois que eles me conhecem, conhecem minha forma de trabalho.

Mas, me dá alguns exemplos de que forma são as suas aulas?

Bom, o tipo de aula que eu gosto muito de trabalhar é a aula expositiva, mas não aquela aula expositiva de quadro e giz, mas eu coloco o assunto na lousa e agente vai discutir aquele assunto dentro da nossa realidade, dentro do dia-a-dia, porque eu acho que Geografia é o dia-a-dia, não tem como você trabalhar Geografia hoje com realidade distante, com exemplos distantes, aí fica complicado. Aí eu mostro pra eles onde agente se insere dentro daquele conteúdo, e procuro envolve-los e na medida que eles estão envolvidos (...). Uma atividade que eu trabalho hoje, é difícil um conteúdo que eu não trabalho, é o uso de mapas, e todos os alunos gostam e eles falam assim: “professora porque mais professores não trabalham com mapa”, porque essa é uma deficiência do professor de Geografia, apesar de valorizar o mapa ele não tem o hábito de levar o mapa para a sala de aula né, e eu falo para os meus alunos que agente precisa entrar na intimidade do mapa, para poder gostar, para ter curiosidade por ele, senão ele é apenas um papel a mais. Então, eu trabalho muito com mapa, com texto de jornal, reportagens de televisão, eu tento aproveitar tudo que eu tenho. Até porque como eu te falei, eu comecei na rede particular, mas depois que eu passei no concurso eu optei por ficar só na rede pública, ao contrário da maioria dos professores eu gosto de trabalhar na rede pública e se eu puder escolher eu vou continuar na rede pública.

O que você acha da sua relação hoje com a direção da escola, com os colegas e com os alunos?

Eu acho que hoje tá bem mais tranquilo, agente vai amadurecendo também né, agente vai vendo aquilo que precisa ser mudado, que precisa ser melhorado, é claro que também agente vai deixando de reivindicar um monte de coisa, você até tem direito de reivindicar mas o sistema emperra, e você vai deixando, mas, uma coisa que eu não abro mão é da aprendizagem, não abro mão, então nesse aspecto eu posso dizer que eu sou muito respeitada pelas minhas diretoras, todas tanto da rede estadual quanto da rede municipal. Eles me respeitam pela importância que eu dou para o conhecimento, os pais dos alunos conseguem estabelecer essa diferença quanto ao nível de tarefas, um ou outro, você acha um espírito de porco para reclamar que eu tô passando muita tarefa, como eu já te falei, eu não posso falar que eu sou uma professora moderna, mas também eu não sou tradicional demais, eu procuro fazer a junção das duas coisas, que eu acho que é necessário.

Então como você avalia suas aulas e seu trabalho com os alunos?

Eu avalio de uma forma boa, podendo sempre melhorar, sempre, eu costumo falar para eles que o pouquinho que eu sei eles tem que aprender, e a partir do momento que eles sabem o pouco que sei, agente continuar aprendendo juntos. Eu acho que é positivo nesse sentido, e quando eles começam a pegar o espírito da coisa, aí eles começam até a gostar de Geografia, eles começam a dar exemplo da própria vivência deles, é claro que não é num primeiro momento, mas agente já consegue fazer isso, eu particularmente quando eu tô na sala de aula, eu e os alunos, eu sou completamente feliz, eu gosto de dar aula, gosto!

Você inclui os saberes locais e a realidade do entorno da escola nas suas aulas?

Sim, faço questão. Até porque o gostoso da Geografia é isso, é mostrar o espaço geográfico que o aluno vive, as deficiências, mostrar o que tá bom, o que tá ruim, ensiná-los a cobrar melhoria, eu trabalho muito nesse sentido, de ver o que tá faltando, o que agente pode fazer para melhorar, porque agente pode fazer né! Eu tenho muito essa preocupação do público, de mostrar para eles o que é o público, de mostrar para eles o que falta no ensino público, eu trabalho muito isso com eles, porque agente tem uma clientela que faz o discurso da mídia, de que o ensino público não é bom, e eu tento mostrar pra eles, ele é até melhor que o ensino particular, mostro pra eles que o que falta para complementar é nada mais nada menos que participação da família, porque eles ainda não conscientizaram que enquanto eles não põem a mão no bolso para pagar a mensalidade eles tem essa concepção de que é de graça, a

educação é de graça então pode deixar para lá, eles não valorizam muito o livro didático que recebem, aí eu mostro para eles a importância, como era antigamente, a dificuldade que se tinha para comprar um livro didático, e hoje a acessibilidade que tem. Falta muita coisa? Falta, mas, tá muito melhor hoje de estudar do que antigamente, na rede pública.

O que você acha do livro didático?

Eu acho que ele é de fundamental importância para o nosso aluno da escola pública, porque ele é o único referencial de leitura que ele tem, infelizmente. Então eu trabalho com o Livro Didático, eu exploro muito o Livro Didático, até porque na rede pública para você xerocar um texto, é muito complicado, eu xeroco, trabalho muito textos avulsos, cobro deles o dinheiro para xerocar, onde as vezes a conflito porque a maioria dos professores não faz isso, mas o trabalho com eles é importante, eles guardarem aquele texto, sabe! De dar significado. Então eu acho que o livro didático é de extrema importância hoje, porque diante de tanta coisa que nosso aluno tem, ele tem informação, mas ele ainda não sabe pegar a informação e transformar em conhecimento, que é muito diferente, e o livro didático dá essa possibilidade para ele, ele se informa lá na internet, na rua, e aí ele aí ler no livro didático e vai poder fazer essa relação, informação e aprendizagem, então eu acho fundamental que tenha o livro didático.

E os conteúdos geográficos, você acha que tem conteúdos mais importantes?

Eu não diria mais importante, eu diria mais necessários para a prática deles, por exemplo, eu tenho aluno de ensino médio que tá indo para o mercado de trabalho, então eu não vou trabalhar com esse aluno o mesmo conteúdo que eu trabalho com o aluno do EJA, que já estão, na maioria, quase saindo do mercado de trabalho. Então é de acordo com a necessidade do aluno, não que lê seja mais importante. Então, por exemplo, quando eu trabalho globalização, os exemplos que eu dou para meus alunos de 1º, 2º e 3º ano do ensino formal, não podem ser os mesmos que dou para meus alunos que estão com 45, 50, 60 anos, na sala de aula, então, tem que ser diferenciado.

E o trabalho em grupo, o que você pensa?

Eu valorizo muito o trabalho em grupo, dentro da sala de aula. Eu não sou de passar trabalho em grupo para casa, não trabalho dessa forma. Mas, dentro da sala eu acho fundamental. Trabalho muita pesquisa, apresentação de texto, porque as vezes um conteúdo dá margem

para ir em vários campos de pesquisa, então eu valorizo muito a pesquisa na sala de aula, diferentemente da maioria dos professores que passam muita pesquisa para casa, eu não passo porque o nosso aluno ainda não aprendeu a fazer isso sozinho. Eu valorizo a pesquisa na sala de aula, pra dar significado, principalmente quando o trabalho em grupo é induzido, eu não deixo o meu aluno formar grupos aleatórios, eu procuro sempre por níveis diferentes no mesmo grupo, então, eu dou muita importância para o trabalho em grupo.

Na sua opinião, quais são os atributos de um bom professor de Geografia?

Um bom professor de Geografia hoje ele precisa ler muito, ter tempo par ler, ter condição de comprar livros, ter tempo para preparar aulas interessantes, porque agente ainda trás aquele ranço d Geografia tradicional, dos questionários, que você precisa quebrar isso, mas pra você quebrar esse vínculo você precisa de tempo para preparar aula, então nesse tempo você envolve leitura, estudo, porque teoricamente quando eu comparo a rede estadual e municipal, eu acho que meu trabalho é melhor desenvolvido na rede municipal, porque eu tenho um horário de estudo maior, apesar de preferir trabalhar com o aluno da rede estadual, porque foi onde eu comecei, e é onde eu trabalho com ensino médio, eles são mais maduros, eu sinto que faço um trabalho melhor na rede estadual, em questão da maturidade dos alunos já ser maior né. Mas, em termos de condição de trabalho, por pior que seja ela é melhor na rede municipal.

Mas, você gosta de trabalhar na rede municipal?

Gosto, porque diferentemente da maioria dos professores que tem uma rivalidade com os ciclos de desenvolvimento humano, eu acho que ciclo de desenvolvimento humano é extremamente positivo apesar da gente não trabalhar ele na integra, o que é uma pena, a maioria dos professores confunde que trabalhar com o ciclo é não dar conteúdo, é não ensinar, e não é isso, é apenas você ensinar respeitando o tempo de aprendizado do aluno, tem aspectos negativos? tem, por exemplo a aprovação automática sou contra, mas tem tantas outras coisas boas no ciclo que eu acho que supera, o tempo maior das aulas o tempo de estudo que você tem.

Qual é o tempo da aula mesmo?

Bom, eu creio que isso varia, mas, na minha realidade é 1:10, então eu tenho tempo para fazer introdução do conteúdo, para trabalhar exercícios, para trabalhar textos comparativos. Eu tenho um número menor de alunos na sala de aula, bem menor, na rede municipal agente

trabalha com uma media de 25 a 30 alunos por sala, e na rede estadual hoje, eu tô com uma média de 40, 45, 48. Então, eu avalio meu trabalho mais positivo na rede municipal.

O que você percebe dos seus alunos com relação à afetividade?

É uma relação tão complexa, tanto na realidade estadual quanto na municipal, porque são alunos muito carentes, carentes de afetividade, carentes de respeito, carentes de bens materiais, carentes de tudo. E a maioria deles, não digo a maioria, mas uma grande parte decidem resolver essa carência por formas não tão corretas, digamos assim, alguns ou até vários buscam pela questão da droga, eles são objeto de manobra na mão do trafico, infelizmente, nas duas redes que eu trabalho, as duas localizações das escolas tem essa questão do trafico muito séria, né, esse envolvimento dos alunos.

Como o professor encara essa situação dentro da sala de aula?

Depende muito do seu jogo de cintura para entrar na questão. Eu questiono muito nessa questão com eles, eu questiono muito com eles o fato deles serem usados, porque na verdade eles são usados. Eles são aqueles que mais sofrem, porque na hora do vamo ver são eles que vão pra cadeia, são eles que são espancados, são eles que são mortos primeiro, sabe. Esses dias mesmo eu tava conversando com uma professora e estávamos lembrando o tanto de alunos que perdemos em função desse tráfico, sabe! E que no fundo te dá uma dor no coração, poderia ter sido diferente? Agente poderia ter envolvido mais? Não sei. A sociedade poderia ter sido menos medíocre? Talvez, né! Então, é uma série de questões, a questão é bastante complexa. Mas, na verdade o perfil do nosso aluno é um perfil de desestruturação, e ele quer se encontrar, ele não se conforma com a realidade dele não, ele quer buscar outro caminho. Talvez ele opte pelo caminho não tão normal, correto, como agente chama, mas, que na concepção dele é uma alternativa.

Que importância você atribui ao interesse do aluno em aprender?

Aí é a questão, porque a maioria deles hoje não tem interesse em aprender, porque eles vêm mais interesse em ganhar dinheiro, então eles fazem muito essa comparação. Se você for fazer uma pesquisa com eles nenhum deles quer ter a profissão que o pai tem, que a mãe tem, na maioria funcionários públicos, se você perguntar para eles se querem ser professores, “Deus me livre, você tá doida, jamais professor não ganha dinheiro”. Então eles fazem muito essa relação, trabalhar e ganhar dinheiro imediato. O conhecimento tá em segundo plano.

O que o professor pode fazer para que o aluno tenha interesse?

A questão do professor ter condições de preparar aulas mais interessantes, que bata com a realidade deles, que desperte nele o interesse porque no fundo ele quer aprender, no fundo ele não quer ser excluído, eu trabalho muito com eles a questão da auto exclusão, olha você está se excluindo, você está perdendo a oportunidade que muitos que estão lá fora estão querendo, e quando você acordar pode ser tarde, depende muito do jogo de cintura do professor.

Que tipo de aula você considera motivadora?

Eu considero que a aula motivadora é aquela que você trabalha de forma lúdica, mas que o conhecimento está embutido, você tem que trabalhar uma atividade da prática dele, do dia-a-dia, mas que no fundo você tenta trazer o conhecimento, por exemplo, eles estão muito preocupados com a questão do aquecimento global, mas se você por eles para ler uma revista sobre o aquecimento global, eles não querem ler, mas, se você pedir para eles observarem a temperatura hoje, amanhã (...) e fazer um gráfico, eles fazem com uma perfeição incrível, então, é isso que você precisa fazer trabalhar com a realidade deles, mas puxando para o conhecimento global.

E o ambiente da escola, favorece que aconteçam aulas lúdicas?

Na rede municipal favorece mais que na estadual, mas, se o professor quiser na rede estadual também é possível.

Então você acha que depende do professor?

Tem que querer. Porque se o professor não quiser não adianta o diretor querer, não adianta a secretária, não adianta apoio, não adianta nada. É o professor que tem que encontrar uma forma de fazer a educação funcionar.

O que você acha da criatividade?

Eu acho que é fundamental, agora é difícil ter criatividade? É. Você esbarra numa série de questões que te impedem de ser criativo. Até mesmo com o olhar do outro professor que já está mais cansado, até nesse sentido.

Para você qual é o papel do professor de Geografia?

Nossa! A responsabilidade dele é muito grande, porque eu costumo falar para os meus alunos assim, com toda a tranquilidade mesmo, que a Geografia é a disciplina que mais vai ajudar ele

a se encontrar, então ela tem muita importância na vida dele, e aí alguns falam: “ah, você tá é puxando a sardinha pra sua rede”, não é isso, pode até ser, mas a Geografia está presente em tudo que você vai fazer, em tudo, em trabalhar o lugar do aluno, em trabalhar a questão da territorialidade, e essa questão de território da pano pra manga, quando você trabalha numa região periférica igual a minha, essa relação de poder, isso é bom de trabalhar, você ouve cada coisa, e que se você quiser, você pega aquilo que você ouve dele e faz daquilo ali um saber muito bom. Mas o aluno ainda quer trabalhar com mapa, ele ainda quer ter aula com o globo terrestre, ele ainda quer ir para o campo, ele ainda quer fazer pesquisa lá no mato, ele ainda quer conhecer solo. Então, por isso que eu falo que depende muito do professor, porque se o professor tiver condições de trabalho, amparo da equipe pedagógica, na equipe de coordenação o trabalho flui, mas para isso ele precisa ter amparo.

Como você vê a formação continuada do professor?

Não tem como ser professor sem essa formação. Ela acontece mais na rede municipal do que na rede estadual, mas depende de você também.

De que forma?

Veja bem, você já viu algum dia professor fazer greve por melhoria de trabalho? E deveria né. Só pra te dar um exemplo, o professor chega na sala de aula para dar aula e não tem giz, aí sabe o que ele faz para poder dar aula? Amanhã traz o giz de casa, quando não deveria ser assim, tinha que estabelecer um critério de que o material tem que estar ali nas suas mãos, você não poderia aceitar dar aula com prédio caindo. E você tem todo o potencial na sua mão, o aluno que cobra. Um exemplo claro, é a questão da nossa quadra lá na escola, “ah! Essa quadra é um sonho, ela não sai”, que ela só saiu quando agente conseguiu conscientizar os alunos que viviam reclamando (...), “é um sonho enquanto vocês não quiserem colocar a mão na massa, porque o dia que vocês quiserem ela vai sair”. Aquela quadra tem todo um envolvimento da comunidade. Então a Geografia dá margem até pra isso, de dar para o aluno a vontade de participar, de cobrar.

O que você pensa das suas próprias emoções dentro do ambiente escolar?

Eu me emociono muito, eu me envolvo muito com os alunos, principalmente aqueles alunos mais problemáticos, os alunos mais problemáticos são os que mais demonstram gostar de mim, e eu acho que são os que eu mais gosto também, então eu procuro ajudá-los, procuro conhecer o pai, a mãe, eu procuro sentar mais com ele, eu fico mais perto dele, então eu me

emociono muito, fico extremamente agredida quando meu aluno chega machucado, né, que as vezes acontece muito. Eles tem muita abertura comigo, de falar comigo, eu tenho um aluno, por exemplo, ele tá respondendo um processo criminal, aí ele fala “ih professora amanhã é dia”, “dia de que?” “De enfrentar o juiz lá”, porque ele tá respondendo um processo de assalto a mão armada, essa coisa sabe! Aí no outro dia eu procuro sabe “E aí como foi lá, foi tranquilo, você se saiu bem?”, então eu procuro me envolver muito com eles, e com isso eu sofro, não tem como você não sofrer. Então as minhas emoções são (...), tem boas emoções, tem emoções ruins, tem de tudo.

E a sua família o que pensa da sua profissão?

A minha família? As minhas irmãs assim (...), a minha mãe admirava muito a minha profissão, ela achava que eu dava certinho eu era uma professora boa. As minhas irmãs respeitam a minha profissão, mas o meu filho não respeita, porque exatamente ele faz essa relação do imediatismo, você trabalha o tanto que você trabalha e nunca tem dinheiro.

A questão salarial pesa?

Pesa demais, porque você tem satisfações para dar para sua família, por exemplo, nas férias ele (o filho) “aí se você tivesse dinheiro agente poderia ir para o litoral, agente podia fazer isso, podia fazer aquilo”.

Mas, você se considera uma professora motivada?

Sim, graças a Deus. Eu gosto de dar aula, eu ainda tenho vontade de dar aula.

E os professores de Geografia, que você conhece, você acha que também são motivados?

Infelizmente não. Não porque esse gostar, esse querer meu, vai muito por uma questão pessoal minha, eu gosto de estudar, eu gosto de pesquisar, eu gosto de ler, eu gosto de descobrir, e a minha profissão me ajuda nesse sentido. Agora para aquele professor que já perdeu essa vontade, esse gosto pela descoberta, aí ele não vê incentivo, infelizmente.

Para você, o que é motivação?

Para mim motivação é (...), como na origem da palavra, é dar motivos para o sucesso, é motivar para a pessoa ter oportunidade, é motivar para a busca, é dar condição para o meu aluno sair bem lá fora, sair dessa situação de marginal, de marginalizado, né, desse rótulo de

que é aluno de escola pública e por isso ele não é capaz, para mim motivação é isso, é na medida que eu consigo tirar o meu aluno desse rótulo.

Você gostaria de acrescentar alguma coisa, em relação ao tema da motivação.

Eu gostaria só de dizer que eu creio que o sistema deve favorecer mais condições para agente trabalhar de uma forma motivada, porque existe uma dicotomia muito grande entre o papel do professor na sala de aula e as condições que estão por fora. Então, eu acho que se todos caminhassem numa mesma direção, se não houvesse essa separação dentro do meio escolar mesmo, essa certa picuinha, essa certa rivalidade, professor é professor, coordenador é coordenador, diretor é diretor (...), entendeu? Que houvesse uma situação na escola em que todo mundo conseguisse ser educador.

Entrevista Professor: P2

Gostaria que você começasse me falando um pouco sobre como foi sua infância relacionada à educação?

Bom, eu fui alfabetizada em casa, minha mãe que me alfabetizou, eu e meus irmãos, então quando eu entrei na escola, 1º ano já sabia escrever meu nome, quem pegou na minha mão foi minha mãe, e detalhe eu sou canhota e sabe como é problema de canhoto né, na minha família eu tenho prima que a mãe forçava muito escrever com a mão direita, e ela teve sérios problemas, porque canhoto era discriminado, mas eu não tive problemas com a questão de alfabetização, em termos de adaptação. Meus primeiros anos foram em Anápolis, o primário eu fiz lá, depois eu mudei para Goiânia, sempre estudei em escola pública.

E com a Geografia como foi sua experiência inicial?

Olha eu fui me interessar por Geografia no 2º grau, no curso técnico em estatística, hoje não existe mais, no Pedro Gomes. Eu tive uma professora de Geografia muito esperta, e ela falava demais, eu ficava impressionada e eu não imaginava que eu fosse um dia me transformar em uma professora de Geografia. Mas ela teve uma influencia muito grande, porque eu ficava assim, “gente como ela consegue gravar tanta coisa”. E ela dava aula conversando, e aquilo ali me chamou a atenção. A princípio quando..., meu primeiro vestibular não foi em Geografia, foi para Engenharia Civil, sempre tive facilidade em matemática, depois eu percebi

que isso não era meu forte, e aí eu prestei vestibular para Geografia, foi o primeiro ano que teve prova dissertativa, na primeira chamada eu não passei, aí prestei na Católica para Estudos Sociais, aí comecei no meio do ano, depois de uma semana a Universidade Federal me chamou, caso raro, porque a Federal não chama no meio do ano, principalmente na área de humanas, e aí fui para a Federal. Comecei a fazer o curso sem intenção nenhuma de ser professora, na época não tinha Bacharelado na Federal, mas, eu pensava depois quando eu terminar eu vejo o que vou fazer. E, achei difícil porque não é tão fácil como aparenta ser, engloba várias áreas técnicas complicadas. Mas, me decidi mesmo a abraçar o magistério foi no estágio, a professora Kedma, e na época quando eu fiz estágio, as escolas estaduais estavam em greve, foi uma época complicada, e agente tinha que dar aula para os colegas, e tinham colegas da Agronomia fazendo disciplina na Geografia. Aí foi complicado demais porque você dar aula para colegas, ainda mais que era uma turma de 13 alunos só, então lá tinha um pessoal que já estava atuando, um deles inclusive era professor na Agronomia, e era um pessoal muito exigente, nossa! E ela me deu um tema muito difícil foi sobre os Fiotes da Noruega, falei “meu Deus”, montar uma aula em cima disso aí. Passei a noite toda lá elaborando, fazendo o plano de aula, e eu fui péssima na aula, aí ela mandou refazer, é complicado, eu tava preocupada com a forma como o pessoal ia receber, mas depois do susto consegui dar uma aula legal, e ela falou “olha você vai dar uma ótima professora”, mas, primeiro veio a crítica no sentido (...), eu acho que eu tava achando que eu não tinha capacidade né. Aí eu me formei e fui para São Paulo, Campinas-SP, e lá eu morei 10 anos, fiz concurso para a rede Estadual e a Municipal. Lá realmente foi meu aprendizado, trabalhei com supletivo, tive muito contato com o pessoal da UNICAMP, mas não fiz nenhuma Pós. E depois eu voltei, não pela questão salarial, porque nesse ponto minha perda foi grande, mas porque eu gostava da terrinha, e resolvi voltar.

E como foram as suas relações iniciais com os colegas de trabalho, com a direção das escolas e com os alunos?

Olha, muito difícil, todo começo é complicado, principalmente quando você não tem experiência nenhuma. E a primeira escola que eu assumi, que eu peguei, eu fui substituir uma professora, numa escola com 24 salas de aula, Estadual, Antonio Prado de Melo, lá em Campinas, a professora ela tinha sido transferida para a UNICAMP para trabalhar com supletivo, e eu tinha feito um cadastro e a Diretora me chamou para assumir as aulas dela ela tinha alunos da 5ª série ao 3º colegial, foi uma loucura! Então foi o maior teste pra minha vida, foi isso, e isso eu assumi em Setembro, Você sabe o que é assumir, pegar aula de uma

professora que tá (...), foi complicado. Aí eu percebi que eu não sabia nada. Eu olhava assim, e pensava meu Deus o que eu estou fazendo aqui! Mas, quando você tem um respaldo da direção, apoio, é isso que faz o professor ter disposição e vontade, porque senão ele desiste, e a diretora me deu muito apoio, a professora me passou todos os dados assim, de como trabalhar com os alunos, e aos poucos eu fui (...). Às vezes dava vontade de fugir, ir embora, eu pensava “meu Deus a educação (...)!” Mas, valeu a pena!

E como você descreveria a sua prática pedagógica hoje?

Olha, hoje, tirando (...), o tempo né, mais de 15 anos (...)! Eu sou muito objetiva, eu vejo que a Geografia abrange todas as áreas, e é uma matéria que (...), aqui em Goiás nos últimos anos, principalmente na prefeitura, não tem esse problema de professores de outras áreas trabalhar a Geografia, a não ser no ciclo II que tem pedagogo, que tem muita complicação isso, e os alunos tem, pelo menos, tinham uma resistência muito grande em relação a Geografia, não gostam da Geografia. Mas isso em decorrência do fato de professores que não eram da área, e é difícil tirar essa imagem, e como eu sou uma pessoa muito objetiva eu tento relacionar a vivência deles né. Eu sei que eu sou conteudista, eu sou conteudista, tem uma linha aí na educação, principalmente na prefeitura que é contrária a essa linha, mas eu acredito que o aluno da escola pública tem que ter um conhecimento não só da vivência, é lógico que parte do que ele conhece para depois você abrir a novos horizontes, mas ele precisa porque ele vai competir com o outro que tá vendo tudo, que tem muito mais condições financeira, material. Mas, hoje eu tenho mais facilidade de trabalhar porque você vai adquirindo com o tempo, e os livros né, os autores, hoje nós temos aí uma variedade e isso aí facilita você pegar a ponta da meada e montar um texto porque cada autor trabalha mais determinada área da Geografia, mas para você chegar nesse consenso é só o tempo, então a prática eu penso que dá o domínio de conteúdo, de despertar no aluno o interesse maior, motivação para ele gostar de, por exemplo, pegar um mapa e viajar sem sair do lugar. Isso é difícil, mas isso depende do professor.

E sua relação com a direção da escola, com os alunos, com os colegas hoje?

Se a minha relação é boa? Se eu sou uma professora agradável? Depende, sabe! Os alunos me conhecem (...), a princípio eu causo um certo (...) porque eu acho o seguinte, professor, eu falo que aluno tudo é igual, independente da idade se ele tem 60 anos, se ele tem 6 é aluno, agente quando vai pra sala de aula, agente tem que, não é autoritarismo, você primeiro tem que mostrar um certo pulso, e aos poucos vai te conhecendo e você vai criando uma relação

de confiança, porque as vezes o professor chega para agradar a turma e aluno as vezes não sabe diferenciar amizade, confunde muito, então a princípio eu causo um certo (...), e aí aos poucos eles vão percebendo como você trabalha, aí cria uma amizade muito boa. Tanto é que ex-alunos que saem da escola, sempre voltam e falam “professora realmente o que você falava assim (...)”. Então é legal isso, saber que eu deixei uma marca, que criou vínculos não só de amizade, mas em relação aquilo que ele aprendeu aqui e que ele pôde aproveitar no futuro.

E o planejamento das aulas, o que você pensa sobre isso?

Fundamental né! Porque sem planejamento você não consegue, principalmente, dosar o que você precisa trabalhar, mudar o que não está bom, porque se você não faz planejamento o conteúdo dispersa, você as vezes passa alguma coisa que não é importante e por isso ele é fundamental.

Como você avalia suas aulas e o trabalho que você realiza?

Bom, eu sempre (...), minhas aulas vão seguir da seguinte forma: primeiro eu chego na sala e falo hoje nós vamos trabalhar sobre esse assunto, conteúdo, aí eu explano alguma coisa referente ao assunto, sempre localizando né, pegando mapas, a importância de saber aonde está localizado aquilo ali, a questão econômica também, porque que o país, porque nós estamos ou porque essa área está em renovação, aí a avaliação é feita através das atividades, ou são questões ligadas ao conteúdo, ou uma reportagem de uma revista, jornal, ou mesmo uma pesquisa da internet pra eles complementar, ou depois expor em um painel, dessa forma, e a medida do interesse da turma, eu percebo se eles pegaram mesmo o conteúdo, se eles fazem a relação.

O que você considera que é imprescindível ensinar para os seus alunos?

Na Geografia? Imprescindível? Olha, primeiro o que é a Geografia, qual é o objeto da Geografia, porque agente estuda Geografia, e que nós vivemos a Geografia no dia-a-dia, faz parte do nosso dia-a-dia, nós somos o sujeito do espaço e nós transformamos esse espaço, eu tento levar para o aluno que ele, quando eu passo o valor do espaço organizado, ele ocupa esse espaço, ele está vivendo nesse espaço no dia-a-dia, a relação desse espaço pequeno com o espaço maior.

Você tem preferências com relação aos conteúdos geográficos?

Tenho! Eu tenho dificuldades, acho que grande parte, eu conheço pouquíssimos professores que gostam de trabalhar com a Geografia Física, apesar que eu não separo a Geografia Física com a Geografia (...) porque o homem está inserido nesse físico né. Mas, eu gosto de trabalhar, se fosse para eu escolher, com a Geografia Econômica e Política, é mais a minha praia, eu tenho mais facilidade.

E os alunos você acha que eles compartilham desse interesse?

Ah! han!!!!!!!!!!!!!! Eles tem uma certa dificuldade, e isso eu acho que vai muito do professor. Por exemplo, hoje na prefeitura, nós não temos 5ª série, é muito difícil! Porque trabalha com a questão da Geografia Física e para o aluno é muito complicado porque trabalha com áreas tipo o Universo, coisas muito abstratas, a questão da estrutura da Terra, a formação da Terra, fenômenos, então é complicado, antigamente agente já tinha aquele problema do vácuo do aluno que terminava a 4ª série e quando ia para a quinta o professor tinha que explicar o porque da Geografia, qual a finalidade da Geografia. Hoje ficou esse vácuo do ciclo II para o ciclo III, só que no ciclo III ele já vai pegar o que corresponde a 6ª série, aí o professor tem que voltar para explicar o que é o mapa, porque agente utiliza o mapa, é como se fosse um retrato do espaço (...). Então isso aí já fica complicado porque isso depende de escola para escola, não tem o profissional da área que passa essa introdução, aí o aluno carrega esse problema. Então sempre que agente vai em encontro, em GT, eu não tenho participado porque eu tô com 20 aulas, eu sempre tenho questionado isso aí, e a base de tudo é principalmente a Geografia, apesar que o aluno quando entrar no 2º grau, ele vai ver isso aí de uma forma mais profunda, e aí muitos professores tem voltado, inclusive na outra escola alguns alunos perguntaram sobre as heras geológicas e aí eu mostrei o livro de 5ª série, que o professor do ciclo II, muitas vezes não usou.

Você inclui os saberes locais e a realidade do entorno da escola nas suas aulas?

Não adianta o aluno ter conhecimento da África, do Iraque, se ele não conhece seu (...), e de repente ele mora num bairro super violento, como é o caso dos nossos alunos que moram em Aparecida, não só Aparecida como Goiânia, e ele tá convivendo com violência, com bala perdida, e tudo mais. Então para ele poder relacionar que existe violência, existe conflito, mas que esses conflitos também estão próximos deles. Quando eu falo sobre a questão dos problemas ambientais, dos problemas urbanos, o que é o processo coletivo, que ele não consegue chegar na escola por problemas de ônibus, que existem cidades planejadas, com

estrutura de primeiro mundo, no Brasil, como é o caso de Curitiba, mas, que nós temos problemas aqui.

E o livro didático, qual a sua opinião sobre ele?

Eu acho que ele é fundamental, o grande problema do nosso país, principalmente nas escolas públicas, no planejamento você não pode utilizar só o livro didático, mas ele é o apoio, você precisa de um livro para poder ter uma orientação, é a base, não quer dizer que você vai trabalhar só com aquilo ali e nem deve né, porque não existe um livro que traga todas as informações necessárias, como eu falei pra você, cada autor ele tem, como todo mundo, tem suas preferências, tanto é que os livros hoje tem uma equipe, a moderna agora tá com o projeto Araribá, vários professores montaram e isso é legal. Apesar dele ser hoje tão questionado eu utilizo da melhor maneira possível, eu falo para eles, “olha vocês já estão em defasagem porque só o livro didático, enquanto que os outros tem mais informações. Porque a Geografia está em mudança constante, então de repente o livro que demorou 3, 4 anos para chegar na escola ele já alterou, então você tem que mostrar para o aluno as mudanças que já ocorreram, mostrar as mudanças que vão ocorrendo na economia mundial, por exemplo. Mas, ele é fundamental.

E o trabalho em grupo o que você pensa sobre ele?

Necessário, porque o aluno tem que dividir, tem que saber dividir para ele socializar. O aluno as vezes tem certos bloqueios em relação a produzir algumas coisa, e quando ele está só entre os colegas, um ajudando o outro, isso facilita muito o desenvolvimento. O grande problema do trabalho em grupo é que o grupo não pode ser muito grande né, agente tem que saber dosar, sempre tem 1 ou 2, é lógico, que vai ser o líder, o coordenador, que vai sobrecarregar, sempre existiu e vai existir né. Mas, realmente, trabalhos que eu passo para os alunos em grupo é mais no 2º semestre, no 1º semestre é mais trabalho individual, a medida que eles vão se identificando, porque tem aqueles grupos naturais que precisa ser feita a separação para eles poderem se relacionarem, mas como aqui na escola os alunos tem relacionamento desde a alfabetização até a última fase do ciclo III, então eles tem uma convivência muito grande, mas tem um e outro que vem de outra escola e tem dificuldade de se adaptar.

E a sua relação com os pais dos alunos?

Nós temos um problema sério né, porque os alunos que os pais participam da vida dele na escola são poucos, e geralmente são os pais dos alunos bons que estão sempre constantes na

escola, nas reuniões. Eu falo que o grande problema da escola pública não está nem no ensino, mas na questão da família desestruturada, a maior parte dos nossos alunos, praticamente, vem de famílias totalmente desestruturadas. Como um aluno pode ter um rendimento escolar razoável se ele não tem estrutura nenhuma em casa, se ele não tem nenhum apoio, é complicado. E geralmente os alunos que nós temos maiores problemas de atenção, de produção, quando você vai pegar a ficha, o livro do pai, da mãe, do responsável, ele não tem esse responsável, e quando vem esse responsável agente pensa assim: “nossa esse aluno até que é bom demais, pela família ou pelas pessoas que cuidam dele. E é fundamental porque se você não tem apoio (...), só pra você ter uma idéia, a questão da avaliação, geralmente a cada dois meses eu sempre sou uma avaliação do conteúdo, aquilo que nós vimos, ele não sabe nem se portar no dia de uma avaliação, agente tem que falar: “olha nós vamos fazer avaliação e você tem que estudar isso, aquilo”, um roteiro, porque é em casa, se você não orienta seu filho, “olha uma hora para estudar, olha você tem que dar uma olhadinha”, não tem como, o que o professor fala em sala de aula ele só absorve 20% e olhe lá, e se em casa ele não tem esse respaldo como que ele vai poder produzir e apresentar o rendimento, e aí cai só em cima da escola, “o que a escola tá fazendo? Ela não está fazendo nada”. Mas, não depende só da escola.

Na sua opinião, quais são os atributos de um bom professor de Geografia?

Primeiro ele tem que gostar da disciplina Geografia, segundo ele tem que, independente de ser professor de Geografia, dar aula não é sacerdócio, ele tem que saber que ele é um profissional da área. O mal dessa classe, ela é complicada, ela é desunida, porque muitos vê essa profissão como um bico, e não é um bico! É um profissional. E ele tem que saber também que a Geografia faz parte do meu dia-a-dia, então eu posso passar isso também para os meus alunos.

Você gosta de trabalhar na rede municipal de ensino de Goiânia?

Gosto, tanto gosto que apesar dos pesares, já vai fazer, bom que eu tô em Goiânia 10 anos, e 20 anos de magistério, eu tenho prazer de ser professora de Geografia, apesar que tem certos dias que a vontade da gente mesmo é de ser Ser Humano.

Como você percebe a questão da afetividade dos seus alunos?

Determinados alunos você percebe pela forma agressiva que ele tem algum problema ligado a questões familiares, porque a escola é o reflexo, às vezes o que ele não pode ser em casa ele transfere para a escola, e muitas vezes o professor, ainda mais agente que já trabalha a algum

tempo, você já percebe que o fato do aluno ser muito quietinho não significa que ele é o melhor aluno da sala, as vezes ele tem sérios problemas de relacionamento, e as vezes reflete na produção, egoísmo, e isso tá ligado. Então o professor tem que estar atento na forma como chegar, o professor tem que chegar, tem que perguntar, as vezes coisas bobas, que não tem haver com a matéria, isso é difícil, eu não sei nem como explicar. Eu tenho uma facilidade de bater o olho no aluno e perceber, principalmente, depois que agente passa a conhecer os responsáveis, então agente busca a forma de trabalhar com eles, a partir da convivência, com a convivência que você passa a conhecer realmente e a separar porque ele é menos ou mais produtivo.

Qual a importância que você atribui ao interesse do aluno em aprender?

Muitas vezes você tem que despertar o interesse, porque se chegar na sala e perguntar assim: “Qual a disciplina vocês mais gostam?”, eles vão falar que não é Geografia, nem Historia, nem Português, eles vão falar que é Educação Física, mas o professor tem que ter a sensibilidade, e tentar envolver o aluno de uma forma que ele venha a ter interesse, e isso depende de professor para professor, o interesse decorre da forma como o professor passa o conteúdo, e isso é fundamental.

Que tipo de aula você considera mais motivadora?

Olha a aula motivadora é aquela diferente né, mas a aula diferente (precisa de material adequado), não existe professor nenhum no mundo, não existe, pode falar pra mim, quando agente chega nesses cursos aí, uma que você não tem tempo né, e você acaba caindo na aula expositiva, mas, quando você tem um material, você tem um áudio visual, você trabalha com filme, a professora de Espanhol trabalha muito com filme e aí agente as vezes, dependendo da série, acaba trabalhando juntas, mas uma aula que tem material né, uma aula que vira diferente, e para ser diferente ela tem que ter o que: material diferente, não só o livro, o quadro negro, o professor, a fala do professor e o giz.

O que você acha do ambiente da escola?

Eu gosto, porque agente tem uma equipe bem sintonizada, tem confiança entre os colegas, a coordenação sempre tá disposta a ouvir, e ser sincero né. A equipe para funcionar tem que ter essa afinidade, e também os anos, quando você trabalha muitos anos juntos, principalmente em maior número de professores, você já sabe como agir, como montar alguns projetos, como vai funcionar, essa sinceridade. Porque os alunos passam mais tempo na escola, com os

professores, com os colegas, do que com os próprios pais, então agente tem que ter um ambiente agradável. Agradável no sentido de questão de organização, é lógico que tem as falhas, mas aqui o ambiente é muito legal, a direção tá sempre apoiando agente, isso acende o trabalho da gente.

E o salário do professor?

Há bom, isso daí já é outro caso né. (Risos) Isso é um problema sério, porque verba para a educação tem mais eles acham que o professor (...). Como a questão do profissionalismo né, os lá de cima acham que professor ganha até bem demais. Mas, o salário é negócio sério né, porque se você for analisar 50% da nossa motivação tá ligada ao salário, se você é bem remunerada você trabalha também com maior disposição, e aí você não precisaria ficar em 3, 4 escolas, ia poder fazer um trabalho mais legal, e ficar exclusivamente em 1 escola, mas ganhando o que eu ganho em 3, 4 escolas.

E a questão da criatividade, o que você pensa sobre ela?

Uai, o professor tem que ser criativo né, eu falo que o professor tem que ser igual a um animador de programa de auditório, ele tem que ser palhaço, tudo isso. Mas, ele tem que ser sério na hora que precisa. Mas, ele tem que ser criativo, as vezes tem certos conteúdos que você olha assim e pensa “meu Deus como é que eu vou fazer para passar isso aqui? Pelo menos para despertar o interesse deles”, tem que usar da criatividade, ou partir de alguma coisa que eles estão convivendo, eu falo que o professor é o camarada ou a camarada né, mais criativo, é a área mais criativa. Porque ensinar para quem quer aprender é muito fácil, mas ensinar para quem não quer aprender é complicado.

O que você pensa ser o papel do professor de Geografia?

Sem professor não existiria os profissionais, todos os profissionais de todas as áreas passaram pelas mãos do professor, então o professor é o caminho, ele é o canal né, é por aí que vai almejar né, ou se formar como profissional, então é através do professor.

O que você pensa sobre a formação continuada?

Excelente né, desde que não sobrecarregue o professor, e ele fique só na formação continuada e esqueça da prática, porque o que eu vejo aí é que muitos professores vivem só em função de cursos, mas quando chega na prática das aulas parece que não sabe relacionar o teórico com a

prática, muito conhecimento mas, só no teórico. Ela é fundamental, desde que isso não sobrecarregue e não leve o professor a distanciar da prática.

O que sua família pensa sobre sua profissão?

Minha família? Eh... Nunca falou nada, gosta... Acha que sou uma heroína. Eh... Muitos falam: “batalhadora”, porque quem persevera nessa profissão não deixa de ser né! Heróis da resistência somos nós né.

De uma forma geral, você se considera uma profissional feliz?

Acho que sim. Apesar de as vezes eu chegar com a cara feia aqui, porque eu detesto acordar cedo, eu acho que a hora correta de começar a aula seria às 8 horas, como todo emprego, mas, eu acho que eu não sou uma pessoa infeliz porque senão eu já teria mudado de profissão.

Pra você o que é motivação?

Motivação é quando você encontra um ex-aluno, depois de 10 anos, e ele te reconhece na rua ou em qualquer lugar e te abraça e te beija e fala “professora sabe o que eu sou hoje? Hoje eu sou um profissional bem sucedido”, isso é motivador.

Você se considera uma professora motivada?

Acho que sim, o que você acha? Acho que sou, da minha maneira sim.

Você gostaria de acrescentar alguma informação sobre a questão da motivação do professor de Geografia.

Olha a melhor motivação para o professor de Geografia seria o seguinte: o professor de Geografia tinha que ter condições de conhecer mais um pouquinho do mundo não só na teoria, mas viajar, deveria haver alguma coisa, sei lá, projetos né. Para ele poder motivar mais, prêmios né na área, pra ele poder viajar mais.

Entrevista professor: P3

Eu gostaria que você começasse me contando como foi sua infância, mas relacionada à educação?

Educação na escola? Sim. Uai foi boa, eu sempre quis ir mesmo, pra escola, não dei trabalho nem pra entrar na escola. Naquele tempo você poderia ser avançado se tivesse condição, eu fui, então eu não fiz o que era chamado de Jardim, que hoje é classe infantil, eu já fui pra a alfabetização. Relacionamento na escola bom, eu fazia o que eu gostava mesmo, até hoje eu gosto! porque tô na escola. E na escola eu sempre gostei também, além de sala de aula, de pesquisar na biblioteca.

E como foi sua experiência inicial com a Geografia?

Na minha infância era estudos sociais. Com a Geografia, matéria mesmo, já foi na pré-adolescência, eu tinha 10 anos, não foi muito bom, porque o método, na época, era Geografia Tradicional mesmo, tinha que decorar, tinha que responder de acordo com o livro, igualzinho tava no livro, o questionário, as perguntas, seguia a ordem do texto, então era só ler cada parágrafo, juntar um com o outro. Então não tinha reflexão, criticidade, não era cobrado isso, era mais decorar os conceitos. Então eu só fui ver Geografia, de maneira mais ampla, no último ano do ensino médio.

E porque você resolveu fazer o curso de Geografia?

Porque eu não me contentava só com decoreba, eu comecei a pesquisar olhar os temas em outros locais, e como eu gostava era da biblioteca eu ia atrás de outros livros didáticos, paradidáticos, mapas, atlas, então eu me interessei pelo debate da Geografia, não da forma que era ensinado em sala de aula, que era estudo da Terra, como se Geografia se resumisse a essa frase né.

Porque você resolveu ser professora de Geografia?

Eu sou professora, mas eu faço outras coisas, eu não sou só professora não. Mas, porque quando eu entrei no mestrado eu fiz um teste para entrar no concurso da prefeitura, aí eu passei nos dois ao mesmo tempo. Mas eu já dava aula, não pra crianças, eu dava aula pra jovens e adultos, cursinho ou aula que eu já dei na faculdade. Aí quando eu entrei na prefeitura eu quis me auto-desafiar e eu peguei a faixa etária mais nova, é um desafio que eu me propus. Se tiver condições eu continuo o desafio e vou pro ciclo I. Eu quero ver como é trabalhar Geografia com faixas etárias diferentes.

Me fala um pouco da sua experiência inicial como professora?

Na rede municipal? **Sim.**

Primeiro, foi difícil três coisas, que era falta de material pra trabalhar, atlas, não tinha, agora, depois que chegou a outra diretora e essa também, comprou vários materiais, mas ainda falta porque não recebe verba suficiente, não tem só Geografia na escola. Falta de livro didático para discutir o que é cobrado no currículo, e até ajudamos a escrever os temas curriculares de Geografia da Secretaria. E minha dificuldade, minha de diálogo com crianças, porque eu tinha que traduzir conceitos pra que eles entendessem, criança, pré-adolescentes e adolescentes, eu trabalho com as três faixas do ciclo II, porque o ciclo II está entre a infância e a adolescência mesmo. Então essas foram as três maiores dificuldades que eu tive. Superei a de dar aula pra criança, porque eu me propus esse desafio, mas as outras duas ainda continuam pendentes, principalmente a do livro didático, como tinha essa dificuldade eu mesma escrevi o material didático para o ciclo II inteiro, até ver se consigo publicar depois, porque não tem livro específico para ciclo e em Goiás também não, muito difícil ter livro sobre Goiás, principalmente para o ciclo II, e os que tem, tem bons textos, mas os exercícios para fazer a prática não, e eu acho o mais importante, porque texto agente pode passar pro aluno, eles pesquisarem, agente trabalhar em sala de aula, mas o exercício já é complicado pro aluno fazer.

E suas relações com os colegas de trabalho, com a direção e com os alunos nesse período inicial, como foram?

No início eu tive dificuldade por causa da minha aparência, porque eu aparento ser mais nova. Não acharam que era eu, com aquele currículo lá. Então até hoje eu tenho essa dificuldade. Agora, teve poucos colegas de trabalho no início que colocaram empecilho, de não fazer trabalho em grupo, nem querer trabalhar de forma interdisciplinar, mas com alguns colegas eu consegui. Hoje já está mais fácil trabalhar com os colegas.

Como você descreveria sua prática pedagógica hoje?

Eu acho essencial na prática pedagógica ter criatividade, criticidade, reflexão, afetividade com os alunos, trabalho interdisciplinar, pesquisas, procurar os temas e discussões que surgem na atualidade, usar vários métodos didático-pedagógicos, inclusive o computador, por enquanto não tem como usar esse na escola porque não tem laboratório de informática. Mas, os alunos pesquisam aqui na UCG, mas como nem todos podem pagar, então eu peço pra fazer em grupo para que todos, pelo menos, vejam como se usa ou como que é. É necessário ter também diferentes tipos de avaliações, daí precisa da criatividade, porque nós recebemos

alunos diferentes, e de vários lugares, com realidades distintas, então tem que englobar tudo isso em sala para ser um trabalho bem feito, de qualidade.

O que você pensa sobre o planejamento das aulas?

É necessário, só que eu gosto de fazer planejamento em cima de uma atividade prática que eu vou fazer com os alunos. Pode ser no mapa, pode ser num exercício, numa prova, imagens, então eu gosto sempre de pensar no planejamento: como que os diferentes alunos vão fazer aquele tipo de avaliação? Ou como vão participar daquela aula teórico-prática? Então, é necessário sim, mas, sempre pensando em conjunto com os alunos, até porque muitos escolhem o que eles querem que seja trabalhado, eu seleciono alternativas para eles escolherem qual querem primeiro, depois pergunto o que eles gostaram mais, se foi difícil ou não. É bom trabalhar em conjunto, não só com os professores, mas com os alunos.

Como você avalia as suas aulas e o seu trabalho com os alunos?

Eu me auto-avaliar? Eu faço um esforço necessário, às vezes até quase o impossível para ter um bom trabalho com os alunos. Mas, a dificuldade que não só eu, mas todos os professores têm é que não temos muito apoio da família, então o aluno acaba só ele mesmo, não tem apoio, não tem quem auxilie, que estimule, que explique porque ele tá indo pra escola, simplesmente manda pra escola “e se não for vai apanhar”. E quando é chamado (os pais) pra conversar na escola, seja por alguma ação do aluno, ou algum apoio que ele precisa, porque tem alunos aqui que precisam ser atendidos no CEMAI, e eles não levam, quando o aluno ganha a vaga eles não levam, agente percebe refletido no aluno que o pai tem desinteresse pelo filho. Ele (o filho) não vai ter interesse muito na escola não, porque não tem apoio nenhum. Isso é muito difícil e influi muito em sala de aula, porque você vê o reflexo nítido nos alunos, pode parecer jogar a culpa, mas, não é culpa, é que tá faltando, e é preciso ser falado que tá faltando. Então, isso interfere muito no meu trabalho, porque se o aluno tá desinteressado e não tem motivação, e muitos casos de violência familiar, então ele já chega fechado, não se abre com os colegas, não se abre com o professor, então a aprendizagem pra ele fica prejudicada.

O que você acha importante ensinar para o seu aluno?

De forma geral, pensar nas ações, refletir, mas, eu não vou fazer isso, estimular a ter consciência dos atos que interferem não só no local, mas tudo que agente faz. Pensar, agir, não se resume ao local, pode ter conseqüências bem mais amplas, dependendo, até globais,

conforme for o ato, a ação, “pense e escreva criticamente” estimular isso também, refletir, ser criativo não só nas series iniciais, porque agente nota a perda da criatividade até nos livros didáticos, quanto mais avançada a turma. Que tenha vivência com aulas práticas, não só teóricas, que faça trabalhos a campo, eu acho importante que ele correlacione a aula com sua vida, porque nós não estamos fora da realidade, acho que em geral isso.

Você tem preferência com relação aos conteúdos geográficos?

Como eu já disse foi escrito o currículo, o que tem que ser trabalhado, os temas, então agente não pode pular, eu acho que o aluno vai perder se eu pular, ou porque tenho dificuldade ou porque eu não gosto do conteúdo. Então, eu trabalho em conjunto com a professora do ciclo III, inter-relacionando o ciclo II e o ciclo III, porque o grande desafio aqui, além de ensinar Geografia é a leitura, a escrita e a interpretação, então não tem jeito de ensinar Geografia se o aluno não sabe o básico. E como eu to nas séries intermediárias, chega muitos alunos que não sabem nem ler nem escrever o nome, nada, então agente tem que passar todo esse processo até chegar na discussão geográfica, eu gosto de trabalhar em conjunto né, leitura, interpretação e Geografia.

Você inclui os saberes locais e a realidade do entorno da escola nas suas aulas?

Sim, eu começo, continuo e vou até o fim, porque a realidade vivida do aluno é importante. É necessário ouvir o aluno, as experiências de vida deles no bairro que ele mora, nos setores do entorno, isso eu acho que é saber ouvir o aluno, participar, ser sujeito ativo na relação didático-pedagógica, e no ensino-aprendizagem, porque não é só o professor que ensina e só o aluno que aprende. Isso é o desafio que vem nos livros didáticos, porque os livros didáticos não dão ênfase a isso, eles já começam no planeta Terra e no universo solar, então se for seguir na integra os livros didáticos você não leva em consideração.

O que você pensa sobre a utilização do livro didático?

Não ficar restrito ao livro didático, o livro didático nunca vai abordar o que você perguntou anteriormente sobre a inclusão dos saberes locais e a realidade do entorno da escola nas suas aulas, porque as vezes surge um tema na sala e você não vai falar dele, nem debater porque está lá na página 100 e você ainda tá na 5. Então, é importante pro aluno pesquisar, ler em casa, porque ele pode pegar, ler, ter contato com figuras, com mapa, ele não está naquela realidade mas, ele pode visualizar através do livro didático, mas o professor ficar preso ao livro didático não.

Que tipo de metodologia você utiliza cotidianamente nas suas aulas?

Eu já falei dela lá atrás. Diferentes tipos de avaliações, seja oral, escrita, prática, teórica, eu gosto de criar coisas, tem alunos com deficiência auditiva, deficiência mental, problemas psicológicos, já teve caso aqui de aluno com déficit de atenção e hiperatividade, então você tem que pensar em todos na mesma turma, então é assim, minha metodologia de aula. Por isso que eu costumo fazer muitos exercícios numa folha só, porque cada um eu tava pensando num aluno, para integrar todos assim, e mesmo que ele não faça a avaliação inteira eu sei os que ele tem mais facilidade, e os que ele tem mais dificuldade eu gosto de propor desafios.

O que você acha do trabalho em grupo?

Fundamental, sem ele a escola não tem um trabalho de qualidade não, se cada um quiser fazer individualmente como que vai sair um trabalho pro aluno aprender, se o aluno também não aprende individualmente, é só em grupo.

Na sua concepção quais são os atributos de um bom professor de Geografia?

Eu acho que inclui o trabalho que eu falei anteriormente, ter criatividade, criticidade, reflexão, interação com o aluno, dialógico com os alunos e professores, afetividade não só com os alunos, mas no trabalho em grupo, em equipe, interdisciplinaridade pra trabalhar a Geografia e ver as outras visões sobre o mesmo tema, pra o aluno ter essa comparação no ensino básico. Continuar se atualizando pós-graduação, mestrado, doutorado, participar de conferências, simpósios, congressos, palestras, debates, e não só participar, ele pode fazer, escrever, essa parte eu gosto, escrever livros, artigos.

Você gosta de trabalhar na rede municipal de ensino de Goiânia? Fale um pouco sobre essa experiência.

Gostei por causa do projeto, ciclo de formação de desenvolvimento humano, pena que ele não é realizado de acordo com o que é proposto, na prática se torna outra coisa, não tem estrutura, não tem verba, não tem equipamento, não tem materiais, não tem jogos, então fica uma distância enorme entre a teoria e a prática, o aluno tinha muito a ganhar se fosse como é falado na teoria, se ele convivesse com os pares, ter o tempo de escolaridade respeitado, mas o tempo é um ano! Se o aluno chega com 14 anos na rede municipal, e nem alfabetizado é, já é avançado numa turma lá na frente. Eu acho que mesmo que o aluno conviva com os da sua faixa etária, ele não presenciou nada dos temas trabalhados, nada, então ele acaba ficando perdido dentro da sala, fica um avanço por avanço. O aluno não frequenta a escola, ou ele

foge, ou ele passa uns cinco meses sem estudar, e ele faz aniversário e ele é aprovado para a etapa seguinte, porque ele tem aquela idade, tem muitos casos que acontece isso. Não é que eu queira que tenha retenção, mas o aluno não tem possibilidade de estar naquela turma, ele não tem maturidade, ele não tem conhecimento, ele não teve o trabalho no grupo, daquelas discussões. Então eu acho que avançar por avançar é pior do que reter. Porque quando ele chegar no ensino médio (rede estadual) ninguém vai fazer isso com ele. E aí? Como o aluno vai ter os mesmos conhecimentos, as mesmas discussões, a mesma maturidade da turma que ele entrou? Se ele não vivenciou isso lá atrás? Então o aluno acaba perdendo. Eu não acho que retenção é punição, sendo preciso, e o tempo respeitado do aluno pra aprender, e é uma das metas do ciclo, não é respeitado é só um ano né. E outras coisas que a rede perdeu, mas eu não vivenciei essa fase, quando se entendia que no ciclo não precisava nem fazer avaliação, o ciclo também não é isso, então muito se perdeu nessa etapa, tanto os alunos quanto os professores perderam muito com isso. Então ficou como se fosse vir pra escola pra brincar, o lúdico, só o lúdico, tinha muitas ocupações com o lúdico, mas outras atividades de avaliação ficaram perdidas. Outra coisa, os alunos que as vezes o tempo de aprendizagem dele naquela turma já foi suficiente e não pode ser avançado porque não tem idade necessária, e outros que poderiam e deveriam ficar mais um tempo na mesma turma são avançados por terem completado a idade necessária. São alguns problemas graves que acontecem no ciclo, e não é só no daqui de Goiânia, não.

O que você percebe dos seus alunos com relação à afetividade?

Ah! Isso é importante! Porque sem ela a aprendizagem em si fica difícil, se você não conviver, se você não saber compreender. É uma troca entre os alunos e o professor. É mais fácil o aluno até perceber isso, dentro da relação professor aluno, do que o contrário. Mas, é importante e fundamental isso interfere, às vezes o aluno chega muito fechado, não fala né, não pergunta, e quando ele começa a questionar levanta curiosidades, você consegue ver a mudança na fisionomia, nas atitudes, nas avaliações, em tudo, há um conhecimento muito grande.

E os alunos dessa escola, você percebe que eles são carentes? Aqui tem muito esse problema?

Sim, sim, teve até o caso hoje, que você presenciou, de um aluno da minha sala que tava sentindo dor. Mas, não era bem dor, era carência, porque a mãe dele trabalha e só chega acho que 10 horas da noite, então, ele não tem ninguém que olhe por ele, é só ele e o irmão mais

velho, então ele sente falta da mãe, do pai, são pais separados. Então tem caso de meninos que vivem na rua, o único lugar que é certeza que ele está é aqui na escola, o restante do dia é na rua, só volta pra casa 10, 11 horas da noite, quando volta. Tem casos aqui de meninos infratores também, que já cometeram delitos, a mãe é ciente, mas, não faz nada, ou até tá ganhando com isso, não quer que o filho pare de fazer porque ela tá ganhando materiais, mercadorias... Então, é um caso sério isso aqui. Mas, tem alunos que a família é interessada, acompanha, mesmo sendo separados o pai e a mãe, você vê que eles acompanham o filho, ajudam, e quando é chamado eles vem, ouve, dá opinião, questiona, propõe muitas possibilidades. Mas, a maioria dos casos aqui agente sente isso mesmo: “cadê a família?”

Qual a importância que você atribui ao interesse do aluno em aprender?

Eu vejo que o interesse do aluno em aprender vai depender do que aconteceu na vida pessoal dele, ou o que tá acontecendo. Se aquele tipo de assunto chamou a atenção, porque nem todos os assuntos vão chamar a atenção, o caso grave é se nenhum assunto chamar a atenção o ano inteiro (risos). Então, depende do tema, do jeito de você trabalhar os assuntos, das atividades, das avaliações em geral, das aulas práticas, tudo isso motiva o aluno a ter interesse. Ah! E o apoio familiar, além da vontade dele de querer aprender né. Mas, isso tinha que ser estimulado bem antes, eu acho que o fundamental são as primeiras turmas que ele participa, desde a educação infantil, porque se o aluno desde essa etapa não tem priorização, nem por parte dos professores, nem por parte da família, nem por parte dos colegas, é mais difícil mudar.

Que tipo de aula você considera mais motivadora?

Eu acho que tudo que eu respondi na outra pergunta, eu acho que tudo isso motiva os alunos, é um conjunto de ações.

O que você acha do ambiente da escola?

É o que eu falei, falta estrutura física, falta salas, falta laboratórios, falta mais verbas pras escolas, que além de vir pouco ainda cortaram a última pela metade, materiais didático-pedagógicos, jogos, filmes, documentários, mapas, o globo só tem esse sobre o relevo o político eu nunca mais vi (risos), televisores, porque fica restrito a algumas salas, às vezes prejudica o andamento da aula, porque tem que ficar trocando de sala com outra turma. Não tem salas específicas para passar documentários, ou fazer um debate num ambiente diferente da sala de aula. Falta verba também até pra fazer aula prática, porque como aqui a

comunidade é carente então eles não têm dinheiro para que os alunos possam participar de atividades práticas em museus, parques. Ônibus, a prefeitura só oferece, eu acho, uma vez por ano, porque são muitas escolas.

E o que você pensa sobre o salário dos professores?

Tá faltando (risos), se for pensar só nisso, nossa! E eu vejo que você não vê estímulo se você faz qualquer tipo de pós-graduação, *latu sensu*, *strictu sensu*, no seu salário. Você não faz só por isso, é claro, mas também não faz muita diferença não. Então, você não vê estímulo para continuar se atualizando, tem que comprar materiais, porque você não pode usar só material da biblioteca, você precisa ter algumas coisas também. Tem que acessar a internet tem que estar de olho nas coisas que acontecem, e você não vê estímulo no salário, não.

O que você pensa sobre a criatividade do professor?

Ah! Eu acho que sem ela a aula fica muito chata, fica repetitiva, você guarda os materiais e dá os mesmos no próximo ano, ou fica aquela aula que o aluno até queria acrescentar alguma coisa, mas, não pode porque o roteiro já tá ali preso naquela estrutura. O aluno e o professor não têm chance de criar, de sair, de ir mais além, fica restrito.

Pra você qual é o papel do professor de Geografia?

Além daquelas todas que eu falei, de estimular o aluno a ser crítico, o que não é só na Geografia, mas, a Geografia tem uma grande contribuição que ele não vai pensar só localmente, ele vai ampliar a visão e pensar no todo, global, a partir da realidade dele, ver a realidade do mundo, discutir os conceitos geográficos que vão ser importantes não só na aprendizagem dele na escola durante a vida estudantil, mas pra vida também, é importante entender, compreender o mundo que se vive as relações sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas em geral.

O que você pensa sobre suas emoções dentro do ambiente de trabalho?

Eu posso expor as minhas emoções porque o aluno precisa compreender que o professor também fica triste, que o professor fica feliz, com raiva, que o professor também é ser humano, compreender que são reações naturais. Mas, é lógico que nós não vamos descontar nossos problemas nos alunos, porque aí eu já acho que não é necessário, não. Se eu estou aqui eu tenho que fazer o meu trabalho, o que eu propus, e fazer direito, mesmo que eu não seja bem remunerada pra isso.

O que sua família pensa da sua profissão?

Sempre soube que eu iria escolher essa profissão, foi só confirmado mesmo, não acharam ruim por ser Geografia, eu até consigo discutir os temas em casa, minha mãe pergunta coisas que ela tem dúvida.

Você se considera uma profissional feliz?

Olha, se for pelo lado da formação continuada, da produção de materiais didático-pedagógicos, inventar novas metodologias de avaliar, sim, eu gosto.

Pra você o que é motivação?

Interesse, ir atrás, ser instigado, desafiado, sentir vontade e ir fazer, não só ficar na vontade. Acho que o que mais me motiva é ser crítica, mesmo, porque se você amplia seus horizontes e cria novas formas de ver, de debater, de fazer as coisas.

E você se considera uma professora motivada?

Sim, por isso que eu falei anteriormente.

Você acha que os professores de Geografia, de uma forma geral, se consideram motivados?

Sim. Tirando a questão dos problemas, sim, porque acaba interferindo no trabalho.

Você acha que por ser professora de Geografia existe alguma motivação a mais?

Não. Acho que a profissão professor deve ser motivadora, agora qual é a disciplina não importa, é o aluno quem tem a ganhar.

Entrevista Professor: P4

Como foi sua relação com a educação na infância?

Desde muito pequena eu fui muito estimulada, em casa, pelos meus pais, porque eles não tiveram condições de estudo, e aí minha irmã e eu fomos estimuladas desde muito pequenas, sempre com livrinhos, sempre bem estimuladas à leitura, a desenho, a expressão. E aí eu demorei um pouco a entrar na escola porque eu gostava muito de ficar em casa, ao contrário da minha irmã. Mas, nós sempre tivemos acesso à possibilidade de estar lendo, de estar

viajando, porque isso tudo ajuda no desenvolvimento, isso vai estimulando a curiosidade. Meus pais sempre deram muito valor à educação e sempre nos incentivaram, sempre estudamos em escolas boas né, consideradas boas, sempre tivemos muito incentivo e muita vontade também de estar correspondendo isso para os pais, porque não adianta os filhos serem incentivados, mas, se eles não querem né, então assim, o que tá acontecendo mais agora né, eu sinto isso com os meus alunos.

E com relação especificamente à Geografia? Como foi essa experiência inicial com a Geografia?

Achava interessante estar conhecendo lugares, apesar de que na minha época de estudo quem dava aula no ensino fundamental, eram pedagogos, não vão a fundo né. Mas, eu sempre me interessei, não me destaquei, mas eu sempre ia atrás, pesquisava, sempre fazia os trabalhos, fazia ilustrações, meu pai meio que montou uma biblioteca, em casa, com aquelas coleções de Barsa, enciclopédia Mirador, então agente sempre era incentivado a estar olhando, pesquisando, então assim, sempre gostei, tanto é que fui fazer o curso.

E como você resolveu ser professora de Geografia?

Porque quando eu fui fazer o meu ensino médio eu queria fazer um médio técnico, e aí as possibilidades que existiam na época era magistério, contabilidade e administração, e aí conversando com minha mãe, eu tava em dúvida, e ela disse: “porque você não vai pro magistério? Você vai dar aula né”, não que seja “lite”, mas pela experiência que agente tinha sempre de estar cuidando de vizinhos, de priminhos, e eu acho que era uma vontade da minha mãe, de dar aula. Aí eu fui fazer o magistério, fiz o magistério, terminei o magistério, fui trabalhar na rede municipal, prestei o concurso e passei e fui lecionar, já querendo fazer faculdade, e aí com o incentivo das professoras, colegas de trabalho, resolvi fazer alguma coisa na área da educação, porque até então eu queria fazer alguma coisa na área da saúde, ou fono, ou psicologia. E aí fui ver o que eu gostava mais né, e eu fiquei entre Geografia e História, e então, resolvi fazer Geografia, uma amiga de magistério já fazia Geografia, e aí conversando com ela, dei uma olhada no programa e resolvi, é isso que eu quero, e aí prestei e fiz.

Descreva como foi o seu primeiro ano de docência em Geografia?

Aí agente vai ter que fazer um aparte porque eu tive docência em Geografia, trabalhando com professor de Geografia, porque eu trabalhava com capacitação de professores de Geografia da

rede estadual e a um ano que eu estou atuando em sala de aula com aluno. Trabalhando com o professor de Geografia foi muito bom, também porque eu aprendi, porque primeiro você tem o contato com o professor, ele tá direto com o aluno, ele tá com os problemas, ele tá com as angústias, ou então, ele está bem porque conseguiu mediar o conhecimento geográfico, né. Então, quando agente se encontrava de dois em dois meses nas capacitações, eles traziam aquilo, quando era angustia agente pensava “nossa será que é tão difícil trabalhando?”, uma coisa é a teoria né, porque eu tava capacitando pra trabalhar especificamente com um material de Geografia que tinha uma metodologia diferenciada, e os conteúdos eram todos organizados de uma forma bem diferenciada do convencional, do tradicional, então pra mim era uma proposta muito boa, eu acreditava naquilo, fazia a capacitação e eles aplicavam aquilo na prática, e no próximo encontro eles traziam aquela resposta pra mim. Então foi bom porque eu pude não diretamente, mas eu já pude ter um contato antes de trabalhar com o aluno, e era bom que agente discutia, debatia e sentava pra conversar as dificuldades, “porque ele não tava conseguindo mediar aquilo? E também em contrapartida o que tinha sido bom”. Então agente estudava as formas de aplicar aquele material e eles traziam também as formas que não tinha dado certo e agente discutia. Então, pra mim, foi muito rico, mas, eu sentia falta de estar dentro da sala de aula. E aí, depois de dois anos, eu fui trabalhar com ensino médio (rede estadual e rede privada), com aluno, e aí você já pega um aluno que já vem com resistências, devido a forma como a Geografia foi trabalhada no ensino fundamental, segunda fase principalmente, quando entra professor especialista, então você chega no ensino médio os alunos já tem quatro, cinco anos de Geografia, de 5ª a 8ª, e aí você já tem aquela questão, não estou generalizando. Mas, é o que ficou mais forte na minha experiência com a docência, dos alunos já virem com aquela carga negativa: “há é coisa decorativa, há é uma matéria que não precisa se esforçar”, e eu fiquei o ano inteiro tentando mostrar que não, que aquilo não era bem daquela forma, como eles tinham passado pelo ensino fundamental. Então, eles trazem aquela carga de que precisam de matéria para passar no vestibular, precisam, mas eles não tem muita noção, dão mais valor as outras matérias, por entender que a Geografia com um simples “decoreba”... aquilo não vai interferir no que ele realmente quer, ele assiste um jornal, lê uma revista e já considera suficiente, ele só precisa disso pra passar no vestibular.

Como foi sua relação com a direção da escola, com os colegas de trabalho e com os alunos nesse período inicial?

Tudo novo porque eu estava já na condição de professora, porque até então eu estava na condição de capacitadora, o que é bem diferente, é uma outra visão, o respeito, aquela

questão, né. Mas, a minha primeira experiência lá em minas, foi boa, porque eu estava num colégio modelo da cidade do interior, os melhores professores estavam ali, um colégio muito visado pela sub-secretaria do local, então assim, um colégio de muita visibilidade, puxa muito. Mas, fui muito bem recebida pela direção, pelos colegas, né, novata e de fora também, né, “ela veio de Goiânia”, mas assim, tinha muita ajuda dos professores, muitos, com muitos anos de experiência, então eu pude aprender, não tive resistência, às vezes eu sentia alguma coisinha: “ah! Geografia!”, mas assim, eles respeitam porque lá na cidade não tinha ninguém formado em Geografia, são professores formados em História com habilitação em Geografia, então assim, os colegas acharam bom “ah! a geógrafa!”, eles sentiram que foi um ganho. E minha relação com os alunos era muito boa, tinha muitas turmas, e as turmas muito cheias, mas, devido o colégio ser referência os alunos gostam da escola, eles tem uma participação muito boa com a escola, então, eles me receberam muito bem, apesar de eu ser inexperiente.

E em Goiânia como foram essas relações?

Aí quanto eu voltei, eu fui trabalhar numa escola de ensino médio particular, eu fui trabalhar com 1º, 2º e 3º ano. Por eu já ter entrado no segundo semestre, tem toda uma questão de: “não era professor referência da turma, troca no meio do ano é problemático, tanto pra direção quanto pro aluno”, então a relação não foi tão prazerosa, tão aproveitadora, tão bem sucedida como se tivesse entrado no início do ano, tive alguns problemas com a direção também, pela questão da adaptação, porque escola privada é bem diferente da escola pública, tive alguns problemas, coordenação não estava muito a par disso, também tive uma troca de coordenação, trocaram uma pedagoga por uma economista. Então assim, na questão pedagógica eu não tinha suporte, é completamente diferente, e a escola que eu tava trabalhando era uma escola de visibilidade, uma escola voltada basicamente para o vestibular. Então, a minha adaptação com a direção e com os alunos não foi muito bem sucedida.

E como você descreveria a sua prática pedagógica hoje?

Bem melhor que o começo. Eu já tô, no caso, na segunda escola pública nê, trabalhando com o ciclo II, já é 4ª e 5ª série, que eu tô trabalhando, outra realidade né, então assim, a minha experiência com a docência acredito que abarcou os níveis né, professor, ensino superior, ensino médio, ensino fundamental. Tô caminhando, minha avaliação é que eu me esforço, tenho o cuidado de não estar entrando, por exemplo, tem professores que já estão na estrada a muito tempo, ele já vem com aquele vício, sabe, e eu procuro pegar o que eles tem de melhor, porque tem a questão do vício, “ah! hoje eu não quero dar aula”, “ah! hoje eu faço é assim”.

Então, eu procuro não cair nessa, eu procuro estar trilhando, eu quero ter essa experiência, sabe, eu tenho o cuidado de não me deixar levar muito, eu procuro fazer a análise do que o professor está me dizendo. Acredito que eu estou buscando ainda, estou muito interessada em capacitação, interessada em ver o que está saindo de novo em termos de discussão da educação, às vezes eu não posso estar presente, mas estou sempre buscando ler, procurando conversar com quem estava presente, o que está de novo, qual é a discussão do momento. Mas, eu me avalio assim, que tô em busca, minha auto-avaliação hoje é que eu tenho que buscar, mais ainda acredito no que eu faço, gosto do que eu faço, né, e quero tá buscando sempre.

O que você pensa sobre o planejamento das aulas?

Deveria dar um tempo maior, tô falando em termos de município. Quando eu trabalhei na rede municipal, quando eu terminei o magistério, uma vez por semana agente tinha horário para planejar, isso não tem mais, eu acho que foi uma perda, porque planejamento é uma coisa que tem que ser dado mais atenção, sabe, porque é o momento de você estar esquematizando com os outros professores “vamos fazer isso, eu preciso de você que é de português, para me ajudar com isso”, é o momento de você estar discutindo com a coordenação pedagógica o que ela pode estar subsidiando, as vezes você precisa de algum material, é o momento da direção também estar conversando com você, “olha achei isso pra você encaixa nas suas aulas”. Então assim, sinto que como está hoje: agente tem os horários de estudo, mas, agente tem que dividir esse horário de estudo, em estar acompanhando o aluno, estar planejando, às vezes, você tá substituindo professor que faltou, o grupo está se reorganizando naquele dia porque acidente, doença né, não avisa. Então, você chega aqui pensando que você vai estar atendendo os alunos, e na segunda aula fazendo ficha avaliativa, mas, aí falta professor e aí você tem que ir pra sala de aula. Então, acaba que o planejamento, em si, acaba acontecendo muito falho, tem muito pouco tempo, e planejar é uma coisa séria, é uma coisa que tem que ter, sabe, a coordenação tem que estar trocando com o professor, sabe, é uma coisa muito importante e que tá sendo deixado, às vezes, em segundo plano.

O que você acha que é importante ensinar para os seus alunos?

Olha, além do que é geográfico, o olhar geográfico, a leitura geográfica, agente tem que ensinar hoje, agente tem que tá ensinando além. Agente tem que estar indo para a questão dos valores, da questão dos temas transversais, você tem que estar incluindo, e mais, você tem que estar mediando também uma coisa que tá faltando muito, eles chegam gritando, na forma de

indisciplina, da violência, da agressão. Estar passando uma questão muito forte, que é a questão humana mesmo, então não adianta nada você querer ensinar a leitura cartográfica, o olhar geográfico, trabalhar com música, com filme, isso é muito importante, mas, se o aluno não está ali realmente, não vai adiantar nada. O professor tem que ter essa sensibilidade, então o professor hoje tem que trabalhar isso, os temas transversais, tem que trabalhar a questão da sexualidade porque hoje alunos de 9, 10 anos beijam na boca e chegam na escola comentando, vai na internet, ontem eu fiquei sabendo de um site “brasileirinho”, que é cena de sexo explícito, e os meninos da 5ª série, de 10, 11 anos, estão vendo isso, tive que parar a aula, tava passando a questão da consciência negra, na Geo-História, tive que parar a aula porque negócio de “brasileirinho”, “brasileirinho”, então tive que parar a aula e trabalhar essa questão. Então, você tem que ter essa sensibilidade de saber parar na hora certa e trabalhar esse tipo de assunto. Então, o professor tem que planejar sua aula, deixando espaço para esse tipo de conteúdo. O que é importante ensinar hoje, leitura, escrita, porque tem um déficit de alfabetização muito grande, mas também valor, mas também temas transversais. Tem muita coisa gritante, violência, a questão da sexualidade, o professor tem que trabalhar um pouco a questão humana também, que é o que muito está se precisando.

Você tem preferências com relação aos conteúdos geográficos?

Particularmente enquanto estudante de graduação eu me identifiquei muito com o que chama de área física né, porque tem aquela questão de área física, área humana né, mas, que na verdade não tem né, é um misto, uma depende da outra. E toda minha pesquisa eu sempre procurei trabalhar com questões físicas, na universidade eu tinha bolsa, enquanto aluna né. Mas, a questão humana, a dita humana, me agrada muito, foi por isso que eu fui fazer Geografia, quando eu quis prestar o vestibular. A forma como o livro didático são estruturados, eu já dou uma misturada ali, né, então, eu não trabalho de forma seqüencial o livro, eu trabalho de forma potencial, porque as vezes o primeiro capítulo tem a ver com o décimo, então, eu não trabalho na seqüência pra não ficar uma coisa fragmentada. Eu não tenho muita preferência não, de tá trabalhando, claro como destaquei, toda minha pesquisa é na área física, é claro que eu vou ter mais facilidade, mas, preferência eu não tenho não, quero trabalhar a Geografia como um todo, para mostrar para o aluno a Geografia como um todo, pra não chegar lá na frente e ele falar: “eu só vi isso!”. Eu acho que agente tem afinidade, mas, agente não pode ter preferência para não prejudicar o aluno.

E com relação aos saberes locais e a realidade do entorno da escola, você considera importante incluir nas suas aulas?

Claro, sim. Como eu não sou da região, conheço porque trabalho aqui, né, então eu já busquei algumas referências aqui de perto. Como os alunos são basicamente daqui do entorno, é claro que você tem que estar incluindo, porque às vezes você vai falar de uma coisa mais global, mais distante do aluno, se ele não conhece o local, você tem que começar do local – regional - global, porque tá mais perto da realidade dele, está mais próximo da experiência do cotidiano dele, é melhor você dá essa referência local, e aí ele “ah, é mesmo!”, então ele começa a despertar pra quilo, pra depois você falar do âmbito maior, porque aí tá relacionado, né. Então, tem que ser trabalhado o local pro aluno começar a buscar as referências e a despertar o olhar geográfico dele pro próximo, não adianta falar de um assunto que ele não entende e não reconhece no que está próximo dele.

E sobre o livro didático, o que você pensa sobre sua utilização?

É como eu falei um pouquinho antes. Eu não gosto de alguns livros didáticos, a forma como eles são estruturados. Porque claro cada autor pesa mais pra quilo que ele, né, então tem autores muito humanistas, ou muito marxistas, que você pega o livro dele e tá tudo voltado pra questão global, pra questão mais dita humana, né, e você tem autores que a forma como ele estruturou o livro é de outra abordagem. Mas, no geral, acredito que os livros tem que ser melhor estruturados na questão, assim, são também muito voltados ao sul e sudeste, então eu sinto falta dos livros de Geografia e História serem mais regionalizados, de alguém despertar pra isso pra estar incluindo mais o cerrado, incluindo mais a história de uso e ocupação do estado, o histórico da região centro-oeste, a Geografia ser mais voltada para o que nós temos aqui, falar mais das usinas que estão sendo construídas aqui, cita o cerrado né, mas, falar mais de como foi a questão do uso e ocupação. Você pega os livros quando vai estudar Bioma, Biosfera, dá uma ênfase maior à mata atlântica, à Amazônia, mas às vezes o aluno tem a oportunidade de viajar só aqui em Goiás. Então, sinto falta dos livros terem uma melhor adaptação, um maior enfoque ao que nós temos aqui.

Que tipo de metodologia você utiliza cotidianamente nas suas aulas?

Olha a questão da metodologia, a rede tem uma metodologia, então eu tento utilizar essa metodologia mesclando com a minha própria metodologia de trabalho. Então, hoje trabalho com o ciclo como a rede me pede, mas, a partir da minha formação eu busco no meu planejamento, retomar a aula anterior, mesclar conteúdos, utilizando a experiência que o

aluno já tem, e eu vou mesclando isso, misturando isso para ter um maior rendimento dentro da sala de aula.

E o trabalho dos alunos em grupo? O que você pensa sobre isso?

Excelente, tem que ter a troca de experiência, agente tem a possibilidade de mesclar aquele aluno mais independente, mais autônomo no processo de ensino-aprendizagem, com uma facilidade maior, com aquele aluno que tem um pouco mais de dificuldade, com aquele médio, também, para os grupos não ficarem homogêneos. É muito bom, tem que ter o trabalho em grupo, como tem também que ter o trabalho individual, pra você estar avaliando o aluno individualmente, né. Mas, o trabalho em grupo é muito importante, e o professor tem que ter a sensibilidade de estar mesclando e variando esses grupos, e tá envolvendo atividades diversificadas, com níveis diferenciados, fazendo o rodízio, também, dessas atividades. Então, no planejamento o professor tem que se ater, também, a isso.

E os pais dos alunos? Como você se relaciona com eles?

Quando eu tenho a oportunidade de conversar com os pais, eu procuro, porque eu tenho um caderninho de anotação e eu faço o registro dos alunos, se o aluno tem dificuldade, eu procuro falar pra mãe, que é quem está mais presente. Eu tenho o cuidado de não ficar só falando que ele conversa muito, só o lado negativo: “seu filho é muito inteligente, só que ele está apresentando esse e esse problema”, aí eu peço que me ajude, falo como o aluno está na verdade e peço sempre a colaboração dos pais, porque se ele não estiver participando só a escola não dá conta. Então, meu relacionamento com os pais é bom, eu peço para chamar os pais, mas primeiro eu converso com o aluno em sala, segundo peço ajuda para a coordenação, terceiro eu peço para chamar os pais, isso é quando não resolveu né, quando não teve solução pro caso, né! E quando tenho oportunidade de estar conversando com os pais, procuro mostrar o potencial dos alunos e mostro como ele está na sala de aula. Tenho sido bem aceita, minha postura eu acredito ser boa, responsável, porque eu não chamo o pai à toa, e nem fico só denegrindo a imagem do filho dele. Tô procurando, sempre, antes de chamar pai e mãe, antes de mandar para a coordenação, tenho o cuidado de investigar como é esse aluno, como que é socialmente, economicamente, como que é a estrutura dessa família, pra poder entender esse aluno, e não ficar colocando o aluno pra fora, ou gritando com aluno, ou sempre estar repreendendo esse aluno em sala de aula porque ele não traz o material, por exemplo, vou descobrir porque que é? Ele tem condição de comprar o material? Ele tem alguém que o incentiva em casa? Ele não tá trazendo o material porque não tem? Porque sumiu? Porque

perdeu? Porque molhou? A casa dele inundou? Porque que foi? Né, então, eu tenho esse cuidado também, antes de conversar com os pais eu procuro saber do aluno, eu converso com a direção. Então, assim, eu procuro saber primeiro qual é a história do aluno, como que ele é fora da escola? Ele tem pai? Ele tem mãe? Como que é a condição dele? Pra eu entender a reação desse aluno. Tem alunos aqui que eu tenho muito problema, então, eu fui procurar saber, o pai tá nos Estados Unidos, a mãe tá cheia de filho, cuida da avó, a mãe trabalha fora. Então, a violência desse aluno é porque ele quer chamar a atenção, ele tá sem limite, porque ele tá se sentindo assim: o pai foi tirado dele, a mãe não tem tempo pra ele, como que esse menino tá vivendo? Então, agente tem que saber o contexto desse aluno pra poder entender melhor as suas atitudes, e poder agir de forma adequada.

Na sua concepção quais são os atributos de um bom professor de Geografia?

(risos) É difícil! Primeiro esse professor tem que se identificar com a educação, ele tem que querer, porque não é fácil, porque agente vê de teoria é uma coisa, estágio, quando você tá na licenciatura, é de uma forma, quando você vem pro mercado de trabalho, quando você não está mais na situação de estagiário, quando você não está mais na condição de estudante de graduação, e você cai no sistema, seja público ou privado, quando você vem pro mercado de trabalho e você lida com pessoas que estão em fim de carreira, 10,15 anos, sabe com pessoas novatas, direção, cada direção é uma direção, N situações, é muito difícil. Então, os atributos pra ser um bom professor, ele tem que identificar com a educação, identificar também com a Geografia, e não fazer da educação uma coisa passageira, é fazer da educação o seu espaço profissão, criar a sua identidade profissional. Porque não adianta nada ter um ótimo currículo enquanto geógrafo, e ser frustrado, “há eu estou aqui porque não consegui passar num concurso, porque eu não consegui ser bacharel!”, Eu sou uma ótima geógrafa, mas e aí, mas eu tenho a didática, eu acredito no potencial do ser humano, eu acredito que eu posso estar mudando essa realidade, através do meu instrumento que é a mediação do saber. Então, é isso, tem que acreditar na educação.

O que você percebe com relação à afetividade dos seus alunos?

Afetividade. Uma falha muito grande, uma carência que dá dó, se você for conversar com alguns alunos sobre a vida deles você chora, porque são pessoas muito carentes afetivamente, não tem perspectiva de vida, então, tem alunos que você vai analisar as reações dele na escola, de violência, de agressão verbal, de agressão física, de desânimo em sala de aula, em termos de zelo com ele, você vai vasculhando, você vai tendo curiosidade de detalhar isso. São

crianças, porque eu considero que são crianças ainda, são pré-adolescentes, que tem uma carência muito grande, que tem um lapso afetivo muito grande, né, sabe, eles gritam por afetividade, eles gritam por carinho, por atenção, né. Aí você vai olhar, são famílias desestruturadas, são crianças que só vêem os pais à noite, então, os pais têm outras coisas pra fazer, cuidar da casa, né. Então, assim, os alunos estão gritando por afetividade, tô generalizando, é claro, porque você pega casos isolados que a mãe acompanha sabe, o aluno é uma gracinha sabe, a mãe tá presente, quando a mãe não pode tá aqui é porque trabalha fora, mas, quando tá em casa, está presente, então, assim, isso acontece também. Mas, no geral, são alunos que são carentes afetivamente, não só de recursos materiais, mas, de recursos humanos, sabe, de atenção, de carinho, aí quando você dá um adesivo pra ele, ou quando você escreve alguma coisa no caderno dele sabe, ou quando você dá um abraço, um sorriso, sabe, o menino já, nossa! Porque ele sai de casa nem vê o pai e a mãe, ou então viu apressado. Então, na escola é o lugar onde aflora essa questão.

Qual importância você atribui ao interesse do aluno no processo de ensino-aprendizagem?

A perspectiva de vida, de futuro, a questão do estímulo familiar, do despertar que agente proporciona ao aluno aqui na escola. É o estímulo que vai dele, né, dele querer aquilo, muita atenção, a questão afetiva pesa também e o acompanhamento do professor.

Que tipo de aula que você considera mais motivadora pro aluno?

Falando da minha parte, aquela que ele está mais participante. Agora que eles gostam muito, quando você traz uma música, eles gostam, sai do tradicional, eles gostam quando tem áudio-visual, quando eles estão vendo, né, tem imagens, quando aquilo tá, ilustrando né, ou até com outra linguagem, né, eles gostam muito de dramatização, eles gostam de estar dramatizando o que foi pedido, o conteúdo, ou aquela parte específica do conteúdo, eles gostam né, disso.

O que você acha do ambiente aqui da escola?

Olha, acho pequeno, restrito. Restrito porque falta uma sala onde eu poderia estar levando o aluno pro acompanhamento, ou poderia estar guardando meus materiais, né, porque nós temos esse ambiente aqui da biblioteca, mas, é restrito porque sempre tem reuniões aqui, sempre tem alunos aqui, sempre tem dois professores fazendo acompanhamento ao mesmo tempo. Então, assim, é um espaço restrito, tem uma proposta de reforma, aí, uma quadra coberta, enfim. Então, eu sinto que falta espaço, espaço adequado.

O que você pensa sobre a criatividade do professor?

Eu penso que é fundamental, eu alio à criatividade, com o jogo de cintura, com a sensibilidade, tá tudo junto né, tem que ser criativo, né, porque tem situações inesperadas, que foge do controle né, tem que ser criativo sim, não adianta só eu seguir o planejamento, porque se acontece alguma coisa eu tenho que ter jogo de cintura, de estar adequando, a sensibilidade sabe, é a criatividade, sabe, de estar tirando uma carta da manga.

O que você pensa sobre o salário do professor?

Risos. Uma vergonha, né, é uma vergonha! A questão salarial, pra não falar ridícula, mais vergonhosa, porque desvaloriza, desestimula. Então, assim, alio a isso a questão do baixo interesse dos professores, do estímulo dos professores, concurso, a questão até mesmo dos concursos, quando tem, a forma que é feito, eu tenho as minhas restrições. Desestimulador, eu diria, o salário do professor, uma vergonha, né, pelo trabalho, pela importância que é a educação, pela responsabilidade que a educação tem né, e pelos profissionais que estão trabalhando. Então, eu acho assim, que é vergonhoso, deveria ser muito melhor remunerado, deveria ser muito melhor visto pela sociedade, pelos órgãos governamentais, deveria ser dada uma atenção muito maior.

O que você pensa sobre suas próprias emoções dentro do ambiente escolar?

As emoções? Olha aí tem uma oscilação, então, assim, você fica muito feliz, muito realizada, achando que vale a pena quando você tem uma resposta positiva do aluno, quando você faz um pouquinho e ele responde, quando o pai vem, sabe, quando ele te dá uma resposta positiva, quando depois de uns dias você vê que aquilo foi bom, quando você é reconhecida, né, não só pelos alunos, mas, pelos colegas, pelo corpo docente, quando você dá uma idéia e você congrega com os professores, são emoções positivas. Agora, oscila quando você fica meio de baixo astral, fica triste, desestimulado, quando você luta e não tem respostas, quando você luta e às vezes é podado, quando você planeja alguma coisa e não consegue, quando um aluno não responde positivamente, agente tem que tá preparado pra isso, mas, mesmo assim, agente não é 100% também né. Mas, as emoções dentro do ambiente escolar são variadas né, claro que se agente pudesse controlar agente queria só coisas boas, mas, faz parte do processo você ficar desestimulado, triste, né, aí você tem que ter criatividade, resistência, buscar ajuda da coordenação, de outros professores, dos pais, pra estar tentando mudar aquela realidade, aquela situação.

O que você pensa sobre a formação continuada?

Fundamental. Nossa! Tem que ter formação continuada sim, não é porque você formou, veio pro mercado de trabalho, que você estagnou, né, tem que ter, porque tá saindo coisas novas, né, tem debates aí na educação que tem que ser trazidos, mesmo para os professores, tanto os que estão entrando, quanto os que já estão no caminho, no processo, né. É fundamental, é a oportunidade do professor estar estudando, porque ele também vai ter a oportunidade de discutir, né, de debater com os demais profissionais, né, de trocar experiências, de falar pra alguém quando tá na mesma situação dele “a experiência foi boa ou ruim”, de tá recebendo coisas novas ou reforçando aquilo que ele viu na graduação, numa especialização, numa coisa assim, né. É fundamental, tem que ter capacitação sim, para o professor se sentir melhor, se sentir mais seguro, se sentir valorizado e conseqüentemente poder buscar até pra reivindicar melhores condições de salário, porque ele tá dando o seu melhor, ele tá buscando, ele tá participando, então, pra ele não ficar estagnado também é fundamental, tinha que ter sempre formação continuada.

O que sua família pensa sobre sua profissão?

Tem aquela questão assim, da educação, das pessoas não gostarem, toda família tem né, visa pelo lado financeiro primeiro né, estão assim: “Porque você não fez tal área? Porque você não faz isso? Tá em tempo. Ou então, nossa você vai fazer isso? Porque você vai fazer Geografia?” Mas, assim, me respeitam, me estimulam a continuar né, a seguir né, a fazer pós-graduação, a fazer mestrado, doutorado, né, reconhecem meu trabalho, me estimulam sempre, assim, eu sou feliz pelas pessoas da minha família, assim, eles reconhecem, apóiam sabe, isso eu não tenho problema não.

E você? Você se considera uma profissional feliz?

Pelo o que eu tô trabalhando, a forma que eu tô, como eu estou, eu estou bem, claro que feliz, feliz, feliz... se eu te falar que eu estou 100 %, eu não estou. Porque tem questões ainda: eu não estou numa situação efetiva, eu não estou com uma remuneração adequada, né, eu ainda estou começando a minha carreira, então eu ainda tenho que conquistar muito, trabalhar muito a segurança, conquistar o meu espaço, eu ainda tenho muito o que estudar em termos de formação, muito que ir atrás ainda, muito que participar ainda, para eu falar que sou uma profissional feliz, que eu sou uma professora de Geografia feliz. No contexto que eu estou hoje, eu estou bem, tô me sentindo bem, tô feliz pelo momento que eu estou, dá forma como

eu estou conduzindo, como eu estou sendo recebida, eu estou bem! Mas, a profissional feliz, olhando pro geral, eu acredito que tá longe de eu estar falando.

Você se considera uma professora motivada?

Considero. Considero sim. Motivada por acreditar, né, por ter respostas dos meus alunos, da coordenação de estar me motivando também, de estar trazendo alguma coisa sem eu pedir, mas estão me trazendo material “vamos planejar isso”, sou motivada sim, estou motivada, sou e estou sendo motivada.

E os demais professores de Geografia que você conhece, você considera, que de uma forma geral, eles são profissionais motivados?

É difícil né, eu vou fazer aqui uma avaliação, é difícil falar pelos outros, mas, eu considero que eu tenho amigos e colegas que estão na docência, que eu posso dizer que na maioria são motivados. São motivados, alguns que estão se realizando, né, já dão aula desde a graduação, já conquistaram seu lugar, seu espaço, que estão bem, se sentem bem, estão fazendo o que gostam, que se acharam, se encontraram na docência. Mas, tem casos de professores desmotivados, que na primeira oportunidade de pular fora, eles vão pular, estão aqui porque não tiveram a oportunidade de uma coisa melhor, né, e eu procuro não estar me espelhando, não estar me sentindo influenciada. Mas, a maioria, eu vou te falar que estão bem, estão se realizando, gostam do que fazem, se sentem motivados sim.

Você gostaria de acrescentar alguma informação sobre a questão da motivação do professor de Geografia?

Agente tem que tá motivado por acreditar, não só pela questão de ser um emprego fácil, de ser meio período, eu posso trabalhar em dois, três lugares diferenciados para aumentar minha carga horária, né, ou que eu posso tá conciliando com outras atividades, né. Então, assim, a motivação se tiver só na rentabilidade, na remuneração, ou tiver aliada só pela praticidade, porque acham prático, né, de manhã tá num lugar ou à noite tá noutro lugar, ou eu posso tá estudando, ou eu posso não fazer nada, isso por si só não é motivação, é uma falsa motivação, eu tenho que estar motivada por estar acreditando, por gostar de estar aplicando a Geografia, por estar mediando esse saber geográfico pra quem ainda não tem esse saber geográfico. Então, a motivação, é muito individual, é difícil falar, mas pra mim a motivação tem que estar em gostar da educação, tem que acreditar.

Entrevista Professor: P5

Eu queria que você começasse me falando como foi sua infância relacionada à educação?

Bom, minha infância foi boa, mas, relacionada à educação eu me lembro sempre que eu queria brincar de dar aula, e a minha mãe sempre conta isso para as pessoas, assim, que tinham as pessoas que iam na minha casa e os filhos dessas pessoas, desses adultos, eu queria dar aula, brincar de dar aula. Então tinha um quadro de bar, que me deram, e um giz, e eu ficava brincando de dar aula, isso era constante, era minha brincadeira predileta, brincar de dar aula com os vizinhos, com os filhos de adultos que iam na minha casa, então, eu sempre gostei dessa brincadeira de dar aula.

E como foi sua experiência inicial na escola como aluna?

Eu me lembro assim, que eu gostava muito de ir para a escola, nunca tive problema de ir pra escola, mas, minha primeira professora me marcou um pouco, porque eu estudei no centro comunitário, onde eu morava não havia outra escola, só essa escola e era como se fosse o pré-fraco, eu já entrei com 6 anos no pré-fraco. E aí essa professora me marcou, eu acho que ela era muito rude sabe, e assim, eu não tenho lembranças positivas desse lugar e nem da professora, eu acho que foi um pouco traumático pra mim, e não tinha outra escola, meu pai não podia pagar pra eu ir pra outra escola, agente não tinha condução, e eu tive que ficar um ano nessa escola. No ano seguinte surgiu uma escola no bairro, particular, bem pequenininha, e aí as lembranças positivas que eu tenho, referentes à escola na minha infância, são dessa escola, Escola Jardim Arte e Educação. Eu tenho lembrança da professora dona Abadia, dos meus colegas... Mas, aquele meu primeiro ano nesse tal de pré-fraco não foi muito legal não. E aí eu fiz um teste nesse lugar (Escola Jardim Arte e Educação), e minha mãe resolveu que eu deveria fazer o pré-fraco de novo, então eu fiz pré-fraco de novo, depois pré-forte e depois iniciei a antiga primeira série e aí fui...

E o contato com a Geografia?

Meu contato com a Geografia foi de 5ª a 8ª, então na 5ª série quando eu estudei no Educandário José de Alencar, era uma escola das irmãs naquele período, eu lembro da professora Ilce que foi minha primeira professora de Geografia, na 5ª série, uma professora de Geografia muito tradicional, um livro em que tudo era descritivo e agente tinha que decorar, era bem voltado pra decorar mesmo, tudo que lembro da Geografia naquela 5ª série e nos

outros anos era de decorar, agente tinha aula assim: lia o texto no livro, e depois agente decorava 10 questões pra prova, e eu tirava dez! A professora era extremamente ligada com nome de rios, então, lembro dessas coisas muito fácil por causa daquele jeito dela dar aula, jeito de trabalhar.

Depois, porque você resolveu fazer o curso de Geografia?

Depois eu fiz o ensino médio e fiquei muito confusa em qual vestibular fazer. Pensei primeiro em nutrição, eu tentei, mas não passei, mas, o que eu esperava da nutrição era algo mais que a Geografia tem, voltado pro social, entender as relações, e aí quando eu fui conhecer a grade do curso eu vi que não ia dar certo, foi bom não ter passado. Eu trabalhava numa detetizadora e ficava pensando “quero fazer outro curso” e resolvi fazer Geografia, foi quando eu passei. Nesse momento (enquanto trabalhava na detetizadora) eu fui convidada pra dar aula de Geografia à noite de 5ª a 8ª série, eu só tinha ensino médio, mas, me chamaram, eram 14 aulas, e aí eu gostei mesmo de Geografia.

E depois, durante o curso de Geografia você continuou dando aula?

No período da graduação eu trabalhei, mas como bolsista, então, eu não dei aula nesse período. No último ano foi que eu passei no concurso, mas, tive que esperar pra poder pegar o diploma, pra eu poder assumir. Então, durante a graduação eu não trabalhei como professora.

E como foi quando você começou a trabalhar como professora de Geografia?

Quando eu comecei a trabalhar eu não tive muita dificuldade com a Geografia. No primeiro ano me deram aulas de História, e aí minha dificuldade foi trabalhar História, porque eu não conseguia, e eles perceberam que eu não dava conta mesmo de trabalhar História e me voltaram as aulas de Geografia. Me deram Ensino Religioso, História e Geografia, e aí eu não conseguia trabalhar nem Ensino Religioso e nem História e com a Geografia eu não tive dificuldade de trabalhar. Eu achei que foi bom, mas assim, minha experiência com a Universidade não ajudou muito na sala de aula, ficava muito distante o que eu tinha visto até mesmo no estágio, não colaborou, o estágio não ajudou muito, porque a realidade da sala de aula foi bem diferente do que eu vi na Universidade. O que pode ter ajudado, o que eu tenho certeza que ajudou foi o conhecimento teórico, mas na prática mesmo, o período de estágio não colaborou, eu achei que foi insuficiente sabe, o tempo, não foi legal, não conduziu pra prática, sabe, não foi bom.

E suas relações com os colegas de trabalho, com os alunos, como eram?

Bom, eu iniciei quando eu passei no concurso no Estado. No Estado a recepção não é muito boa para os recém concursados, pelo menos nessa escola que eu fui, os professores tinham muitos anos que davam aula e quando você chega, você quer mudar um pouco daquela rotina, trazer idéias novas, propostas diferenciadas de trabalho, e eu não consegui, isso no primeiro momento, pois há um choque né, entre uma pessoa que está entrando, recém formada, e as pessoas que já estão a muitos anos na profissão. E aí foi difícil, no início foi muito difícil, mas depois as pessoas vão te aceitando, você passa também a aceitar as pessoas e a entender como elas trabalham, alguma coisa agente consegue, misto né, das relações, do trabalho pedagógico também, e outras não. E aí depois eu tive outra experiência com sala de aula, mas na Secretária do Meio Ambiente (Aparecida de Goiânia), tive que trabalhar com projetos de Educação Ambiental nas escolas do município de Aparecida, e aí já foi uma experiência que enriqueceu mais, uma experiência que pra mim foi mais marcante. Então o ensino de Geografia abordando a Educação Ambiental nas escolas municipais, não em uma, mas em todas as escolas, que aí eu acho que foi um projeto muito válido, e acrescentou muito na minha experiência profissional.

E como você descreveria sua prática pedagógica hoje?

Hoje a minha prática, depois do mestrado até, que eu estou fazendo, eu acho que ela tem melhorado muito, agora depois do mestrado, depois das leituras, depois de um certo tempo também de experiência em sala de aula, porque acho que já tem 9 anos que eu trabalho com Geografia de 5ª a 8ª, eu acho que hoje minha prática está mais fundamentada teoricamente, mas ainda com muita dificuldade. Eu sinto muita dificuldade de fazer um trabalho diferenciado, interdisciplinar, principalmente no que diz respeito a um trabalho interdisciplinar na escola, tanto no Município quanto no Estado, eu acho que é um trabalho que ainda é muito precário, eu tento mais ainda tem muita resistência dos colegas, da coordenação da escola, de como a escola vê o trabalho interdisciplinar, então são tudo gavetinhas nas escolas, e aí agente não consegue fazer um bom trabalho, e aí a minha prática fica um pouco perdida nessa história, dessa fragmentação das disciplinas nas escolas, geralmente, o professor de Geografia troca mais idéias com o professor de História, no máximo com o professor de Ensino Religioso, e não passa daí, agente não consegue fazer um trabalho melhor para os alunos, e aí eu fico frustrada com isso.

E hoje, nas escolas em que você trabalha como são suas relações com os colegas de trabalho, com a direção da escola e com os alunos?

No Estado eu resolvi essa questão, eu entrei de licença para o mestrado, e percebi que eu tive uma boa relação durante o tempo que fiquei, apesar dos conflitos que teve que ter, mas foi boa. Agora no Município não, no Município eu acho que foi muito difícil e quando eu penso que vou ter que voltar eu penso “nossa, mas vai ser tudo do mesmo jeito”. É um embate muito forte que você tem com as pessoas, as pessoas pensam muito diferente, e é muito difícil o trabalho pedagógico nas escolas do Município que eu já trabalhei, em três escolas, eu achei a mesma coisa. No Estado eu só tive experiência em uma escola que fiquei esse tempo todo, 9 anos.

E você atribui essa dificuldade a que?

Eu penso que é como as pessoas vêem o trabalho pedagógico, entende, que não te dão muita abertura pra você mudar essa questão, que eu falei, do trabalho interdisciplinar, que eu acho importante. Não te dão muito espaço para você mudar algumas coisas que você não concorda, até da questão do trabalho burocrático, sabe, é muita burocracia, você não tem muita autonomia, também, e há uma influência muito forte dos pedagogos interferindo no trabalho pedagógico. Então, o trabalho pedagógico da prefeitura com os ciclos de formação humana, infelizmente, em Goiânia, não é bom para o professor de Geografia.

E sua relação com os alunos, como você vê?

Há essa é a parte que eu mais gosto, porque com os alunos eu não sinto dificuldade de me relacionar, nem com as crianças no Município, nem com os adultos, porque de 5ª a 8ª série que eu trabalhei, foi só no noturno, então são adultos, foi muito bom criei verdadeiros amigos, que hoje eu saio na rua e nós somos amigos, pessoas que trocam com você, muito bom a minha relação com os alunos. No Município, com as crianças, também é bom, elas são difíceis, mas eu acho que eu consegui fazer um trabalho bom.

O que você acha do planejamento das aulas?

Na prefeitura o trabalho coletivo está horrível porque não há mais as 6ª feiras que agente fazia um trabalho, a parte da manhã toda, pra planejar o coletivo com todos os professores, não existe mais. E o planejamento individual é feito sem esse elo com as outras disciplinas, então eu faço as gavetinhas, né, porque não tem outro jeito, então eu trabalho a Geografia, não sei o que o meu colega de Português, Ciências, enfim, as outras disciplinas trabalham, não conheço

qual é o trabalho deles. E às vezes acontece que na hora do recreio, por essa falta do planejamento coletivo, do planejamento individual ser comentado na sala e agente perceber que nós estamos trabalhando o mesmo assunto, mas que não sabíamos até então. Então o coletivo no Município tá péssimo porque as diretrizes mudaram e tiraram esse momento que era coletivo para o planejamento, então nós não temos. Agora, no Estado acontece quase a mesma coisa, só que no Estado a comunicação é melhor, então como a comunicação é melhor o trabalho individual acaba sendo mais socializado, por isso o trabalho coletivo fica melhor, né, uma coisa que ajuda a outra.

E como você avalia suas aulas e seu trabalho com os alunos?

Minhas aulas. Eu penso que elas têm que melhorar muito, eu tenho que conseguir trabalhar mais dinâmicas, motivar mais os alunos, falando da Prefeitura. No Estado eu consigo fazer isso melhor, eu consigo trabalhar mais dinâmicas, e agente consegue ter uma linguagem mais adequada. Agora com as crianças (escola municipal) eu percebo que o problema é da minha formação entende, na licenciatura parece que ficou um espaço que não foi preenchido, de como trabalhar com as crianças, então eu não consigo adequar a linguagem geográfica para essas crianças, então aí eu percebo a dificuldade, o desinteresse deles, porque eu não consigo fazer um bom trabalho pedagógico, porque eu não tenho na minha formação algo que tivesse sustentado isso. Então eu acho que a Pedagogia poderia me ajudar nisso, mas não ajudou até agora.

O que você considera importante ensinar para os seus alunos?

Noções básicas de uma forma geral, sem falar em conteúdos, eu acho que ele tem que conhecer a realidade em que ele vive, o espaço dele, a realidade vivida por ele, sabe! E aí ele tem também que conhecer os outros espaços, que ele não vive, mas que existem, então ele tem que entender um pouco de globalização, ele tem, eu penso, que entender um pouco de economia, mesmo sendo criança, um pouco de outros assuntos para ele entender o que ele vive, poder comparar, poder descrever, poder se encontrar nesse espaço que ele vive também.

Com relação aos conteúdos você tem preferências?

Não, não tenho preferências, mas eu percebo nos alunos que eles têm, assuntos tipo efeito estufa, aquecimento global, algo que tá mais vinculado à mídia, conteúdos que são mais popularmente falados, que atingem esses alunos, eles ficam mais motivados. Então é diferente quando eu vou falar, por exemplo, da economia da china que tem pouco interesse, de quando

eu vou falar dos problemas ambientais que eles vivem, então alguns assuntos são mais motivadores, e também acabam me motivando mais, porque quando eu percebo que a turma tá motivada pelo assunto, eu também me dou mais, e me envolvo mais com o trabalho.

Na sua prática você inclui os saberes locais e a realidade do entorno da escola?

Tento fazer isso, inclusive em 2004, eu com cinco turmas de G junto com o professor de História, fizemos um trabalho de levantamento dos problemas locais do Bairro onde situava a escola, então agente levantou todos os problemas, e foi um trabalho que eu levei para a mostra pedagógica da SME, e foi um trabalho muito bom que os alunos se empolgaram muito, agente pôde sair com os meninos na rua e identificar que faltava energia no bairro, que tinha processos erosivos no bairro e outros problemas dali do bairro, então, eu acho que foi um bom trabalho. Só que, eu queria frizar que esse tipo de trabalho não é possível, fazer atualmente no Município, com turmas tão numerosas, turmas de 35 a 40 alunos, então não é possível fazer esse tipo de trabalho até porque agente não tem muito respaldo também, falta tudo de estrutura, de apoio, falta tempo para poder fazer isso, porque se o professor se envolve com esse tipo de trabalho, ele vai ter depois que pegar o tempo dele de lazer, de vida social, para poder corrigir coisas, pra fazer o trabalho burocrático, então muitos dos professores deixam de fazer esse trabalho, porque se ele se envolver nesse tipo de trabalho, que é difícil sozinho, depois ele não vai conseguir tempo para fazer o tanto de burocracia que agente é submetido, fichas, relatórios, correções.

Que tipo de metodologia você utiliza no cotidiano das suas aulas?

Nossa infelizmente eu tenho usado muito, por causa dessa falta de estrutura, aula expositiva, tenho utilizado muito, e aí às vezes eu utilizo recursos áudio visuais, um vídeo, às vezes uma transparência, quando a escola tem um retroprojeter, e filmes, mas, o mais usado mesmo enquanto recurso, acaba sendo o quadro e o giz. Quando é possível, a escola tem uma copiadora, agente trabalha com copias de texto, eu faço adaptações, eu procuro trabalhar com eles com as próprias produções deles também, né. Então se eu falo, por exemplo, do aquecimento global, o que eles e elas entendem por aquecimento global? E aí a produção, porque na prefeitura até o ciclo III os alunos não sabem ler nem escrever, na maioria, então agente trabalha com produção de texto. Eu poderia levar um texto sobre aquecimento global, mas, nem sempre eles conseguem fazer a leitura básica, do entendimento do texto então, nem se fala, porque não conseguem ler.

E o livro didático?

Bom, as escolas do município nem todas tem livro didático, as que têm livro didático, são assim, você tem cinco turmas com trinta alunos e tem trinta livros, então o livro didático serve de apoio, eu sei que não deveria ser, só como apoio, mas não tem o livro, pelo menos na escola que eu trabalho, não havia livro didático de Geografia, havia trinta para cinco turmas, então o livro era só um apoio, que as vezes eu utilizava.

Mas você como professora o que você pensa do livro didático de Geografia?

Nossa, na maioria eu acho os livros didáticos de Geografia muito ruins, muito ruins. Eles não colaboram com o que agente falou da realidade do aluno, geralmente trazem realidades que o aluno desconhece, de São Paulo, do Rio de Janeiro, exemplos, o texto numa linguagem muito difícil para os alunos. E assim, o que agente tem aproveitado dos livros didáticos são as imagens, os mapas, porque falta nas escolas esse material, então agente utiliza isso, mas os livros didáticos na maioria são ruins. E eles, esses livros, adotam também sempre uma tendência, então você pega um livro é totalmente voltado para a Geografia econômica, aí você pega outro livro é totalmente voltado para a Geografia humana, outro é totalmente voltado para a Geografia física, não mesclam esses posicionamentos teóricos, então é tudo numa tendência só, e isso é ruim porque agente percebe que não é assim. Eu prefiro não trabalhar com livro didático.

O que você acha do trabalho em grupo dos alunos em sala de aula?

É complicado, eu já tentei varias vezes fazer dupla, que é o que mais funciona porque acima de 3 alunos, 2 alunos é difícil, 3 alunos, quase impossível, porque tem que fazer um rearranjo na sala, e quando vai fazer o espaço físico da sala é pequeno, eles não conseguem se organizar e você tem uma aula de 60 minutos e você pega 30 minutos para organizar a sala, e uma sala lotada com espaço físico ruim, eu particularmente, prefiro fazer um trabalho em dupla.

E como é sua relação com os pais dos alunos?

É um problema, não um problema do meu relacionamento com eles, é porque eles quase não comparecem a escola, geralmente mães vão à escola quando são chamadas para resolver problemas de disciplina. Mas essas pessoas, a família de forma geral, não aparecem na escola em outros momentos para acompanhar os filhos, no caso das crianças do município que eu tô falando né. No caso do ensino noturno, não há necessidade porque são adultos. Mas não aparecem, não participam, então, é complicado essa relação. E quando aparecem, geralmente,

não ouve o professor, ouve o aluno, isso é muito difícil! Então os pais já chegam se queixando do professor, sem conhecer o trabalho que agente tem feito, isso é difícil, é complicado.

Na sua opinião, quais são os atributos de um bom professor de Geografia?

Um bom professor de Geografia tem que ter conhecimento geográfico, eu acho que a principal coisa é saber da Geografia, conhecer a Geografia, depois, ele tem que entender um pouco da realidade da sala de aula no Brasil, um pouco da escola pública, um pouco do contexto educacional brasileiro, isso é importantíssimo, na minha graduação eu não tive muito isso, sabe, eu percebi que faltou. E depois conhecer também um pouco da psicologia infantil, entender que a criança de 10 anos, por exemplo, não consegue, mesmo, entender, se o professor não adequar a linguagem. Então eu acho que é fundamental essas três coisas, o conhecimento da ciência geográfica, um conhecimento do sistema educacional brasileiro, de como está, e depois, um conhecimento da psicologia infantil.

Como você percebe a afetividade dos seus alunos?

Percebo muita carência nesses meninos da escola pública, muita carência, até uma troca de papeis, as vezes eu não sei se sou educadora ou se sou a mãe do menino, se eu sou a irmã, se eu sou a coleguinha deles, porque as vezes você tem que fazer esses papeis, de mãe. É muita carência, e assim, são muito afetuosos, muito carinhosos, pelo menos comigo, tratam bem, são educados, acontece de um ou outro, por problemas que agente consegue entender, ser desagradável, mas na maioria são educados.

Como você vê o interesse do aluno em aprender?

Esse é um ponto crucial, porque quando você percebe que o aluno está desinteressado você começa a cair na rotina com seu trabalho, e aí você também fica desmotivado. Há pouco interesse, principalmente das crianças, em aprender Geografia, algumas crianças são muito desinteressadas, e agente entende que é pela condição delas de não saber ler nem escrever. Então, no município é muito seria essa questão e eu percebo que eles ficam desinteressados e aí fazem bagunça, partem para a indisciplina.

E você, enquanto professora o que pode fazer para melhorar esse interesse do aluno?

Eu tento fazer, buscar motivar, sempre quando eu saio da sala de aula eu fico pensando, sempre pensando, “como foi hoje?” E aí “O que eu vou poder fazer amanhã para motivar mais, pra poder despertar mais o interesse pela Geografia, pela minha aula?” Nem sempre no

outro dia você chega com uma aula melhor, mais pelo menos algo para te impulsionar, pra poder dizer “não eu preciso melhorar”. Mas agente se esbarra, como eu te falei, na questão da estrutura educacional que há, então falta recurso pra você dar uma boa aula, nossa como eu gostaria de levar os meus alunos para a prática, pra fora da sala de aula, mas eu mal posso levá-los para o pátio, porque não há pátio na escola que eu trabalho.

Que tipo de aula você considera motivadora?

Uma aula com recursos é motivadora, uma aula com dinâmicas, preparadas lógico, uma aula que eles possam usar, por exemplo, um quebra-cabeça, que eles possam utilizar a internet para uma aula de Geografia, e não há em todas as escolas do município laboratórios de internet para os alunos poderem utilizar. Então, essas aulas seriam mais motivadoras, eu acho que seriam aulas que despertariam mais o interesse deles, e quando desperta o interesse do aluno, desperta também a vontade do professor de dar uma boa aula.

E o salário do professor?

Que pergunta! O salário do professor é bom nem perguntar, porque senão você desiste de trabalhar, a maioria dos professores colocam a questão salarial assim “como eu ganho mal, então eu não vou melhorar as minhas aulas, eu não vou preparar bem as minhas aulas, eu vou levando”, a maior parte dos professores, colegas que eu tenho, pensam assim, que o ensino não compensa mais, que a educação tá muito ruim como está, e a maior parte desses professores estão mesmo desmotivados, e assim, às vezes eu também me pego já por esse lado, eu já começo a fazer uma reflexão “nossa tá tão ruim o salário”, e aí eu fico pensando “nossa será que é nessa profissão mesmo que eu quero ficar”, “será que não é bom que eu mude de profissão enquanto da tempo, enquanto estou um pouco mais jovem”. Porque se você for vislumbrar ganhar bem na educação..., ter qualidade de vida, que o professor não tem, professor que dá aula em duas escolas eu te garanto não tem uma boa qualidade de vida, pelo excesso de trabalho que agente tem que fazer, pela quantidade de coisas que nós temos para organizar. Então nosso trabalho não é só na sala de aula, então se agente for pensar por aí, agente desiste, ou desiste, ou fica como a maioria, que é sempre reclamando, desmotivados, chateados de estar nessa profissão, infelizmente.

E você?

Há eu já estou me sentindo, com algum tempo de profissão, um pouco desmotivada, principalmente na prefeitura, onde você não consegue fazer um bom trabalho por falta de

estrutura, coisas básicas, você não consegue, você não tem espaço para se colocar, pra mudar algumas coisas. E aí eu já tô percebendo que já estou ficando desmotivada também, há aulas que eu entro e saio pedindo a Deus pra terminar logo, porque a indisciplina é muito grande, a sala com muitos alunos e não tem recurso nenhum, não tem nada, falta até papel!

E o que você pensa sobre suas emoções dentro do ambiente escolar?

Importantíssimo né, quando você tá bem, não tem problemas financeiros, você não tem problemas em casa, você dá uma boa aula. Mas, se você não tiver bem, você pode ter certeza que sua aula não vai ser boa, e os alunos percebem, as crianças percebem e comentam “professora hoje você tá triste, há... você tá cansada, há... você..., entende”. Então o emocional fala muito alto dentro da sala de aula, e o professor que tem o seu emocional tranquilo, aquele professor que está bem emocionalmente ele consegue passar isso para os alunos, porque agente se defronta com pessoas, com crianças, com todos os tipos de problemas, com todos os tipos de problemas! Então, você tem que enfrentar essa realidade e tratá-los... Assim, não deixar os seus problemas pessoais interferir na sua relação com seus alunos, eu percebo alguns colegas que chegam já de casa com problemas e levam isso para a sala de aula, confronto com aluno sem necessidade, por exemplo.

E sua família, o que acha da sua profissão?

Bom, meu pai, antes de morrer, porque ele influenciou muito na minha profissão sabe! Ele era militar, e ele falava para eu não ser professora porque, isso tem 9 anos, para eu não ser professora porque “era uma profissão muito difícil, muito difícil, que ganhava muito mal”. Mas, por outro lado ele influenciou positivamente me incentivando a estudar, aí eu fui estudando e me descobri nessa profissão, desejei mesmo ser professora. Mas a minha família, no geral, acha que eu ganho muito pouco, que eu poderia ter outra profissão, que sofro muito, porque eles acompanham né, você não tem tempo pra sua família, as vezes você quer ir na casa da sua mãe, você quer sair com as pessoas, e você não pode, você tem que ter disciplina pra ficar em casa, dizer “eu não posso sair porque eu tenho que corrigir 200 avaliações”, tem que fazer planejamento no fim de semana. Eu não tenho filhos, mas, os colegas que tem dizem que os filhos ficam jogados, pois, não têm tempo de cuidar dos filhos. Mas o que eu estou falando, da minha família, mãe, irmãos, esposo, eles se queixam da falta de tempo.

Você se considera uma profissional feliz?

Não! Não! De jeito nenhum! Eu acho que eu já fui feliz porque eu tinha muitos sonhos em transformar, muitos projetos de transformar a educação como um todo, não era só as aulas de Geografia, as minhas aulas serem boas aulas, eu pensava em mudar muitas coisas, e aí eu percebi que eu não consigo sozinha, e aí eu falei “não tô feliz!” Agora eu não estou feliz, é lógico que eu me sinto bem quando eu percebo que meus alunos aprenderam, que eles despertaram para algum assunto, quando eu percebo isso eu fico feliz, mas, no geral, eu não me sinto feliz hoje com a educação, não.

Para você, o que é motivação?

Pra mim Motivação é quando eu tenho aquele impulso de, “nossa que bom o aluno tá aprendendo”, sabe, “ai que bom que ele tá conseguindo correlacionar o que eu expliquei com a vida dele, que ele tá trazendo coisas pra mim”. Além do que, eu conseguir fazer isso dentro da sala de aula, e aí eu me sinto motivada pra continuar, é algo assim que te deixa impulsionado para o trabalho, motivação pra mim é isso, é algo que me deixa motivada pra continuar nessa profissão.

E você se considera uma professora motivada?

As vezes eu me sinto bem empolgada sabe! As vezes eu me sinto bem empolgada mesmo! Mas na maioria das vezes eu não tenho mais me sentido motivada atualmente. Eu já fui mais.

Você acha que a formação continuada é motivadora?

Depende da formação continuada, porque essa que nós temos na prefeitura desmotiva qualquer pessoa, porque não esclarece as coisas, são as jornadas pedagógicas que nós fazemos, é o que nós entendemos como formação continuada na prefeitura, geralmente trazem pessoas de fora para falar de uma realidade que você não está vivendo, pessoas as vezes mal preparadas, e umas jornadas pedagógicas que não focalizam para o ensino de Geografia, e mais para os problemas que agente vive, que é a indisciplina..., não focalizam para os problemas que agente vive. Então, a formação continuada na prefeitura é péssima! A maior parte dos professores, eu te garanto, só fazem porque tem um acréscimo no salário. Então, a formação continuada é ruim do jeito que está sendo colocada, ela seria boa se fosse reestruturada, repensada, e até a universidade pudesse colaborar com essa Formação continuada.

O que você pensa da criatividade dentro do ambiente escolar?

Um! Fundamental, se você não for criativo, muito, mas você precisa ser artista, sabe! Precisa ter muita criatividade na sala, você sucumbi lá dentro, porque num espaço físico ruim, com crianças com realidades diferentes, muitas crianças, se você não for muito criativo você sucumbi, você não consegue desenvolver seu trabalho. Então, é fundamental pra mim a criatividade, todo professor, não só o de Geografia, tem que ser criativo. Agora, a criatividade também não é todo dia, não é todo dia que você chega na sala e consegue ser criativo, depende do seu emocional também.

Você gostaria de acrescentar alguma coisa em relação à motivação do professor de Geografia?

Eu queria só dizer que a universidade pudesse colaborar mais com essa questão da motivação no ensino de Geografia, que a universidade pudesse ficar mais próxima do professor de Geografia, pelo menos da rede municipal, que é possível, pois não são tantos. Que pudesse trabalhar com esses professores no sentido de trabalhar a psicologia infantil, de resgatar essa motivação, que pudesse oferecer algumas diretrizes para esse professor, que não fosse receita, mas, que fossem as diretrizes para motivar esse trabalho, porque não são tantos professores de Geografia na rede, então é possível que a universidade possa colaborar com eles, dando suporte para esses professores. Porque esses professores de Geografia da rede, quando eu encontro pra conversar, eles também pensam dessa forma, que nós estamos perdidos, às vezes com o ciclo, estamos perdidos com a falta de estrutura, e dentro da Geografia agente está precisando de apontamentos para as aulas serem melhores. Então eu queria só dizer isso, que é importante que a universidade se aproxime desses professores, que a formação em Geografia não acabasse no momento que o professor pega seu diploma, entende!